

Volume 16, Nº 1, Ano 2018

*des*construir/transformar



Calibán

Revista Latino-Americana
de Psicanálise

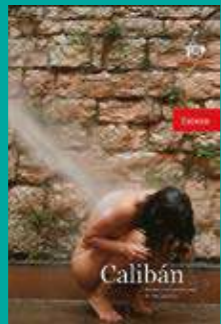
Calibán | Edições anteriores



Vol. 10, Nº 1
Tradição/ Invenção



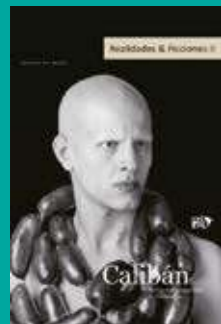
Vol. 11, Nº 1
Tempo



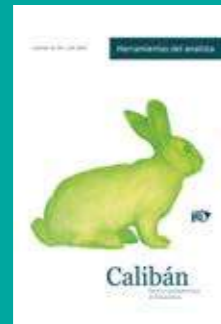
Vol. 11, Nº 2
Excesso



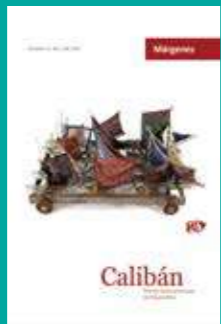
Vol. 12, Nº 1
Realidades & Ficções I



Vol. 12, Nº 2
Realidades & Ficções II



Vol. 13, Nº 1
Ferramentas do analista



Vol. 13, Nº 2
Margens



Vol. 14, Nº 1
Corpo



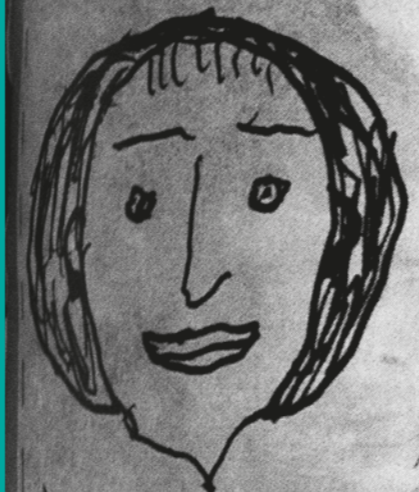
Vol. 14, Nº 2
O que não se sabe



Vol. 15, Nº 1
Intimidade



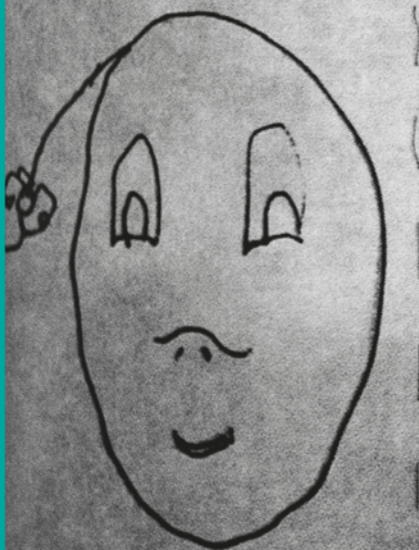
Vol. 15, Nº 2
Mal



26. Rosa II



GONZALEZ SILVA, EMILIA DEL CARMEN: Foto N.º 5436, (a) "La Guagua" TENDERA. Filiación: 20 años, 1.67 estatura, cutis moreno claro, cabelo castaño obscuro, ojos café obscuro.



ERCEDES ROMAN PINO, o Merce





Calibán

Revista Latino-Americana
de Psicanálise

Publicação oficial da FEAL
(Federação Psicanalítica da América Latina)

Luís B. Cavia 2640 apto. 603 esq. Av. Brasil,
Montevideo, 11300, Uruguay.
revista@fepal.org
Tels: 598 2707 7342 / 598 2707 5026
www.facebook.com/RevistaLatinoamericanadePsicoanalisis

Editores

- Raya Angel Zonana (Brasil), Editora chefe
- Eloá Bittencourt Nóbrega (Brasil), Editora chefe suplente
- Andrea Escobar Altare (Colômbia), Editora associada
- Cecilia Rodríguez (México), Editora associada suplente
- Carolina García Maggi (Uruguai), Editora associada
- Laura Katz (Argentina), Editora associada suplente

Comissão Executiva

Laura Katz (Argentina, Editora de *Cidades Invisíveis*), Sandra Lorenzon Schaffa (Brasil, Editora de *De Memória*), Jorge Kantor (Peru, Editor de *Vórtice*), Jean Mark Tauszik (Venezuela, Editor de *Clássica & Moderna*), Andrea Escobar Altare (Colômbia, Editora de *Argumentos*), Regina W. Reiss (Brasil, Editora de *Dossiê*), Gabriela Levy (Uruguai, Editora de *Dossiê*), Abigail Betbedé (Brasil, Editora de *Bitácula*), Laura Veríssimo de Posadas (Uruguai, Editora de *O Estrangeiro*), Mariano M. Horenstein (Argentina, Editor de *Textual*), Analia Wald (Argentina), Helena Surreaux (Brasil), Wania Maria Coelho Ferreira Cidade (Brasil)

Conselho de Editores Regionais

Silvia Gadea (APU), Samantha Nigri (SBPRJ), Raquel Plut Ajenberg (SBPSP), Miriam Catia Bonini Codorniz (SPMS), Jacó Zaslavsky (SPPA), Daniela Morábito (SPM), Irene Dukes (APCH), Ramón Florenzano (APCH), Rosa Martínez (APCH), Eduardo Kopelman (APC), Jorge Bruce (SPP), Rómulo Lander (SPC), María Arleide da Silva (SPR), Cristina Bisson (APdeBA), Ana María Pagani (APR), Julia Braum (SAP), Paolo Polito (AsoVeP), Julia Casamadrid (APM), Adriana Lira (APG)

Colaboradores: Ana María Olagaray, Iliana Horta Warchavchik (SBPSP), Margarita Nores, Brenda Glez, Admar Horn (SBPRJ), Soledad Sosa (APU)

Revisão da versão em espanhol: Andrea Escobar Altare

Revisão da versão em português: Raya Angel Zonana

Revisão da versão em inglês: Analia Wald

Tradução, correção e normatização de textos: Laura Rodríguez Robasto, Daniel Avila, Alejandro Turell, Erika Cosenza, Nadia Piedra Cueva, Denise Mota, Natalia Mirza, Schirlei Schuster, Erick Quiroz, Simone Francisco, Adriana Trinidad, Cynthia Muller e Analia Wald

Logística e comercialização: Virginia Velasco

Direção de arte e diagramação: Di Pascuale + Paz [www.dipascualepaz.com]

Ilustrações de abertura das seções: Lucas Di Pascuale (páginas 11, 93, 101, 169, 189, 195)

Comissão Diretiva

Presidente

Roberto Miguel Scerpella Robinson (SPP)
Suplente: Stella Mohme (SPP)

Secretaria Geral

Adela L. Escardó (SPP)
Suplente: Raquel Northcote (SPP)

Tesouraria

Haydée Zac de Levinas (APdeBa)
Suplente: Clara R. Margulis de Braverman (APdeBA)

Coordenadora Científica

Gleda Brandão Coelho Martins de Araújo (SPMS - SPRU)
Suplente: Ana Rozenbaum de Schwartzman (APA)

Diretora de Sede

Ema Ponce de León Leiras (APU)
Suplente: Mercedes Gallinal de Chiara (APU)

Diretora de Conselho Profissional

Patricio Peñailillo (APCH)
Suplente: Naly Durand (SPM)

Diretora de Comunidade e Cultura

Jani Santamaría Linares (APM)
Suplente: Adriana Villareal (APM)

Coordenador de Crianças e Adolescentes

Mónica Liliana Santolalla (APC)
Suplente: María Elisabeth Cimentí (SPPA)

Diretora de Comunicação e Publicações

María Alejandra Rey (SAP)
Suplente: Luisa Irene Acrich (SAP)

Revista indexada em Latindex

• *As opiniões dos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, necessariamente, as dos editores da publicação. Autorizada a reprodução, desde que citada a fonte e apenas com a autorização expressa e por escrito dos editores.*

• *Se você é responsável por alguma das imagens e não entramos em contato, por favor, comunique-se conosco por meio do nosso correio.*

Ilustrações em seções:

- **Editorial, Argumentos, Vórtice, Dossiê e Clássica & Moderna:** Eugenio Dittborn
- **Textual:** Georges Didi-Huberman

Índice

6 Editorial

Escuta

por Raya Angel Zonana

11 Argumentos

12 Sobre o conceito de repressão originária, sua atualização e transformações em análise

por Javier García Castiñeiras

31 Pintura e psicanálise: Transformações do relato em figurabilidade no trabalho analítico

por Juan Eduardo Tesone

38 O como da interpretação nos tratamentos analíticos de uma vez por semana

por Alberto César Cabral, Hector Fiorini, Hugo Lerner e Miguel Alejo Spivacow

55 A formação psicanalítica e o mundo

por Miguel Calmon du Pin e Almeida

69 Sobre desconstruções e transformações no trabalho psicanalítico

por Yubiza Zárate

81 Sobre o recalçamento originário (Urverdrängung): Non liquet

por Marilsa Taffarel, Alice Paes de Barros Arruda, Ana Maria Rozensvaig, Ymara Vitolo, Maria da Penha Lanzoni, Mariangela Bracco, Fernanda Colonese e Iliana Warchavchik

- 93** O Estrangeiro
- 94** **O olhar da esfinge. (Des)encontros com o Real**
por Fredi Casco
- 101** **Vórtice: Desconstruções e transformações da sexualidade**
- 102** **A sexualidade curva**
por Jorge Kantor
- 104** **A sexualidade em cena**
por Leticia Glocer Fiorini
- 107** **Como se escuta o gênero na clínica psicanalítica: Um olhar antiopressivo**
por Marco Posadas
- 111** **Problemáticas atuais: A infância transgênero**
por Cecilia T. Rodríguez
- 113** **O corpo como palco e cenário**
por Aida Ungier
- 116** **Desconstruções e transformações da sexualidade: "Ela não é uma mulher de verdade"**
por Patricia Alkolombre
- 118** **Novos paradigmas, novos desafios**
por María Pía Costa
- 120** **Intimidade e diferença sexual: A propósito de um caso de intersexualidade**
por Sandra Lorenzon Schaffa
- 122** **Mães solteiras por eleição e seus filhos: O evoluir de sua subjetividade**
por Margarita Cerejido
- 125** **Dossiê: Artistas em Calibán**
- 126** **Enigmas da arte**
por Regina Weinfeld Reiss e Gabriela Levy
- 128** **Artistas em Calibán**
compilado por Gabriela Levy
- 152** **Arte contemporânea em Berggasse 19, Viena**
entrevista com Monika Pessler
- 155** **Pensamentos ocultos de natureza visual: A coleção de arte contemporânea do Museu Sigmund Freud**
por Monika Pessler
- 157** **Quando a arte e a psicanálise se encontram: Aventuras críticas no Museu Freud de Londres**
por Joanne Morra
- 169** **Textual**
- 170** **Ninguém pode olhar pelos outros**
uma conversa com Georges Didi-Huberman, operário do pensamento
- 189** **Clássica & Moderna**
- 190** **Aray: Simplesmente Julio**
por Paolo Polito
- 195** **Bitácula**

Escuta



A escuta, sentido privilegiado no ofício do psicanalista, foi também o foco de um trabalho da artista canadense Janet Cardiff, que tomo aqui como introdução e convite ao leitor para este novo número de *Calibán*.

Na instalação *The forty part motet* (2001), 40 alto-falantes dispostos em forma oval em uma sala evidenciam, cada um deles, uma das 40 vozes de um coral que entoia o moteto *Spem in alium*, peça polifônica escrita por Thomas Tallis em 1573, para oito corais de cinco vozes cada um. A ideia de Cardiff é que o público, ao se mover entre esses 40 alto-falantes, possa ter a experiência de estar intimamente conectado a cada uma das vozes separadamente. Assim, a peça musical se torna uma construção em constante transformação. Ainda, nos diz a artista, fica nítido como o som pode fisicamente construir um espaço de forma escultural e como uma pessoa pode escolher um caminho através desse espaço físico, mas virtual, e ouvir uma voz de cada vez, ou todas juntas, ao postar-se no centro dessa elipse de alto-falantes. O moteto, do francês *mot* (palavra), é uma forma musical polifônica, literária, em que várias vozes, cada uma com um texto diferente, se unem num mesmo canto, às vezes com dois ou mais idiomas numa mesma obra.

A experiência de ouvir uma voz mais intimamente, destacada entre as demais, tendo ao fundo o som de todo um coral, me levou para o espaço da sala de análise, quando, entre tantos sons, um deles, uma palavra, um silêncio, uma respiração diferente sobressai e ganha um significado particular, transformando o ritmo de uma sessão.

Freud, com um “olhar” atento para as artes, muito sensível para a literatura e a escultura, que tinham sobre ele um poderoso efeito, dizia não sentir o mesmo em relação à música. Incomodava-o sentir-se comovido por algo sem que soubesse o porquê, e o que o comovia (Freud, 1914/2012).

No entanto, não teria uma musicalidade o que se compõe em uma sessão de análise? A música das palavras (co)moveu Freud e comove a nós, analistas, que continuamos seu trabalho. Dispostos, quase sempre, de uma maneira específica em uma sessão de análise, no espaço particular criado por um divã e uma poltrona, paciente e analista não se veem, não se tocam, apenas se escutam, e do silêncio no início da sessão evidencia-se o discurso. A palavra, mas também a voz, sua entonação, timbre, ritmo são elementos que a escuta do analista singulariza. Da desconstrução do discurso do analisando, dessa música, o analista toma algumas notas, alguns acordes que ao vibrar conectam intimamente as duas vozes que ali soam, cada uma em seu tom próprio.

Des-construções e transformações, tema deste número da revista e do XXXII Congresso de Psicanálise da Fepal, ocorrem a cada pequeno instante dentro da sessão de análise e numa escala maior dentro do próprio movimento psicanalítico. Freud, em vários momentos de sua obra, retoma conceitos e os reconstrói a partir de novas percepções que lhe surgem de seus pacientes. A visão das histéricas em *Salpêtrière*, em seus corpos plásticos, desconstruídos, transformou o olhar de Freud, que navegou da neurologia para essa nova disciplina, uma forma de escuta, sempre em construção até o momento de sua morte, aos 83 anos.

A percepção do mundo móvel e flutuante que nos habita, em contrapartida ao positivismo de um pensamento linear, quebra a ideia do homem como um ser já pronto e nos leva à angústia de transformações que vivenciamos constantemente no efêmero do caminho pela vida.

Assim, psicanalistas que seguiram o fundador da psicanálise, Ferenczi, Klein, Winnicott, Bion, Lacan, Laplanche, Pontalis, Green, para citar apenas alguns, com suas vozes particulares a partir de uma teoria em desconstruções criativas, puderam ampliar e dar espaço à complexidade que caracteriza o pensamento psicanalítico.

Nos textos dos autores que aceitaram nosso convite para pensar o tema, encontramos a tensão dos conceitos e a possibilidade de expor dúvidas que as transformações impõem, quando tratamos de ideias fluidas sem a rigidez das certezas. O lugar subversivo que privilegia o possível conflito, o desejo singular, é mantido pela psicanálise, que desponta das páginas de *Calibán* e se faz ouvir em **Argumentos**, seção que se detém no tema.

A vivacidade de um trabalho quase jornalístico, com um forte tom testemunhal, nos chega por Miguel Calmon du Pin e Almeida, que nos conduz, por uma rica correspondência institucional, ao centro do furacão que neste momento ocupa uma grande parte das discussões da IPA. Ao expor os meandros da instituição à qual pertencemos como psicanalistas, reedita discussões existentes desde a sua criação. Uma velha questão recebe aportes novos: com quantas sessões se faz uma psicanálise?

A atualidade dessa indagação nos sugere pensar nas desconstruções necessárias para que possamos ser psicanalistas do nosso tempo. Tempo este também desconstruído que vivemos no *flash* de uma sessão de análise. Por quantas vidas podemos transitar no espaço de 50 minutos? De quantos espaços de 50 minutos por semana necessitamos para estabelecermos uma intimidade que nos permita o encontro reflexivo do espaço e tempo analíticos?

Em um painel realizado na APA em 17 de novembro de 2017, quatro psicanalistas debateram sobre “o como da interpretação nos tratamentos analíticos de uma vez por semana”. Esse debate, com todo o frescor de um diálogo livre, está reproduzido em *Calibán*, como pensamento vivo em construção.

A mesma construção se mantém em relação aos conceitos que suportam nossa disciplina, quando um mesmo conceito chave do ideário psicanalítico – recalca-mento primário – é dissecado em dois textos que caminham por diferentes veredas buscando ancorar suas ideias.

Um grupo de psicanalistas da SBPSP, a partir de um olhar desconstrutivo como descrito por Derrida, trabalha o que está ainda impensado no conceito de recalca-mento primário de Freud, passando por Lacan, Laplanche e Green, numa abertura que se afasta da impossível síntese, alheia à psicanálise.

Do Uruguai, a voz de García Castiñeiras, num trabalho de fôlego, elabora o mesmo conceito de recalca-mento primário, passando pela sua história nos escritos freudianos, alcançando Lacan, e, numa leitura pessoal, observa a repressão primária como “escritura erógena do corpo ou coreografia inconsciente”, que se faz ligada à ideia de fixação, inibição e dor.

Todos esses movimentos podem ser percebidos ainda na microscopia de uma sessão. Caminho tomado por Zárate ao explorar as desconstruções e necessárias transformações que tornam possível ao analista e ao paciente sustentar a angústia, matéria básica do humano, da psicanálise e da arte, que, talvez por isso, tão frequentemente se associem. Assim acontece no texto de Juan Eduardo Tesone, que não somente escuta, mas “vê” a palavra. Como uma formação complexa, a palavra é construída não só por seu efeito sonoro, mas também por sua imagem, sua consistência quase palpável. O autor traça em seu texto uma relação entre o setting analítico e uma tela em sua moldura.

Perguntamos, então, com que matéria se faz um psicanalista?

A essa pergunta sem resposta possível, ousou contrapor uma ideia que tomo emprestada de Leopoldo Nosek (2017), não por acaso idealizador desta revista que o leitor tem em mãos: um psicanalista se faz na “disposição para o assombro”. Somos psicanalistas na disposição para o novo que nos invade, para o outro que atravessa a porta do nosso espaço íntimo. Está aí a psicanálise.

É esse o mote da seção **Vórtice**: ouvir diversas vozes em torno de temas que nos assombam no calor da clínica. Não é diferente o que lemos neste número de *Calibán* que leva o vórtice à desconstrução e a transformações da sexualidade, à “Sexualidade curva”, como a denomina Jorge Kantor, e pela qual os autores da seção se embrenham. Saindo do aparentemente conhecido, é o psicanalista que necessita desconstruir teorias e se permitir surfar por águas ruidosas, mantendo livre sua escuta, evitando o binarismo reducionista e vivendo as transformações que o mundo nos impõe.

Assim fizeram os nossos pioneiros, dos quais Julio Aray, da Venezuela, tem aqui seu percurso revisto por Paulo Polito. Um dos temas que Aray se dedicou a estudar, o aborto, é, no momento atual, o motivo de um forte movimento das mulheres argentinas, uma grande parte delas adolescentes, que encampam uma luta para a liberação do aborto, para a escritura erótica do próprio corpo.

O gesto de levante dessas mulheres certamente teria lugar na exposição *Levantes (Sublevaciones)*, Buenos Aires, 2017¹, de Didi-Huberman, que, quando em Buenos Aires como curador da exposição, estabeleceu com Mariano Horenstein um diálogo que publicamos em **Textual**. Em uma conversa travada em línguas próprias – Didi-Huberman em francês e Mariano em espanhol – o psicanalista e o historiador de artes, estrangeiros um para o outro, se aproximam pelas diferenças. Um moteto? Ou, talvez, como em uma frase de Didi-Huberman: *colisões e conjunções de tempos heterogêneos*.

Os tempos que se cruzam seguem em *Calibán* em **O Estrangeiro**, no trabalho de Fredi Casco, artista visual paraguaio que, em imagens enevoadas, evoca um tempo fora do tempo, no qual as transformações feitas em antigos retratos explicitam sentimentos e abrigam dúvidas.

Poderia ser essa a grande arte? Aquela que faz do invisível não o totalmente visível, mas algo velado que mantenha o mistério e proponha a busca, permita o desejo?

Os artistas, desde o primeiro número de *Calibán*, têm partilhado as páginas da revista com os psicanalistas. Cedem-nos sua arte iluminando com imagens nossas palavras.

Nesta edição, o **Dossiê** foi construído como uma homenagem, um agradecimento aos artistas em *Calibán*, que, com sua arte, nos “ilustraram”, com todos os significados que essa palavra comporta. De cada um, trazemos uma pequena apresentação e uma imagem de um de seus trabalhos publicados na revista: sua marca, sua micro história em imagem.

Essa interseção que ocorre nas páginas de cada número de *Calibán*, neste se faz com o artista plástico chileno Eugenio Dittborn, construtor da imagem de nossa capa.

Freud, apreciador e colecionador de objetos de arte, pequenas esculturas, tem, nas duas casas em que viveu como psicanalista, expostas, as peças de arte que recolheu e das quais foi guardião em vida.

1. *Sublevaciones*, exposição com curadoria de Didi-Huberman, de 21 de junho a 27 de agosto de 2017, Muntref, Centro de Arte Contemporânea, Buenos Aires. No Brasil, a mesma exposição, *Levantes*, aconteceu de 19 de outubro de 2017 a 28 de janeiro de 2018 no Sesc Pinheiros, em São Paulo.

Nessas duas casas, hoje museus, as exposições que lá acontecem as vivificam. As curadoras do Museu Freud de Viena, Monika Pessler, e Joanne Morra, do Museu Freud de Londres, contam como essas exposições criam interferências nos espaços dos museus e como esses espaços fazem parte da construção das obras, transformando seu sentido. Dessa maneira, não só as casas, hoje museus com a história de Freud, mas também a psicanálise continua sua história em transformação.

Calibán, uma composição polifônica construída a várias vozes, representa um pensamento psicanalítico atuante, sujeito às questões que nos envolvem e nos penetram como psicanalistas do mundo em que vivemos.

Enquanto escrevo esta apresentação, somos tomados pela contundência de Donald Trump, que, sob olhares de espanto, ao tentar impedir a entrada de imigrantes latinos, decide separar as crianças das famílias desses imigrantes ilegais e alojá-las em celas. Assombradas pelo mal que marca esse gesto mortífero, a Fepal e a IPA manifestam seu protesto, representando a voz de todos nós, psicanalistas. Ao mesmo tempo, em outro espaço, como tem acontecido a todo momento, um barco, *Aquarius*, com cerca de 600 refugiados vindos da Líbia, vagou por vários dias por mares europeus à espera de que algum país lhe permitisse aportar. Das 600 pessoas, quantas terão chegado vivas a algum destino?

Do que se vai em busca nesse tão idealizado Norte? Muitas vezes, espaços tão desconstruídos por barbáries, fome, dor impõem tentativas de transformações que, ainda que difíceis e sempre incertas, são o possível para se alcançar alguma vida.

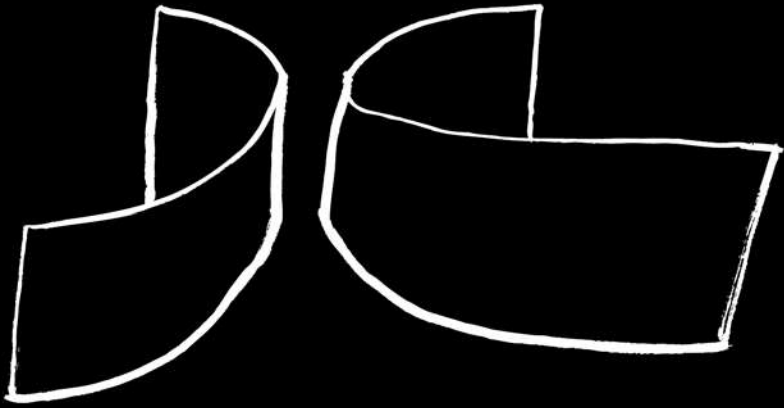
Como psicanalistas, tomamos parte da história do nosso tempo, no mundo que habitamos. Poderemos construir uma psicanálise para estes tempos que se sustente com a mesma força com a qual se originou, há pouco mais de um século?

Que você, nosso leitor, possa tomar *Calibán* como uma voz que lhe permita criar contrapontos.

Raya Angel Zonana
Editora chefe - *Calibán* - RLP

Referências

- Cardiff, J. (2011). Recuperado de <http://www.cardiffmiller.com/artworks/inst/motet.html>. Acessado em 18/06/2018.
- Freud, S. (2012). O Moisés de Michelangelo. In *Sigmund Freud - Obras completas* (vol. 11). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Nosek, L. (2017). *A disposição para o assombro*. São Paulo: Perspectiva.



Argumentos

Javier García Castiñeiras*

Sobre o conceito de repressão originária, sua atualização e transformações em análise

A psicanálise trabalhou classicamente, desde Sigmund Freud, em torno de um modelo das neuroses: formação de sintoma, retorno do reprimido, em um contexto da repressão secundária ou propriamente dita. Autores posteriores como M. Klein e outros deram suporte teórico-clínico para trabalhar com aspectos mais arcaicos, se pudéssemos chamá-los assim, o que nos permitiu abordar outros funcionamentos psíquicos. No entanto, em 1937, Freud já tinha advertido que uma análise requer trabalhar e transformar a repressão originária, o que nos situa em uma estruturação e evidencia funcionamentos primários na constituição mesma do psiquismo. Nesse sentido, e visando retomar essa proposta freudiana, farei uma releitura de alguns de seus textos, onde ele propõe o conceito de repressão originária, para logo depois perguntar-nos de que maneira poderíamos lê-los hoje a partir de pontos de vista que incluem a outros autores e ideias, assim como também a partir de uma perspectiva pessoal.


Dor e repressão primária

Conceitos neurológicos, físicos e filosóficos de seu tempo foram uma referência que serviu de modelo para Freud no momento de construir seu pensamento sobre o funcionamento psíquico com base em analogias. Assim as ideias de afeto, representação e repressão têm seus antecedentes em Projeto para uma psicologia científica (Freud, 1885), junto às correntes de neurônios, a concepção qualitativa, o princípio de inércia neuronal, o princípio de constância de Fechner, as barreiras de contato, a vivência da dor (irrupção de grandes Q para a psi) e a relação prazer-desprazer, entre outros. Sabe-se que depois que Freud abandonou seu pensamento neurológico para explicar funcionamentos psíquicos, surgiram os conceitos de pulsão, carga, afeto, representação, prazer-desprazer, definidos teoricamente com recursos psicanalíticos, mas seguindo pistas que vinham desde o *Projeto para uma psicologia científica* (1895).

Nesta primeira época psico-neurológica com a inibição dos processos primários e sua transformação em secundários, podemos encontrar um antecedente do que depois será a ideia de repressão originária. O conceito de inibição é importante e será solidário com os conceitos de fixação e repressão. Em princípio, a finalidade da repressão é impedir o desprazer, especialmente a dor.

* Asociación Psicoanalítica del Uruguay.





Em A interpretação dos sonhos, Freud (1972 [1900]/1992f) diz que quando um desejo se torna hiperintenso já não produz prazer, mas sim desprazer e que é “precisamente essa transformação de afeto que constitui a essência daquilo a que chamamos “recalcamento”¹ (p. 593). O princípio de desprazer faz com que o pré-consciente estranhe os pensamentos de desprazer e os desaloje (repressão propriamente dita) “a presença de um depósito de lembranças infantis que desde o princípio foi mantido afastado do Pcs torna-se o sine qua non da repressão”³ (p. 593). Assim Freud estabelece uma relação entre a amnésia infantil e a repressão primordial, motivo pelo qual toda a sexualidade infantil cairia sob o efeito de tal repressão. Sabe-se que aqui a repressão primária não se limita a uma petição de princípio que constitui o inconsciente ou como um momento de fundação mítico.

Posteriormente, em O inconsciente, Freud (1915/1992h) escreve sobre como se produz essa primeira repressão que dá origem ao inconsciente. Diferentemente da repressão propriamente dita ou secundária, onde intervém um desinvestimento da representação pré-consciente, um contrainvestimento que a desaloja e representações inconscientes que a atraem na repressão que dá origem ao inconsciente - repressão primária (RP), só participaria o recalcamento pelo contrainvestimento. Um mecanismo que produz o inconsciente e que mantém sua permanência inconsciente, nesse sentido, Freud (1974 [1915]/1992h), diz:

Só pode ser encontrado mediante a suposição de uma anticatexia, por meio da qual o sistema Pcs. se protege da pressão que sofre por parte da ideia inconsciente. [...] É isso que representa o permanente dispêndio [de energia] de uma repressão primeva, garantindo, igualmente, a permanência dessa repressão. A anticatexia é o único mecanismo da repressão primeva; no caso da repressão propriamente dita (‘pressão posterior’) verifica-se, além disso, a retirada da catexia do Pcs. É bem possível que seja precisamente a catexia retirada da ideia a utilizada para a anticatexia.⁴(p. 198)

Trata-se de uma representação substitutiva em alguns casos psicopatológicos como nas fobias. Freud continua dizendo que o que foi delineado mostra, além do caminho dinâmico e do tópico, o econômico que segue os destinos da excitação. Quando os três caminhos

1. Uma mudança quantitativa se torna uma mudança qualitativa, é um modo de pensamento que em sua época tem caráter de paradigma que depois cai como podemos ver tanto na consideração da dor como consequência do aumento da intensidade de um estímulo e não pela existência de receptores específicos, assim como também na teoria econômica de Karl Marx.

2. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1972). A interpretação dos sonhos. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 5, p. 642). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).

3. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1972). A interpretação dos sonhos. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 5, p. 643). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).

4. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1974). O Inconsciente. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 14, p. 208). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).

(ou eixos) são usados para descrever um processo psíquico, trata-se então de uma explicação metapsicológica.

Dez anos depois, em Inibições, sintomas e angústias, Freud (1976 [1926]/1992e) escreve:

Como revelei em outra parte, a maioria das repressões com as quais temos de lidar em nosso trabalho terapêutico são casos de pressão posterior. Pressupõem a atuação de repressões primitivas mais antigas que exercem atração sobre a situação mais recente. [...] Seja como for, as primeiras irrupções de ansiedade, que são de natureza muito intensa, ocorrem antes de o superego tornar-se diferenciado. É altamente provável que as causas precipitantes imediatas das repressões primitivas sejam fatores quantitativos, tais como uma força excessiva e o rompimento do escudo protetor contra os estímulos.⁵(p. 90)

Um pouco mais adiante, Freud também diz que “o escudo protetor existe apenas no tocante a estímulos externos, não quanto a exigências instintuais internas”⁶ (p. 90). De forma que, passados 30 anos de Projeto para uma psicologia científica (Freud, 1895), ele mantém sua ideia de que é um fator quantitativo doloroso o que determina o contrainvestimento que estabelecerá a cisão ou fissura tópica do psiquismo humano, fundando o inconsciente.

O conceito de fixação também serviu a Freud para definir uma primeira etapa ou um precursor da repressão em Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (Freud, 1969 [1911]/1992k). Descrevendo fases da repressão, como depois fará no artigo de 1915 quando diz: “A primeira fase – escreve – consiste na fixação, que é a precursora e condição necessária de toda ‘repressão’”⁷ (p. 63). A seguir, acrescenta: “Já aludimos à multiplicidade dos pontos possíveis de fixação; existem na realidade tantos quantos são os estádios no desenvolvimento da libido”⁸ (p. 63). Essa afirmação nos permite relacionar o fenômeno da fixação com a repressão primária e poder pensá-la se construindo durante diferentes momentos erógenos do desenvolvimento, não apenas limitada a um primeiro momento mítico de origem. Então, podemos pensar a repressão primária se constituindo durante os diferentes momentos e organizações da sexualidade infantil, em experiências com os diferentes objetos através das diversas zonas erógenas que alternam seu predomínio e a cujas satisfações particulares lhes coloca

5. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1976). Inibições, sintomas e ansiedade. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 20, p. 115). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).

6. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1976). Inibições, sintomas e ansiedade. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 20, p. 116). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).

7. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1969). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 12, p. 90). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911).

8. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1969). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 12, p. 91). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911).

diques. Na passagem de uma zona, e de uma fase a outra, aparecem os diques como a rejeição ao seio, depois às fezes e aos cheiros que antes foram objeto de jogo prazeroso, e também dos prazeres exibicionistas, voyeuristas e sadomasoquistas.

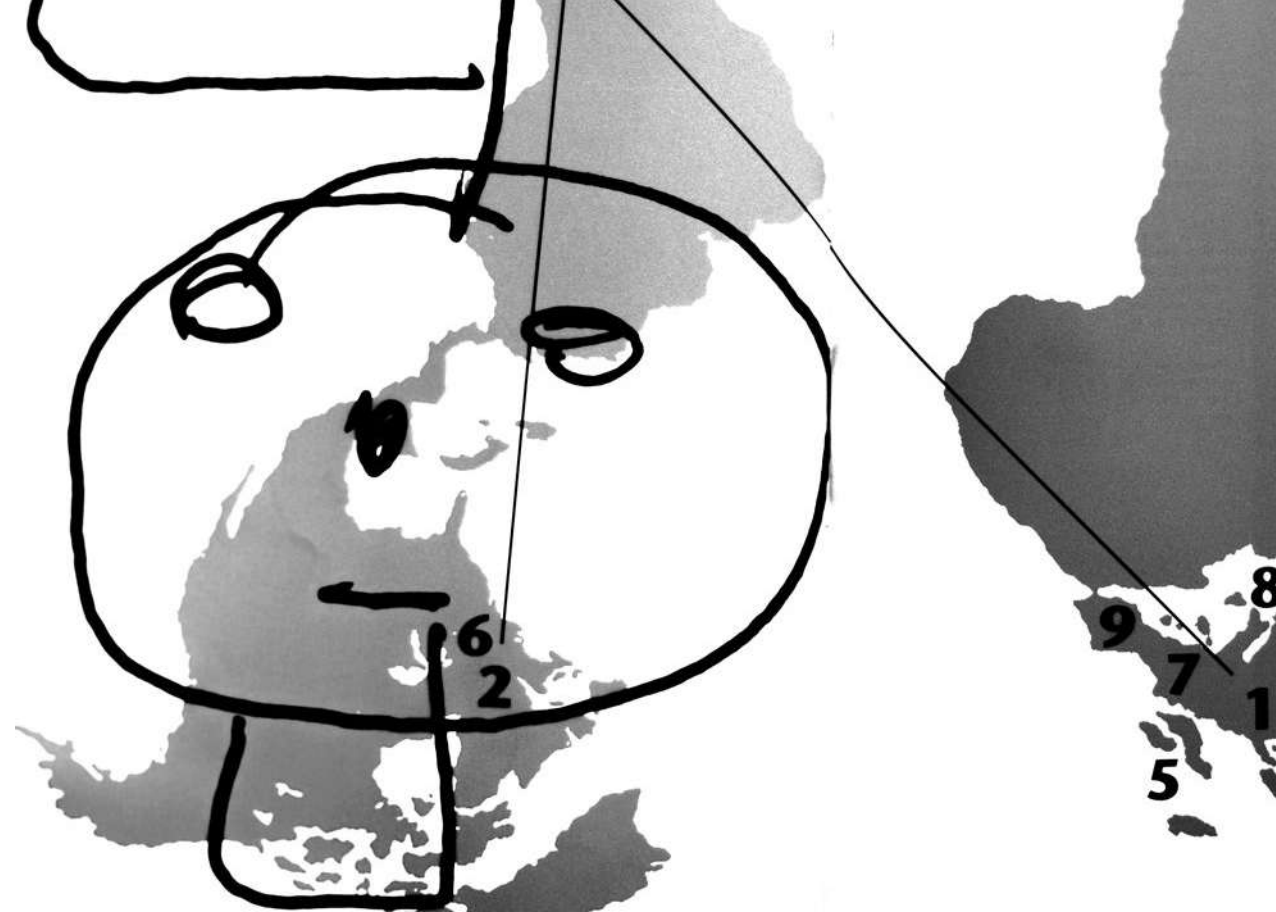
Repressão orgânica

Um conceito freudiano no qual também podemos nos apoiar para compreender melhor a ideia de repressão primária é o de repressão orgânica. Trata-se de uma expressão e conceito que Freud utiliza poucas vezes e que, de alguma forma, podemos aproximar ao de repressão originária em cada zona erógena como hipótese sobre o porquê de sua produção.

Em 14 de novembro de 1897, Freud faz referência explícita a uma repressão orgânica em sua Carta 75 dirigida a Wilhem Fliess. Em sua missiva, aborda as causas da repressão e o essencial que há por trás dela⁹. Também faz referência às zonas erógenas que tinha citado pela primeira vez na Carta 52 de 6 de dezembro de 1896, e fala sobre o abandono de zonas sexuais, erógenas, através da evolução até o homem, especialmente com a bipedestação e o repúdio das substâncias excrementícias que,

9. Na carta Freud (1897/1992b) escreve a Fliess: "Muitas vezes, suspeitei de que alguma coisa orgânica desempenhava um papel no recalçamento; [...] disse-lhe que se tratava do abandono de zonas sexuais precedentes [...] no meu caso, eu ligava essa ideia de recalque ao papel modificado desempenhado pelas sensações do olfato: a adoção do andar ereto, o nariz levantado do chão e, ao mesmo tempo, a transformação de diversas sensações que antes despertavam interesse, ligadas à terra, em sensações repulsivas - por um processo que ainda me é desconhecido. (Ele torce o nariz = ele se considera particularmente nobre.) Ora, as zonas que não mais produzem uma descarga da sexualidade nos seres humanos normais e maduros devem ser as regiões do ânus e da boca e garganta. Isso pode ser entendido de duas maneiras: primeiro, a visão e a imaginação dessas zonas já não produzem um efeito excitante e, segundo, as sensações internas que provêm delas não fazem nenhuma contribuição para a libido, da maneira como o fazem os órgãos sexuais propriamente ditos. Nos animais, essas zonas sexuais continuam a vigorar em ambos os aspectos; quando isso persiste também nos seres humanos, o resultado é a perversão. Devemos pressupor que, na primeira infância, a liberação da sexualidade ainda não é tão localizada quanto depois, de modo que as zonas que são abandonadas mais tarde (e talvez também toda a superfície do corpo) também provocam algo que é análogo à liberação posterior da sexualidade. A extinção dessas zonas sexuais iniciais teria seu equivalente na atrofia de certos órgãos internos ao longo do desenvolvimento. A liberação da sexualidade (como você sabe, tenho em mente uma espécie de secreção que é justificadamente sentida como o estado interno da libido) é promovida, portanto, não só (1) através da estimulação periférica dos órgãos sexuais, ou (2) através das excitações internas desses órgãos, mas também (3) das ideias, ou seja, dos traços mnêmicos - logo, também por intermédio da ação retardada. Você já está familiarizado com essa linha de raciocínio. Quando os órgãos genitais da criança são excitados por alguém, a lembrança disso produz, anos depois, por ação retardada [*Nachträglicher*], uma liberação da sexualidade que é muito mais interna do que na época, porque, nesse meio tempo, o aparelho definitivo e a quota da secreção aumentaram. Assim, existe uma ação retardada não-neurótica, que ocorre normalmente e que gera a compulsão (comumente, nossas outras "lembranças só funcionam por terem funcionado como experiências). Esse tipo de ação retardada também ocorre em conexão com a lembrança de excitações das zonas sexuais abandonadas. O efeito, porém, não é uma liberação da libido, e sim um desprazer, uma sensação interna análoga à repulsa no caso dos objetos. (aqui está a causalidade do nojo, do asco etc.). Dito de modo grosseiro, a lembrança realmente fede, da mesma forma que, no presente, o objeto cheira mal; e, do mesmo modo que afastamos nosso órgão sensorial (a cabeça e o nariz), enojados, o pré-consciente e o sentido da consciência desviam-se da lembrança. Isso é o recalçamento" (pp. 310-313). N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1987). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 1, p. 288). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1897).

É interessante observar como Freud vai pensando estes mecanismos nos começos para ver surgir os conceitos no laboratório de pensamentos incipientes.



até então, cheiravam-se e serviam como marcadores de território sexual, criando-se diques que depois voltavam a ser estabelecidos em cada desenvolvimento das fases libidinais na infância.

Em Três ensaios sobre a teoria sexual (Freud, 1972 [1905]/1992m), no capítulo segundo "Sexualidade infantil", e dentro dele em "O período de latência sexual da infância e suas interrupções", Freud escreve sobre as inibições sexuais, inibições no caminho da pulsão sexual em forma de diques: nojo, sentimento de vergonha, exigências ideais estéticas e morais.

Têm-se das crianças civilizadas, uma impressão de que a construção dessas barreiras é um produto da educação e, sem dúvida, a educação tem muito a ver com ela. Mas, na realidade, este desenvolvimento é organicamente determinado e fixado pela hereditariedade, e pode ocasionalmente ocorrer sem nenhum auxílio da educação. A educação não estará indo além de seu domínio apropriado se ela se limita a seguir as linhas que já foram traçadas organicamente e a imprimi-las um pouco mais clara e mais profundamente.¹⁰(p. 161)

10. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1972). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 7, p. 181). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

De forma que aqui, tanto o desenvolvimento como sua inibição parecem determinados pelo condicionamento orgânico que se aproxima ao que denomina repressão orgânica em outros lugares. O tema em questão é entre o adquirido e o herdado, entre o sociocultural e o genético ou filogenético, entre o psíquico e o orgânico, em sua origem e mecanismo.

Muito tempo depois, Freud retomará o assunto da repressão orgânica em algumas notas de rodapé em O mal-estar na cultura, livro de 1929, no qual trabalhará o efeito do cruzamento entre as exigências pulsionais e as regras impostas pela cultura. As notas de rodapé às que vou me referir neste livro mostram como Freud (1929/1992d) continua mantendo uma ideia orgânica, como fazia nas referências que citei anteriormente de 1897 e 1905. Na nota de rodapé da página 97, refere-se à periodicidade orgânica do processo sexual e como sua incidência na excitação sexual psíquica se transformou em seu contrário¹¹.

Repressão primária, inibição, fixação

A inibição impede de se chegar à realização de atos e à angústia, tal como Freud explica em Inibições, sintomas e ansiedade (1926/1992e). Impõe-se um obstáculo para uma realização de gozo em ato e se mantém um funcionamento no nível da representação. Neste sentido, relaciona-se a repressão primária e a inibição como forma de inibição estrutural do aparelho psíquico freudiano.

Em seu artigo A repressão, Freud (1974 [1915]/1992g) vincula o deslocamento do Psc-Cs e a fixação:

11. “Essa mudança se tenha vinculado à diminuição dos estímulos olfativos, através dos quais o processo menstrual produzia efeitos sobre a psique masculina. Seu papel foi assumido pelas excitações visuais, que, em contraste com os estímulos olfativos intermitentes, conseguiam manter um efeito permanente. O tabu da menstruação deriva-se dessa “repressão orgânica”, como defesa contra uma fase do desenvolvimento que foi superada. Todos os outros motivos são, provavelmente, de natureza secundária. [...] A própria diminuição dos estímulos olfativos parece ser consequência de o homem ter-se erguido do chão, de sua adoção de postura ereta; isso tornou seus órgãos genitais, anteriormente ocultos, visíveis e necessitados de proteção, provocando desse modo sentimentos de vergonha nele. [...] essa inversão de valores dificilmente seria possível se as substâncias expelidas do corpo não fossem condenadas pelos seus intensos odores a partilhar do destino acometido aos estímulos olfativos depois que o homem adotou a postura ereta. O erotismo anal, portanto, sucumbe em primeiro lugar à “repressão orgânica” que preparou o caminho para a civilização” (pp. 97-98). N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1974). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 21, p. 119-120). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).

Logo depois, na página 103 do mesmo texto, Freud (1929/1992d), dirá que a vida sexual humana sofreu um dano grave da cultura, como se estivesse em processo involutivo, como os dentes e os pelos. No entanto, não seria algo causado somente pela cultura, mas sim “algo da natureza da própria função que nos nega satisfação completa e nos incita a outros caminhos”. Em nota de rodapé que acompanha este texto, diz também que com a postura vertical e a desvalorização do sentido do olfato “toda a sexualidade, e não apenas o erotismo anal, ameaçou se tornar uma vítima do recalamento orgânico” (pp. 103-104). Esta recusa à função sexual impediria a satisfação plena e desvia para metas sublimatórias. “Assim, descobriríamos que a raiz mais profunda da repressão sexual, que avança juntamente com a civilização, é a defesa orgânica da nova forma de vida alcançada com o porte ereto do homem contra a sua primitiva existência animal” (pp. 103-104). N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1974). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 21, p. 126-127). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).

Temos motivos suficientes para supor que existe uma repressão primeira, uma primeira fase da repressão que consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) do instinto. Com isso, estabelece-se uma fixação; a partir de então, o representante em questão continua inalterado, e o instinto continua ligado a ele.¹²(p. 143)

Em Pulsões e seus destinos, Freud (1915/1992j) se refere à fixação quando define o conceito de objeto da pulsão. Ali parece dar outra ideia, a pulsão pode estabelecer um laço especialmente íntimo com o objeto, uma fixação. De modo que em lugar de definir a fixação como união com o representante o faz como união com o objeto: fixação ao objeto. O mesmo acontece em Luto e melancolia (Freud, 1917/1992c), onde fala da fixação ao objeto de amor. No entanto, na mesma época, em Um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica da doença, Freud (1911/1992k) fala de fixação como laços precoces difíceis de destacar de pulsões com impressões e com os objetos, o que parece incluir os objetos com traços, rastros ou representações (impressões) vinculados a eles ou a experiências com eles (pp. 271-272, e nota 6 da p. 272).

Na citação anterior fica claro que a fixação referida por Freud na repressão primária é a agência representante que permanece imutável. Nesse ato de fixação há algo da tensão corporal da experiência com a mãe – ou de quem ocupa este lugar – que se limita e ancora, ou fixa, a um rastro dessa experiência. Podemos dizer de outra forma, que algo de gozo dessa experiência corpo a corpo se limita a um traço que a representa. Quando a pulsão insiste em reencontrar esse gozo, só se encontra com o rastro; e aí é lançada a moção de desejo. O encontro com a coisa é substituído pelo encontro com um rastro ou representante.

O grande Outro e o desejo do Outro

Com a introdução, por Jacques Lacan¹³, do “grande Outro” e do “desejo do Outro” ocorre uma abertura e desarticulação do modelo freudiano fechado de aparelho psíquico, e se produz o que poderíamos avaliar como uma das maiores contribuições à psicanálise posterior a Freud.

Tomando o cuidado de que existem na obra de Freud diferentes antecedentes onde se menciona a participação dos outros, o Outro e o Outro desejanste, podemos falar do resgate decisivo que a introdução do grande Outro (Outro) em suas diferentes formas fez da sexualidade dos pais, dos seus desejos, das regras e da alteridade na estruturação psíquica do filho.

12. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1974). *Repressão. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 14, p. 171). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).

13. Freud se referiu a externalidade ou alteridade como der Andere (outra pessoa) e das Andere (outredade). Ver: Delpréstito, N., Grataudoux, E., Schroeder, D. (2008). El lugar del otro en la teoría y la práctica psicoanalítica. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 106, 120-148. Lacan em seus primeiros escritos se refere ao outro como fez Freud, como as “outras pessoas”, em um uso de linguagem comum. É em 1955, em Seminário Jacques Lacan, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise, que Lacan (1954-1955/1986) faz a distinção entre “o pequeno outro” (“outro com minúscula”) e “o grande Outro” (“Outro” com maiúscula). O pequeno outro não se constrói como alteridade, mas sim como reflexo e é imaginário, enquanto que o grande Outro constitui a alteridade radical na linguagem e na lei, no simbólico.

O desejo do Outro já pautado, marcado pelo simbólico, pela lei ou pelas regras de relações de intercâmbio, do proibido e do admitido, da linguagem, da história. Em sua dupla vertente de desejo do Outro e de lei, essa função humaniza com desejo e alteridade, o que inaugura diferentes formatos de intercâmbios através da estruturação psíquica da criança.

Da mesma forma que Freud faz em Inibições, sintomas e ansiedade (1926/1992e) ao localizar a angústia como disparadora da repressão propriamente dita e não como na primeira teoria da angústia, isto é, à repressão como sua causa, podemos dizer que Lacan o faz para a repressão em geral, incluindo a primária. Lacan vincula a angústia com o desejo do Outro e isto acontece quando a relação com o desejo do Outro não está marcada pela castração e pelo fantasma. Quando “falta a falta”, diz Lacan no seminário A identificação, “a angústia é a sensação do desejo do grande Outro” (Lacan, 1961-1962/s. f.). Aqui volta a trazer o exemplo do louva-a-deus que tinha citado em As formações do inconsciente (Lacan, 1957-1958/1999), e em A transferência (Lacan, 1960-1961/2003), mas agora não o faz para falar de perversão animal¹⁴, mas sim para dizer o que acontece quando alguém enclausurado enfrenta um louva-a-deus.

O louva-a-deus se caracteriza por ter uma cabeça que gira 180° sobre seu eixo, ter longas extremidades anteriores que dobra como se estivesse rezando, mas que, ao mesmo tempo, é a arma que estende para capturar certamente a outros insetos e devorá-los, começando por suas cabeças, como a fêmea faz frequentemente com o macho na relação sexual. É esta dimensão feroz e devoradora que Lacan ressalva, pela importância que tem a união com os filhos, pois é a quem se destinará a força dos alimentos que incorpora com o corpo do macho.

Suponhamos que usamos uma máscara de um animal. Com certeza, se fosse do macho do louva-a-deus teríamos motivos para nos sentirmos em perigo e sentir angústia. No entanto, não é a visão de minha imagem em seus olhos facetados o que me angustiaria, mas sim algo que acontece em mim quando essa imagem falta. O que vê o grande Outro em mim sem que eu possa sabê-lo? Se visse nos olhos do louva-a-deus sua imagem com a máscara do macho de louva-a-deus, seria uma angústia extrema. A angústia mantém uma relação direta com o desejo do Outro: quanto me quer o Outro? Como me quer? Como me vê? “O que sou como objeto para o Outro” é a dimensão do que Lacan quer transmitir com o uso da expressão italiana *Che vuoi?* Além do que diz e pede: o que o Outro quer? A angústia é sem objeto, mas só do meu lado, pois o desejo do Outro se sente ali muito próximo.

14. Em *O seminário de Jacques Lacan: A transferência*, Lacan (1960-1961/2003) diz: “Por exemplo, essas moções devoradoras instintuais que encontramos na natureza ligadas ao ciclo sexual [...] as gatas comem seus filhotes, e se a grande figura fantástica do louva-a-deus, assombra (hante) o anfiteatro analítico é porque ela realmente se apresenta como uma imagem mãe, uma matriz da função atribuída ao que tão ousadamente, e talvez inapropriadamente, chamam a mãe castradora”. Dirá mais adiante: “Nosso canibalismo oral, nosso erotismo primordial, é preciso que imaginemos aqui que este gozo é correlativo à decapitação do parceiro, que supostamente ela conhece em certo grau como tal” (p. 243). N. do T.: Tradução de Dulce D. Estrada T. A tradução corresponde a Lacan, J. (2010). *O seminário de Jacques Lacan, livro 8: A transferência*. (pp. 263-264) Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1961).

Jean Laplanche pensa que a repressão originária ocorreria em dois tempos. Um, no que ainda não estaria conformado o “Ego” e onde as primeiras inscrições significantes (significantes enigmáticos) seriam sobre o corpo (eu-corpo), em lugares que chegarão a ser zonas erógenas. Para Laplanche, o motivo da repressão originária está na sedução originária, ou seja, em que o adulto oferte ou imponha à criança significantes com significações sexuais inconscientes que são enigmáticos, usando como exemplo uma pergunta que se escuta de forma muito próxima ao que propõe Lacan sobre o que sente a criança frente ao desejo do Outro. Laplanche (1989) escreve: “Que pretende de mim, além de me amamentar? E por que quer me amamentar?” (pp. 128-136). Dentro desses significantes enigmáticos, Laplanche destaca especialmente os que derivam da “cena originária” – observação do coito parental – que impõe à criança imagens traumatizantes por inassimiláveis. O segundo tempo se produz depois da conformação do Ego como representação do corpo, o que implica uma primeira tradução com posterioridade (après coup) e um domínio desses significantes enigmáticos implantados no corpo (pp. 128-136).

Embora com Lacan e Laplanche possamos relacionar a angústia com o desejo do Outro – o que quer de mim? – avançando no tempo, Lacan parece destacar que é frente ao gozo da mãe (com o corpo do filho), o que também diz do gozo no bebê, que apareceria a angústia como sinal de um “contato real” (com “o real”), que é o que não engana da angústia. É a ameaça com o real do gozo, com a morte como ameaça do louva a-deus, que surge a angústia em uma hiância que permitirá o desejar.

Desejo materno: Entre gozo e desejo

O gozo dos corpos da mãe e do bebê é um jogo que inevitavelmente acontece na vida sempre que existir uma dicção especial, uma intermediação que proíba a reincorporação oral do bebê pela mãe; o pai, ou melhor, sua função de interdição é a que veta seu gozo. Lacan (1969-1970/2002) diz sobre a mãe:

Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão — a mãe é isso. Não se sabe o que lhe pode dar na telha, de estalo fechar a bocarra. O desejo da mãe é isso. Então, tentei explicar que havia algo de tranquilizador nessa história [...]. Há um rolo, de pedra, é claro, que lá está em potência, no nível da bocarra, e isso retém, isso emperra. É o que se chama falo. É o rolo que os põe a salvo se, de repente, aquilo se fecha.¹⁵(pp. 118-119)

É correto que, neste ponto, está a angústia e que, se este rolo simbólico não fica de alguma forma bem colocado, ocorrem estragos. Também é certo que sem a força do desejo materno não é possível a vida do filho, nem sua posição desejante. Recordemos em Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (Freud, 1905/1992m):

15. N. do T.: Tradução de Ari Roitman. A tradução corresponde a Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise* (p. 118). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970).

[...] a mãe olha-a [a criança] ela mesma com os sentimentos que se originam de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija-a, embala-a, e muito claramente a trata com um substitutivo de um objeto sexual completo. [...] Ela está apenas cumprindo seu dever de ensinar o filho a amar. Afinal de contas, a criança deve crescer e transformar-se numa pessoa forte e capaz, com vigorosas necessidades sexuais¹⁶. (pp. 203-204)¹⁷

É em um desses momentos em que Freud mostra a importância do desejo do Outro, da mãe para o filho, sua vida e sua sexualidade. Considerando a citação anterior de Lacan, à importância da intensidade desse desejo materno, ainda se pode acrescentar sua qualidade de desejo, sua interdição.

O que foi dito anteriormente nos autoriza a dizer que o que angustia é o gozo materno tomando a distinção que faz Lacan entre gozo e desejo. Ao corpo materno gozante, o fechamento da boca do crocodilo para reincorporar o bebê ou ao corpo do louva-a-deus que come o macho, opõe-se essa pedra-rola simbólico, ou seja, a regulação que faz o significante e a lei em suas proibições: não reincorporará seu produto, não cometerá incesto etc. O gozo, segundo Néstor Braunstein (1990), implica, por sua vez, “o usufruto, desfrute da coisa, enquanto é um objeto de apropriação”¹⁸ (pp. 15-16). Para Lacan, o significante é a causa do gozo porque este é consequência da intrusão do significante no corpo, o que permite experimentar que se está vivo. Lacan (1972-1973/2008) diz: “Só se goza por corporizá-lo de maneira significante” e, ao mesmo tempo, o significante limita o gozo, como o faz esse falo simbólico de pedra. Quando o desejo da mãe não está interdito pela função fálica já não se trataria de um gozo fálico, mas de um gozo do corpo do Outro. Esta ameaça ou angústia, quando o significante da experiência se encarna, fixa-o, inibe-o, limitando o gozo a essa fixação. Nesse ponto, podemos conceber a repressão originária como fixação do gozo à mínima expressão em um traço ou significante de uma experiência; marcos que vão demarcando territórios, analogia de um corpo escrito erogenamente. É uma escritura sem pré-existência corporal, pois ela mesma constrói o corpo.

A repressão originária como conceito – especialmente em Freud – é uma necessidade lógica da teoria do inconsciente, pois funda-o, de certo modo, como uma *petitio principii* (petição de princípio) que funciona como ponto de partida teórico necessário. Por essa razão, se torna difícil pensá-la como um momento posterior à constituição

16. Nesta parte também se pode ler que “A relação de uma criança com quem quer que seja responsável por seu cuidado proporciona-lhe uma fonte infundável de excitação sexual e de satisfação de suas zonas erógenas. Isto é especialmente verdadeiro, já que a pessoa que cuida dela, que, afinal de contas, em geral é sua mãe, olha-a ela mesma com os sentimentos que se originam de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija-a, embala-a, e muito claramente a trata como um substitutivo de um objeto sexual completo”.

17. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1972). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 7, p. 229-230). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

18. O gozo no “direito remete à noção de ‘usufruto’, do desfrute da coisa enquanto objeto de apropriação”. Aqui convergem rapidamente a teoria do direito e a da psicanálise (em relação ao gozo), pois se propõe, desde um primeiro momento, a questão fundamental da primeira propriedade de cada sujeito, o corpo e as relações deste corpo como corpo do outro, tal como elas estão asseguradas por um certo discurso ou vínculo social. (Braunstein, 1990, p. 16)

do sistema Psc-Cs, a partir do qual por deslocamento (contrainvestimento puro) produzir-se-ia uma vez que este sistema é consequência de uma divisão radical no aparelho e não na pré-existência. Consequentemente, parece mais razoável pensar à repressão originária como a produção de uma inibição estrutural da pulsão em um mundo de desejo do Outro, inibição que instala um funcionamento no mesmo nível da representação, fixando a tensão pulsional a um traço, ou rastro, e estabelecendo uma fissura fundante do aparelho e suas tópicas. É um conceito solidário à concepção freudiana de pulsão, pois essa é concebida psiquicamente na medida em que está representada (representante psíquico ou representante-representação), e isto é possível quando a excitação (Reitz) se fixa a uma representação. As experiências do bebê com o Outro deixam marcas, vestígios, e estes signos (signos perceptivos) ou, mais especificamente, significantes de diferentes materialidades, não necessariamente fônicos, quando se inscrevem, estabelecem uma diferença: marcado-não marcado, prazer-desprazer, presença-ausência, ou-a, etc. Não parece se tratar de rastros sem força própria, sem ancoragem corporal erógena, pois Freud foi muito claro na importância do fator econômico (energético) da força pulsional, da energia própria da representação. Em seu modelo de aparelho psíquico não há nada que não tenha carga, pois essa é a que fixa os rastros e representações, dá-lhes, por assim dizer, um peso específico, uma ancoragem ao sistema que é o que as torna efetivas e afetivas.

Assim como Leclaire, poderíamos pensar o dito anteriormente, como uma inscrição de uma tensão de diferença, o que pode aproximar esta ideia à forma em que Jacques Derrida entendia as arqui-escrituras¹⁹ e a tensão de diferença (*différance*). Assim é concebível a incorporação erógena de certa ordem simbólica, a articulação particular da psicanálise entre o rastro e a força, entre a palavra e a pulsão, mais especificamente entre o significante material e a pulsão. O próprio Freud nos trouxe um exemplo disso no jogo do carretel de seu neto Ernest, no qual verbalizava: Fort da, um ou-a que estabelecia ou fazia notar uma diferença (*différance* – de J. Derrida, 1968 – como condição de linguagem, escritura e sentido), como a presença e ausência do objeto, mas na linguagem.

Inibição estrutural, angústia e desejo

A inibição estrutural com fixação parece se instalar a partir da angústia, como o conceituaram Freud e Lacan em relação à repressão; e essa é possível de ser entendida a partir de um ponto de vista econômico como excesso intolerável, como atualização de algo geneticamente recebido e/ou como desencadeamento a partir do desejo do Outro no modo de gozo. Sobre esta base de angústia surgiria o desejo, talvez como defesa na esfera representacional frente ao gozo do Outro, ao mesmo tempo que como movimento pulsional (moção pulsional) que busca reencontrar um objeto primário inexistente, mas que tenha deixado rastros (experiência primária de satisfação).

19. Para Derrida a escritura excede a grafia alfabética. Ali onde existe um cruzamento e contato de corpos, uma marca, um rastro, há escritura. A linguagem, ela mesma, se funda na possibilidade da escritura.



A desidentificação do objeto de desejo da mãe (objeto falo materno) depende da função paterna, de lei, o que para Lacan constitui a metáfora paterna. Esta reprime manter-se o objeto do desejo da mãe, manter-se o falo; é essa a repressão estruturante e originária que é de enorme interesse para o ser humano, pois o transforma em sujeito desejante e não apenas em objeto do desejo do outro (Dör, 1985).

É difícil a essa altura do trajeto pensar a repressão primária (RP) como um momento único das origens depois de vermos a complexidade que o conceito abrange. Freud também pensou a RP como fixação em cada etapa do desenvolvimento e a isto chamou de repressão orgânica. Constitui-se, por um lado, como primeiro elo (rastro inconsciente, arquiescritura, representante-representação, significante) ao que ficou fixada a força pulsional (*Reitz*) como tensão de diferença. A satisfação consiste em uma diferença radical, brusca (insatisfação-satisfação) e se coloca como tal, como pura diferença (Leclaire, 1972/2000, p. 206). Algo inscrito pode se repetir, e o inscrito é o representante da representação. Trata-se de um ponto de partida organizador, de um marco material ou marca erógena, mostrando uma intersecção nova dentro do conhecimento humano: entre excitação real e o representante da representação. Uma intersecção entre uma excitação real do corpo e um representante, marca – como diz Leclaire²⁰ – o signo que provém de experiências libidinais com outros em um contexto cultural e de linguagem (O). Ficam implicados um rastro inconsciente ou traço e um movimento libidinal do(s) corpo(s), em experiência do gozo corporal. Segundo Lacan, esse gozo corporal inscrito em um traço significante encarnado é o que permite saber que se está vivo²¹. Nada menor como efeito da repressão originária, ao contrário, um efeito decisivo para a vida psíquica, e que muitas

20. S. Leclaire (1972/2000) diz que: “A inscrição mnêmica mantém com o acontecimento vivido uma relação muito seletiva, [...] os rastros não são mais que reflexos fragmentários da experiência: o registrado constitui (apesar da ilusão que possa dar o artefato de alta fidelidade) um tipo de abstract formulado em uns poucos traços escolhidos; do mesmo modo que em uma caricatura se retém apenas uns poucos traços singulares do rosto que se quer esboçar” (p. 218).

21. [...] “Não sabemos o que é estar vivo, senão apenas isto, que um corpo, isso se goza. Isso só se goza por corporizá-lo de maneira significante” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 32). N. do T.: Tradução de M. D. Magno. A tradução corresponde a Lacan, J. (1985). *O seminário de Jacques Lacan, livro 20: Mais, ainda*. (p. 35) Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973).

vezes aparece como carência em apresentações clínicas. Ao mesmo tempo em que goza e permite sentir que se está vivo, inscreve e limita o gozo. Fixa o gozo ao representante e inibe a pulsão parcial em sua descarga direta para estabelecer base na representação. Será preciso ter presente esta ideia quando pensemos a possibilidade da atualização da repressão originária em análise e as possibilidades de trabalhá-la em transferência. É ali onde estes instrumentos conceituais podem se mostrar eficientes e, se for assim, tornar capaz de trabalhar o que se apresenta como personalidades “Como se” (personalidade “*as if*” de Helene Deutch) e outras conformações e apresentações similares ou familiares que desafiam a clássica psicanálise da neurose.

Especificidade: Nova zona epistêmica

Esta zona de cruzamento descrita é uma área da psicanálise, criada, pesquisada, estudada e experimentada pela prática psicanalítica clínica e teórica. Não se trata apenas de representantes, rastros, significantes ou signos, como podem cogitar disciplinas humanísticas, nem somente de excitações somáticas biologicamente reguladas, de energias, forças ou afetos. Trata-se de uma zona nova, diferente, com traços específicos, onde a excitação e os signos se organizam como um corpo erógeno através de tópicos de organizações libidinais (oral, anal, fálica) e em um contexto de sistemas de intercâmbios sexuais, de desejo e regras a partir de onde o sujeito surge como efeito dele. Estes traços marcam esta zona de especificidade do conhecimento psicanalítico ou zona epistêmica. É certo que nunca é simples delimitar e definir com precisão uma zona de conhecimento e práticas novas, porque é também o que caracteriza um campo original de investigação e experiência teórico-prática disciplinar. É por esta razão que a psicanálise tende a ser absorvida tanto pelo campo humanístico como pelo biológico neurocientífico e que, frente a suas complexidades, a prática assistencial tende a substituí-la por técnicas adaptativas que não constituem, a meu ver, uma contribuição tão específica e aguda da complexidade humana entre a carne e o signo. Não obstante, também é certo que nos lançarmos a esta complexa especificidade psicanalítica inquieta por suas incertezas.

O orgânico destacado por Freud parece falar de certa organização dos corpos historicamente, ou melhor, proto-historicamente determinada com consequências na sexualidade, sua organização, suas zonas preferenciais e suas inibições. Além disso, parece salientar também um localizador corporal das zonas (oral, anal, genital), mas que leva a carga de prováveis modificações proto-históricas como a bipedestação e o que isto pode implicar de abandono da marcação por substâncias –anal–, as barreiras, a liberação das mãos e sua utilização para imprimir –motricidade fina– o mundo (posterior surgimento da escritura). As zonas referidas por Freud como, especialmente erógenas, pois toda a superfície do corpo o é, são também especialmente zonas de margens e intercâmbios de objetos com os outros.

Nos conceitos freudianos, ainda que não seja transmitida uma adesão total às hipóteses constitucionais e a um essencialismo teórico, o que sim é correto é que muitas de suas ideias estão pautadas por um determinismo biológico que situa topologicamente e temporalmente

eventos e processos. As fases do desenvolvimento libidinal (oral, anal, fálica) estão dentro destas pautas de desenvolvimento. No entanto, não se atém a ele e especialmente Freud destaca uma temporariedade a posteriori de significação e eficácia, ainda que também estabeleça uma temporariedade cronológica na qual estas fases se constituem. O pautado pela biologia está relacionado com as necessidades que se satisfazem nessas regiões e seu desenvolvimento, enquanto que a sexualidade pulsional e sua fixação em representantes dependem de outros fatores que entram em jogo nas experiências libidinais e de intercâmbios simbólicos com outros. Quando esta dimensão pulsional representativa entra em consideração se constitui a zona de trabalho específica da psicanálise e da sexualidade, ou erótica, da qual fala a psicanálise; só que com Freud não fica suficientemente destacado – ainda que o mencione – o texto sociocultural com os códigos e imaginários que este carrega, e o desejo e gozo dos outros na experiência com a criança.

Michel Foucault (1975) expôs em seu trabalho que os conhecimentos considerados como verdades sobre a natureza humana e social não se correspondem a uma essência imutável através dos tempos e culturas, mas que, ao contrário, mudam através da história. Na medida em que os conhecimentos funcionam para organizar e controlar as pessoas e as sociedades são parte de um sistema de padronização através de dispositivos de poder. Estes dispositivos atuam sobre os corpos, sobre o que agrada e o que não agrada, sobre a sexualidade, sobre o belo e o feio, o saudável e o doente, organizam os corpos, disciplinam, entre outras coisas. O exercício do poder toma como objeto os corpos, com o objetivo de discipliná-los, homogeneizá-los, normatizá-los²².

O que ocorre nas fases do desenvolvimento libidinal e nas zonas erógenas se relaciona com as necessidades e com a educação e disciplina delas: disciplina alimentar, controle de esfínteres, regras de trocas sexuais genitais. No entanto, o que Freud acrescenta como área específica da psicanálise é a constituição (se pudesse ser chamada assim) de uma erótica, que se relaciona com o conceito de sexualidade infantil pelo desenvolvimento, e também com o que nessas zonas a experiência com os outros registra como gozos de pulsões parciais que, em seu excesso, próprio ou do Outro, determinam fixações, repressões primordiais, da excitação aos representantes. Esses pontos de fixação-repressão inibem a satisfação pulsional, estabelecem um reprimido originário e são a causa de sucessivos trabalhos metafóricos com diversos significantes ou cadeias discursivas também de diferentes tipos. Marcam o corpo com significantes ou fazem o corpo nesse mapeamento erógeno que é, ao mesmo tempo, um tipo de escritura.

22. “Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo do poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo - ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam” (Foucault, 1998, p. 140). As relações de poder operam sobre o corpo como uma presa imediata: “o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais” (Foucault, 1998, p. 140).

A ideia de corpo em psicanálise

Até aqui desenvolvi em rastreamentos e propostas como construir uma ou várias ideias, ao mesmo tempo conceituais e operativas, da repressão primária (RP)²³. Se pensamos cada experiência com o outro e as inscrições que estas experiências inconscientes deixam nos diferentes momentos da infância, podemos conceber um trabalho pulsional de inscrições ou escrituras no corpo, com fixação de pulsões parciais a representantes ou rastros que vão marcando, gravando, e com isso construindo um corpo erógeno. A ideia de corpo em psicanálise corresponde a esta construção erógena, consequência destas escrituras encarnadas. As excitações pulsionais sempre excedem suas fixações em marcas e ao ingresso ao mundo dos signos, mais além do princípio do prazer, da pulsão de morte, do gozo. Não é a insuficiência das marcas, em relação ao Reitz pulsional, o que fala de um fracasso da repressão originária (RO), ainda que parcial, mas a impossibilidade de construir uma escritura erógena que torne capaz de simbolização as experiências. O real pulsional sempre é traumático porque sempre excede sua tramitação simbólica e não só por isso estamos autorizados a falar de falhas na RO; não há adequação. A RP indica tanto o ingresso encarnado ao mundo simbólico, como o excesso inevitável do real pulsional sobre o significante.

Insistirei no uso de certas imagens que acompanham o trajeto de minhas ideias. Os marcos cravados na terra delimitam um terreno, territórios corporais erógenos que são corpo escrito ao demarcá-lo. Essa escritura de marcas efetivas-afetivas, pois mostram as afetações a partir de experiências, realizadas na materialidade corporal, permite levantar um traçado do terreno. No psiquismo este procedimento corresponderia à fixação do significante no corpo por investidas provenientes do Reitz pulsional e do Outro. Depois passamos a outra escritura, justamente em outro plano, outras marcas (diagrama) e a outra superfície (papel ou “eu”) onde pode ser construído um mapa do território marcado. No entanto, este traçado só será efetivo se for levantado a partir de uma marcação realizada pela fixação do Reitz. Não há identidade entre este exemplo de um levantamento de traçados e a passagem – transformação das representações – coisa em representação – objeto (representação, coisa mais representação, palavra). Contudo, para dizer a verdade, também não podemos dizer que há identidade entre as palavras tal como se compreendem em linguística e no psiquismo. Trabalhamos com aproximações, mudanças de andaimos e sondagens analógicas aproximativas, que nos permitem pensar e operar na prática. O que tento propor aqui é que a projeção da superfície corporal que se levanta em outro plano não é somente imagem, mas sim imagem organizada por escrituras erógenas que deixaram as experiências inconscientes com outros, significativos, através das etapas do desenvolvimento libidinal. É a essas escrituras, que são a matriz do corpo erógeno, que chamei de coreografias inconscientes e ao ato da inscrição de repressão originária. Quando a projeção da superfície corporal é somente imagem porque carece de escrituras erógenas simbólicas dei-

23. Menciono indistintamente repressão primária, repressão originária e repressão primordial.

xadas por experiências com outros, então o sujeito se desvanece em um jogo de espelhos do qual não pode ser resgatado, de identificações projetivas sem fim. Isto pode se constituir como um funcionamento predominante, ou como aspectos parciais e transitórios de um funcionamento psíquico que se caracteriza por sua ineficácia simbólica.

Atualização, transformações

Os marcos conceituais percorridos em torno da ideia de RO, tanto a ponderação do desejo do Outro e a angústia correspondente como causa, como o destaque da ideia de fixação da pulsão parcial em cada momento do desenvolvimento libidinal (oral, anal, fálico), e a concepção de um corpo erógeno constituído com essas fixações, como escrituras erógenas inconscientes na matriz de inscrições que dá origem ou encarnação a todos os relatos metaforicamente possíveis, nos permitem considerar a RO como um objetivo possível da análise. Freud em Análise terminável e interminável afirmou que: “Dessa maneira, a façanha real da terapia analítica seria a subsequente correção do processo original de repressão, correção que põe fim à dominância do fator quantitativo” (Freud, 1937/1992a, p. 230)²⁴. Torna-se difícil segui-lo exatamente no significado da palavra correção porque pode supor um voltar a um bom curso, corrigir no sentido de lhe dar de volta uma forma direita a algo que se entortou, por exemplo. No entanto, sim poderíamos segui-lo, se o entendemos como inscrição, reformulação, transformação, modificação de inscrições que ocorreram ou que não se realizaram. Entretanto, o percurso exposto não nos permite pensar essa tarefa per via di levare²⁵, uma vez que a tela requer um traço que mostre algo que está em ato, requer uma marca produto da experiência em transferência. Certamente, não uma sugestão do que Freud quis desmarcar (desmanchar) com esta diferenciação referida a Leonardo Da Vinci, mas sim uma inscrição, uma marca que fixe a força da experiência transferencial a um representante. A ideia de transferência que surge nesta afirmação também não remete à reprodução de uma experiência inconsciente anterior, mas sim a um campo onde a pulsão entra em jogo em busca de inscrição. Não se trata de substituir as noções freudianas, que tanto nos ajudam para o trabalho com sintomas e retornos do reprimido, mas sim de ampliar a ideia para

24. N. do T. Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1937/1972). Análise terminável e interminável. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, (vol. 23, p. 229). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1937)

25. Leonardo Da Vinci disse “per via di porre, per via di levare” para diferenciar a pintura da escultura. Sigmund Freud (1905 [1972]/1992) , em uma conferência pronunciada no Colégio de Médicos de Viena, em 1904, disse: “Há, na realidade, a maior antítese possível entre a técnica sugestiva e a analítica – a mesma antítese que com relação às belas artes, o grande Leonardo Da Vinci resumiu, nas fórmulas: per via di porre e per via di levare. A pintura, afirma Leonardo, trabalha per via di porre, pois deposita sobre a tela incolor partículas coloridas que antes não estavam ali; já a escultura, ao contrário, funciona per via di levare, pois retira da pedra tudo o que encobre a superfície da estátua nela contida. De maneira muito semelhante, senhores, a técnica da sugestão busca operar per via di porre; não se importa com a origem, a força e o sentido dos sintomas patológicos, mas antes deposita algo - uma sugestão - que ela espera ser forte o bastante para impedir a expressão da idéia patogênica. A terapia analítica, em contrapartida, não pretende acrescentar nem introduzir nada de novo, mas antes tirar, trazer algo para fora, e para esse fim preocupa-se com a gênese dos sintomas patológicos e com a trama psíquica da idéia patogênica, cuja eliminação é sua meta” (p. 250).

permitir a compreensão do trabalho de fixação necessário quando o paciente ricocheteia entre imagens que não têm ancoragem. A experiência analítica pode permitir ancorar, fixar moções pulsionais a traços-representações que surjam dessa experiência, algumas vezes designadas, outras ressignificadas, mas em qualquer caso deixando seu sulco, fazendo sentir a vida e lançando ao sujeito desejan²⁶.

Resumo

O autor percorre ideias sobre repressão primária nos textos de S. Freud em uma releitura atual que considera as contribuições posteriores sobre o Outro e o desejo do Outro. A essas vertentes acrescenta uma leitura pessoal da repressão primária (RP) como escritura erógena do corpo ou coreografia inconsciente, vinculando-a com a dor, a inibição e a fixação, e estendendo-a a todo o desenvolvimento sexual infantil. Retoma a ideia freudiana de que a RP é um objetivo de trabalho em análise através da retificação com posterioridade, o que pode ser uma contribuição importante para apresentações clínicas que costumam exceder o trabalho com a repressão propriamente dita ou secundária.

Palavras-chave: *Repressão originária ou primária, Corpo erógeno.*
Candidatas a palavras-chave: *Inibição, Fixação, Angústia, Outro.*

Abstract

The author goes through ideas about primal repression in the texts of S. Freud in a current rereading, which considers the later contributions on the Other and the wish of the Other. To these aspects, he adds a personal reading of PR as an erogenous writing of the body or unconscious choreography, linking it to pain, inhibition and fixation and extending it to all infantile sexual development. He takes up the Freudian idea that PR is an objective of work in psychoanalysis through subsequent rectification, which can be a substantive contribution to clinical presentations that usually exceed the work with secondary repression.

Keywords: *Primal repression, Erogenous body.* **Candidate to keywords:** *Inhibition, Fixation, Anguish, Other.*

Referências

- Lacan, J. (1999). El seminario de Jacques Lacan, libro 5: Las formaciones del inconsciente. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1957-1958).
- Braunstein, N. (1990). *Goce*. México: Siglo XXI.
- Delpréstito, N., Grataudoux, E., e Schroeder, D. (2008). *El lugar del otro en la teoría y la práctica psicoanalítica*. Revista Uruguaya de Psicoanálisis, nro. 106, pp. 120-148.
- Derrida, J. (1968). *La diferencia*. Conferência dada na Sociedade Francesa de Filosofia, Paris, janeiro. Disponível em: <http://www.henciclopedia.org.uy/autores/Derrida%20Jacques/La%20diferencia.htm>.
- Derrida, J. (1989). Fuerza y significación. Em J. Derrida, *La escritura y la diferencia*. Barcelona: Anthropos.
- Deutsch, H. (1965). Some forms of emotional disturbances and their relationship to schizophrenia.

26. Nos textos “Sujeto a relato de ofício” (García Castiñeiras, 2006) e “Encrucijadas de los modos discursivos, las ocurrencias inconscientes y el transitivismo simbólico” (García Castiñeiras, 2007), podem ser encontrados relatos de experiências analíticas que falam dessas atualizações e transformações transferenciais da RP.

Em Neuroses and character types. Nova York: International Universities Press. (Trabalho original publicado em 1934).

Dor, J. (1994). *Introducción a la lectura de Lacan 2: La estructura del sujeto*. Barcelona: Gedisa.

Foucault, M. (1998). *Vigilar y castigar: Nacimiento de la prisión*. México: Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1975).

Freud, S. (1992a). Análisis terminable e interminable. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 23). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1937).

Freud, S. (1992b). Carta 75 a W. Fliess. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 1). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1897).

Freud, S. (1992c). Duelo y melancolía. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1917).

Freud, S. (1992d). El malestar en la cultura. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 21). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1930 [1929]).

Freud, S. (1992e). Inhibición, síntoma y angustia. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 20). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1926).

Freud, S. (1992f). La interpretación de los sueños. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 5). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1900).

Freud, S. (1992g). La represión. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (1992h). Lo inconsciente. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (1992i). Proyecto de psicología para neurólogos. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 3). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1895).

Freud, S. (1992j). Pulsiones y destinos de pulsión. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (1992k). Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia descrito autobiográficamente. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 12). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1911).

Freud, S. (1992l). Sobre psicoterapia. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 7). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1904 [1905]).

Freud, S. (1992m). Tres ensayos de teoría sexual. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 7). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905).

García Castiñeiras, J. (2006). *Sujeto a relato de oficio*. Disponível em: http://www.academia.edu/33643301/SUJETO_a_RELATO_de_OFICIO.

García Castiñeiras, J. (2007). *Encrucijadas de los modos discursivos, las ocurrencias inconscientes y el transitivismo simbólico*. Recuperado de: http://www.controversiasonline.org.ar/images/stories/Controversias/Ano1_N1/Espanol/2_garcia%20otro.pdf.

Lacan, J. (1986). *El seminario de Jacques Lacan, libro 2: El yo en la teoría de Freud y en la técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1954-1955).

Lacan, J. (2002). *El seminario de Jacques Lacan, libro 17: El reverso del psicoanálisis*. Barcelona: Paidós. (Trabalho original publicado em 1969-1970).

Lacan, J. (2003). *El seminario de Jacques Lacan, libro 8: La transferencia*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1961 [1960]).

Lacan, J. (2006). *El seminario de Jacques Lacan, libro 10: La angustia*. Barcelona: Paidós. (Trabalho original publicado em 1962-1963).

Lacan, J. (2008). *El seminario de Jacques Lacan, libro 20: Aún*. Barcelona: Paidós. (Trabalho original publicado em 1972-1973).

Lacan, J. (s. f.). *El seminario de Jacques Lacan, libro 9: La identificación*. Disponível em: <https://www.lacanterafreudiana.com.ar/lacanterafreudiana/jacqueslacanseminario9.html>.

Laplanche, J. (1989). *Nuevos fundamentos para el psicoanálisis: La seducción originaria*. Buenos Aires: Amorrortu.

Leclaire, S. (2000). *Fuerza pulsional y objeto de la pulsión*. Em S. Leclaire, *Escritos para el psicoanálisis* (vol. 1 y 2). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1972).



Juan Eduardo Tesone*

Pintura e psicanálise: transformações do relato em figurabilidade no trabalho analítico

Olhar não é o mesmo que ver, isso se sabe bem. Assim como ouvir não é o mesmo que escutar. O enunciado em análise não é o mesmo que a enunciação. Entre o ponto cego da retina, esse lugar no qual não há fotorreceptores, o ponto de fuga de uma imagem onde as linhas paralelas convergem em um ponto, a percepção sem objeto da alucinação e a ausência de percepção de um objeto, existente na alucinação negativa, não resulta fácil definir o que se vê. E como se sabe para o *trompe l'oeil* ou as anamorfozes, o que se vê depende também da posição do olho do observador, seja o olhar oblíquo ou através de um espelho. Os espelhos esféricos propiciaram à Lacan a teorização sobre o estádio do espelho e o enganoso Ego do Imaginário. O que se vê não é necessariamente a coisa. Mas também não se sabe exatamente o que se escuta. Menos ainda se levamos em consideração que as percepções não são a coisa e que a imagem da coisa ou a palavra que se escuta entram em uma rede associativa na qual o aparelho psíquico da pessoa, que a

*Société Psychanalytique de Paris. Asociación Psicoanalítica Argentina.



entrelaça a outras percepções, sensações, fantasias, lembranças e estratos psíquicos prévios em contínua reformulação, que fazem com que a percepção não esteja dada pela coisa, mas sim pela singularidade do sujeito. A escopofilia e o prazer de olhar, o voyeurismo, mas também, se me permitem o neologismo, o “escutarismo” ou prazer de escutar. A percepção travestida pelo desejo.

A pintura é uma arte visual que apela principalmente ao olhar de imagens geralmente enquadradas. A psicanálise apela aparentemente à escuta de um discurso dentro de outro tipo de enquadramento, o setting da sessão, mas serve também para enquadrar, segundo as regras psicanalíticas, o encontro entre um analisante e um analista. Apela-se a sentidos que parecem divergir, mas se aproximam mais do que possa aparentar.

Se a pintura e a psicanálise têm algo em comum, esse algo é a necessidade de figuração que ambas possuem. Isto é evidente com a teoria do sonho. O conteúdo manifesto do sonho foi inspiração de numerosos pintores. Não pretendo fazer um estudo exaustivo de determinadas obras, mas digamos que na iconografia medieval e do renascimento, representar o sonho significava principalmente representar, isolando o conteúdo fantástico no interior de uma moldura iluminado por uma luz particular, difusa e contínua. Exemplos disso são *O Sonho de Constantino*, de Piero della Francesca e o *Sonho de Santa Úrsula*, de Carpaccio. Como destaca Vittorio Fagone (1991), na arte moderna a paixão romântica visita o sonho, sem isolá-lo, como lugar de grandes símbolos comunicativos, de obsessões e de catarses projetivas. Em Goya, destaca Canestri (1991), encontramos, por exemplo, *O autor que sonha*, e uma série de desenhos com tinta reunidos sob o título de *Sonhos*. Para Goya, que ultrapassa o pensamento do Iluminismo, o sonho, mais que a razão, revela a natureza das coisas. O grande mérito de Goya, destaca Baudelaire, consiste em criar o monstro verossímil; é impossível diferenciar a linha de sutura, o ponto de união entre o real e o fantástico: é uma fronteira vaga que o analista mais sutil não poderia traçar, a tal ponto a arte é transcendente e natural ao mesmo tempo. Seus monstros nasceram viáveis, harmônicos. Ninguém ousou mais que ele no absurdo possível. É o que a arte faz do “natural”, criando novas formas de vida.

Influenciados por Freud, com os *Cadáveres exquisitos* dos surrealistas, vão se agrupando uma série de palavras ou de imagens realizadas por múltiplas mãos entre os anos 1920 e 1930. André Breton e seus amigos, com a escritura automática, depois com os desenhos, tentaram realizar uma produção do inconsciente coletivo. Vemos como a escritura e a imagem, mas também o discurso espontâneo a partir de uma perspectiva lúdica grupal, estão intimamente relacionadas.

Então, voltando ao método psicanalítico: o perceptivo do discurso do analisante consiste apenas em uma escuta? É o auditivo e não o visual que se leva em conta? Em minha opinião, isto é o menos provável.

Em “Contribuição para a concepção das afasias” (Freud, 1891, p. 127), falará pela primeira vez sobre “aparelho de linguagem”, insistindo na diferença entre representação de palavra (ligada ao pré-consciente) e a representação de coisa (ligada ao inconsciente). Atribui à apresentação da palavra quatro componentes: “A imagem sonora, a imagem visual da letra, a imagem motriz da linguagem e a ima-

gem motriz da leitura”. E conclui: “que a palavra é uma representação complexa, composta pelas imagens mencionadas, ou seja, que corresponde à palavra um processo associativo complicado, onde os elementos enumerados de origem visual, acústico e cinestésico se conectam uns aos outros”. Mais adiante destaca que “é impossível separar representação e associação, não podemos ter nenhuma sensação sem associá-la em seguida”.

Se o pensamento em imagens é um pensar imperfeito, o pensamento em palavras pretende esquecer que a consciência tem necessidade de ver para conceber (L. Khan, 2001). Existe uma aparente heterogeneidade entre a palavra e a imagem. Mas me animo a dizer que não existe uma escuta do discurso, ou seja, o auditivo, sem que a imagem auditiva, como a chama Freud, não fique imediatamente associada a outras imagens, sejam olfativas, visuais ou cinestésicas. Toda percepção entra em um reticulado associativo de imagens. Tudo o que se apresenta para a escuta do analista terá que ser figurado. Passar do irrepresentado (como acontece na rememoração dos neuróticos) ou do irrepresentável (na patologia do trauma), ao representável e, em seguida, representado em uma simbolização possível.

Green (2001) propõe uma significação plural da figurabilidade: a relação com o visual não seria senão um aspecto particular, rico, mas não exclusivo.

O que percebo? perguntava-se Diderot (1964/2004) e se respondia: formas... e que mais? ...formas; de alguma maneira ignorava a coisa.

Que a imagem da coisa não é a coisa ficou imortalizado no famoso quadro do cachimbo, de René Magritte, no qual se vê um cachimbo... com a inscrição: “*Ceci n'est pas une pipe*” (isto não é um cachimbo), pois o que vemos é sua imagem.

A plasticidade do visual está sujeita, como nossa memória, a nosso reticulado associativo; falsifica a percepção sob o efeito do desejo. As formas percebidas são expressões produzidas por recomposição de formas percebidas previamente e que se prestam para operações de substituição em uma metonímia infinita. Estas substituições não diferenciam entre as imagens visuais, as imagens acústicas, as imagens olfativas ou cinestésicas.

A palavra em forma de enunciação, ou seja, produzida por um dado sujeito, é escutada pelo analista como representação, e esta representação não é meramente acústica, inclui todo o reticulado perceptivo do analisante, do qual o visual não permanece excluído. O protótipo de toda representação é principalmente visual, inclusive para a arte não visual. Acrescento à representação a prosódia do discurso, que como uma paleta de cores, escuta e representa o ritmo e não apenas o sentido do enunciado. O que Barthes (1981) chamava o grão da voz na semiótica da escuta.

A escuta do discurso do analisante por parte do analista, é uma exterioridade que provoca o mais interior do analisante. Uma exterioridade que se torna interioridade, em um compartilhar a intimidade de forma assimétrica, mas entretida por um espaço singular que promove, ao mesmo tempo, a intimidade do dizer e do representar. À associação chamada livre do analisante se conjuga a associação ao mesmo tempo livre e orientada pelo discurso do analista, em um entrecruzado associativo pleno de imagens “escutadas”.

Como sugere François Jullien (2013, p. 18), o espaço de “intimidade que se abre se desdobra sobre eles como uma tenda para se alojar”. É assim que por meio do íntimo, destaca o filósofo francês, se quebram as relações tradicionais do *dentro* e do *fora*. O íntimo do enquadre mantém associados “o reservado e o partilhado”, o próprio do íntimo onde circulam vozes e representações visuais arborescentes em uma trama elaborada pelos protagonistas do encontro analítico.

Por efeito da censura sabemos que os sonhos são deformações e fragmentações das representações, que têm como objetivo disfarçar e mascarar o desejo inconsciente. O aparente absurdo do conteúdo manifesto se deve a essa camuflagem realizada pelo sonho para enganar a censura. Com o trabalho do sonho, é todo o sistema de representações que volta ao estado de matéria maleável, plástica. Inconscientemente inclui a condensação, o deslocamento e tomar em consideração a figurabilidade. Conscientemente, ao acordar, uma vã tentativa de dar uma coerência lógica ao sonho, que não faz mais que contribuir para dissimulá-lo. Insisto no ponto de levar em consideração a figurabilidade, devido a que o sonho tem que representar em imagens um desejo inconsciente. Para poder expressá-lo em palavras, o conteúdo manifesto deverá ser fragmentado e desenvolver as associações do analisante. Esta dificuldade em expressar em imagem como em uma pintura, emoções, ideias, lembranças, em suma, todo um reticulado ao mesmo tempo rememorativo e afetivo, se assemelha ao que pode sentir um pintor frente a sua tela.

Freud, em *Interpretação dos sonhos* (1900/1996, p. 318), adverte:

(...) a massa inteira desses pensamentos do sonho é submetida à pressão do trabalho do sonho, e quando seus elementos são revolvidos, transformados em fragmentos e aglutinados - quase como uma massa de gelo - surge a questão do que acontece às conexões lógicas que até então formaram sua estrutura. Que representação fornecem os sonhos para “se”, “porque”, “como”, “embora”, “ou ...ou”, e todas as outras conjunções sem as quais não podemos compreender as frases ou os enunciados? Os sonhos não têm a seu dispor meios de representar essas relações lógicas entre os pensamentos do sonho. A restauração dos vínculos que o trabalho do sonho destruiu é uma tarefa que tem de ser executada pelo processo interpretativo. As artes plásticas da pintura e da escultura vivem, a rigor, sob uma limitação semelhante, quando comparadas à poesia, que pode valer-se da fala; e aqui, mais uma vez, a razão de sua incapacidade está na natureza do material que essas duas formas de arte manipulam em seu esforço de expressar alguma coisa. Antes que a pintura se familiarizasse com as leis de expressão pelas quais se rege, ela fez tentativas de superar essa desvantagem. Nas pinturas antigas, pequenas etiquetas eram penduradas na boca das pessoas representadas, contendo, em caracteres escritos, os enunciados que o pintor perdia a esperança de representar pictoricamente.

E mais adiante acrescenta:

Assim como a arte da pintura finalmente encontrou um modo de expressar por outros meios que não as etiquetas balouçantes, pelo menos a intenção das palavras dos personagens representados - há também um meio possível pelo qual os sonhos podem levar em conta algumas das relações lógicas entre seus pensamentos oníricos, efetuando uma modificação apropriada no método de representação característico dos sonhos.” (Freud, 1900/1996, p. 318).

Se há algo em comum entre a psicanálise e a pintura, é que ambas estão preocupadas com as representações e seus destinos: como dar forma ao relato? Paul Klee (1987) diz recolher o que sobe das profundezas para transmiti-lo mais além, tenta agarrar o traço e reter o movimento, e conclui que nunca nem em nenhuma parte a forma é um resultado adquirido.

O sonho recolhido e interpretado não esgota sua significação. Existe um ponto, diz Freud na *Interpretação dos sonhos* (1900), pelo qual o sonho se perde no incognoscível, que ele chama de *umbigo do sonho* e se abre ao desconhecido. Seria algo assim como o equivalente ao ponto de fuga na pintura?

O sujeito vai do relato às formas, das formas à formação de uma representação, em uma *poïesis* criativa.

A figuração para os psicanalistas tem a vantagem de supor a existência de um fundo que permanece na sombra do inconsciente. O fundo seria o pulsional.

Salomón Resnik (1994) destaca que o ser humano não pode ver a si mesmo sem a presença do outro, e quando diz o outro inclui o outro em si mesmo. A função do analista seria tornar visível a invisibilidade do inconsciente. Passagem ao visível que gera ao mesmo tempo fascinação e espanto. Implica confrontar-se com o inesperado, transformar em imagens perceptíveis o desvelado, levar luz à escuridão da noite interior. Representar seria um modo de tornar presente o pensamento em forma de imagens, uma certa experiência sensório-perceptiva que sempre é relacional.

Merleau-Ponty (1964) destaca que percepção só existe na medida em que alguém possa percebê-la. Nesse sentido existe o sensível apenas porque existem seres vivos no universo.

O filósofo italiano Emmanuele Coccia (2010) afirma que a linguagem é, acima de tudo, uma das formas de existência do sensível. Se falamos, é porque somos particularmente sensíveis a imagens. Não existe linguagem sem imagem; esta não é nada mais que uma forma de sensibilidade superior. A palavra, o ouvido, a visão, toda nossa experiência não é outra coisa além de uma operação de multiplicação do real, na medida em que se utilizam imagens. Os seres vivos não se limitam a receber passivamente o sensível, porque ao mesmo tempo o produzem ativamente. Nisso o ser humano supera todos os animais.

Em *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*, Freud (1910/1996) afirma que os cegos históricos, em certo sentido, veem, ainda que não no sentido pleno. São cegos apenas para a consciência; no inconsciente são videntes. Os cegos históricos não estão cegos em consequência da representação autossugestiva de que não veem, mas sim pela dissociação entre processos inconscientes e conscientes no ato de ver. E acrescenta mais adiante, colocando em jogo as oposições entre as instâncias psíquicas e a repressão do prazer erótico de ver: é como se no indivíduo se elevasse uma voz punitiva que dissesse: “Como você tentou utilizar mal seu órgão para prazeres sensuais perversos, é justo que você nunca mais veja nada” (1910/1996, p. 214)¹.

1. Freud, S. (1910/1996). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. I* (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.



Ainda que Freud tenha escrito este texto para a cegueira histórica, não se poderia avançar a hipótese de que o sujeito vê o que seu Superego lhe permite ver? Cada um de nós diz e escuta o que suas instâncias psíquicas lhe permitem discorrer, em uma rede perceptiva que capta o percebido e o transforma. O ponto cego do inconsciente não está a serviço de evitar o conflito, escapando pela tangente do ponto de fuga do sintoma? A representação simbólica que desfaz o nó do sintoma, por outra parte, está à espera de uma transformação psíquica do relato em figurabilidade que permita advir a metáfora elaborativa.

É muito sugestivo concluir, provisoriamente, em relação ao laço que une verbo e imagem, ou seja, o que a representação pode oferecer ao discurso em psicanálise, e que Jacques Ancet (2013, p. 16) propõe em um de seus poemas:

- | | |
|------------------------------|-----------------------------|
| - On voit, oui. Mais quoi ? | - Vemos, sim. Mas o quê? |
| - Ce qu'on entend. | - O que ouvimos. |
| - Comment ça? | - Como assim? |
| - Des images Dans l'oreille. | - Imagens no ouvido. |
| - Dans l'oreille? | - No ouvido? |
| - Oui, là où parle la voix. | - Sim, ali onde fala a voz. |
| - Et que dit-elle? | - E o que ela diz? |
| - Ce qu'on voit. | - O que vemos. |

Resumo

Existe uma aparente heterogeneidade entre a palavra e a imagem. Não existe uma escuta do discurso, ou seja, o auditivo, sem que a imagem auditiva, como a chama Freud, fique imediatamente associada a outras imagens, sejam olfativas, visuais ou cinestésicas. Toda percepção entra em um reticulado associativo de imagens. Tudo o que se apresenta à escuta do analista terá que ser figurado. Passar do irrepresentado (como ocorre na lembrança dos neuróticos) ou do irrepresentável (na patologia do trauma) ao representável e depois representado em uma simbolização possível. O sujeito diz e escuta o que suas instâncias psíquicas lhe permitem discorrer, em uma rede perceptiva que capta o percebido e o transforma. A representação simbólica que desvenda o sintoma está à espera de uma transformação psíquica do relato em figurabilidade que permita advir a metáfora elaborativa.

Palavras-chave: *Aparelho psíquico, Figurabilidade, Imagem acústica, Metáfora, Transformações.*

Abstract

An apparent heterogeneity seems to exist between words and images. There is no listening to discourse, something auditory, without the auditory image as Freud called it being associated immediately with other images, whether olfactory, visual, or kinetic. All perceptions enter an associative reticulum of images. Everything presented to the analyst's listening is necessarily given figuration: passing from the unrepresented (as occurs in the remembering of neurotics) or

from the unrepresentable (in trauma pathology) to the representable and then represented in a possible symbolization. The subject says and listens to what his psychological agencies allow him to talk about within a perceptive fabric that grasps what is perceived and transforms it. The symbolic representation which unties the symptom awaits a psychological transformation of the formless into something figurable that will allow the metaphor to emerge and work it through.

Keywords: *Psychical apparatus, Figurability, Acoustic image, Metaphor, Transformations.*

Referências

- Ancet, J. (2013). *Portrait d'une ombre & retrato de una sombra*, edição bilingue traduzida por Cristina Madero. Buenos Aires: Alción.
- Barthes, R. (1981) *Le grain de la voix*, Entretiens 1962-1980, Paris: Seuil
- Baudelaire, Ch. (1975) *Oeuvres complètes*, Paris: Gallimard.
- Canestri, J. (1991) Le monstrueux vraisemblable, em *Il sogno rivela la nature delle cose*, Milão: Mazzotta.
- Coccia, E. (2010) *La vida sensible*, traduzido ao castelhano por María.T. D'Meza, Buenos Aires: Marea (2011).
- Diderot, *Éléments de physiologie* (2004). Texto apresentado e comentado por Paolo Quintili. Paris: Honoré Champion. (Trabalho originalmente publicado em 1964).
- Fagone, Vittorio (1991). Note per una iconografia del sogno nell'arte moderna, em *Il sogno rivela la nature delle cose*, Milão: Mazzotta.
- Freud, S. (1983). *Contribution à la conception des aphasies*. Paris: PUF. (Trabalho originalmente publicado em 1891).
- Freud, S. (1996) *La interpretación de los sueños*, Vol IV. Buenos Aires: AE. (Trabalho originalmente publicado em 1900)
- Freud, S. (1996) *La perturbación psicogénica de la visión*, Vol XI. Buenos Aires: AE. (Trabalho originalmente publicado em 1910).
- Green, A (2001). ¿Que sont les formes? *RFP*, p.1121-1127, LXV, Paris: PUF.
- Jullien, F. (2013) *Lo íntimo, lejos del ruidoso amor*. Tradução castelhana de Silvio Mattoni. Buenos Aires: El cuenco de plata (2016).
- Khan, L. (2001) *La figurabilité*, p. 983-1053, *RFP*, Paris: PUF.
- Klee, P. (1985) *Théorie de l'art moderne*, Paris: Folio-Essais.
- Merleau-Ponty (1964) *Loeil et l'esprit*, Paris: Gallimard.
- Resnik, S. (1994) *La visibilità dell'Inconscio*, Quaderni Veneziani, Veneza: Tela Edizioni.



MARIN, (a) *La Crepa delinque desde el año de 1910 por hurto.*

Alberto César Cabral*
Héctor Fiorini**
Hugo Lerner***
Miguel Alejo Spivacow****

O *como* da interpretação nos tratamentos analíticos de uma vez por semana

Sexta-feira, 17 de novembro de 2017, no contexto do Simpósio da Associação Psicanalítica Argentina, foi realizado um painel com o título: *O 'como' da interpretação nos tratamentos analíticos de uma vez por semana*. Participaram como painelistas os doutores Alberto Cabral, Héctor Fiorini e Hugo Lerner; o coordenador foi o Dr. Miguel Alejo Spivacow. A mesa transcorreu em um clima coloquial que, por razões de espaço, não podemos reproduzir. A seguir, o essencial do intercâmbio científico:

Miguel Spivacow: Para começar, lerei um pequeno argumento que enviei previamente para os três painelistas, mas que de nenhuma forma pretende ser taxativo sobre as questões a serem faladas.

“Os tratamentos analíticos mudam com maior velocidade do que nossa possibilidade de pensar os ajustes clínicos necessários. Neste contexto de novas problemáticas e novos enquadres, os tratamentos hoje em dia são geralmente de 1-2 vezes por semana e em uma grande parte de uma vez por semana, o que requer um conjunto de transformações no trabalho clínico.

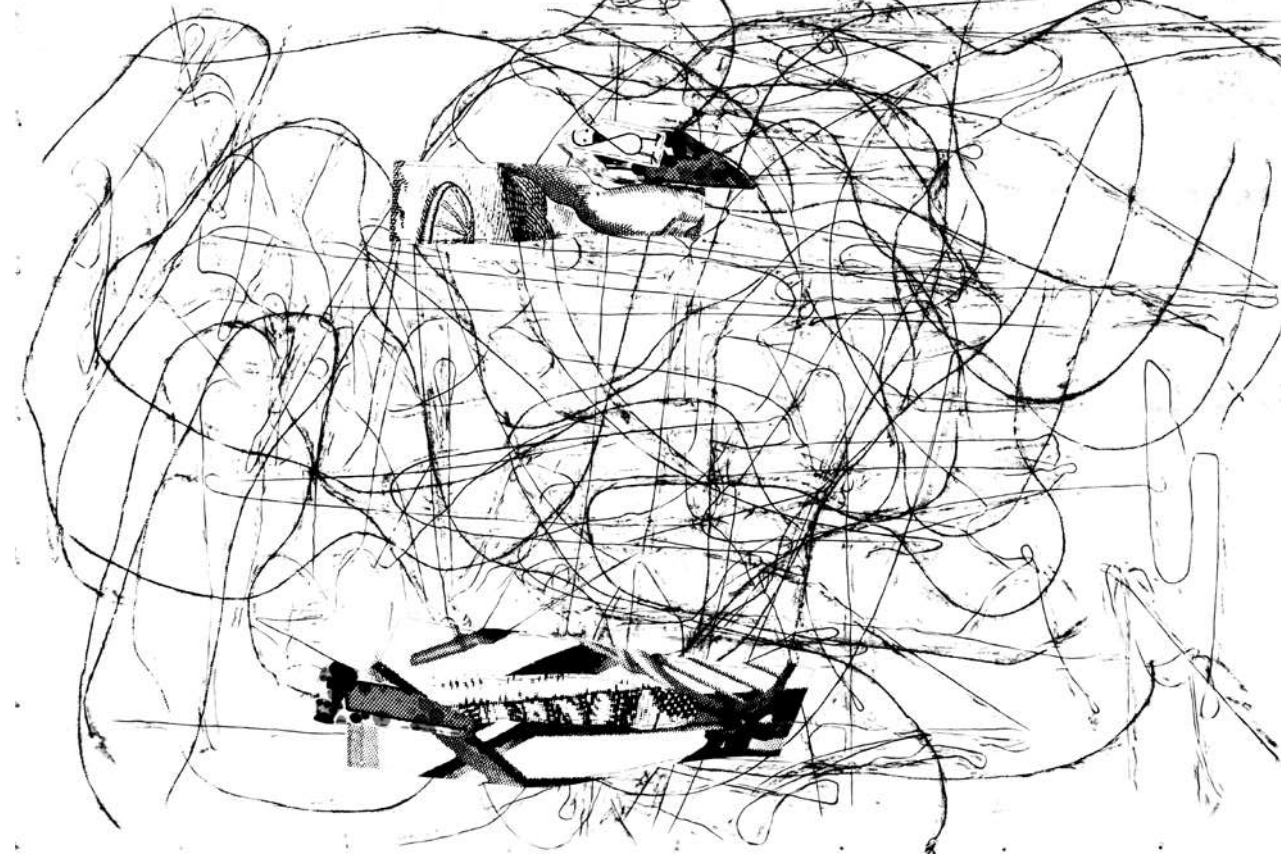
A proposta desta oficina é discutir as mudanças que esta nova realidade implica na abordagem clínica em seu conjunto e, par-

* Asociación Psicoanalítica Argentina.

** Universidade de Buenos Aires.

*** Asociación Psicoanalítica Argentina.

**** Asociación Psicoanalítica Argentina, Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo e Asociación de Psiquiatras Argentinos.



ticularmente, na construção da interpretação. Como pensamos a comunicação da interpretação? Destacaríamos diferenças quanto à possibilidade de formular interpretações transferenciais? Vemos diferenças quanto à possibilidade dos pacientes de entenderem interpretações que se refiram a seu mundo fantasmático? Como pensar a questão da elaboração? Enfim... que diferenças ressaltaríamos em qualquer terreno de nossa prática clínica em relação ao que era ou é nossa prática em tratamentos de três ou quatro vezes por semana?”

Alberto Cabral: As problemáticas que discutiremos são muito atuais em nossa prática, mas tropeçam em dificuldades para serem incluídas na agenda de nossas instituições, e dessa forma serem debatidas e processadas.

Vou me apoiar na convocatória de Miguel para começar a propor assuntos para o intercâmbio. Primeira questão, que está relacionada com a mesma formulação da convocatória: “a problemática da interpretação *nos tratamentos analíticos de uma vez por semana*”. É uma formulação que me causa um pouco de “incômodo”. Todos estamos advertidos da ajuda que é para a orientação de uma cura, contar com a possibilidade de localizar um paciente em termos de uma estrutura histórica ou de uma estrutura obsessiva. Mas, acho que a esta altura estamos também advertidos sobre os riscos de encaixar esse mesmo paciente em uma categoria diagnóstica que dificulte a possibilidade de assimilar e de alojar suas particularidades. Parece-me que algo disso podemos pensar também sobre a formulação de “tratamentos de uma vez por semana”.

Parece-me que se corre “seriamente” – desculpem que diga assim – o risco de *ontologizar* (no sentido de dar uma consistência) ao que eu tendo a pensar, ou seja, como a possibilidade de administrar um *setting* variável no decorrer de um tratamento extenso, que pode durar anos, como costuma ocorrer como os tratamentos analíticos. São tratamentos nos quais inevitavelmente vão se produzindo oscilações nas transferências (ao compasso do progresso da cura e de circunstâncias vitais que os pacientes atravessam), que tornam conveniente que o analista incorpore a noção de *flexibilidade* do enquadre. A noção de uma *administração artesanal* do enquadre, que permita deslocá-lo do lugar inamovível ou fixação permanente ao longo do tempo, a se converter em uma ferramenta em relação à qual o analista conta com a capacidade de se interrogar periodicamente. Isto é: se o *setting* escolhido inicialmente continua sendo ou não o mais adequado para a continuidade e aprofundamento do tratamento, nesse momento concreto. Nesse sentido, me parece que o sintagma “pacientes de uma vez por semana” corre o risco de promover no analista certa posição inercial em relação a um ponto sobre o qual convém que estejamos alerta. Poderíamos dizer que esta concepção flexível, artesanal do enquadre, acompanhe a concepção de um analista advertido da importância do *setting* e, graças a isso, atento ao papel que podem jogar suas variáveis nos diferentes momentos do tratamento.

Nesse sentido, eu pensava na realidade de meu consultório: estou trabalhando com pacientes que *agora* vêm uma vez por semana, mas que em outros momentos estiveram trabalhando com uma frequência mais alta; da mesma forma que outros pacientes atualmente estão vindo duas ou três vezes por semana, e não descarto absolutamente a possibilidade de que, por diferentes conjunturas, os respectivos *settings* requeiram ser revistos ou adequados. Acredito que, para mim, seria difícil pensar (com certeza há) em algum paciente que durante um tratamento de 7 anos, por exemplo, tenha mantido de forma invariável o mesmo *setting*.

Nessa mesma linha destacaria outro ponto da convocatória, quando diz “os tratamentos *analíticos* mudam com mais velocidade que nossa possibilidade de pensar os ajustes clínicos necessários”. Parece-me que explicita uma questão logicamente debatível e que se deve continuar a pensar: é claro que para Miguel, e me parece que para os três integrantes da mesa, a condição analítica, ou não de um tratamento, não se adquire ou também não se perde, pelo tempo particular de frequência de sessões em que se desenvolve.

Até aqui um primeiro ponto. Miguel se referiu na introdução – e eu compartilho, me parece muito bem ter explicitado – à valentia de Héctor: pelo fato de ter proposto um debate em relação a estas questões, em momentos nos quais no âmbito psicanalítico em nossas instituições, argentinas ou latino-americanas, era problemático propor. Eu acho que – é preciso dizer – era problemático propô-las porque pertencemos a instituições componentes da Internacional (IPA), que durante mais de 80 anos fez passar explicitamente a linha divisória entre psicanálise e psicoterapia por um critério eminentemente quantitativo, centralizado na frequência das sessões dos tratamentos. Atualmente, a partir de uma perspectiva conceitual, pode nos parecer que se trata de um enfoque pobre, muito reducionista, mas

precisamos saber que ainda continua “lutando” e suscitando discussões ríspidas. De fato, nas reuniões do *Board* onde se propôs a possibilidade de flexibilizar o modelo Eitingon, de 5 a 3 sessões semanais – apenas flexibilizá-lo – houve ameaças de cisão... desqualificações de todo tipo de parte de quem se opunha à proposta de modificações... e isto ocorreu nas semanas prévias e nas semanas posteriores ao recente congresso da IPA, em Buenos Aires.

Esses debates se tornam passionais e é muito bom recuperar uma distância que nos ajude a relocalizar quais são os núcleos conceituais que estão em jogo: ultrapassando as respostas identitárias responsáveis, acredito, pelas paixões desencadeadas... Nesse sentido acho que Haydée Faimberg, que tem um trabalho muito bonito sobre o conceito de idolatria, pode nos ajudar. Ela o entende como a relação particular que um analista pode estabelecer com um conceito teórico ou com uma forma de praticar a psicanálise. Em seu trabalho ela nos diz que quando o ser analítico de um colega está constituído ao redor de uma posição reverencial frente a um conceito ou a uma forma de praticar a psicanálise, não há possibilidade de questionar esse conceito ou essa modalidade da prática sem gerar angústia, pois o questionamento supõe uma crise identitária. Esses ingredientes obstaculizam a possibilidade de uma abordagem conceitual, racional destas questões.

Nesse contexto, minha impressão é que o que vivemos como “as dificuldades que propõem os tratamentos analíticos de uma vez por semana” está muito relacionado com as dificuldades que são propostas a muitos de nossos colegas – eventualmente a nós mesmos – aí onde se sentem, ou nos sentimos, implementando uma prática que não está sustentada nas exigências de um “Superego severo arcaico” institucional, com certeza incorporado de forma diferente em cada um, mas bastante uniformemente estendido nas instituições às quais pertencemos. Pelo efeito de uma pregação de quase 80 anos foi se formando um tipo de *shibboleth*: aqueles que o pronunciavam bem, eram os que trabalhavam com quatro ou cinco sessões semanais; os que o questionavam... não eram passados à degola, mas sim degradados à condição de analistas silvestres ou psicoterapeutas, por isso a valentia de Héctor. Um dos poucos que questionaram prematuramente o caráter emblemático que adquiria essa modalidade da prática, para abrir passagem a uma concepção – por sua vez – flexível e artesanal. Insisto no termo artesanal de Winnicott, mas também de Willy Baranger, que, vocês sabem, também deu muito peso a esta dimensão de nossa prática.

Por último duas coisinhas. Parece-me muito importante que este tipo de *delay*, de atraso que há entre a introdução de modificações na prática analítica cotidiana e a possibilidade de refletir sobre elas, conceitualizá-las. Na verdade, trata-se de um fenômeno que não é privativo das questões que nos convocam. Sempre a análise operou dessa forma. O mesmo Freud começou com uma prática que progressivamente o distanciou da hipnose, e depois – em um segundo momento – veio a reflexão, a conceitualização.

Para terminar, quero mencionar duas questões em relação às dificuldades que acarreta a prática com os pacientes de uma ou duas vezes por semana naqueles colegas que se sentem em infração com o Superego severo, arcaico, que prescreve um formato uniforme de



do de ahuyen

utilização do enquadre. Parece-me que um dos efeitos é que este analista está inclinado a desenvolver uma hostilidade inconsciente em relação a esses pacientes que lhe resultam “incômodos”. Incômodos, porque lhe devolvem uma imagem especular para a qual não foi “formado”. Em um caso que discutimos no princípio do ano em nossa instituição, era muito impactante como em um momento de crise no desenvolvimento da cura, a analista formula uma repreensão ao paciente – porque, na verdade, é uma repreensão mais que uma interpretação – em termos de ele só se deixa ajudar duas vezes por semana e que ela, nesse exíguo espaço de tempo, faz o que pode. Explicita nesse momento que já transcorreram vários anos desde o começo da análise, mas é claro que é a posição subjetiva na que operou como analista desde que começou o tratamento: com o registro do que ela vive como uma disponibilidade limitada por parte do paciente, que desperta nela, inconscientemente, hostilidade porque a coloca em um lugar no qual não pode se reconhecer como analista.

Último ponto: em relação a esta hostilidade inconsciente que se gera nestas situações em alguns colegas, me parece que outro aspecto a ser destacado (estava presente também no material que evocava) é a desvalorização da própria prática por parte daqueles colegas que sentem que não estão fazendo o que deveriam estar fazendo. O que tem um efeito secundário é que o analista, localizado neste transe subjetivo, tem possibilidades muito limitadas de alojar e realizar a transferência negativa de seus pacientes. Tem uma grande dificuldade para alojá-la e contribuir para o seu desdobramento, porque as manifestações da transferência negativa tenderão a impactar por baixo da linha de flutuação narcisista de um colega que já se sente em falta e que fica mais exposto em sua falta, aí onde sobrevém a inevitável repreensão transferencial. Porque sabemos que a transferência negativa é obrigatória e é bem-vindo que apareça.

Héctor Fiorini: É uma grande pressão falar uns minutos sobre temas que abrangem muitos anos e milhares de pacientes em uma diversidade enorme de situações de assistência. O tema se abre em muitas direções, porque algumas são referidas a assuntos de experiência clínica e outras apresentam perguntas de ordem epistemológica, teórica e metapsicológica ao mesmo tempo. Em outras palavras, não há zona da produção analítica que não esteja comprometida em um assunto dessas características.

Na verdade, se fala de um Superego institucional severo e vale a pena indagar como foi se construindo ao longo do tempo. Porque Freud, quando faz a comunicação *Novos caminhos da terapia psicanalítica*, em Budapeste, nesse trabalho sobre o futuro, habilita a buscar e pede que sejam buscadas novas formas de trabalho analítico, devido a que a demanda deverá variar na medida em que seja massiva. Ele anuncia um princípio muito geral, que é preciso ver por que os analistas seguintes preferiram não levar em consideração. Em parte um problema epistemológico forte é que sempre se preferiu unificar o saber em lugar de tomá-lo em sua diversidade, há uma polêmica entre unificar e diversificar. Freud nessa comunicação de Budapeste dizia: “É preciso diversificar porque a demanda será diversificada.”

Mas, curiosamente próximo dessa comunicação, propõe ao instituto de Berlim unificar e regular a técnica. Com isso são traçadas duas linhas contraditórias. Essa questão da unificação ou da diversificação em teoria do conhecimento é um tema muito forte.

Estou tentando ler uma passagem de Albert Camus. Vou ler de forma resumida. O livro é *O Mito de Sísifo*:

“O espírito que procura compreender a realidade só pode se considerar satisfeito se a reduz em termos de pensamento. Se o homem reconhecesse que também o universo pode amar e sofrer, ele estaria reconciliado. Se o pensamento descobrisse nos espelhos cambiantes fenômenos, relações eternas que pudessem resumí-los e se resumirem elas próprias num princípio único, se poderia falar de uma felicidade do espírito”... (Digamos, poder unificar) “Essa nostalgia da unidade; esse apetite de absoluto ilustra o movimento essencial do drama humano. Mas que essa nostalgia seja um fato não significa que deva ser imediatamente apaziguada. Porque na verdade (diz Camus) se afirmamos com Parmênides a realidade do Um (seja lá o que ele for), caímos na ridícula contradição de um espírito que afirma a unidade total e com a própria afirmação prova a sua diferença e a diversidade que pretendia resolver. Tudo se reflete e se organiza na unidade da sua nostalgia. Mas, em seu primeiro movimento, o mundo se racha e se desmorona: uma infinidade de clarões resplandecentes se oferecem ao conhecimento. Em psicologia como em lógica, há verdades mas não há verdade.” Pensar de cada imagem um lugar diferente – aqui aparece a questão da singularidade – cada ideia, cada imagem, cada instante, cada ato nunca repetível, um lugar diferente”. (Diz Camus) “Abre-se ao coração e às intuições toda uma proliferação de fenômenos cuja riqueza tem algo de inumano. Esses caminhos levam a todas as ciências ou a nenhuma”. As experiências que acabamos de evocar nasceram no deserto que não se deve deixar.” (Essa última frase me parece chave) “Tenho que voltar sempre a abrir o que formei unificável, voltar a abrir o corpo de pensamento a certo deserto de fundo, onde terão que ser erigidas novas formas de pensamento, novas figuras.”¹

Então há um debate constante entre unificar e diversificar.

Ferrater Mora diz que na história do pensamento essa contradição atravessa todos os séculos: unificar-diversificar. Então o problema que se propõe em termos epistêmicos é o uso de conceitos nas teorias, o papel do conceito. Eu revisei há pouco tempo um seminário que é dado na Sorbonne sobre o conceito, a noção de conceito (Jocelyn Benoist, *Concepts*. Flammarion, Paris, 2010). E o conceito é uma estrutura cognitiva muito problemática porque generaliza à revelia, o conceito não pergunta onde nem quando. Diz conflito ou diz Édipo ou diz transferência, mas não pergunta quando, onde e em que circunstâncias. E Deleuze diz: “Quando você se perguntar pelo porquê – do conceito – investigue o como, o quando e o onde, porque com o que, você ainda não responde nada. Responde a um tipo de fenômeno, mas em estado abstrato. E a grande contradição

1. N. do T.: A tradução corresponde a Camus, A. *O mito de Sísifo*. Recuperado de: <http://sanderlei.com.br/PDF/Albert-Camus/Albert-Camus-O-Mito-de-Sisifo.pdf>. Em 18 de junho de 2018.



tar los mosqui

é entre abstrato e concreto.” Tema que Bleger tinha visto claramente na demanda de Politzer de uma “Psicologia Concreta”: não fiquemos em uma metapsicologia abstrata, vejamos de quais conceitos se trata.

Prestem atenção à diversidade, ao concreto. Há pacientes que se aproximam do tratamento apenas uma vez por semana, porque temem que o tratamento lhes cause danos. Por exemplo, alguém que vem com conflitos matrimoniais e diz: “Venho com dúvidas porque me disseram que os analistas são partidários do divórcio, então venho a estudá-lo com você”. Mas vejam o que é a diversidade. Em Lanús, quando trabalhávamos com Goldenberg, o paciente não podia vir mais do que uma vez por semana ou, porque não tinha dinheiro para o ônibus da segunda viagem, ou porque no trabalho o deixavam sair apenas uma vez por semana. Isso propõe um grande tema que é uma psicanálise abstrata, que usa uma metapsicologia abstrata, ou uma psicanálise concreta que se fecha a situações específicas sempre variantes, cujas condições é preciso indagar sempre para ver de que se trata. Castoriadis fez uma boa reformulação do assunto quando disse “é preciso sair desse pensamento que faz conjuntos e lhes dá identidades generalizadas”, ele o chama pensamento “conjuntista-identitário”. Diz “esse pensamento não pensa, classifica”, quando vê algo que poderia entrar na bolsa de um conceito diz “ah, sim, a transferência!”. E já generalizou e já classificou, diz aí que classifica, mas não pensa se tem que haver transferência, como, em que instante, de que forma. Este é um ponto chave.

O tema atualmente aponta para que tenhamos que abrir mais o panorama das diversidades. E quero mencionar diferentes tipos de diversidade que nos são apresentadas. Uma é a diversidade das situações clínicas, temos um espectro enorme de situações clínicas: mais graves, mais agudas, neuroses mais compatíveis com a vida cotidiana, pacientes descompensados, fronteirios... diversidade da clínica. Temos outra questão que é a diversidade das culturas, e se refere a que quando um paciente consulta um analista vale a pena pensar como situação de encontro entre duas subculturas. A subcultura psi, da que somos portadores, se encontra com o paciente, que muito frequentemente é portador de uma cultura não psi. Então a questão é – e é uma pergunta agora – se são duas subculturas, em que cultura se desenvolverá o diálogo? Vamos forçar a cultura psi sobre o universo não psi ou ao contrário, nos moldaremos nós? Ou será preciso negociar uma cultura intermediária entre ambas subculturas? Assunto que considero que merece uma indagação contínua na clínica: em que linguagem nos comunicamos? Com que modelos do humano, das emoções, das condutas... com que modelos?

Outra noção de diversidade. Há anos que em Harvard é desenvolvida uma pesquisa sobre tipos de inteligência, e aparece que a inteligência não é uma em geral, mas sim que há tipos de inteligência. Fiquei interessado em ver os tipos de inteligência, há inteligências mais do tipo analítico conceitual, há inteligências onde prevalece o prático, há inteligências criadoras que diferem no modo de processar. Há uma inteligência muito vista em Harvard, que é a inteligência do corpo no espaço, uma inteligência corporal, há inteligência musical, na qual prevalece a percepção do sonoro sobre outras em que pre-

valece mais o conceitual, o teórico, analítico. Então aí temos que no encontro analítico, qualquer um deles, pode haver um cruzamento de inteligências diferentes, e então temos que ver como processamos esta diversidade de forma a nos acercarmos ao pensamento.

Por último acrescento a diferença notada por Liberman em seu momento, que era a diferença de estilos. Quando Liberman diz “o paciente com estilo histérico requer de minha parte uma resposta não histérica, e sim, melhor de estilo esquizoide” e vice-versa, quando diz “o paciente com tendência esquizoide requer de minha parte uma resposta mais histérica”, no sentido alegórico, não? Histérica no sentido emocional, não histérica, mas expressiva emocional. Está ali contando da diversidade dos estilos, como relacionamos diversos estilos que não são um. Como diz Camus “nunca é uno”, sempre o uno nos escapa pelas bordas para uma diversidade e sempre há muito em jogo. Isso é parte da diversidade.

Vou respeitar os dez minutos, é o primeiro minuto de uma longa conversa. [risos].

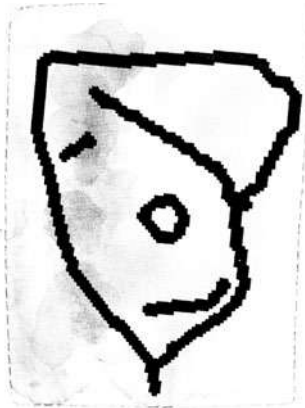
Hugo Lerner: Nunca se sabe se é uma desvantagem ser o último orador, especialmente depois de duas lúcidas exposições. Porque viemos com algo planejado, mas resulta que os dois colegas anteriores me dispararam múltiplas associações.

A primeira pergunta que me faço é se este encontro seria realizável em uma instituição não IPA? Depois vou voltar ao motivo pelo qual formulo esta interrogante.

Cabral falou de algo que me parece substancial. Há muitos anos escrevi um capítulo que se chama *Técnicas ou rituais*, e que de alguma forma apontava com crítica a ritualização da técnica. Naquele trabalho recorri a Lakatos, que afirmou que uma teoria tem um núcleo central e um cinturão protetor; os elementos que lhe dão identidade estão no núcleo e não no cinturão. O núcleo central nunca poderia ser um elemento técnico. Em nossa disciplina, a noção de inconsciente se situa dentro do núcleo central, enquanto a associação livre e a atenção flutuante são instrumentos para ter acesso ao inconsciente e são parte do cinturão. Se houvesse outros elementos técnicos eficientes poderiam, eventualmente, deslocar a associação livre e a atenção flutuante, mas até que não exista uma mudança radical de paradigma o núcleo central nunca poderia ser substituído. Portanto, devemos ter cuidado e não colocar a técnica como núcleo central. Hoje em dia, tanto a partir da teoria como da técnica, se requer da psicanálise uma expansão de seu núcleo para que continue sendo atual e vigente. Se isso acontecesse se ampliaria sua base de sustentação, ou seja, a teoria, e isso inevitavelmente enriqueceria e daria vida à psicanálise. Daqui se conclui o que penso: a frequência de sessões não define o que é psicanálise, o que a define é sua teoria.

Os analistas “obedientes” se congelam atrás de uma “técnica verdadeira” e o que Lakatos afirma é que o importante em qualquer ciência é transitar o núcleo da teoria. O núcleo é a teoria, a técnica é secundária à teoria que é empregada. Ou seja, ele diz: “Eu nunca discuto técnicas, discuto teoria. A técnica é consequência da teoria que eu utilizo.”

Obviamente, em nosso meio pareceria que isso não seria aplicável, já que vivemos discutindo aspectos técnicos. E Alberto citou



en passant que a frequência não definiria um processo psicanalítico, com o que eu estou totalmente de acordo. Em 1999, Amati Mehler, em um *newsletter* da IPA, propõe uma definição sobre o que é psicanálise: é o uso do divã e a frequência de sessões. Eu, quando li isso, em um diálogo interno me disse: ou renuncio a ser psicanalista ou tem algo que não está me caindo bem. Porque eu, já naquela época, não atendia pacientes quatro ou cinco vezes por semana.

Eu acho que, em alguns aspectos, o enquadre é uma construção intersubjetiva, não é algo que surge – ou não deveria – de um Superego institucional e que muitas vezes nos agarramos a certo modelo de funcionamento técnico, principalmente por uma concepção sacralizada que tem o psicanalista sobre o que é valioso. Seria preciso ver, nessa identificação que caiu no Superego, quanto intervieram as instituições para gerar este modelo tão exaltado do que é a “boa psicanálise”.

Ano 2002, Congresso Argentino de Psicanálise, material clínico, um analista comenta que uma paciente pede uma análise e na primeira sessão ele propõe 4 sessões por semana, ao que a paciente, que era do interior, lhe diz que não poderia por causa da distância, nem por tempo, nem por trabalho, e aí mesmo nessa entrevista o analista interpreta a transferência negativa. Além da brutalidade interpretativa, usa um elemento teórico-clínico como a transferência, mais unido ao modelo de enquadre e de frequência do analista que à potencialidade analítica que tem o paciente. Nem todos os pacientes têm a mesma potencialidade de análise. Eu poderia dar exemplos de pacientes que atendi com uma sessão e de pacientes com cinco sessões por semana. Nesse sentido acho que devemos ter certa elasticidade.

Escrevi em algum momento que gosto mais de pensar no enquadre sob medida e não o *prêt-à-porter*. Que cada situação estaria relacionada mais com o que Alberto propõe como artesanal. Eu acredito que, assim como na teoria não podemos pensar no artesanal, acho que na técnica temos que voltar a Freud. Ele escreveu muito pouco sobre técnica, na década de 10 e poucos textos. Debaixo de cada artigo fala de “conselhos” e em uma das partes diz: “Isto é bom para mim, para minha forma de ser, não tem que ser bom para todos. E haverá muitas formas boas e muitas formas ruins de gerar um processo analítico”, (não diz processo). Mas diz algo interessante, não me lembro textualmente, mas diz que muitas vezes o entorpecimento de uma análise está relacionado com as resistências do analista e não do paciente. Eu acredito que quando queremos impor determinado modelo de enquadre, no qual a frequência de sessões é um item importante para o analista, muitas vezes o que isto faz é que surja a transferência negativa muito cedo. Freud mesmo dizia “esperemos um pouco. Temos que gerar uma situação. O uso do conceito de empatia, de relação, falo de relação amistosa, para que se potencialize a possibilidade de gerar um vínculo transferencial.” Ele não dizia que chegava o paciente e pronto, já estava estabelecida a transferência.

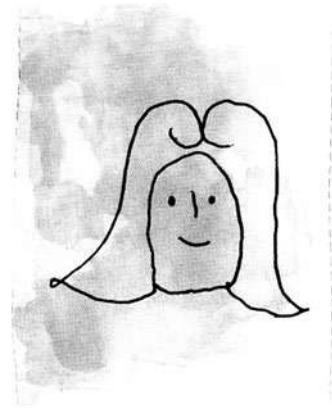
Este é Freud nos artigos técnicos. Lamentavelmente não gerou muito interesse, foram pegadas algumas coisas e foram distorcendo outras por diferentes situações que este não é o lugar para discutir, me refiro a problemáticas institucionais e não da clínica, que estiveram muito mais relacionadas, como diria Badiou, com situações de poder que com situações teóricas.

Como podem ver, fui associando e do que eu preparei por agora nada... Héctor me fez lembrar duas coisas; há um livro que sempre me resultou muito interessante, ainda que o autor bata bastante na psicanálise, que é de George Steiner, em *Nostalgia do absoluto*. Castoriadis e Steiner, os dois dizem que o perigo de algumas disciplinas é que sejam ritualizadas e sacralizadas. Steiner dá um passo mais e diz que ante a queda das religiões há uma necessidade de crença do ser humano e que foram três as que tentaram substituí-la: marxismo, estruturalismo e psicanálise.

Então, Héctor toca um assunto: as diversidades clínicas. Eu acho que, se vocês me dissessem: “Defina você o que quer dizer com mudanças frequentes de sessão”, eu falaria das diversidades clínicas. Há muitos anos veio me ver... - eu atendo muito uma vez por semana – um paciente e percebo que há uma fragmentação, uma despersonalização muito importante. Eu vi esse paciente cinco vezes por semana durante três anos. Sabei-se bem, fomos trabalhando, mas foi quase um pedido dele a alta frequência, além de eu considerar adequado e necessário. Ele tinha necessidade de me ver seguidamente e eu também. Atualmente tenho pacientes com uma sessão por semana e noto muita diferença entre este paciente, estou pensando em um, que vejo uma vez por semana e aquele que via cinco. Refiro-me à possibilidade que se instale um processo analítico que permita elaborações. O primeiro necessitava daquela frequência e o segundo a que estamos transitando.

O paciente das cinco sessões apresentava um quadro de clara fragmentação egoica. Então eu me ajustei a uma necessidade dele, que por momentos se tornava difícil para mim sustentar, porque não está só a problemática da resistência do paciente, mas também a do analista. O analista quanto pode tolerar cinco sessões por semana? Falemos claramente, independentemente das urgências, das mudanças e da tecnologia, manter vínculos com esta intensidade às vezes exige um esforço do analista que excede suas possibilidades e nem todos podem ou querem.

Obviamente uma análise de uma sessão por semana gera um modelo de relação intersubjetiva diferente de outra com duas ou três sessões. A diferença é que eu não desvalorizo a análise de uma sessão por semana, mas sim digo que enfrentemos esta realidade porque, caso contrário, não estamos nos encarregando das mudanças de contextos sócio-históricos, como Castoriadis teria gostado de dizer. Neste momento é difícil exigir de alguém, como podia Freud que fazia análises curtas. Se não levamos em consideração a problemática atual, “impor a um paciente” uma frequência que esteja mais instalada no Superego do analista que nas necessidades e possibilidades do paciente, acredito que causamos danos a nosso corpo teórico-clínico. Acredito que geramos muitos adversários por esta situação obcecada de manter um ideal do tratamento “ideal com alta frequência”. Em realidade, o que teríamos que ter discutido muito mais e ainda continuar fazendo são os problemas mais ligados à teoria que à aplicação, à técnica. Em questões técnicas, como dizia Freud, há muitas formas; como disse antes, ele propunha que haveria caminhos melhores e outros piores, mas muitas vezes elas estão relacionadas com o estilo de um analista. Liberman falava de estilos complementários e se referia





à comunicação. Ele havia se afastado do analista concebido como receptáculo gelado, que não intervém e está “totalmente frio”, como um cirurgião e disse: não, senhores, se acontecer isso eu vou contrapor com um estilo, o que ele chamou de estilos complementários.

Finalmente, vou terminar com uma citação de Steiner; não é textual pois intercalei alguns pontos. Ele diz o seguinte:

Ao ocupar-se da origem das disciplinas humanísticas ou humanas, Steiner (1974) propõe usar o conceito de “mitologias”, no sentido de que estas disciplinas mostram “um quadro completo do homem no mundo”. Muitas vezes estas mitologias não permitem ser rebatidas, são sistemas totais que dão explicações totais. Também têm inícios e desenvolvimentos reconhecíveis: “Haverá um grupo original de discípulos que estarão em contato imediato com o mestre, com o gênio do fundador. Mas logo, alguns deles provocarão uma ruptura em forma de heresia. Produzirão mitologia ou sub-mitologias rivais, e então se observará algo muito importante. Os ortodoxos do movimento original odiarão esses hereges, aos que perseguirão com uma inimizade muito mais inflamada do que a que descarregariam contra o que não crê. Não é a falta de crença o que temem, mas sim a forma herética de seu próprio movimento”.

Acrescenta Steiner que uma “mitologia verdadeira” constrói linguagens e idiomas próprios, emblemas, bandeiras, metáforas e cenários característicos. Constrói seus próprios mitos. Ele nos diz que “uma mitologia representa o mundo por meio de certos gestos, rituais e símbolos

fundamentais”². Sugere que este modo de entender diversas disciplinas seria o resultado da decadência que teve a religião, a qual deixou profundamente arraigada no Ocidente uma nostalgia do Absoluto. “Como nunca anteriormente, hoje [...] estamos sedentos como nunca de mitos, de uma explicação total: ansiamos por uma profecia garantida”³.

Seguindo com estas ideias, gostaria de vincular meu enfoque com a liberdade criativa no processo analítico e postular que devemos nos afastar de toda tentação de estabelecer pautas “religiosas” rígidas, sacras e ritualizadas. Devemos saber que ser, como diz Steiner, “nostálgicos do Absoluto” nos levará a nos fecharmos em nossa disciplina e a uma repetição esterilizante.

Muitos “flertes de seita” se instalaram em muitas das instituições psicanalíticas. São situações que levaram a afirmar erroneamente o que é psicanálise ou não é, como poderia ser a frequência de sessões, e se nos submetemos a esses conceitos ritualizados acreditamos que nos definem como analistas. Quando eu comecei no caminho da saúde mental fiz psiquiatria. Era preciso passar pela trincheira dos “casos complicados” e paralelamente nos dedicávamos a estudar psicanálise. Acreditávamos que certos signos: barba-cachimbo-divã, definiam o ser psicanalista (em meu caso faltou o cachimbo). Agora o incrível, e isto já faz muitos anos, e em 2000 a IPA seguiu afirmando o mesmo. Não sobre a barba e o cachimbo, mas sim afirmando que o que define a psicanálise é divã e frequência (está no *newsletter* que já citei). Para mim, pessoalmente, afirmações desse tipo parecem quase um horror, e acredito que derivam de uma situação ligada à política interna institucional e não a um problema da teoria e da clínica psicanalítica.

Posteriormente a esta primeira etapa das exposições o público fez comentários e perguntas sobre vários tópicos:

Muda a interpretação transferencial, o mundo fantasmático e a elaboração nos tratamentos de uma vez por semana? Em virtude de que processos o analista se autoriza a realizar as mudanças de enquadre das quais falamos? A análise do analista requer uma experiência de uma análise de uma vez por semana? Ou pensamos que se o analista está bem analisado, isso não é necessário? Pode acontecer que os analistas não se animem, por dificuldades contratransferenciais, a propor tratamentos de mais de uma vez por semana que os pacientes aceitariam, mas para eles é difícil propor?

Os analistas poderiam contribuir com alguma pérola sobre as peculiaridades da interpretação em tratamentos de uma vez por semana que eles tenham encontrado em sua própria prática? Quanto influem nas idolatrias por certas teorias o assunto do poder, quem tem o poder no âmbito psicanalítico? O que acontece em nossa disciplina que a diversidade de práticas não se reflete em uma mudança nas teorias e

2. N. do T.: Tradução de José Gabriel Flores. A tradução corresponde a Steiner, G. (1974). *Nostalgia do Absoluto*. Relógio D'Água Editores (Edição ePub, p. 7).

3. N. do T.: Tradução de José Gabriel Flores. A tradução corresponde a Steiner, G. (1974). *Nostalgia do Absoluto*. Relógio D'Água Editores (Edição ePub, p. 9).

o que se escuta é sempre o mesmo? Até que ponto tudo o que estamos dizendo não está relacionado também com mudanças culturais que foram ocorrendo no mundo?

AC: Em que medida podemos os analistas recuperar o poder de interpelação que – sobre a teoria – tem nossa prática cotidiana? Acho que aqui, esta possibilidade de deixar a porta aberta para esta interpelação, é um dos saldos de uma análise de formação bem-sucedida do analista. Digo bem-sucedida em termos de promover no futuro analista uma relação com a teoria *que o oriente...* mas que não o converta em um “robô de analista” [Lacan] que supõe que conta, *já*, com todas as respostas. Uma relação-bússola com a teoria, e não com uma teoria-bunker atrás da qual se perpetuar, protegido da angústia que as novidades da clínica geram. Não posso desenvolvê-lo aqui, só o indico: uma tal relação com a teoria anda junto – para mim – com uma elaboração adequada da identificação ao pai (o saber teórico é um de seus tantos substitutos), que permita prescindir dele, depois de ter se servido dele (Lacan).

Por outra parte, me parece que seria muito bom que as análises de formação dos analistas possam familiarizar o futuro praticante com uma flexibilidade ou uma administração artesanal do enquadre. Porque, efetivamente, é grande o dano que causamos à psicanálise, ao futuro de nossa prática clínica, quando concebemos a formação ligada exclusivamente a uma forma pré-determinada de *setting*.

Eu tinha trazido uma pequena vinheta que, a meu ver, mostrava a riqueza do processo de elaboração de um luto em uma paciente que nestes momentos está trabalhando uma vez por semana. É uma paciente que em seu momento, há quatro ou cinco anos, trabalhou três vezes por semana; depois de seu casamento passou a duas; interrompeu a análise com o nascimento de sua primeira filha e voltou quando a menina tinha um ano. Parece-me que é o tipo de paciente e o tipo de tratamento que temos habitualmente. Vai oscilando, não está congelado em “paciente de uma vez por semana”.

E uma pequena questão em relação à interpretação, ao menos para abrir a discussão. Falou-se se há as mesmas possibilidades de “entender” a interpretação no paciente que vem uma vez por semana, que em pacientes que se analisam com maior frequência. Eu não me uno tanto à ideia de “entender” a interpretação. Tenho tendência a pensar as coisas em termos de pacientes refratários ou permeáveis ao efeito da interpretação. Quando Freud se propõe a pergunta “quando começo a interpretar?”, responde “bom, uma vez que tenha se produzido uma aproximação do paciente à pessoa do médico”, e depois diz “uma vez que tenha se instalado uma *transferência operativa*”. Em nenhum lugar encontrei em Freud o que entende por transferência operativa. Porém, me parece que estamos autorizados por outros textos de Freud e por reflexões de pós-freudianos, a pensar que isso que ele chama de transferência operativa fala de uma posição subjetiva muito particular; a posição que poderíamos chamar *analisante* e que é a de quem aceita, admite – e não por submetimento, mas por convicção íntima – que tudo o que diz na sessão... pode chegar a querer dizer outra coisa. E que essa “outra coisa” pode chegar a lhe ser devolvida via interpretação. Estamos tão familiarizados com esta *posição analisante* que nos

parece que é uma posição que é natural; mas por algo Freud falava de entrevistas preliminares e de instalar uma transferência operativa: porque se necessita uma modificação, uma mudança na posição subjetiva convencional. É o que faz que os analistas clássicos digam que uma interpretação fora de contexto é uma agressão. E claro: fora de contexto, isto é, quando não há uma transferência operativa instalada, com certeza a proposta interpretativa, ao não contar com esse “mordente”, não vai poder prosperar.

Eu tendo a pensar a problemática da interpretação e de sua eficácia a partir desse ângulo, e não tanto em função da frequência de sessões com que o paciente está trabalhando nesse momento. E se registro refratariedade à interpretação, tendo a pensá-la em relação a oscilações que estão se produzindo na transferência operativa ou, em termos de Lacan, a vacilações na função do “sujeito do suposto saber”. São oscilações que são importantes registrar, para se perguntar que intervenções podem contribuir para relançar a transferência operativa: em algumas ocasiões, uma modificação – temporária ou não – no *setting* que se vinha empregando pode ser de utilidade.

HF: Que difícil citar várias coisas em minutos!

Primeiro uma questão sobre a prática. Há uma tradição teoricista que em seu momento se expressava em Althusser, que dizia que a prática não é mais que um momento da teoria. Essa posição teoricista é, a partir do ponto de vista da história do saber, inteiramente fraca porque as teorias vão se construindo, questionando e modificando graças a que as práticas vão ditando outras direções. Em oposição ao teoricismo tipo Althusser vou mencionar uma breve conversa de Deleuze com Foucault, que é sobre a relação entre teoria e prática. Deleuze lhe diz a Foucault: “Toda teoria surge, cresce e se desenvolve até chegar a um ponto de detenção. Esse ponto de detenção se levanta ante a teoria como um muro intransponível. Esse muro vai ter que ser perfurado por uma prática”.

Quando eu li isso disse “diabos! Mudou a relação entre teoria e prática.” A prática não vem subordinada à teoria, perfura o muro que a teoria não pode passar. Vejam a hierarquia epistêmica que toma a prática. No fundo enlaça com a tese de Marx sobre Feuerbach, porque Marx nas onze teses sobre Feuerbach, na tese nº 11 diz: “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; porém, o que importa é transformá-lo”.⁴ Ou seja, fazia falta – dizia Marx – uma prática que entre no mundo para ver de que se trata e permita pensá-lo. Com o que a prática ganhava uma força muito, muito importante. Essa prática então, não é somente o lugar de aplicação, é um lugar de investigação, é um lugar de questionamentos. Teoria e prática nunca podem se sobrepor pelo que diziam Foucault e Deleuze “são dois mundos que não se sintetizam, dois mundos que não se sintetizam em um”. E a não

4. N. do T.: Tradução de Rubens Enderle, Nélis Schneider, Luciano Cavini Martorano. A tradução corresponde a Marx, K. (2007). *A ideologia alemã: Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. (p. 539). São Paulo: Boitempo.

síntese entre teoria e prática vinha desde Kant, quando Kant diz “razão teórica, razão prática”. A razão teórica busca coerência conceitual, a razão prática por sua vez busca certa eficácia. O que é preciso se perguntar é com o que tem a ver a eficácia, com que tipo de coerência conceitual. Porque de repente a ineficácia propõe problemas teóricos e a eficácia propõe outros problemas teóricos a serem revistos.

Segundo, isto é uma síntese do assunto, acredito que distinguir com Kant entre razão prática e razão teórica para os analistas seria mais que necessário, de outra forma tudo gira sempre em torno de um teorismo e não se sai da metapsicologia freudiana já formulada. E é preciso sair daí para remover as bases, voltar a pensá-las. Se uma prática não questiona a teoria é porque não se aprofundou.

Outra coisa: perguntou-se por alguns critérios de novidade ou criatividade em uma sessão semanal. Eu vou mencionar dois.

Um paciente fóbico, que tinha muita dificuldade no contato com seu mundo interno em sessão, sentia que escutava pouco a sessão porque não havia entrado em contato o suficiente. Então, com uma sessão semanal pouco escutada dizia, “Levo muito pouco. Poderia gravar a sessão semanal e depois a escuto sozinho em casa?”. “Sim”, eu lhe disse, “grave e escute”. Este paciente gravava a sessão e a escutava em casa pelo menos quatro vezes durante a semana. Bom, com o trabalho sobre a sessão gravada este paciente pôde, cada vez mais, entrar em seu mundo interno e vencer a fobia. Fez um processo interessantíssimo que não ocorria quando só tinha a sessão única.

Outro critério prático seria: como podemos alternar a análise com a autoanálise? Uma maneira seria: no intervalo entre duas sessões de diferentes semanas, propor ao paciente que escreva a sessão que teve e o que passar por sua cabeça durante a semana, como novas associações escritas, e que traga todo esse material como a sessão que ele teve com ele e virtualmente conosco, e trabalhemos a sessão a dois e a sessão consigo mesmo. Esse material é muito rico. Eu dei a uma paciente que estava bastante confusa, com dificuldade de pensar, a tarefa de escrever em um caderno o trabalho entre sessões. Ao longo do tempo escreveu 80 cadernos. E ela me dizia: “na biblioteca eu tenho um tesouro que são os 80 cadernos. Porque, por exemplo, agora tenho problemas com um namorado e volto 5 anos atrás o que acontecia com outro namorado”...

Uma chave para trabalhar em qualquer frequência de sessões é construir aliança analítica. Trabalho que de certa forma desenvolveu Elizabeth Zetzel, nos Estados Unidos. A aliança supõe certo acordo sobre o método que vamos usar e certo acordo sobre a frequência que vamos ter, e certa expectativa de que esse método com essa frequência vai dar algum resultado positivo que podemos esperar. O trabalho de construção de aliança é chave, porque, caso contrário, é exercício de poder. Se não é construída a aliança ou o que Freud chamou de *rapport*, é o poder do analista de impor ao paciente algo que não construíram conjuntamente. Esse me parece um ponto bastante chave.

Por último, em minha experiência, eu fui paciente de muitos métodos de análise, tenho a impressão de que quanto mais métodos de terapia vivamos como paciente, melhor vamos desenvolver nosso instrumental. Essa é minha experiência pessoal. Quase não há méto-

do de terapia no que eu não tenha sido paciente; individual, grupal, analítica, modo gestáltico...

HL: Está muito bem o desenvolvimento que Héctor fez entre teoria e prática, e como na interrelação entre ambas, qual delas muda para a outra. Houve um epistemólogo de que gostei muito porque era um rebelde inovador, Feyerabend, que escreveu um livro: *Tratado contra o método*.

Aqui ele propõe, efetivamente algo parecido, que as regras de aplicação de uma teoria o que fazem é ver como estimulam as teorias que provocam essas regras. Mas que o cientista tem que estar acostumado com a teoria do erro. Em última instância diz que as técnicas são um conjunto de erros que o que fazem é alimentar o núcleo teórico.

HF: Pequeno acréscimo de Lakatos, que diz: “Nenhuma teoria pode contemplar todos os aspectos do domínio ao que se refere”.

HL: Exatamente. Queria dizer isto em função de que Feyerabend dá um lugar à técnica, mas obviamente é um lugar secundário que alimenta a teoria em função dos erros que na clínica podemos gerar.

Agora voltando a algumas perguntas, uma pergunta que eu faria em geral é: quantas interpretações transferenciais fazemos? Primeira pergunta que se relaciona frequentemente com a frequência de sessões, como se com baixa frequência não se poderiam fazer. Da mesma forma segue em pé: quantas interpretações transferenciais fazemos? Parece-me que a situação não se define pela questão da frequência, porque haverá processos analíticos de quatro sessões nos quais a transferência não se interpreta nunca, e em uma sessão talvez se interprete, porque se faz ostensiva.

Há um livro sobre Freud que lamentavelmente está esgotado – eu tenho uma cópia – cujo título é: *Minha análise com Freud*, de Smiley Blanton. Smiley Blanton era um psiquiatra americano que queria aprender psicanálise, visita Freud, e lhe diz: “Senhor Freud, quero aprender psicanálise”. Começado o tratamento como parte de seu desejo de *training*, e Blanton, que estava com pressa porque tinha que voltar aos Estados Unidos, a cada sessão que ia falava de um sonho pensando que isso era o esperado. Dizia que isso é análise do inconsciente e este é o caminho, então Freud lhe disse: “Smiley, na vida há outras coisas além do inconsciente”. Freud estava claramente lhe interpretando a resistência, e acho que também há aspectos da realidade que ele não trazia. Mas vejam o estilo, quando hoje ou talvez há muitos anos, teríamos dito: “que lindo, este paciente me traz tantos sonhos”. Então, me parece que isto funciona como evidência de que é preciso adequar tudo à situação contextual.

Resumo

O painel discute os reajustes clínicos necessários nos tratamentos psicanalíticos com frequência de uma-duas vezes por semana. Que transformações impõe esta nova realidade na abordagem clínica em seu conjunto e particularmente na construção da interpretação? Como pensamos a comunicação da interpretação? Destacaremos

diferenças quanto à possibilidade de formular interpretações transfe-renciais? Vemos diferenças quanto à possibilidade dos pacientes en-tenderem interpretações que se referam a seu mundo fantasmático? Como pensar a questão da elaboração? A condição de analítico de um tratamento depende da frequência? Como articular a resposta que damos com nossas posturas epistemológicas? Em que medida esteve, até o momento, o tratamento destas questões centrais com muitas interferencias por problemáticas de poder institucional?

Palavras-chave: *Enquadre. Candidatos a palavras-chave: Inter-pretação, Transferência, Formação do analista, Instituição.*

Abstract

The panel discusses clinical readjustments needed for once- or twice-a-week psychoanalytic treatments. What modifications does this new reality demand regarding our overall clinical approach and, in parti-cular, the construction of an interpretation? How do we look at the ways in which we communicate an interpretation? Should we point to differences related to our ability to formulate transference interpreta-tions? Do we see differences concerning patients' ability to understand interpretations referring to their fantasy world? How do we ponder the working-through process? Does the analytic nature of a treatment depend on its frequency? How do we connect our answer with our epistemological perspective? To what extent has the discussion of these critical issues been hampered by institutional power issues?

Keyword: *Approach. Candidates to keyword: Interpretation, Transference, Analyst training, Institution.*

Referências

- Branton, S. (1974). *Diario de mi análisis con Freud*. Buenos Aires: Corregidor. (Trabalho originalmente publicado em 1971).
- Camus, A. (2010). *El mito de Sísifo*. Buenos Aires: Losada (Trabalho originalmente publicado em 1942).
- Faimberg, H. (2006). El discurso narcisista como resistencia a la escucha psicoanalítica; un clásico sometido al test de la idolatría. Em: H. Faimberg, *El telescopaje de generaciones; a la escucha de los lazos narcisistas entre generaciones*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho apresentado na Conferência da Federação Psicanalítica Europeia de 2001 em Madri).
- Focault, M. (2012). *Un diálogo sobre el poder y otras conversaciones*. Madri: Alianza.
- Freud, S. (1992). Nuevos caminos de la terapia psicoanalítica. Em: J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 17). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho originalmente publicado em 1918).
- Lakatos, I. (1983). *La metodología de los programas de investigación científica*. Madri: Alianza. (Trabalho originalmente publicado em 1978).
- Lerner, H. (2004). Técnicas o rituales. Em: H. Lerner (comp.), *Psicoanálisis: cambios y permanencias*. Buenos Aires: Libros del Zorzal.
- Liberman, D. (2009). *Lingüística, interacción comunicativa y proceso psicoanalítico*. Buenos Aires: Letra Viva.
- Marx, K. (2010) Tesis sobre Feuerbach. Em: C. Marx e F. Engels, *Tesis sobre Feuerbach y otros escritos filosóficos*. Caracas: El perro y la rana. (Trabalho originalmente publicado em 1845).
- Steiner, G. (2016). *Nostalgia del Absoluto*. Madri: Siruela (Trabalho originalmente publicado em 1974).



Miguel Calmon du
Pin e Almeida*

A formação psicanalítica e o mundo

*Para esse ensimesmamento que
encerra o analista nas armadilhas
do conselho e da maestria – e, pior
ainda, na de erigir a si mesmo
como modelo de uma normalidade
pós-analítica – só há um remédio:
a retomada da tarefa analisante.*

Patrick Guyomard

A psicanálise está envelhecendo?

A população de psicanalistas da Associação Psicanalítica Internacional (IPA, por suas siglas em inglês), certamente, está. A tomar a experiência sensível dos últimos congressos, a situação é visivelmente preocupante. Ao entrar nas salas de conferências somos recebidos pelo mar de cabeças brancas ou calvícies que predominam por todo o lugar. Onde estão os jovens? É a pergunta que invade a nossa curiosidade.

O que isso quer dizer? Que na constante e insistente luta entre as necessidades da tradição e os apelos por mudanças, a tradição tem predominado e mantido sua fidelidade a si mesma? Que ao exigir absoluta conformidade a seus modelos, impede a renovação de seus quadros?

Consequência imediata, ao mesmo tempo que seus membros, não estará a API também envelhecendo?

* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

Refletindo sobre a solidão inerente ao ofício de escrever, Paul Auster comenta:

“Às vezes me pergunto por que passei a vida trancado em um quarto escrevendo, quando do lado de fora o mundo está cheio de possibilidades. A escrita exige uma entrega sem fissuras, abrir-se a todas as formas possíveis de dor, de alegria, a todas as emoções que é possível sentir. Fazer isso bem requer coragem moral. Nenhuma outra profissão exige que a pessoa entregue o ser, a alma, o coração e a cabeça sem saber se haverá uma recompensa no final” [...] “Isso significa que nunca mais haverá outro romance de Paul Auster?” pergunta o repórter. “Não quero afirmar categoricamente, mas não sei se tenho a força necessária para escrever” (Jornal *El País*, Lago, 3 de setembro de 2017).

Lendo essa entrevista de Paul Auster, pensei que me sinto da mesma maneira exercendo a psicanálise. Entregando o ser, a alma, o coração e a cabeça sem saber se haverá uma recompensa no final. Talvez pretensão minha, exagero meu, não sei, julguem-me vocês. Mas tem momentos que me pergunto se serei capaz de chegar ao fim do dia suportando tamanha exigência. Tanta vida lá fora! O que me leva a prosseguir em um ofício que, para ser bem feito, requer tamanha coragem moral?

Quando julgamos já ter esgotado as reservas, algo de novo se apresenta e nos informa que ainda não foi suficiente.

Do tempo de minha análise de formação guardo uma recordação que condensa todo esse período. Um dia, deitado no divã de minha analista, lembro de mim chorando e dizendo-lhe, e assim dizendo-me, que não sobraria nada de mim. Pelo menos daquele “mim” idealizado que eu levava para análise. Parecia que tudo seria arrancado de mim. E de certo modo, o foi mesmo. Vivo do que sobrou; do que sobrou, reconstruí minha vida e me tornei psicanalista.

Será que hoje teria a força necessária para enfrentar a formação psicanalítica e toda a exigência de reviramento que ela requer? Isto porque, não nos enganemos, formação significa este reviramento do corpo e da alma. Esta coragem moral me foi fundamental no momento em que me dispus a acompanhar candidatos em suas formações, uma vez que, como todos podem supor, acompanhar um candidato em sua formação significa refazer a nossa própria formação.

No fim da década de 70, no Rio de Janeiro, quando comecei minha formação psicanalítica, eu conheci pessoas que venderam apartamentos para fazer suas análises em Londres. Também conheci pessoas que dispuseram de seus bens para fazer formação psicanalítica em Paris. Freud utiliza a figura do pintor que sacrifica seus móveis ao fogo para aquecer seu modelo, para se referir ao que um psicanalista tem que dispor para manter-se psicanalizando.

Algumas outras pessoas, mas aí já recorrendo à literatura, decidiram tratar seus tumores malignos apenas com psicanálise. No final da década de 50, nos EUA, Marilyn Monroe assinava seus contratos com os grandes estúdios avalizada por seu analista. Ele era o responsável por levá-la à gravação nos horários combinados, assim como também era ele quem determinava as cenas que ela poderia e não poderia rodar. Seu nome: Dr. Ralph Greenson. Não, ele não era um tolo. Era um psicanalista que trabalhava na “época de ouro” da psicanálise

nos EUA. Ali, na psicanálise, residia a solução para todos os males do corpo e da alma. Ele não poderia falhar sem que se pusessem em questão os limites do método.

Como tampouco nenhuma das pessoas citadas acima são tolas.

Na contrapartida de todo este investimento havia uma esperança autorizada pela época, isto é, o encontro e o reconhecimento do si mesmo como pré-condição para a entrada ao apaziguamento e à resolução de toda a angústia. Entendamos, sem nenhuma ironia, que se as pessoas investiam em suas análises e na formação psicanalítica era porque acreditavam que teriam em troca seus sonhos mais íntimos realizados. Assim como cada um de nós continua fazendo, apenas talvez um pouco mais advertidos pelo tempo.

A nos diferenciar, portanto, o tempo. O tempo e aquilo que faz girar com ele.

O próprio Freud, na célebre carta de setembro de 1897, diz não acreditar mais em sua neurótica e nos revela esta expectativa e sua consequente desilusão.

A expectativa de fama eterna era belíssima, assim como a riqueza certa, independência completa, viagens e elevar as crianças acima das graves preocupações que me roubaram a juventude. Tudo dependia de a histeria funcionar bem ou não. Agora posso voltar a ficar sossegado e modesto e continuar a me preocupar e a economizar. [...] Tenho acrescentar mais uma coisa. Neste colapso de tudo o que é valioso, apenas o psicológico permaneceu inalterado. O livro sobre o sonho continua inteiramente seguro e meus primórdios do trabalho metapsicológico só fizeram crescer em meu apreço. É uma pena que não se possa ganhar a vida, por exemplo, com a interpretação dos sonhos! (p. 267)

Permitam-me um pouco de história. É o ano 1897 e Freud já conseguira descrever alguns dos mecanismos fundamentais da histeria. Escreve a seu confidente, W. Fliess, sobre seus sonhos de fama e fim de quaisquer dificuldades financeiras somente com a aplicação de seu método. Em linhas gerais, trata-se de um acontecimento traumático datado historicamente, ou seja, de um fato acontecido na vida de um indivíduo, que em virtude de sua intensidade e de sua carga conflitiva, não permitiu ao sujeito ab-reagir. Isto é, encontrar meios de descarga da tensão causada pelo acontecimento. Em consequência da impossibilidade de descarga este afeto fica estrangulado ali, naquele nó, impedindo a passagem da energia psíquica. Uma vez estrangulada a principal via de acesso, formar-se-á uma rede auxiliar, substitutiva, por onde a energia passará a trafegar. A essas formações substitutivas chamaremos sintomas, e a terapêutica eficaz será aquela que reconduzir o doente à cena traumática de forma a fazê-lo reviver o trauma, e consequentemente liberar a via estrangulada, tornando desnecessária a via substitutiva. Ou seja, uma vez que o doente lembre a cena do trauma desaparece o sintoma. O exemplo paradigmático é o da mulher que se condenando por ter tido relações sexuais passa a mancar de uma perna, denunciando assim seu “mau passo”. Como veem, processos mecânicos, razoavelmente simples, onde a presença e subjetividade do médico apenas interferem para garantir a legitimidade da terapêutica.

Freud tinha toda a razão em prever sucesso e fortuna, não fosse o fato de as histéricas mentirem. Este é o conteúdo da famosa carta de setembro de 1897 em que, desolado, ameaça desistir de tudo, face à constatação das mentiras das histéricas. Caía por terra a confirmação de seu método. Nada do que lhe afirmavam ter lhes acontecido se dera, e mais, aprende a escutar aquelas mesmas cenas contadas pelas fantasias de quase todos, inclusive as dele mesmo. Some-se a isto a verificação de que os sintomas desaparecidos através de seu método terapêutico reapareciam sob os mais variados disfarces, mostrando deste modo que o conflito que os motivava permanecia intocado.

Notem que essa frase “o colapso de tudo que me é valioso” (Freud, 1897/1986) se deve ao fato de que o acontecimento que serviria de contraprova para a confirmação de suas teorias era falso. Freud era deste modo radicalmente expulso do mundo das ciências naturais. Elas mentem.

Ao mesmo tempo, é por intermédio de seu desespero que o novo caminho se oferece para o desenvolvimento do que será o método psicanalítico, para a demarcação de um campo singular e próprio da psicanálise. “É uma pena que não se possa ganhar a vida, por exemplo, com a interpretação dos sonhos” (Carta de Freud a Fliess de 21/9/1897, p. 267), a parte de suas teorias que julgava a salvo do “colapso de tudo” por não se apoiar na necessidade de nenhuma evidência natural. Esse é o desespero que abrirá caminho para a psicanálise, ao fazer Freud debruçar-se sobre o inconsciente e suas leis de funcionamento próprio. Tais processos deixarão de ser privilégio dos estados mórbidos e passarão a dizer respeito à constituição do sujeito humano.

À toda época não corresponderá uma neurótica na qual não poderemos acreditar mais e que nos exigirá que vivamos apenas com um pedaço do que já imagináramos ter alcançado? Aquilo que, em um primeiro momento nos parecia pronto e acabado, nos escapa e se recoloca desde outro lugar, exigindo novos desenvolvimentos, quando não autocríticas duras de serem consideradas, jogando por terra nossas expectativas de fama eterna.

A questão que nos interessa, portanto, trata de como dar acolhimento a essa neurótica. Para tanto me farei acompanhar por Jacques Derrida e seu livro *Questão do estrangeiro: Vinda do estrangeiro* (1996/2003). Nesse texto, ele nos propõe o paradoxo contido no étimo *hostis* que tanto descreve o hóspede quanto o hostil (o inimigo). A proposição: “hospitalidade, hostilidade, hostipitalidade” resume e condensa o problema que decidimos enfrentar.

Dar hospitalidade àquele que ignora minha língua, meus valores, requer um conjunto de acordos sem o qual eu o tratarei como “bárbaro”. Ao mesmo tempo, a exigência destes acordos fere o imperativo de dar hospitalidade a qualquer um, sem lhe exigir sequer que tenha um nome próprio, um nome de família. Derrida o nomeia este outro sem nome, o estrangeiro absoluto. Dois compromissos que se opõem sem se excluírem, e que por isso mesmo, estarão em constante tensão.

Para dar acolhimento a qualquer um tenho que ser dono da minha casa. Mas não existe casa sem porta e sem janelas, aberturas que darão passagem aos estrangeiros. Derrida nos lembra de que um espaço para ser habitável, por ser um espaço íntimo, precisa de portas

e janelas: “Não há hospitalidade, no sentido clássico, sem soberania de si para consigo, mas, como também não há hospitalidade sem finitude, a soberania só pode ser exercida filtrando-se, escolhendo-se, portanto, excluindo e praticando-se uma certa violência” (p. 49).

Hostipitalidade parece adequado para reunir em uma palavra o paradoxo que o acolhimento de nossa neurótica nos impõe.

Como acolher este estranho?

As biografias assim como as correspondências entre os autores que estudamos sempre me fizeram bem. Nelas, aproximamos-nos quase que indevidamente, quase obscenamente, da cena onde a teoria se construiu e podemos ver com clareza as marcas de seu nascimento. Elas não nasceram prontas. Há conflitos, inconsistências e pretensões a serem enfrentadas, pois de outra maneira não viriam à tona. Não é extraordinário ouvir Freud lamentar não poder viver de interpretar sonhos? Naquele momento tratava-se de uma pequena parte do edifício que acabara de desabar: “o colapso de tudo o que é valioso”.

Hoje, me pergunto: Qual a neurótica de nossa época? Quais os sacrifícios que nos exige? E, mais ainda, a quem endereçar uma carta admitindo que não podemos mais “acreditar em minha neurótica?”.

Será que isso se deve a que faltam aos mais jovens a confiança, a coragem, a paixão que caracterizou nosso desejo de nos tornar psicanalistas? Eles desejam menos do que nós desejamos? Entre os mais próximos, e velhos, existirão ainda aqueles que quererão nos escutar? Tudo lhes parece tão estabelecido! Qualquer mudança parece-lhes um aviltamento do método, um apequenamento da formação.

A título de exercício me pergunto como reescreveríamos hoje a carta de 1897? Face ao que se apresenta à clínica como imposição, teríamos de sacrificar “tudo o que me é valioso”? Diante da exigência de tal renúncia, sobraria apenas uma pequena parte que não seria suficiente para viver a vida do que ela nos proporcionaria? Ou será que, face a mais de um século de produção fértil, não seríamos mais capazes de reconhecer uma tal neurótica e suas duras imposições? Diríamos que ela resiste e a nada renunciaríamos, nem nos postulados teóricos, nem na posição do psicanalista face à clínica, nem consequentemente na formação psicanalítica?

Em síntese, teríamos a honestidade de Freud, não só para reconhecer sua neurótica com todas as implicações que sua existência traz, mas também para proceder às renúncias por ela exigidas?

Como definir a identidade de um analista se qualquer resposta é contestada, quando não desmentida pelo exercício mesmo da psicanálise? Como poderiam os psicanalistas permanecer idênticos a si mesmos? Como poderia a psicanálise, logo a formação psicanalítica, permanecer idêntica a si mesma?

Salvo por curtos momentos, a história da psicanálise se descreve na história de suas crises seja pelo viés da psicanálise contra os psicanalistas sejam os psicanalistas contra a psicanálise.

Em outro texto, A clínica do possível (Calmon du Pin e Almeida, 2014), afirmei de forma provocativa a necessidade de livrar a psicanálise da psicanálise para a psicanálise. Constantemente. Insistentemente.

Permitam-me lhes contar coisas bem recentes referentes aos modelos de formação da IPA.

Na esteira das inúmeras discussões acontecidas em todo o mundo ao longo do tempo sobre a redução da frequência semanal das análises de formação, três sociedades, a saber, a Sociedade Italiana de Psicanálise; a Sociedade Espanhola de Psicanálise e a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, encaminham simultaneamente à IPA um pleito visando a flexibilização do modelo Eitington, reduzindo o número de sessões das análises de formação de 3 a 5 sessões semanais. O assunto é levado à reunião do Board da IPA que acata o pleito e propõe que seja levado à votação no congresso em Buenos Aires.

Logo em seguida recebemos uma carta da Dra. Catalina Bronstein ameaçando que a Sociedade Britânica se desligaria da IPA caso a votação do pleito acontecesse em Buenos Aires. O argumento: a questão não fora suficientemente debatida.

*To Stefano Bolognini, IPA President
To the IPA Board
11th July 2017*

Dear Stefano

Last Saturday we had our Society's AGM. I reported, among other things, on the proposal you are putting before the IPA Board to alter the IPA regulations concerning minimum training standards. You have already received a number of letters from concerned members of our Society.

After I spoke, a proposal was made from the floor. It asked that, on behalf of the members, the British Society opposed changes that were universally understood as ill-thought-through, underspecified and the result of inadequately consulted proposals. I want to say that in Britain, the raison d'être for the IPA is as the guarantor of standards that differentiate psychoanalysts from other practitioners and so constitutes us as a competent professional body. To make changes in this way and at this time has the potential to seriously damage psychoanalysis and the standing of the IPA in the UK, in Europe and in the world.

I had not expected such a strong position to emerge spontaneously at our AGM but it was certainly consistent with the views of our Education Committee, of the Executive and of the Board. I hope, therefore, that this letter and our view will be taken very seriously.

I would like to be clear that we are objecting not to changes in training procedures as such but to the way this proposal has been introduced and it is supposed to be voted on in Buenos Aires. If they are to be safe and enhance the reputation of the IPA and psychoanalysis, proposals for change, when they are made, should be based on proper process and argumentation.

We mean by proper process that a Board decision should follow decisions of an appropriately constituted technical committee and be supported by clearly argued and widely circulated documents laying out with the evidence why changes are recommended, what their effects are expected to be and how intended and unintended effects will be monitored. On a matter with such potentially major consequences, such a technical committee report would follow a sustained period of written consultation with training and education committees worldwide. Arguments about the potentially positive or negative impact of changes, in particular rules and procedures, on the possible future quality of graduating candidates' work and the wider reputation of psychoanalysis (as distinct from other related psychotherapies) would be evaluated transparently.

It is our view that to date nothing like a rigorous and serious process has been in place. I have heard only hearsay arguments about possible dishonest procedures (as you mentioned at The Hague) or hearsay arguments about threats and counter threats from societies who, apparently, want the changes made. This approach to setting training standards is not the way to build and enhance our profession and its reputation nor that of the IPA.

Feeling is so strong here about these points of process, that if the IPA Board takes a decision on this matter in Buenos Aires and so long as a proper process is not implemented we would be forced to reconsider our position in relation to the IPA.

I have been asked to send this letter to the Board of the IPA and to the Presidents and Directors of Training as well as more widely.

On the more positive side, should the IPA Board postpone what is a premature and precipitate decision, I have been asked to say we would support (and encourage others to do so) both IPA and EPF taking a major and urgent initiative to use our collective strengths to consider the underlying concerns that are being raised by all this debate and to work constructively towards a more satisfactory set of proposals that could address them.

I hope that your deliberations at the forthcoming Board will meet out concerns.

*With best wishes
Catalina Bronstein
President, British Psychoanalytical Society*

Respondemos à carta da Dra. Catalina Bronstein:

Existem pacientes para os quais a psicanálise foi inventada e aqueles para os quais ela tem de se reinventar.
Jacques André

Sirvo-me da epígrafe para propor uma analogia: assim como para certos pacientes temos que reinventar a psicanálise, para as mudanças impostas pelo mundo contemporâneo temos que reinventar nossas instituições e nossos processos.

Impossível sermos apenas os mesmos psicanalistas de 50 anos atrás! Nem nossas instituições!

Diante da violência com que nos sentimos interpelados pela carta assinada pela Dra. Catalina Bronstein, em nome da Sociedade Britânica, não posso deixar de me manifestar, em meu nome próprio, em nome do Instituto e do conselho diretor da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (Rio2), inteiramente contrário ao que nos foi proposto pensar.

Ao sugerir que as razões que fundamentam as mudanças sejam exaustivas, isto é, que exauram as razões e as consequências das mudanças pleiteadas, a Dra. Bronstein apenas expressa sua opinião contrária às mudanças.

O que é legítimo.

O que não nos parece legítimo é exigir razões exaustivas para justificar as mudanças pleiteadas. Tal pretensão serve apenas para imobilizar qualquer movimento de questionamento e de mudanças tão exaustivamente debatido nos últimos anos e nos mais variados forums.



Eu lhe pergunto, Dra. Bronstein: Quais as razões profundas que movem as mudanças vividas ao longo da História? No momento em que acontecem, sabemos delas com a exatidão que a doutora nos propõe dever saber?

Quanto tempo para virem a ser interpretadas, jamais esgotadas?

Nossas insatisfações, angústias do cotidiano da prática de cada um de nós, assim como preocupações advindas do exercício da vida institucional, serão apenas razões superficiais e, portanto, não devem ser tomadas em consideração?



Concordo com Robert Musil e o cito: “A causa profunda de todas as grandes revoluções não está no progressivo acúmulo de condições insuportáveis, mas no desgaste da coesão que apoiava o contentamento artificial das almas” (1930 [1943]/ 1989, p. 376).

Aos olhos da referida carta, nossas razões são e não terão como deixar de ser superficiais.

Deste modo, dispostos a aceitar qualquer que seja o resultado das discussões em Buenos Aires, nós reafirmaremos o que nos provoca a pleitear as referidas mudanças no setting: a adequação da formação psicanalítica à realidade, ao mundo contemporâneo, assim como a necessidade de “reinventar a psicanálise para certos pacientes”.

Atenciosamente,

Miguel Calmon du Pin e Almeida.



Coube ao então presidente da IPA, Dr. Stefano Bolognini, encaminhar uma resposta formal e firme à Dra. Bronstein.

To: Catalina Bronstein, President of the British Psychoanalytical Society
From: Stefano Bolognini, President of the International Psychoanalytical Association

Dear Catalina

Thank you very much for your most recent letter, which I read with much interest. I know you have also sent it to all the Directors of Training and others who are registered for the IPA Listserv.

I wanted to start my reply by emphasizing, again, that the proposal to vary the frequency standard in the Eitingon Model is not my proposal: it was formally made by a number of IPA societies (including two European societies), and it is a matter that will be considered and determined by the IPA Board.

After reading your letter I think no-one could now be in any doubt as to the position adopted by the British Society: that the British Society considers the proposed broadening of the minimum standards set out for the Eitingon Model – from “4 to 5” to “3 to 5” – to be of such a profoundly negative importance that, if the variation is agreed by the IPA Board in Buenos Aires later this month, the British Society may decide to withdraw altogether from the IPA. I wanted to say two things about this.

Firstly, I am frankly unhappy that you have chosen to present this extreme position.

In my view, this is a profoundly antidemocratic proposition: as the IPA Administration, we accept all criticisms and disagreements, but we cannot accept any kind of coercive pressure from any of our Societies. We know that many of the parties in these discussions feel extremely strongly – even passionately – about this issue, but we would like all parties, no matter what their views, to conduct the debate in a fair and measured way.

Secondly, and while I imagine it is obvious, I should write my view that if the British – or any other society – chose to remove themselves from the IPA it would be a great pity for all concerned, and it would damage psychoanalysis, its institution and its image, far more than any agreed or disagreed change.

The IPA was established by Freud himself precisely to hold together different ideas about psychoanalysis from around the world. It seems to many colleagues, including me, that the variation being proposed is important, regardless of whether you consider it positively or negatively, but much smaller than the variations between the existing three models that have already been accepted by the IPA.

Paradoxically, while as analysts we all declare at every congress that we expect our patients to change, we seem all too frequently to be reluctant to do that ourselves; and also the emphasized principle to recognize “the other” and to respect and give room to its otherness raises, in fact, fierce rejection in many cases.

The proposal is based not only on one aspect (economic factors), as is at times reductively sustained by its opponents, but also on clinical, theoretical, political and historical realities that I won’t reiterate here: they have been clearly presented by the proponent societies in their documents, and all societies had the opportunity to express their agreements or disagreements, and their reasons for that.

The implementation of the institutional process is now up to the IPA Board, as our Rules state, and my role as President is to ensure that process is respected and correctly followed.

Our Board must consider opinions and representations from all our societies – including the British Society – and it must then make a decision which it believes to be in the best interests of psychoanalysis. If we were to allow one or more societies to have too great an influence over this process – either by forcing it through, or by forcing an endless postponement – it would overwhelm democracy in the IPA. We have to guarantee an institutional situation where all societies are equal in their influence and the procedural rules are respected and followed.

It is clear that the proposal being put to the IPA Board is an enabling proposal: it does not require the British Society – or any other IPA society – to do anything different from that which it is currently doing. But it would enable all our societies, after due consideration, to adopt a different approach if they felt that was needed.

One of the sources of inspirations for this approach has been the incorporation of the William Alanson White Institute into APsA and, hence, into the IPA (APsA is not required to follow the IPA’s minimum training standards). The William Alanson White Institute is world-renowned for the rigour of its training programme but utilizing a minimum frequency of 3 times a week. It is true, of course, that the William Alanson White also uses other variations to minimum standards, including increasing the number of training cases. And it is precisely this flexibility that the IPA is considering making available to all societies, not just those that are part of the APsA family.

We trust our IPA societies and our IPA psychoanalysts to make decisions which are carefully considered, and which are in the best interests of this profession we all love.

Just as the IPA recently updated our Ethics Code, which provides minimum ethics standards that all IPA societies and analysts must adopt, there are some societies – including your own – which have chosen to hold their members to even higher standards. One cannot but applaud this diversity, which is part of what enables the IPA to have

MARIA MAFURANA CARDENAL, (a) La Negra, Compañera de la Raquel Lara, operan juntas y tienen muchas defensoras: Bor Luff, tos, Opera en Valparaíso, Santiago y Los Andes.



thrived for more than a century, adapting from what was right, proper and feasible in the time of the pioneers, to what is right, proper and feasible in the 21st Century.

I would like to add one more observation. The Board is currently being asked whether it agrees in principle with the proposed variation. If it is agreed, the detail of how it would work in practice would then be a matter for the next Administration and Board. I expect that the next Administration will take the issue seriously, whatever the outcome of the Board's decision may be, and will find the path to ensure that the IPA will be integrated and unified behind psychoanalysis as we move further forward in the years to come.

*Warmly
Stefano*

A votação em Buenos Aires aconteceu. Seu resultado foi 18 a 4 em favor do pleito pela flexibilização do modelo Eitingon; mas, a discussão não terminou.

Alguns membros da IPA continuam contestando e não reconhecendo o resultado da votação pelo Board da IPA.

Os representantes que votaram favoravelmente foram acusados de não terem permitido que as sociedades discutissem suficientemente as modificações. Quando muito teria havido uma coalização de lideranças, mas, aqueles que mais contribuem financeiramente para a IPA, isto é, os europeus que correspondem aos quatro votos contrários, não foram consultados nem levados em conta. Mais ainda, a autoridade do Board foi posta em questão, uma vez que os assuntos de formação tinham que ser resolvidos por diretores de institutos e não por membros do Board. Foi proposto até um plebiscito para ratificar ou retificar a decisão do Board.

Há pouco uma carta do Dr. Bill Glover pareceu-me resumir o momento:

O fator decisivo em meu voto é a crença de que nós temos que ter condições de acolher na IPA as inovações que se acrescentam aos nossos princípios básicos uma vez que eles ganham certa consistência. O Board está considerando o melhor para trabalhar com as organizações componentes para aplicar estas mudanças, incluindo prover outras formas de apoio institucional para aqueles que querem continuar com a frequência tradicional. Flexibilidade nos standards da formação tem sido chamado de “slippery slope” (escorregar ladeira abaixo). Talvez não seja uma frase feliz, mas eu penso que a flexibilidade de 3-5 sessões pode igualmente ser uma “inspiring incline” (uma inspiradora ladeira acima).

*Bill Glover,
North American representative, IPA Board
Councilor, APsaA Executive Council
Past-Chair, Psychoanalytic Education Division, San Francisco Center
for Psychoanalysis*

Interessante pensar a contradição entre ladeira abaixo de alguns poucos e ladeira acima, para muitos. Pelo menos no Board da IPA, 18 votaram ladeira acima e apenas 4 votaram ladeira abaixo.

As discussões continuam. Duros embates ainda estão por acontecer. Mas, não duvido nem por um segundo que o futuro da psicanálise está sendo jogado neste combate. Há aqueles que, por se sentirem em casa, lacram portas e janelas julgando que assim se sentirão mais seguros e resguardarão seus tesouros dos saques dos bárbaros. Não os condeno, apenas discordo deles fortemente. Sei pelo que brigam e se empenham tanto. Eles creem que somente dessa maneira sobreviverão. Por outro lado, temo que terminem falando um dialeto apenas reconhecido por uns poucos. Mas, quem sabe isso não os deixe contentes? Uma língua somente para uns poucos.

Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 2017.

Embora julgasse já ter concluído meu texto, vejo-me diante do desejo de reabri-lo a fim de dar continuidade às ameaças feitas pela Dra. Bronstein, agora sob a assinatura do Dr. David Tuckett e mais 12 assinaturas.

Deixo a cada um de vocês a leitura do comunicado feito por este grupo ao Board da IPA em 03 de janeiro de 2018.

*From: David Tuckett
To: Virginia Ungar.
Subject: European Meeting December 9-10*

*Dear Virginia,
As you know from Cathy Bronstein, I hosted a meeting of Eitingon training directors in Europe on the weekend of December 9/10 in London.*

At the meeting, we spent the first morning on a full, frank and stimulating discussion of the key elements in each of the represented society's own trainings (written details of which had been submitted in advance). We agreed that although there were some interesting differences between them on implementation, all the trainings were broadly comparable. There was particular agreement on the function and purpose within Eitingon trainings of 4/5 times per week frequency for personal analysis throughout training and the treatment of at least two supervised cases at that frequency.

On this basis (and also given that many of the societies present already have arrangements to have their training overseen by other organisations), those present thought their societies would be willing both to receive the benefit of oversight from other Eitingon model societies and to provide it in return. We then explored a proposal for a European-wide (Eitingon Model) system of monitoring and evaluation, underpinned by reflection and research, to validate psychoanalytic training conducted under Eitingon principles.

A declaration to form “the European Psychoanalytic Training Association” (EPTA) was signed. I append to this letter the provisional constitution for the organization along with the signed declaration. The meeting then chose a provisional executive. Its members are Marie-Ange Wagtmann (Danish Psychoanalytic Society, Hon Sec.), Claudia Frank (German Psychoanalytic Association), Anneli Larmo (Finnish Psychoanalytic Society), Elisabeth Skale (Viennese Psychoanalytic Society) and myself, David Tuckett (British Psychoanalytic Society), as Chair.

You will realise this development follows months of expressed concern from European Society presidents. We know the Task Force you created to implement the July resolution is still having discussions but

their recent document makes clear (a) that the IPA has approved changes to the meaning of what the Eitingon model practiced in most of Europe actually means, which are not acceptable to the Directors of many of those trainings, and (b) that, to date, no further definition nor external monitoring and evaluation of changes societies may make (of the kind offered by EPTA) is, apparently, to be required when implementing them or afterwards.

Attached: December 10th Declaration and EPTA Provisional Constitution.
Professor David Tuckett.

Em 07 de janeiro de 2018, lemos a resposta formal e firme do Board ao comunicado do professor Tuckett.

To the Presidents of all IPA Component and Provisional Societies and the Regional Association
Copied to the IPA Executive Committee, Board, Chairs of ING and Psychoanalytic Education Committees, Presidents of the Regional Federations, European Directors of Training.

Dear Presidents

We know that about 12 IPA members met in London last month, brought together by David Tuckett, to discuss the creation of a new psychoanalytic organization and to propose a new way of having oversight of Eitingon training.

On 5th January the IPA's Executive Committee discussed this initiative. We will be having a full discussion with the whole IPA Board of Representatives during the meeting that will take place next week (13-15 January) but, in the meantime, we wanted to write to you with our views:

It is important to clarify that this new organization is not supported by the IPA. Moreover, even if David Tuckett has stated in an email that the President of the IPA strongly supported his initiative about a meeting to discuss training principles, it is simply not true that Virginia Ungar supported either the specific meeting that he convened or the proposals they have now developed.

As you know, in July last year the IPA Board of Representatives decided to enable societies to vary the frequency in the Eitingon training model (the new standard is 3-5 times per week, rather than the previous 4-5). Subsequently, at the first meeting of the Board of Representatives under the Presidency of Virginia Ungar, it was agreed to establish a Task Force to handle the translation of that decision into a practical reality.

The Task Force has already completed Phase 1 of its work, and has made recommendations that will be discussed by the Board of Representatives next week; these recommendations primarily cover the way the decision should be reflected in the IPA's Procedural Code, and a more detailed outline of the work to be undertaken in Phase 2. Assuming the Board agrees, Phase 2 will look specifically at issues relating to oversight, and to reviewing the process for assessing the standards of any existing non-IPA groups who may wish to join the IPA.

The IPA's Executive Committee has already spent some time considering a new approach to oversight, one which respects IPA societies by being based on collegial principles, but which also offers opportunities for best practice to be shared internationally, which works across all training models, and which provides appropriate assurance of quality standards, without being bureaucratic or oppressive.

The IPA is, of course, perfectly happy for any members to get together and discuss issues and concerns. But while it is one thing to do that within our institutional framework - consulting with members and societies on the development of policies which would have a profound effect on one or other parts of our work - in our view it is not acceptable that any group takes for themselves the functions which are already established as part of the IPA's work, set out in our Rules and our procedural Code.

If the IPA Board of Representatives next week adopts the proposed changes to the wording of the IPA Procedural Code, the variation in the Eitingon model will be immediately available for all IPA societies.

If the same Board meeting approves the proposed way forward on Phase 2 (oversight, and applications by existing non-IPA groups), we imagine the intention of the Board will be to have an interim report by the middle of 2018, and a final report by the start of 2019 - although as the IPA is a democratic organization we should emphasize that these matters are, of course, for the Board to decide. If that timetable is agreed, it means that non-IPA groups who would be eligible to apply for IPA membership under the variation in the Eitingon model could do so after the Board establishes the date. Of course, they would then need to go through the established system of the ING - the current system through ING, as an example, generally takes 3 to 5 years.

Finally, we wanted to add that the IPA Task Force will of course be entitled to examine the negative effects that the variation could cause to Eitingon societies that will keep their frequency at 4-5, and to propose what measures they think would be best to deal with this issue. The Task Force will have the resources of the IPA Administration and our staff, as well as input from all society Presidents and Directors of Training, and IPA members. It would seem wasteful - and divisive - to have a small sub-set of members examining this area for themselves.

The IPA already has its own democratic structure that can take care of necessary tasks and there is no need for external bodies to do the work. Moreover, as you know, in a moment when we see so much division and intolerance in the world, our main effort should be to keep the strength and integrity of our Association.

Warm regards

IPA Executive Committee:
Virginia Ungar, President
Sergio Nick, Vice President
Andrew Brook, Treasurer
Giovanni Foresti, European Representative
William Glover, North American Representative
Sergio Lewkowicz, Latin American Representative

Concluo meu texto como uma reportagem. As discussões neste momento me parece que tomam um rumo bastante distante daquele que a flexibilização do modelo Eitingon poderia pressupor. Mais uma vez, estamos diante da pretensão de separar a "boa" psicanálise da "má" psicanálise e, repetindo insistentemente o que gerações de psicanalistas afirmam de várias formas, temos de livrar a psicanálise da psicanálise para psicanálise reescrevendo mil vezes, tantas quantas forem necessárias, a corajosa carta de setembro de 1897 de Freud a Fliess.

Rio de Janeiro, 08 de janeiro de 2018.

aulatino desde el centro (fig. 77). En la pintura una



Figura 77
Diagrama de la extremidad de un animal vertebrado.

Resumo

A psicanálise está envelhecendo? A população de psicanalistas da IPA, certamente, está. A tomar a experiência sensível dos últimos congressos, a situação é visivelmente preocupante. Ao entrar nas salas de conferências somos recebidos pelo mar de cabeças brancas ou calvícies que predominam por todo o lugar. Onde estão os jovens?, é a pergunta que nos invade. O que isso quer dizer? Quer dizer que, na constante e insistente luta entre as necessidades da tradição e os apelos por mudanças, a tradição tem predominado e mantido sua fidelidade a si mesma? Que ao exigir absoluta conformidade a seus modelos, impede a renovação de seus quadros e de seus processos? Consequência imediata junto com seus membros: não será que a IPA também está envelhecendo? Esse trabalho pretende acompanhar, ao estilo de uma reportagem, a recente discussão pelo Board da IPA sobre o pleito pela flexibilização do modelo Eitingon.

Palavras-chave: *Psicanálise, Transformações, Envelhecimento.*

Candidatas a palavra-chave: *Tradição, Mudanças institucionais, IPA.*

Abstract

Is psychoanalysis aging? The colleagues of IPA psychoanalysts certainly is. Taking the sensitive experience of the last congresses, the situation is visibly disturbing. When entering the conference rooms we are taken by the sea of white heads or baldness that predominates all over the place. Where are the young? It is a question that invades us. What does that mean? That in the constant and insistent struggle between the needs of tradition and the calls for change, has tradition prevailed and maintained its fidelity to itself? That by demanding absolute conformity to its models, it prevents the renovation of its frames and its processes? Immediate consequence, along with its members, is not the IPA also aging? The work intends to follow in the style of a report the recent discussion by the IPA Board about the suit for the flexibilization of the Eitingon model.

Keywords: *Psychoanalysis, Transformations, Aging. Candidate to keywords: Tradition, Institutional changes, IPA.*

Referências

- André, J. (2009). L'événement et la temporalité: L'après-coup dans la cure. *Revue française de psychanalyse*, 73(5). Recuperado de <https://www.cairn.info/revue-francaise-de-psychanalyse-2009-5-p-1285.htm>
- Lago, E. (3 de septiembre de 2017). Paul Auster: "Não sei se tenho forças para escrever outro romance". *El País*. Recuperado de https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/29/cultura/1504021967_363735.html
- Calmon du Pin e Almeida, M. (2014). *A clínica do possível*. (Trabalho apresentado na Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro).
- Derrida, J. (2003). *Questão do estrangeiro: Vinda do estrangeiro*. Em A. Dufourmantelle e J. Derrida, Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade. São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1996).
- Freud, S. (1986). Carta 69 de 21/09/1897. Em J. M. Masson (org.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess* (p. 267). Rio Janeiro: Imago.
- Guyomard, P. (1996). *O Gozo do trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1992).
- Musil, R. (1989). *O homem sem qualidades*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1930).
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-



Yubiza Zárate*

Sobre desconstruções e transformações no trabalho psicanalítico

O trabalho psicanalítico tem como fundamento a desconstrução e transformação dos nós sintomáticos que afetam a psique do sujeito para que tenha acesso a uma maior liberdade de ação pensada e menor mal-estar em sua existência. Com o passar do tempo os conceitos que Freud inaugurou, foram investigados detalhadamente por psicanalistas contemporâneos e foram construídos novos conceitos sucessivos, que

* Asociación Psicoanalítica Chilena.

evidenciam uma função específica daqueles descobertos por Freud. Por isso, as novas versões conceituais continuam tendo algum vínculo com a raiz conceitual a partir da qual foram criados e publicados. Existe atualmente, ainda em debate, a pesquisa psicanalítica sobre se o espectro autista é uma quarta estrutura, observando-se o modo de proceder e a aproximação ao mundo de pessoas diagnosticadas dentro desse espectro, para diferenciá-lo da estrutura psicótica, à qual foi atribuído como pertencendo, por muitos anos. Neste século da pós-modernidade, se fala de desconstrução e transformação para destacar o processo que ocorre na mente da díade analítica e sua comunicabilidade. Presta-se atenção ao processo de vinculação e desvinculação de pensamentos, e sua transformação em expressões comunicáveis. O avanço na pesquisa da psique também transformou a teoria da técnica, que ressaltou a relatividade da interpretação do fenômeno observado, pois esta está determinada pelo vértice de observação de quem é o objeto da repetição transferencial, ancorada em alguma singularidade real do analista como sujeito. Isto torna significativo o onde, o que e o para que se observa e interpreta, por conseguinte, a verdade analítica desvendada também é relativa, pois responde a um cenário onde sujeito/objeto e situação se desdobram em tempo e espaço. Então, poderia se pensar que a desconstrução analítica é um emergente que depende da psique do analista, e a transformação que este realiza é uma construção em um espaço e tempo analíticos, o espaço que conformam analista/analisante, com a finalidade de que a interpretação leve a novas transformações.

Este trabalho aplica os conceitos de desconstrução e transformação ao processo psicanalítico realizado com uma paciente a quem chamarei de Milena. A ênfase neste trabalho é “o trabalho do negativo”, que se manifesta na encenação da autodestrutividade para um outro, repetição compulsiva que afetou o *self* em sua liberdade de ação pensante, devido a um sem sentido que é colocado em cena. Penso que se coloca em ato para ser significado, mas tem um a mais de impacto de gozo mortífero que se articulou a partir do fato de, desde muito cedo na infância, ter que lidar com atos suicidas da mãe, que lhe geravam, por um lado o terror, e por outro a ativação dialética da onipotência/impotência que entram em jogo neste ato suicida. É um evento que desorganizava o *self* em construção de Milena, e que agora, adulta, continua desorganizando, pois foi adicionado o trauma pelo suicídio da irmã; sombras que caíram sobre o eu impedindo que o *self* se distancie pela perda e advogue sua sobrevivência. Este apego do eu com objetos mortos-moribundos, está relacionado com processos narcisistas, onde o eu em seu reflexo especular se percebe indiferenciado dos objetos identitários: mãe e irmã, o que impulsiona Milena a procurar também sua morte. Será esta repetição, a manifestação do desejo materno mortífero que impele à desconstituição da identidade primária de Milena; e/ou é uma expressão da luta constitutiva do eu para emergir da fusão objetual primária? Esta repetição no trabalho analítico, em parte poderia ter a intenção de ao tomar o controle egoico de seu aspecto tanático, diferenciá-lo do desejo mortífero do objeto primário.

A luta entre forças vitais e destrutivas em Milena, no início da análise tinha um predomínio destrutivo: em algumas ocasiões inclinava-se para a sobrevivência, mas de uma forma agônica, confundindo-se

alucinatoriamente com as imagos suicidas, mostrando um estilo sadomasoquista em seu trabalho; e em outras ocasiões procurava calar o padecer desinvestindo o *self*/objeto o que resultava em um “deixar de existir”, onde dor e existência eram indissociáveis. Em palavras de Green (2001), o narcisismo de morte “tenderia a zero, ou seja, à auto-aniquilação do sujeito” (p. 306). Este mecanismo, juntamente com a presença de outros em seu funcionamento, como a negação, cisão, identificação projetiva, se propõe a poupar a consciência da tensão dolorosa que impõe automutilações aos processos de pensar. No entanto, o fato de Milena questionar-se por seu pesar agônico, por o que ela teria para atrair os loucos que a aterrorizam e fascinam ao mesmo tempo, possibilitou que se instalasse o dispositivo analítico.

Bion (citado em O’Shaughnessy, 1981/1994) em sua teoria das transformações, seguindo os princípios de Freud, propôs que tanto o princípio do prazer quanto o da realidade, como os instintos de vida e os instintos de morte são os dirigentes da vida psíquica. Para este autor, as chaves da sessão são a observação do movimento de L, H ou K, e depois decidir qual destes movimentos é o centro da interpretação. As perguntas que direcionam a sessão são: 1. O material que está emergindo na sessão é expressão da ansiedade, é uma defesa contra L, H ou K? 2. Se K é quem predomina, que forma de K é? A forma pode mostrar se a pessoa está se esforçando por conhecer ou está muito ansiosa para pensar. Se assim for, estamos frente a K. Se a pessoa está demolindo sua experiência, estamos frente a (-K). Se a pessoa vive em um estado de ilusão, ou em seu mundo criado sem a possibilidade de pensar, então estamos frente a (Não K). Esta seria uma forma de conceber o processo analítico mediante o desconstruir que ocorreria na mente do analista que escuta com atenção flutuante o discurso do analisante, para determinar por intuição o fato selecionado e depois transformá-lo em uma interpretação que organiza os elementos de uma forma criativa.

Na verdade, tanto o analisante como o analista comunicam transformações por meio da identificação projetiva comunicativa. O analista ao conter a identificação projetiva e desconstruí-la, permite devolver uma transformação que produza compreensão no analisando. Este pode associar outros elementos com o recebido, a tal ponto que o transforma e produz uma cadeia de transformações que lhe permite ter acesso ao centro da problemática inconsciente e assim poder elaborá-la. No entanto, se a interpretação gera resistência no analisante, pode desembocar em uma não compreensão que pode produzir um *impasse*, uma ruptura no vínculo de pensamentos. Existem diversos tipos de transformações: as de movimento rígido, as projetivas, as em alucinação, além das transformações em K e (-K) e em O. Estas transformações podem se concentrar em espaços psíquicos heterogêneos, caso se considere a psique composta por estruturas nas quais, em seu interior, ocorram cisões. As cisões do eu marcam realidades em paralelo; talvez sejam as mais difíceis de elaborar analiticamente, na medida em que implicam processos narcisistas que desmentem a constituição do eu real, persistindo em sua fixação ao narcisismo primitivo correspondente à identificação primária ideal passiva, “ser para o outro” (Marucco, 1998).

Muitos teóricos aproximam este processo de transformação que ocorre em uma sessão analítica ao trabalho do sonho, no sentido de que

existe um conteúdo manifesto e um latente com suas próprias leis que permitem desconstruir o que mascara a formação sintomática, que poderia se equiparar ao que Derrida denomina “marca dupla” ou duplo laço, onde entra em ação uma desierarquização do significado, para desvendar a verdade obscura. Não obstante, que sinais mostra o que ainda não tem representação? Principalmente, quando a luta entre aspectos cindidos do eu se manifesta em uma sensação dolorosa corporal.

O conceito de desconstrução foi inicialmente proposto por Heidegger e depois desenvolvido por Derrida. Este filósofo argelino em conversas com Caputo (2004) expôs a ideia de que desconstrução implica análise do processo do pensamento de quem escuta ou lê com atenção, com o propósito de desarmar algumas estruturas rígidas ou dogmáticas, revelando a tensão, a contradição, a heterogeneidade em seu próprio *corpus*. A desconstrução, diz Derrida, “é algo que ocorre no interior de quem escuta com atenção”, é “um trabalho de ação” (citado em Caputo, 2004, p. 6), é do estabelecido que irrompe o disruptivo que demanda uma nova ordem ou organização. Ao se considerar o processo de pensamento de quem escuta um material, é possível que se atente ao contraditório, ao que configura e desconfigura o processo de pensamento ligado à ética do discurso. Não obstante, esta descrição de Derrida não deixa claro se o processo ocorre por intuição ou é um processo inteiramente reflexivo-estratégico ou argumentativo de análise. Penso que a diferença estaria em que o psicanalista consegue compreender o conteúdo inconsciente de seu paciente por meio da intuição pelo vínculo transferencial. A psicanálise tem como objetivo a transformação do que persiste em se repetir como um texto que se encena, que demanda ser construído, para que o oco irrepresentável deixado pelo trauma possa ser integrado à rede simbólica e de liberdade para pensar. A partir desta base teórica apresentarei meu trabalho com Milena.

Trabalho psicanalítico

Milena, é uma mulher profissional liberal de aproximadamente 35 anos, impressiona por seu funcionamento psíquico no limite da vida/morte; este é um limite confuso que evidencia o drama primário *in video* que se repete, porque ficou marcado na psique de Milena como uma fixação de atração/terror em relação à morte. O drama materno que marca sua existência desde muito cedo em sua infância, são as repetidas tentativas suicidas de sua mãe, e a ação salvadora de Milena ajudada por sua irmã mais nova, e onde o pai é o grande ausente. Na idade adulta, sendo já uma profissional, ocorre que a irmã foi morar em outra cidade, e no mesmo dia em que falam por telefone sobre projetos futuros, durante a tarde, Milena recebe a notícia de que a irmã havia se suicidado. Esta situação de vida é a que marca sua história; parece que Milena esta sempre na encruzilhada entre um viver e um morrer, sem poder se apropriar de “sua vida”, mas que ela é um penar¹, uma dor profunda e intensa que insiste em ultrapassar os limites

1. M. Klein propõe usar penar para referir-se ao temor de perder os objetos amados e a ânsia de reconquistá-los (1940).

toleráveis da contenção corporal e mental que transfere à mim, sua analista e perturba o pensar, inundando meu corpo de uma tensão dolorosa impensável por certos momentos. Sob esse padecer, as escassas palavras de Milena não expressam a emocionalidade vivenciada, que imagino como um jato que flui e rega todo o espaço; torna-se pouco possível materializar com a interpretação um tipo de torniquete para que ela e a situação analítica não escorram por completo.

A primeira etapa da análise se caracterizou pelo silêncio, o pranto e o humor depressivo de Milena, colocando continuamente a dúvida pessimista de seguir ou não com a análise, queixando-se de sentir que não “melhorava”, e mais ainda, em suas palavras, “piorava sua dor ao entrar em contato com o morto”. Este colocar em xeque a análise se figurou como o ato ou tentativa suicida desta, onde encena a autoridade de matar o vital da análise, assim como o faz com sua vitalidade. Perguntei-me então, se havia transferido a situação traumática infantil à análise, como um ato de repetição do sem sentido da tensão entre o mortífero e a frágil vitalidade. É um colocar à prova continuamente a capacidade de contenção da análise, como se requeresse transferir a situação total de sua vivência primária e ao mesmo tempo duvidar da fortaleza vital da contenção.

Nesse tempo, a análise se assemelhou ao trabalho com crianças, onde o fundamental é criar o espaço vincular de contenção dos elementos psíquicos, nomear a emoção que irrompe como um real para em seguida, juntas, transformá-la em algo pensável. Percebi que no transcorrer de seu relato-ato ocorria sempre a mesma configuração, em repetição, como se estivesse se colocando em cena o evento ocorrido há 5 anos, a morte de sua irmã; ao mesmo tempo irrompia um texto em minha mente que configurava a contrapartida dessa repetição; ou seja, dois textos simultâneos que poderia exemplificar com a imagem da figura e fundo. Um texto inconsciente que persistia em se mostrar, como uma nova teoria do evento.

Minha interpretação me parecia violenta para aquela Milena que em seu consciente estava convencida de sua teoria construída, como uma programação executada. A pergunta que emergia em minha mente era: como tecer no vínculo esta nova teoria que sua mente ocultava no inconsciente, mas que já se manifestava pela tensão entre a palavra perdida ou dissociada e a emoção que brotava? Ou deveria irromper na consciência com este novo texto, sabendo que desorganizaria seu funcionamento?

O fato selecionado que tecia suas experiências ao redor do oco traumático, era a fantasia de não ter previsto a situação que ocasionou o suicídio da irmã. Esta crença onipotente a fazia sentir culpa, roubando-lhe o direito e a liberdade de organizar uma vida produtiva e prazenteira, talvez porque a emergência da culpa respondia a uma outra ordem, ao ocultamento dos componentes tanáticos existentes no vínculo com a irmã. Só a habitava o sentimento doloroso, agônico. Esse sintoma que invadia todos os aspectos de sua vida resultava desgastante por sua persistência em conduzi-la ao limite entre a vida e a morte, que se manifestava em acidentes circunstanciais. Seu estar no mundo mostrava a devastação egoica; perdia coisas sem maior preocupação e com indiferença, sofria quedas que a imobilizavam; o se deixar ir no desmoronamento mostra-

va a fragmentação de um corpo que fracassava em sustentá-la, como se esperasse passivamente que chegasse sua morte. A interpretação aproximativa a seu processo passivo pré-consciente revelou seu “fazer” conscientemente. Então, Milena começou a trazer as diversas maneiras que tinha pensado em ser parte ativa de sua morte-suicídio. Já não repetia o se abandonar para se deixar ir junto à irmã morta, agora, recriava a diversidade de formas ativas que tinham um matiz de gozo mortífero, o gesto prazenteiro em seu rosto evidenciava o caráter masoquista de sua criação sádica. Nesses momentos me perguntava, se esse gesto e o que o rodeava estava encenado para mim como objeto de transferência, e ao mesmo tempo como aspectos do seu eu narcisista que queria ver em meu rosto, como em um espelho, seu próprio horror ante tal execução. Nesse instante assumi o risco de intervir interpretando o horror especular; no entanto, ao escolher tal interpretação, me surgiam diversos aspectos do eu de Milena, como caleidoscópio, como expressão do não integrado de seu *self*. E Milena escorreu por uma dessas fissuras que não foi contemplada com a interpretação. Sua resposta, com um ar de prazer onipotente e arrogante, expressou sua superioridade ante minha sensível angústia, “é só uma brincadeira”, diz, minimizando o fato. De repente tinha uma outra pessoa no divã, já não era a frágil, empobrecida e triste jovem que chorava silenciosamente, querendo morrer; agora estava a arrogante profissional que tinha defensivamente fugido em direção ao extremo oposto, projetando em mim por identificação seu aspecto angustiado, paralisante do Ego.

A interpretação psicanalítica é uma hipótese de trabalho que vai se transformando com o dinamismo psíquico. A possibilidade de mostrar a Milena sua intenção infantil onipotente de salvar ou deixar morrer as pessoas amadas e odiadas, agora tinha desaparecido do olhar binocular ou o dos textos. Agora, deveria inaugurar um novo começo, conhecendo estes outros aspectos narcisistas de Milena. Essa ação destrutiva sobre os aspectos cindidos do eu indefeso, não estava à vista, e agora teria que trabalhar sua couraça narcisista, refúgio que lhe servia para negar seu mal-estar, seu horror frente ao impulso interno destrutivo de si e também direcionado aos outros.

A interpretação revela esse outro texto que descontinua o processo contínuo, abre brechas, ou irrompe com sulcos, que desorganiza o conhecido e demanda uma nova ordem. Esta função da interpretação que abre brechas gera angústia, perda do território conhecido e pode retardar o processo natural da psique em conseguir um sentido, não obstante, o processo se realize sob a confiança básica no vínculo analítico. Este sentido pode significar uma transformação criativa possibilitando à pessoa maior liberdade em seu processo intrapsíquico e com quem se relaciona. Não obstante, pode ocorrer que a interpretação entre em contato com espaços que geram angústia e sejam ativados mecanismos defensivos que produzem uma transformação em negativo ou, como melhor se conhece, um recuo narcisista, deslbidinizando o vínculo e o processo. Neste caso, se ajustaria a interpretação, voltando a pensar nos fatores envolvidos tanto do analista como da reação do analisante e suas possibilidades psíquicas para digerir a interpretação.

O trabalho sob transferência para pacientes com traumas narcisistas é delicado, pois a repetição mostra o sucedido como se fosse lei, mas não

é representável. Irrompe, mostra o vazio que ficou na rede representacional e o propósito vital do trabalho vai orientado a que no suceder da análise o analisante possa construir aqueles espaçosoc mentais, restaurando a rede representacional que reorganiza a estrutura psíquica. Neste caso de Milena, é o olhar com horror o desfalecer traumático das mulheres de sua linha identitária primária e secundária, primeiro como sujeito, depois como mulher, feminina. E é o assumir com responsabilidade ética por seus desejos fantasiados diferenciados da realidade material, o que lhe permitirá renunciar à condição narcisista infantil onipotente. Este é um trabalho profundo, duro e frustrante, pois vai em direção regressiva e em lenta progressão.

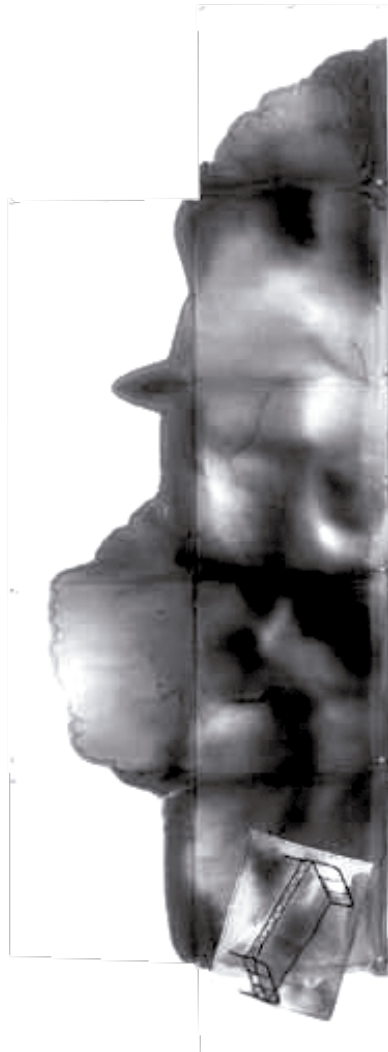
Outro aspecto que ressalta do trabalho analítico de Milena é a morte do pai edípico, que coexistiu com o trauma² primário do narcisismo constitutivo, e como resistência habitual à dor, Milena decidiu intempestivamente casar-se com um jovem que conhecia há pouco tempo, e desse modo fugir da dor deixada pela perda do pai, como se assim substituisse a ausência de um pela presença do outro. Esse casamento durou pouco tempo, ficando a brecha novamente aberta, da dor que a remete à desorganização originária, produto das tentativas suicidas da mãe. Esta vivência de dor que metaforicamente vive como uma ferida não cicatrizada, mostra em seu movimento uma série de processos e fenômenos peculiares que chamam a atenção; a saber, os mecanismos ativados pelo psiquismo para negar a realidade dolorosa, por exemplo, o grau de regressão sofrido pelo *self*, o emprego da cisão, projeção no soma e no meio externo. Os mecanismos psicopáticos e maníacos que utiliza como uma forma de evitar perceber a dor que sente, a fragilidade interna, a desconfiança em seus impulsos e controles. Estes são exemplos de transformações projetivas.

A desconfiança em sua capacidade para considerar, significar a dor a conduz a distorcer o sentido de realidade; exemplo disso é se olhar no espelho e confundir de forma alucinatória seu rosto com o da irmã morta, sentindo medo dessa despersonalização que mostra o estado de difusão dos limites do *self*. Milena traz sonhos à sessão que mostram essa perda de limites corporais, inclusive da contenção pele; é um sonho de esfolamento que permite observar como fica registrada a perda, tanto a nível corporal como psíquico, e a importância do duplo na construção da identidade, duplo sinistro, pois aparentaria que o transferido é a condição de morrer ou estar morta, o que a analista sente nas mudanças da temperatura corporal, quando na verdade o ambiente está quente.

Extrato de falhas na constituição especular

“Nesses dias do desastre da morte de minha irmã, chamei minha babá para que viesse se encarregar de mim, me sentia como um bebê, não entendia nada, lhe disse que não me deixasse sozinha, me lembro

2. Freud (1893/1992) expõe que qualquer experiência que produza efeitos perturbadores como medo, ansiedade, dor física pode operar como trauma, a lembrança do trauma opera como corpo estranho que muito depois de sua entrada, continua sendo um agente que opera.





de que no enterro ela me deu um pauzinho e me disse que escrevesse na lápide a data e teve que me ditar as datas porque eu não sabia, nem lembrava data nenhuma. Nesses dias me aconteceram coisas loucas como, me lembro de partes, por exemplo, quando vi a minha irmã no ataúde, me pareceu vê-la com minha roupa e de repente pareceu que me via no ataúde, me deu pânico e tive que sair correndo para ver meu rosto no espelho”. Milena em sua tristeza se confunde com a morta. Olha-se no espelho e lhe aparece em seu rosto a mistura dela e de sua irmã, o espelho reflete aspectos concretos do luto, sua impossibilidade de se separar da morta comprometendo os limites de sua identidade. Mostrando que o processo de luto se torna uma massa sem forma, de múltiplos aspectos de qualidade viva/morto.

Grinberg (1976) propõe que a confusão que o paciente sente frente ao choque da perda o conduz a se olhar no espelho pela desorganização que sofre no nível da integração da identidade; aparentemente Milena busca no reflexo especular sua imagem que a preserva com cautela, separando-se da imago do eu ideal tanático que a enlouquece e a compele para a morte. O trabalho analítico foi um entrelaçado lento com avanços e retrocessos; Milena se atreveu a se aprofundar na situação emocional ao redor das perdas que afetaram sua integridade, não obstante, cada vez que enfrenta a dor sofre regressões que imobilizam o processo por breve tempo.

No processo analítico, surgem novos lutos em relação à sua integridade narcisista-edípica, como foi o câncer descoberto em uma mama e que associa ao câncer que levou o pai à morte, o que imbrica mais o narcisista com o edípico. O psiquismo frente a uma dor intolerável ativa mecanismos inconscientes que têm como função fragmentar todo o conteúdo associado à dor intensa, o que pode marcar a desconstrução com signo negativo. É negativo porque a decomposição de aspectos não tem por objetivo criar uma nova forma vinculante/vital; ao contrário tende a romper os elos para desvincular, é uma forma de destruir.

Sobre a mãe, chama-a de “mamãe louca”. O objeto primário foi enlouquecedor para o processo de maternagem de Milena e continua sendo ao longo da vida. Em palavras de Winnicott, “a função de espelho do objeto materno, suficientemente bom, é um veículo para a organização da autoidentidade a partir da relação primária homossexual que funciona como duplo” (citado em Roussillon, 2010, p. 836). Neste caso de Milena, a função especular enlouquece e desorganiza o sentido de si, e teve suas consequências desestruturantes ante experiências de perdas significativas. Na atualidade, Milena se identifica como uma mamãe louca.

Uma forma de não se psicotizar é transferir “o louco” ao continente corporal ou a um outro. Os impulsos, (desconstruções em negativo) que emergem como imposições (“mate-se já!”) a desorganizam. Temendo passar ao ato, então para se preservar quando não tem à disposição o espaço analítico, projeta a força do impulso via telefônica, buscando conectar-se a um depositário.

Milena requer na situação transferencial um novo objeto à disposição, que cubra as deficiências primárias de maternagem, que lhe amortee as experiências impactantes, que a contenha e decodifique o que lhe chega sensorialmente como ruído incompreensível, ou que lhe altera a visão. Este padecimento sensorial pelo intenso da emocionalidade requer objetos concretos que leva consigo e que ao tocar a mantém na realidade, um tipo de talismã, objetos que atuam como tal, acessórios significativos que tenham história de vínculo emocional. Diz Milena: “é como uma espécie de almofada que decodifica o que as pessoas me dizem e que não entendo, pois eu funciono no nível operativo. Quando não encontro um outro para que me diga o que alguém quis me dizer, e tenho que esperar até vir à terapia, me dá muita raiva. Reclamei para Mark e percebi que estava raivosa porque comecei a chutar o carro e a gritar como uma louca...”.

Na transferência representei muitos aspectos dela mesma, indiferenciados do objeto primário que foi processado para ter acesso à separação egoica do eu ideal mortífero e assim conseguir integrar sua identidade real com liberdade e bem-estar. O transferido é da ordem do narcisista constitutivo e do edípico, em que ambas correntes emocionais coexistem, perturbando uma à outra. Ser o outro especular, às vezes é duplamente sinistro, mostra a luta entre o vital e o tanático, com a esperança de que o reflexo seja de um objeto maternante confiável, consistente, que não mata nem se mata, mas sim reflete vitalidade pela individuação. O separar-se e se reencontrar a cada sessão produz em Milena, uma vez instalado o vínculo, ansiedade e uma sensação pouco clara de seu estado e do meu. Nos dias próximos



às férias, Milena falta a algumas sessões, manifesta que se esqueceu da sessão, que tinha muito trabalho, e “que é melhor se virar sozinha, não tenho tempo para ir, estou cheia de atividades” e simultaneamente intui a necessidade do objeto “se não venho me descompenso”.

Com este trabalho quis mostrar que o processo de desconstrução e transformação ocorre em cada sessão analítica e afeta a psique da díade analítica, produzindo configurações e desconfigurações que têm por finalidade enriquecer a psique, dando-lhe maior flexibilidade e liberdade de ação pensada; não sem obstáculos, detenções, imobilidades. Mostra a complexidade do processo quando as representações não estão ao alcance, pelo contrário, a dupla se vê confrontada ao vazio mental e à repetição mortífera deixada pelo traumático. No transcurso do processo se evidencia a tensão entre o tanático e o vital, com a esperança de que vença a vida sobre a morte. A bússola que guia é sempre a fé no inconsciente, porém sempre fica a dúvida se o destrutivo buscará outras formas renovadas, influenciadas pela experiência intersubjetiva com o entorno para ganhar a batalha. A psicanálise aspira a que o analisante, neste caso Milena, possa enfrentar a batalha tensional ao elaborar suas experiências traumáticas acompanhada de um novo objeto, o analítico, para que com responsabilidade ética construa uma vida com liberdade de escolha pensada em benefício do bem-estar.

Resumo

Desconstrução e transformação são conceitos que permeiam a psicanálise, em sua tripla acepção, e é o que lhe permite evoluir como ciência. O ser humano, em seu trabalho vincular com o mundo, transforma tudo o que é percebido em impressões, que depois armazena como configurações. O inconsciente irrompe na consciência desorganizando-a; cada vez que o “self” é impactado pelo desconhecido, as configurações já estabelecidas se desorganizam e buscam se reorganizar na medida de como se situa o sujeito no mundo e com os outros. Este artigo mostra esse processo no trabalho analítico simbolizado por duas mentes que se vinculam para desconstruir as teorias inconscientes que sustentam o mal-estar do paciente, transformando-se por sucessivas interpretações. É um processo de caráter emocional, em movimento regressivo-progressivo, com a expectativa de que na mente do paciente se inaugurem transformações em sua maior parte vitais, superando transformações negativas.

Palavras-chave: *Psicanálise, Desconstrução, Transformação, Inconsciente, Transferência.*

Abstract

Deconstruction and transformation are concepts that permeate psychoanalysis along its three concepts, allowing it to evolve as a science. The human being, in his binding process with the world,

transforms perceptions into impressions, which are subsequently stored as configurations. The unconscious disrupts the conscious mind, disorganizing it. Every time the self is affected by the unknown, the established configurations are disorganized, and they seek to re-organize themselves based on the subject’s relationship to the world and to others. This paper outlines the mentioned process during the analytical work, symbolized by two minds that undergo the binding process to de-construct the unconscious theories supporting the patient’s discomfort and transform them by successive interpretations. It is a process of emotional character, in regressive-progressive motion, with the expectation of promoting patient’s mind transformations, of mainly vital rather than negative character.

Keywords: *Psychoanalysis, Deconstruction, Transformation, Unconscious, Transference.*

Referências

- Caputo, J.D. (2004). *Deconstruction in a nutshell. A conversation with Jacques Derrida*. Nova York: Fortham University Press.
- Freud, S. (1992). Sobre la psicoterapia de la histeria. Em: J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 2). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho originalmente publicado em 1893).
- Green, A. (2001). La muerte en la vida. *Revista de Psicoanálisis*, no. 58. Buenos Aires: La Prensa Médica.
- Grinberg, L. (1976). *Culpa y depresión. Estudio psicoanalítico*. Buenos Aires: Paidós.
- Klein, M. (1940). Mourning and its relation to manic-depressive states (pp. 125-153). *The International Journal of Psychoanalysis*, no. 21. Oxford: Blackwell Publishing.
- Marucco, N. (1998). Introducción de [lo siniestro] en el yo. Em: N. Marucco, *Cura analítica y transferencia*. Buenos Aires: Amorrortu.
- O’Shaughnessy, E. (1994). W. R. Bion’s theory of thinking and new techniques in child analysis. Em: E. Bott Spillius (ed.), *Melanie Klein Today* (vol. 2). Londres: Routledge. (Trabalho originalmente publicado em 1981).
- Roussillon, R. (2010). The Deconstruction of primary narcissism (pp. 821-837). *The International Journal of Psychoanalysis*, no. 91. Oxford: Blackwell Publishing.





6. Maria

LUISA PONCE BRITO (a) "La Pendera de oficio. Delinque desde 1925.

26. Rosa II

GONZALEZ SILVA, EMILIA DEL CARMEN: Foto No. 5436, (a) "La Gungua" TENDERA. Filiación: 20 años, 1.67 estatura, cutis moreno claro, cabello castaño obscuro, ojos café obscuro.

25. Julia

ERCEDES ROMAN PINO, o Mercedes Rojas, o Elena Williamson Neira, o Rosa González, o Mercedes González

RAQUEL MENDOZA PUGA (a) "Pendera" TENDERA.

Marilsa Taffarel*, Alice Paes de Barros Arruda*, Ana Maria Vieira Rozensvaig*, Ymara Vitolo*, Maria da Penha Zabani Lanzoni*, Mariangela Kamnitzer Bracco*, Fernanda Colonese*, Iliana Warchavchik*

Sobre o recalçamento originário (Urverdrängung): Non liquet**

No verbete Recalçamento, no *Dicionário de Psicanálise* (Laplanche e Pontalis, 1976), é citada a conhecida frase de Freud do texto *História do movimento psicanalítico*: "A teoria do recalçamento é a pedra angular em que assenta todo o edifício da psicanálise" (p.555). O conceito de Verdrängung, que optamos traduzir por recalçamento¹, teve seus desdobramentos ao longo da obra de Freud.

É natural que um pesquisador, no decorrer de seu trabalho, apure seus conceitos no sentido de uma melhor descrição dos objetos ou dos fenômenos estudados. O conceito de *Urverdrängung* (recalçamento originário) surgiu, então, como um pressuposto lógico e necessário no escoramento desse edifício teórico. Esse novo conceito, por sua vez, também sofreu reelaborações sob a pena de Freud. No entanto, tomaremos aqui como ponto de partida e de forma sucinta, o surgimento e o percurso do conceito de recalçamento originário

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

**Expressão latina usada por Freud quando, em uma formulação, não conseguia alcançar uma versão definitiva de um conceito.

1. Em consonância com os tradutores Hanns, Zwick e Tavares.

dentro do pensamento freudiano. Cumprida essa etapa inicial, iremos realizar a “desconstrução” desse conceito, tendo como norte a proposição de Derrida para esse termo.

Em seu livro *Mal de arquivo: Uma impressão freudiana*, Derrida (1995/2001) diz “que o esforço de construção de um conceito deixa sempre uma região de impensado” (p. 44). Embora a desconstrução não se proponha como método, é uma forma de pensar o instituído como um tecido do qual se tenta desfazer a trama, descoser um tecido que tende sempre a se reconstituir. A desconstrução se volta decididamente para o que foi soterrado, o que foi estruturalmente recalçado (termo usado por Derrida), valorizando o que está para ser pensado. Esse olhar desconstruído deseja eliminar qualquer centramento, toda binariedade (tal como dentro/fora, falso/verdadeiro, corpo/mente, pulsão/representação) e toda síntese redutora de complexidades. Ao tratarmos do conceito de recalçamento originário estamos no âmbito do que Derrida chama de formação de arquivo.

Nesse artigo, iremos trabalhar sobre o que chamaremos de caráter heurístico do impensado e/ou recalçado do conceito de recalçamento originário. Certamente, trata-se de uma proposta que exigiu das autoras algumas decisões. A primeira delas foi apresentar o pensamento de Freud sobre o recalçamento originário tendo em vista não só as articulações conceituais necessárias, mas também focar as possíveis opacidades e incompletudes que essas articulações poderiam ter (algumas delas reconhecidas pelo próprio Freud). A segunda, e mais difícil decisão, foi escolher autores que refletiram de maneira profunda e criativa a respeito do recalçamento originário a partir de Freud. Optamos aqui pela reconstrução feita por J. Lacan e por J. Laplanche, recorrendo em nossa tentativa de desconstrução, aos questionamentos feitos a Lacan por Green e por Laplanche.

Antes de iniciar a empreitada faremos uma consideração a respeito do termo alemão *Urverdrängung*. É possível verificar que embora o leitor de psicanálise esteja familiarizado com o prefixo *Ur*, presente nos vocábulos *Urphantasia*, *Urszene*, traduzidos, respectivamente, como fantasia originária, cena originária ou primordial, deve-se levar em conta a observação de Luiz Hanns, no *Dicionário comentado do alemão*, sobre esse prefixo. Para Hanns, esse carrega certa solenidade mítica (Hanns, 1996). Ele considera também surpreendente seu emprego quando Freud tenta conceituar o recalçamento originário nos textos metapsicológicos e em *Inibição, sintoma e angústia* (Freud, 1926/2014). Não obstante, porque haveria uma solenidade mítica ao tratar desse conceito? Porque seria surpreendente seu emprego?

Vale lembrar que o prefixo *Ur* antecede tanto as palavras bisavô (*Urgrossvater*), quanto o termo bisneto (*Urgrossenkel*) reforçando a ideia de um patrimônio e de uma continuidade; igualmente antecede o vocábulo alemão *Urwald* (floresta virgem) e, nesse caso, nos remete à ideia de um sistema intocado, com uma vida pulsante. No entanto, isso não acontece na tradução desse prefixo para o português em originário ou primordial, e é por isso que destacamos essas considerações já que na passagem, de uma língua para outra, perdem-se as conotações presentes no idioma alemão.

A ideia de um originário indica que não se trata de um arquivo depositado e imóvel. Freud salienta que “é errado imaginar que o Ics permanece em repouso enquanto o trabalho psíquico é realizado pelo Pcs; que o Ics é algo acabado, um órgão rudimentar, um resíduo do desenvolvimento” (Freud, 1915/2010a, p.131). Então, podemos pensar esse prefixo como indicador de que o objeto do recalque originário se comporta como uma semente fecunda que brota continuamente, mas que se furta a um exame direto, que mantém o desconhecimento produtivo sobre o que engendra a germinação; um arquivo primeiro do qual conhecemos apenas os desdobramentos e que nos determina. Pensamento também presente na noção freudiana de: umbigo do sonho.

Recalque originário (*Urverdrängung*) em Freud

Na introdução de *As pulsões e seus destinos*, de caráter epistemológico, Freud escreve que o progresso do conhecimento “não tolera definições rígidas”, embora encaminhe para uma maior clareza e eliminação das contradições (Freud, 1915/2010a). O conceito de recalque originário (*Urverdrängung*), concebido por Freud, sofreu algumas reelaborações ao longo de sua obra. Em *O caso Schreber* (Freud, 1911) ele é conceituado pela primeira vez. Logo depois, em 1915, nos artigos *O recalque* e *O inconsciente*, e, em 1926, em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud retrabalha esse conceito e, a nosso ver, vai progressivamente apontando para a abertura dele, para o que em outras ocasiões chamou de *non liquet*.

No *Vocabulário de psicanálise* (Laplanche e Pontalis, 1976) os autores escrevem que o recalçamento originário é descrito por Freud como um processo hipotético, como um primeiro momento da operação de recalçamento. Forma-se a partir dele o recalçado primário, um conjunto de representantes que exercerá uma atração sobre novos conteúdos a recalcar; e esses, por sua vez, sofrerão também a repulsão das instâncias superiores. Esse conceito, embora seja considerado obscuro em Freud, é indispensável para a teoria do recalçamento, pois segundo ele, duas forças devem convergir no recalçamento propriamente dito: a atração de um núcleo inconsciente e a ação do sistema pré-consciente. Já o conteúdo primário do inconsciente não é atraído por nenhuma outra formação.

É sob a forma de um pressuposto lógico, de um conceito que contém obscuridades, que recorre ao filogenético como o recalçado primário, que se serve da teoria das pulsões, da teoria econômica, da primeira e da segunda teoria tópica e que também obedece ao propósito de transpor para a teoria os resultados da observação clínica, que se coloca esse conceito.

Em 6 de dezembro de 1896, numa carta a Fliess, segundo o *Vocabulário de psicanálise*, “Freud já tem elaborada toda uma teoria da fixação”, compreendida como uma verdadeira inscrição (*Niederschrift*) de traços em séries de sistemas mnésicos, quer dizer, traços que podem ser traduzidos de um sistema para outro (Laplanche e Pontalis, 1976).

Vejamos essa carta (Masson, 1986):

Como você sabe, estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha se formado por um processo de estratificação: o material presente sob a forma de traços mnêmicos fica sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo, de acordo com as novas circunstâncias a uma retranscrição e, quando falta uma transcrição posterior, a excitação é tratada de acordo com as leis psicológicas vigentes no período psíquico precedente e seguindo as vias abertas naquela época. Assim, persiste um anacronismo: numa determinada província, ainda vigoram os fueros; estamos na presença de “sobrevivências” [...]. Uma falha de tradução, eis o que se conhece clinicamente como recalçamento. O motivo disso é sempre a liberação do desprazer, que seria gerado por uma tradução; é como se esse desprazer provocasse um distúrbio do pensamento que não permitisse o trabalho de tradução.

Em 1911, em O caso Schreber, Freud irá, pela primeira vez, apresentar uma teoria do recalçamento primário que para ele se dá em três fases: a primeira delas é, precisamente, a fixação. Recorre ao conceito de fixação como a operação que precede e é condição para todo recalque. O fato da fixação pode ser enunciado da seguinte forma: “um instinto ou uma parte de um instinto não acompanha o desenvolvimento previsto como normal e, graças a essa inibição no desenvolvimento, permanece no estágio infantil. A corrente libidinal em questão se comporta, diante das formações psíquicas posteriores, como se fizesse parte do sistema do inconsciente, como reprimida” (Freud 1911/2010, p. 89). Freud se apoia aqui em um ponto de vista genético da fixação. A segunda fase trata do *recalque secundário* (*Verdrängung*) propriamente dito, enquanto a terceira fase trata de uma irrupção, do retorno do reprimido. “Essa irrupção ocorre a partir do ponto de fixação e consiste numa regressão do desenvolvimento da libido até esse ponto” (p. 90). Essa fase adentra no âmbito da patologia, é por isso que queremos destacar aqui a importância desse tempo e desse conceito para a clínica das psicoses. Voltaremos a isso adiante.

Além disso, no seu artigo “A repressão”, Freud (1915/2010a) distingue um recalçamento em sentido lato que compreende três momentos, e um recalçamento em sentido restrito que não passa do segundo momento precedente. O primeiro momento seria um recalçamento originário, que não incide na pulsão enquanto tal, mas sim nos seus sinais, nos seus “representantes”, que não tem acesso à consciência, e em que a pulsão se conserva fixada. Assim, encontra-se criado um primeiro núcleo inconsciente funcionando como polo de atração para os elementos a recalcar. Esses elementos representativos estão ligados ao recalçado primário, quer provenham dele quer entrem com ele em fortuita conexão.

Também em “A repressão”, Freud (1915/2010a) serve-se do princípio do prazer, cuja complexidade ele invoca desde sua experiência clínica, dizendo que uma satisfação pulsional pode gerar prazer em um lugar e desprazer em outro; “Então se torna condição para a repressão que o motivo do desprazer adquira um poder maior que o prazer de satisfação” (p. 85). Além do mais, escreve que a sua experiência com a análise das neuroses de transferência mostrou-lhe que “a repressão não é um mecanismo de defesa existente desde o início,

que não pode surgir antes que se produza uma nítida separação entre a atividade psíquica consciente e inconsciente, e que a sua essência consiste apenas em rejeitar e manter algo afastado da consciência” (p. 85). Freud postula que anteriormente à separação tópica (consciente/inconsciente) a tarefa da defesa frente a impulsos instintuais cabe a outros destinos da pulsão que não a repressão como: a reversão no contrário e voltar-se contra a própria pessoa.

Freud não articula nesse momento a relação entre os outros destinos da pulsão que não o recalçamento, com o recalçamento originário e o princípio do prazer, porém escreve: “Temos fundamentos, portanto, para supor uma repressão primordial, uma primeira fase da repressão que consiste no fato de ser negado ao representante psíquico da pulsão o acesso ao consciente. Com isso se produz uma fixação; a partir daí a representante em questão persiste inalterável, e o instinto permanece ligado a ela” (p. 85).

Em “O inconsciente”, no item IV, Topologia e dinâmica da repressão, Freud (1915/2010) retoma a tentativa da conceituação do *recalçamento primordial*. Temos aqui (no recalçamento primordial), necessidade, então, de outro processo que no primeiro caso sustente a recalçamento, e no segundo, cuide de sua produção e continuidade; e que só possa ser enxergado na suposição de um contrainvestimento, através do qual o sistema Pcs se proteja do assalto da ideia inconsciente. É ele que representa o gasto permanente de um recalçamento primordial, mas que também garante a permanência dele. O contrainvestimento é o único mecanismo do recalçamento primordial.

Já no item V, Freud escreve: “O âmago do Ics consiste de representantes instintuais (...) de impulsos de desejo” (p. 126). Nesse momento, o centro do conceito está na ideia de um contrainvestimento que impede aos desejos inconscientes acesso ao Pcs. Freud recorre ao ponto de vista econômico propriamente dito.

Em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud (1926/2014) escreve que no trabalho terapêutico nos deparamos, apenas, com casos de pós-recalçamento ou recalçamento propriamente dito. Esses “pressupõem recalçamentos primordiais sucedidos anteriormente, que exercem influência sobre a nova situação. Sabe-se ainda muito pouco sobre esse pano de fundo e esses estágios anteriores do recalçamento. Corre-se o risco de superestimar o papel do Super-eu no recalçamento. Por hora, não é possível dizer se a emergência do Super-eu marca o limite entre recalçamento primordial e pós-recalçamento. As primeiras irrupções de angústia – bastante intensas – ocorrem, de toda maneira, antes da diferenciação do Super-eu. É perfeitamente plausível que fatores quantitativos, como a intensidade muito grande de excitação e a ruptura da proteção contra estímulos, sejam as causas imediatas dos recalçamentos primordiais” (p. 24).

Nessa última tentativa de esclarecimento do conceito de *recalçamento originário*, Freud parece mais cauteloso ao dizer que conhece muito pouco sobre o que antecede ao recalçamento propriamente dito. Ele, por um lado, recorre ao conceito de Super-eu como uma possibilidade de dar uma figura para o contrainvestimento. No entanto, parece se sentir mais seguro com o uso da teoria econômica,



entenda-se, a intensidade do objeto do recalque originário e a consequente ruptura do para-excitações; conceito retomado por Laplanche com a ideia de objeto fonte de pulsão. Por outro lado, o recurso ao Super-eu, embora negado, será inspirador, entre outras coisas, para a leitura lacaniana do recalque originário.

Em *L'inconscient, une étude psychanalytique*, Laplanche e S. Leclaire (1961/1969) expõem a leitura lacaniana do recalque originário, e Laplanche já marca a diferença de sua concepção com a dada por Lacan; discutem inicialmente as duas hipóteses freudianas sobre o sentido do termo inconsciente apontando ali uma região obscura. O que é que ocorreu quando uma representação inconsciente se torna consciente? Trata-se de uma nova inscrição ou de uma mesma representação que sofreu uma mudança de estado?

A hipótese econômica de um investimento próprio a cada sistema, abordada por Freud (1915/2010) em *Topologia e dinâmica da repressão*, deixa de lado a teoria da dupla inscrição. Para os dois autores mencionados antes, na verdade, a hipótese econômica de uma energia típica de cada sistema não faz mais do que sustentar a distinção tópica. No entanto, essa hipótese apresenta dificuldades, sobretudo quanto ao investimento inconsciente. A representação (representante ideativo) objeto do recalque originário - para Freud investido libidinalmente - é impelida constantemente para a consciência e para a motilidade. Não obstante, Freud fala da energia de investimento como uma força de coesão própria do sistema inconsciente. Os autores colocam-se a questão, considerada essencial, de saber em que sentido trabalha o inconsciente: como força de coesão, mantendo as representações no sistema inconsciente ou como uma força em direção à consciência e à realização motora? Além disso, é importante lembrar que o conteúdo do recalque originário exerce uma força de atração sobre conteúdos pré-conscientes. Esses assinalam a obscuridade que reside na hipótese econômica entre energia de investimento e energia libidinal. A ideia de uma libido inconsciente e uma libido consciente contrariaria a teoria geral da libido.

André Green (1972), na sua obra *O inconsciente freudiano e a psicanálise francesa contemporânea*, faz a crítica do artigo de Laplanche e Leclaire. Green considera que, embora os autores discutam muito bem em seu trabalho a questão do predomínio do ponto de vista tópico e do ponto de vista econômico, no curso da evolução de seu pensamento abandonam por desconfiança, e mesmo por aversão, o ponto de vista econômico ao considerá-lo obscuro, ou colocando-o como dependente do ponto de vista tópico. Segundo Green, eles optam muito rapidamente pela hipótese tópica. E isso, escreve o autor, se deve à sua adesão à releitura feita por Lacan a partir da linguística moderna do inconsciente estruturado como uma linguagem. Na verdade, Green se insurge contra o que ele considera uma exclusividade dada aos jogos dos representantes ideativos.

Oscar Masotta, na introdução a *O inconsciente freudiano e a psicanálise francesa contemporânea* (Green, 1972), escreve que considera sensato o apelo do autor à fidelidade metapsicológica através da consideração das três perspectivas: a econômica, a dinâmica e a tópica. No entanto, acrescenta que vê nisso uma postura eclética que visaria dissolver a revolução lacaniana.

O que vem a ser a revolução lacaniana no que diz respeito ao recalque originário? Em Lacan o sistema da linguagem se torna responsável pela estruturação do psiquismo, e se coloca como condição de possibilidade de toda experiência social, inclusive conotando o afeto. O inconsciente se instaura a partir do registro de significantes fornecidos pela linguagem.

Para Lacan, o recalque originário tenta dar conta de um momento fundamental, estruturante do psiquismo da criança. Ela precisa se inserir no mundo simbólico perdendo a condição de objeto do desejo da mãe e passando à condição de sujeito identificado com a mãe que se ausenta; aquela que vai em direção ao seu desejo. Esse processo crucial é o que Lacan chama de *metaforização*, isto é, forma-se uma primeira metáfora pela substituição do significante do desejo da mãe (significante fálico), pelo significante *nome do pai*, símbolo primordial da lei de interdição. É, dessa maneira, que Lacan fala do Édipo, fundindo a função paterna com a linguística como um significante que na lei se instaura. Esse significante cumpre a função de recalque originário e sustentáculo da função simbólica, e permite ao sujeito não ser condenado a sofrimentos diversos por dessimbolização e, sobretudo, à psicose. Sabe-se que na psicose o sujeito não consegue, precisamente, fazer um uso metafórico da linguagem pela falta dessa primeira metaforização do desejo da mãe. Vemos esse cenário se repetir em todos nossos casos de análise de psicóticos: o psicótico permanece atado à mãe.

A observação que fez Freud do jogo com o carretel de seu netinho é um exemplo privilegiado desse processo. A criança com o carretel e com os fonemas ooo (Fort) ... aaa (Da) vai ganhando certo recuo da vivência, vai simbolizando a falta da mãe, com ajuda do grande mediador que é a linguagem: “Para Lacan, o surgimento da linguagem é indissociável do advento do sujeito, do inconsciente, e é através dele que se dá o recalque originário” (Jorge Coutinho, 2000, p. 91).

O ponto de vista econômico considera o que não pertence ao domínio das representações: o montante afetivo, o quantum de afeto, a parte energética da representação. Para Green, é nesse registro que Freud articula a pulsão e o campo da representação. Na verdade, lembra ele, o grande motor do recalque é impedir um afeto penoso que contrarie o princípio do prazer.

A questão parece ser: A verdade do sujeito pode se mostrar deixando de lado o afeto, a pulsão, ou deve ser considerado o afeto para chegar a ela?

Green, em sua leitura do significado da pulsão em Freud, chega a duas hipóteses: a primeira, é que a tensão pulsional daria origem à representação, “como se esta fosse dada à luz nesse trabalho”, neste caso, a “origem” da representação seria econômica; a segunda hipótese, as excitações pulsionais solicitam representações e as elegem. Caso em que a “origem” das representações deveria ser buscada em uma ordem simbólica, como equivalentes endopsíquicos, percepções, isto é, rastros fantasiosos (Green, 1975).

Quando Lacan é interrogado² sobre onde estaria o afeto, a energia psíquica e a pulsão em sua doutrina, ele respondeu que, exatamente, havia se ocupado todo o ano anterior do afeto da angústia.

Lacan não considera que a verdade de cada um possa aparecer nos afetos independentemente da cadeia de significantes. Os afetos não encerram neles mesmos uma verdade, eles enganam. Somente a angústia é para ele um afeto que não engana. Ela indica uma proximidade com o real, surgindo quando a cadeia de significantes que representa o sujeito está quebrada.

Nessa direção, poderíamos articular com Derrida e dizer que nessa leitura e reconceitualização feita por Lacan do recalçamento originário, está “recalcada” a teoria econômica? Poderíamos dizer que temos a subsistência de uma binariedade: pulsão/representação ou pulsão/significante, sucedânea da dualidade corpo/alma?

Lacan, no decurso de seu ensino, irá ultrapassar a disjunção corpo/significante através de uma investigação exaustiva e continua até o fim de sua obra sobre o corpo, a satisfação, o gozo, a pulsão, o sujeito e sua relação com a linguagem. De acordo com Miller (1998) surgirá outra concepção de significante, não mais como o que mortifica o corpo, e sim como o que determina o regime do gozo da linguagem, na medida em que o sujeito tiver corpo.

Recalçamento originário em Laplanche

Como mencionamos acima, desde 1961 Laplanche marca duas direções em seu trabalho; de um lado, ele segue o caminho aberto por Lacan sobre o recalçamento originário como uma metáfora e, do outro, se diferencia deste em vários pontos: Para ele, o inconsciente não é determinado pela linguagem; ao contrário, ele é condição da linguagem.

Os significantes que compõem o núcleo do inconsciente são representações-coisa (*Sachvorstellung*), são coisificados; o que significa dizer que só remetem a eles mesmos. São significantes dessignificados, enigmáticos, prenes de pulsionalidade, sendo mesmo chamados por Laplanche de objetos fonte da pulsão.

O infans tem um papel ativo na formação do núcleo do inconsciente. Laplanche considera que Lacan e todas as fórmulas lacanianas (tais como “o inconsciente é o discurso do Outro” ou “a criança é o sintoma dos pais”) ignoram o trabalho da criança na metabolização ou tradução do que lhe é fornecido pelo ambiente humano. Para Laplanche a tradução é imaginativa, intelectual e afetiva, porém ela deixa restos que irão compor o núcleo do inconsciente.

Para formular essa hipótese da constituição do inconsciente, Laplanche parte do que ele denomina “situação antropológica fundamental”; isto é, a situação particular e empírica pensada também como da ordem do universal e estrutural. É uma situação dialógica simétrico-dissimétrica entre um adulto que possui um inconsciente sexual, e uma criança que ainda não constituiu um inconsciente. As

2. Jacques Lacan, em 1973, dá uma entrevista para a televisão estatal francesa; posteriormente foi editada sob o nome de *Télévision*.

mensagens/significantes emitidas pelos adultos são inevitavelmente comprometidas uma vez que o inconsciente sexual, perverso e polimorfo do adulto é reativado na relação com o infans. Esses significantes funcionariam como mensagens enigmáticas que não podem ser captadas integralmente, dado o seu caráter contraditório: amor/ódio, seio continente/seio excitado sexualmente etc.

Laplanche irá conceber o que é chamado de uma teoria tradutiva do recalçamento originário. Toda criança, na origem de sua inserção na cultura e na comunicação intersubjetiva com o adulto, ao ser confrontada com as mensagens/significantes comprometidos e obscuros que lhes são apresentados, fará a tentativa de traduzi-los. Para isso, seus códigos inatos ou adquiridos, são insuficientes. E irá, então, recorrer a esquemas fornecidos pelo seu ambiente. A tradução da mensagem será feita em dois tempos: num primeiro, a mensagem é implantada tal e qual, e num segundo tempo passa a agir como um corpo estranho que demanda integração. Essa tradução será sempre parcial deixando restos não traduzidos que constituirão os objetos fonte da pulsão.

Qual será o recalcado dessa concepção do recalçamento originário em Laplanche? Um dos pontos é a contradição existente na postulação de Laplanche que afirma a passividade do bebê diante do adulto, ao mesmo tempo em que concebe um recurso tradutivo do infans antes mesmo do surgimento da tópica psíquica; o que implicaria a existência de uma função egóica anterior à constituição do eu.

Tomando precisamente essas duas reconstruções do conceito de recalçamento originário por Lacan e por Laplanche, localizamos nessas áreas de recalcado/impensado. Contudo, há ainda outro ponto a ser retomado; nessas reconstruções ficou impensada a observação feita por Freud e que mencionamos acima, sobre as duas vicissitudes da pulsão: reversão no contrário e o voltar-se contra a própria pessoa. Como já foi dito, Freud faz notar que estes são processos anteriores ao recalçamento propriamente dito. Assinalamos que ele não faz qualquer articulação possível entre o recalçamento primário e os processos pulsionais. Tal coisa permaneceu como uma interrogação na reflexão psicanalítica: como se dá a interação bem precoce mãe/bebê e que efeitos constitutivos ela tem sobre o psiquismo infantil. Ambos os autores focados aqui continuaram suas investigações considerando esse interrogante, mas, no nosso caso, não nos propomos discorrer nesse artigo sobre tal investigação.

Resumo

Esse artigo pretende pensar a construção do conceito de recalçamento originário (*Urverdrängung*) em Freud e sua reconstrução por J. Lacan e por J. Laplanche. Conceito fundamental que sustenta o recalçamento posterior considerado por Freud pedra angular da psicanálise, e imprescindível, por exemplo, para a clínica das psicoses. A reflexão se orienta por um olhar desconstrutivo tal como foi descrito por Derrida: um olhar que se volta para o que foi “recalcado”, ou o que está ainda impensado em um conceito. Visa, assim, eliminar todo centramento, toda oposição binária externo/interno, corpo/alma, toda síntese redutora. Conforme Derrida, em seu livro *Mal de arquivo: Uma*



impressão freudiana (1994/2001) Freud foi um autor que revolucionou o conceito de arquivo. Recalcamento, supressão, impressão são termos fundamentais nessa nova concepção de arquivamento. As autoras examinam em Lacan o conceito de recalcamento originário como metaforização do significante do desejo da mãe inscrito na criança, e interrogam-no a partir de Green. Estariam “recalcados” em Lacan: o afeto, a pulsão e a teoria econômica? Haveria ali binariedade pulsão/representação? As autoras examinam também a reconstrução feita por Laplanche desse conceito na perspectiva do impensado.

Palavras-chave: *Recalcamento originário, Recalcamento, Desconstrução.* **Candidata a palavra-chave:** *Arquivo.*

Abstract

This paper discusses the Freudian concept of primal repression (Urvendrängung) as reconstructed by J. Lacan and J. Laplanche. This fundamental concept sustains secondary repression which Freud considered the foundation of psychoanalysis. It is also essential, for example, in dealing with psychoses. Our reflection is oriented by Derrida's deconstructive perspective, that looks for the repressed, or what-has-not-yet-been-thought in a concept. It intends to eliminate all centrality, every binary opposition (internal/external, body/soul), every reductionistic synthesis. Derrida in Archive Fever-- a Freudian Impression (1994/2001) considers Freud an author who revolutionizes the concept of the archive. Repression, suppression and impression are fundamental terms in this new conception of archivization. Lacan's concept of primal repression as metaphorizing the signifier of the mother's desire inscribed in the child, is also examined with A. Green's interrogations. Have the affects, the drives and the economic theory been repressed in Lacan's thinking? Does he propose a duality between drive and representation? Laplanche's reconstruction of this concept is also examined.

Keywords: *Primal repression, Repression, Deconstructive perspective.* **Candidate to keyword:** *Archive.*

Referências

- Derrida, J. (1991). *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras.
- Derrida, J. (2001). *Mal de arquivo: Uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. (Trabalho original publicado em 1994).
- Dor, J. (1989). *Introdução à leitura de Lacan: O inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artmed.
- Dorgeuille, C. e Chemama, R. (1997). *Dicionário de psicanálise: Freud e Lacan*. Salvador: Ágalma.
- Freud, S. (2010a). *Ensaio de metapsicologia*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2010b). *O caso Schreber*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911).
- Freud, S. (2014). *Inibição, sintoma e angústia*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926).
- Green, A. (1975). *La concepción psicoanalítica del afecto*. México: Siglo XXI.
- Hanns, L. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Jorge, M. A. C. (2000). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1974). *Télévision*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1979). *O seminário de Jacques Lacan, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Laplanche J. (1981). *L'inconscient et le ça*. Paris: Presse Universitaire de France.
- Laplanche J. e Pontalis, J.-B. (1976). *Vocabulário de psicanálise*. Lisboa: Moraes.
- Laplanche, J. (1991). *L'interprétation entre déterminisme et herméneutique, une nouvelle position de la question*. Revue Française de Psychanalyse, 55.
- Laplanche, J. (1999). *Breve tratado do inconsciente*. Paris: PUF.
- Laplanche, J. (2003). *Três acepções da palavra inconsciente no quadro da teoria da sedução generalizada*. Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, 10(3).
- Laplanche, J., Leclaire, S., Green, A. e Pontalis, J. -B. (1969). *El inconsciente freudiano y el psicoanálisis francés contemporáneo*. Buenos Aires: Nueva Visión. (Trabalho original publicado em 1961).
- Masson, J.M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904 / tradução de Vera Ribeiro*. Rio de Janeiro: Imago.
- Miller, J. A. (1998). *O osso de uma análise – O inconsciente e o corpo falante*. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 93-104.
- Santiago, S. et al. (1976). *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.



O Estrangeiro

Sem título. Da série "Outono".
Fotografia em cores, 2003.



Fredi Casco*

O olhar da esfinge (Des)encontros com o Real

*Há um complô na entranha da Esfinge,
ao fim e ao cabo
ela não é outra que o encontro com a mesmíssima Coisa).
Seu olho pânico persiste no mundo
e é agente de enfermidade & destruição.*
Casco (2001)

A tela do mundo

Talvez tenham ouvido pronunciar em mais de uma ocasião frases do tipo “meu mundo caiu” ou “o mundo desabou sobre mim”. Geralmente, as utilizamos para nos referirmos a um momento de choque emocional ou de repentino desencanto. Os diferentes cenários onde se usam estas expressões são variados; não obstante, o mais comum é o de desengano amoroso. É como se a paixão funcionasse como um tipo de feitiço ou de véu que oculta o verdadeiro estado das coisas.

Não obstante, também podemos ser testemunhas de cenas de desencanto parecido na infância, por exemplo, frente ao espetáculo que surge após a destruição de um brinquedo favorito.

* Artista visual, curador.

Em tais casos, o feitiço costuma ser tão frágil, que pode se quebrar com o menor movimento sísmico-emocional e, uma nova luz lançada sobre o mundo, o mostraria *tal como é*.

É justamente a lembrança de dois fatos triviais ocorridos no transcurso de minha infância que hoje me ajudam a compreender um pouco melhor alguns de meus trânsitos no campo das artes visuais; certa busca inconsciente por evocar a *vida nua*, ou o que na frequência lacaniana chamam de o Real.

Mas, nesse caso, é realmente o mundo o que cai? Não seria por acaso a *tela do mundo* o que foi aberto de forma brutal?

Fantasma na máquina

Lembro ainda a época em que os aparelhos de rádio e televisão eram dispositivos quase mágicos, em boa parte porque estavam fora do alcance de minhas mãos, mas, principalmente, porque tinham a maravilhosa capacidade de mostrar outros *mundos de vida*. A isto se adicionava certa atmosfera carregada de umidades e penumbras na casa do Barrio Obrero (bairro operário) onde morei durante meus primeiros anos, que fazia com que todas as coisas adquirissem uma dimensão ameaçadora ou sagrada. Assim, um *souvenir* do Moisés de Michelangelo, localizado sobre uma cômoda empoeirada era um estranho deus branco, o martirizado de prata escurecida incrustado em um pequeno crucifixo era um intimidante ídolo negro, ou o palhaço de papelão em escala natural apoiado em um canto de meu quarto – vestígio de minha primeira festa de aniversário – era um sádico que esperava que meus pais dormissem a sesta para me tentar com seu sorriso insolente.

Ainda que nem tudo o que rodeava esse universo infantil fosse temível ou maléfico: estava lá o retrato antigo com vidro ondulado do papa bonachão João XXIII, o luminoso peixe verde de cristal de Murano perto da janela, a Telefunken com pés palito e uma eletrola, que incluía apenas rádio e toca-discos, acoplados em seu móvel.

Como é normal, pouco a pouco, esse pequeno mundo de *lares* foi se desmoronando conforme ia adquirindo uma dimensão menos sagrada, mais fantasmagórica talvez. Comecei a suspeitar que os aparelhos de rádio e televisão transmitiam os sinais daquilo que guardavam em segredo: outros mundos, como o meu, mas em miniatura.

A galinha dos ovos de ouro

Naqueles dias tinham trazido para minha mãe de presente de Páscoa um ovo primorosamente pintado com arabescos azuis, verdes e dourados, que ela deixou sobre a cômoda da sala de estar, entre outros “pequenos mimos”. Com a intenção de apreciá-lo mais de perto, o tomei em minhas mãos, mas ao fazer isso, em um descuido, o ovo resvalou, caiu no chão e se espatifou em pedaços, e deixou à mostra uma massa viscosa que soltava um cheiro muito desagradável. Pouco tempo depois minha mãe apareceu em cena e, além de me repreender pelo descuido, mostrou o ovo quebrado dizendo algo de que não me lembro. O que sim lembro claramente é da imagem de centenas de minhokinhas cor de creme se retorcendo entre essa repulsiva matéria viscosa.

O segundo des-encanto veio depois do ato – instintivo? iconoclasta – de abrir a caixa preta para finalmente me apropriar dos segredos dessa maravilhosa vida que transcorria em seu interior. Teria sido um desses aparelhos de televisão portátil, dos primeiros Sony que chegaram ao país no começo da década de 70. Obviamente, para minha surpresa, o que se mostrava frente a meus olhos estava longe deste mundo anunciado pelo imaginário que eu tinha forjado durante todos esses anos, situado entre os sombrios contos de Andersen e a África virtual de Daktari: só me encontrei

com uma maçaroca obscena de circuitos e fios com percursos absurdos. Pela primeira vez na vida experimentava a total falta de sentido, paradoxalmente, a partir das entranhas da tecnologia, que seria exatamente o oposto a uma construção arbitrária; mas é aí onde nasce a suspeita de que toda a realidade possui uma trama e que, portanto, não é mais que uma construção. Mas de que ou em torno a quê?

O *Blitzkrieg* do Real

Voltaria a repetir aquele gesto iconoclasta –tecnoclasta– muitos anos mais tarde, às vésperas de minha primeira participação em uma exposição coletiva, mas vou falar disso um pouco mais adiante. Para entender melhor aonde quero chegar, antes gostaria de comentar sobre certas noções do Real que tomei de alguns autores.

Em seu livro *O retorno do real: A vanguarda no final do século XX*, Hal Foster (2001) estabelece uma comparação extremamente interessante entre o retorno periódico das vanguardas artísticas (dentro do esquema da história do século XX) com a hipótese lacaniana sobre um retorno “traumático” (na história psíquica de um sujeito), de algo que excede o mundo simbólico e que ultrapassaria a simples “repetição do reprimido como sintoma ou significante” (Foster, 2001, p. 168). No entanto, Foster estabelece esta analogia, principalmente, a partir de certa arte que não se comprazia em domesticar o olhar por meio da representação clássica: “O segundo é (...) o retorno do encontro traumático com o real, algo que resiste ao simbólico, que não é, de forma alguma, um significante” (Foster, 2001, p. 168). Nesse sentido, o Real para Foster – interpretando Lacan – seria aquilo que de fato não pode ser simbolizado de nenhuma forma e que “existe para além do *automaton* dos sintomas, para além da insistência do signo” e inclusive, “de fato, para além do princípio do prazer” (Foster, 2001, p. 168).²

É como se em certas ocasiões esse Real irrompesse violentamente na cena da “realidade ordinária” e, como uma labareda na noite do mundo, a iluminasse com sua luz cruel. Por um instante, a vida se apresentaria para nós em toda sua – insuportável – nudez.

Quando um grupo de jovens artistas me convidou para uma exposição³ no Centro Cultural da Espanha de Assunção, eu tinha intenções de apresentar as pesquisas que estava realizando com Polaroides a partir de imagens de vídeo⁴. Até que uma tarde, ao voltar para casa de uma viagem de uns dias, um espetáculo que bem poderia ser classificado como traumático me fez mudar de ideia.

Era um desses dias de insuportável calor estival (nunca conseguimos nos acostumar) e fui direto para a cozinha com a intenção de matar a sede com a metade de uma suculenta melancia que tinha deixado na geladeira. Mas, ao abri-la, simultaneamente ao vapor de ar repugnante que invadiu meu nariz, também chegou a imagem horripilante de “coisas” em avançado estado de decomposição. Foi um *rendez-vous* que duraria menos de um segundo, um relâmpago – um *re(a)lâmpago?* – pois, em seguida – ato reflexo –, com uma batida, fechei a porta da geladeira rapidamente.

Tinha acontecido o seguinte: acidentalmente, antes de viajar, o fio de eletricidade da geladeira tinha ficado desconectado da tomada.

Como dizia, esse pequeno evento me fez reconsiderar o projeto para a exposição. Mas também comecei a associar o ato de olhar o interior da geladeira com o *peep show* e, principalmente, com o espetáculo das imagens televisivas. Não sei, talvez a afirmação de McLuhan de que a televisão é um “meio frio”, talvez pelo “zapping” visual que se realiza frente aos produtos alimentícios expostos obscenamente na geladeira, sob a luz branca, como uma “aura” fria. Veio-me à cabeça a ideia delirante de que uma geladeira não seria outra coisa que a eminência da televisão. E, desta forma, concluía: entre a distração produzida pelos fogos-fátuos do sedutor espetáculo tardo-capitalista dos *mass media*, bem poderia se ocultar algo assimilável ao que eu tinha encontrado naquele eletrodoméstico disfuncional.

Pouco tempo depois, também me deparei com a seguinte frase em um livrinho de Mario Perniola:

De fato, o real que irrompe e sacode o mundo da arte não é só aquele arraigado na dimensão antropológica, mas também e, principalmente, aquele mais estranho e inquietante dos dispositivos tecnológicos e econômicos. O lugar decisivo deste realismo extremo se converte assim, no encontro entre o ser humano e a máquina, entre o orgânico e o inorgânico, entre o natural e o artificial, entre a pulsão e a eletrônica, entre a pessoa e a mercadoria (2002, pp. 18-19).

Munido de algumas dessas ideias, me propus a realizar uma desmontagem do aparelho de televisão, algo assim como uma “vídeo-desinstalação”.

Nos meses seguintes me dediquei a gravar de forma obsessiva a maior quantidade que pude de vídeos de programas de televisão. Em seguida, arranquei, com a violência de um martelo, as fitas de suas caixas pretas, e as exibi como vísceras tecnológicas dentro de uma velha geladeira General Electric⁵, iluminada em seu interior pela luz anfetaminada de um tubo fluorescente circular.

O anteparo

Existiria para os seres humanos uma impossibilidade “real” de ver o mundo tal qual é, a não ser através de um filtro ou “anteparo”. De fato, segundo Hal Foster, Lacan sugere que, assim como nós vemos as coisas, as coisas também nos devolvem o olhar “no ponto da luz”, e se não houvesse mediação que filtrasse o efeito da devolução desse olhar – monstruosamente radical, justamente por sua condição inumana⁶ o real nos cegaria, como um raio fulminante que partisse do mundo e queimasse a raiz mesma de nossa percepção. Assim, o anteparo para nós, o que nos protegeria do Real – ou o que seja aquilo que está além de nossa compreensão filtrada por tantas camadas de realidades construídas – seria a linguagem, ou melhor, as convenções da linguagem. Foster destaca algumas: “as convenções da arte, a *schemata* da representação, os códigos da cultura visual”; e fecha o conceito com a seguinte frase: “o anteparo faz a mediação entre o olhar-do-objeto e o sujeito, mas também protege o sujeito do olhar-do-objeto” (Foster, 2001, p. 170).⁷

1 *Blitzkrieg*, em alemão, significa “guerra relâmpago” e foi uma tática utilizada pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial baseada na velocidade e no efeito surpresa. Suas consequências eram devastadoras.

2 N. do T.: Tradução de C. Euvaldo. As referências a números de páginas neste e nos casos anteriores correspondem a Foster, H. (2017). *O retorno do real: A vanguarda no final do século XX*. São Paulo: Ubu.

3 *strauss, chamorro, casarino, casco*. Centro Cultural de España Juan de Salazar, maio-junho 1998.

4 *La carne fluorescente*, 1997-2000. Em sua maioria constituíam imagens retiradas diretamente da televisão, mas também outras que, gravadas previamente em vídeo caseiro, imitavam o cinema *hardcore*, ou sadomasoquista etc.

5 Dentro da mesma geladeira também incluí alguns videocassetes inteiros e embrulhados com plástico para proteger alimentos, além de um manequim, mas essas associações – mais literais – atualmente não me interessam.

6 O cinema de suspense e o fantástico souberam tirar proveito do efeito inquietante que provoca este jogo de “olhares”, com a frequente utilização de cenas onde o protagonista se encontra em situações paranoicas, por exemplo, caminhando ao lado de uma estrada abandonada e se sentindo observado, ou ao entrar em um quarto infantil sob o olhar inquietante de brinquedos na penumbra.

7 N. do T.: Tradução de C. Euvaldo. As referências a números de páginas correspondem a Foster, H. (2017). *O retorno do real: A vanguarda no final do século XX*. São Paulo: Ubu.



Sem título. Da série "A Felicidade". Fotografia em cores, 2009.

Realizando uma leitura transversal dos textos de Foster e Perniola, cheguei a pensar que, nas novas tecnologias da imagem, a metáfora do "anteparo" se tornou literal (a tela da TV, do monitor do computador etc.). Se não existisse tal mediação, não nos seria possível ler as imagens, pois o que há por trás – ou seja: o Real – só é uma maçaroca confusa de circuitos e cabos, ou no caso daqueles videocassetes em particular: um monte de fita escura, carente de toda estética, refratária e inclusive repulsiva⁸.

A cortina rasgada

Existem momentos em que, após de ter recebido um golpe muito forte (de qualquer índole, não necessariamente física), as pessoas e as coisas que nos rodeiam se tornam embaçadas, inacessíveis. Durante esse lapso indeterminado, vivemos em um mundo espectral, um interregno emocional, antes que as coisas voltem a seu estado aparente... ou desapareçam definitivamente no buraco negro da morte.

Durante 2003 realizei um breve ensaio fotográfico, com o título *Otoño*, na casa de uma família vizinha, imediatamente depois do desaparecimento trágico de um de seus membros. Todas as imagens estavam deliberadamente fora de foco e correspondiam a cenas melancólicas, como se quisesse captar no ambiente o tempo de luto e, principalmente, a ausência.

Essas fotografias certamente tentavam operar como véus sutis ou membranas translúcidas, interpostas temporariamente entre meu olhar e a realidade ordinária dessa casa, habituada a outra luz⁹. Mas, como sugere Didi-Huberman, a imagem fotográfica possui a propriedade de ser, ao mesmo tempo, véu e brecha, através da qual o Real surge e nos pressiona com sua verdade inapelável. Nesse sentido, a tentativa de mitigar essa realidade finalmente teria tido em mim um efeito colateral. Cada vez que volto a estas imagens, as pessoas e as coisas continuam aparecendo, como se tivessem sido levadas em sua totalidade a um mundo de fantasmas, um lugar onde o luto seria impossível ou infinito.

Poderia entender melhor tal efeito se voltar ao texto de Foster, aí onde o autor identifica as manchas "acidentais" de tinta nas imagens de acidentes automobilísticos de Andy Warhol¹⁰, com uma certa filtragem do "real entendido como traumático", mas onde, por sua vez, estas manchas terminariam rompendo o anteparo: "É uma ruptura menos no mundo que no sujeito – entre a percepção e a consciência de um sujeito *tocado* por uma imagem" (Foster, 2001, p. 166).¹¹

No caso das fotografias de *Otoño*, a mancha se estenderia a toda a imagem, então, as coisas e as pessoas fotografadas não são para a minha lente nada mais além de cortes ou, na melhor maneira de dizer, *punctum*¹².

8 Em trabalhos recentes tentei colocar em evidência este último ponto ao utilizar as fitas de vídeo como pele envolvente de carne em decomposição... sempre dentro de uma "geladeira-televisão".

9 A casa era muito frequentada pelos amigos da família principalmente durante o verão, pois tem uma piscina de consideráveis proporções.

10 Warhol, A. (1962-1963). *Morte e desastre*.

11 N. do T.: Tradução de C. Euvaldo. As referências a números de páginas correspondem a Foster, H. (2017). *O retorno do real: A vanguarda no final do século XX*. São Paulo: Ubu.

12 Roland Barthes (1990), em sua célebre análise da fotografia, destaca a diferença entre *studium* e *punctum*: "Esse segundo elemento vem a contrariar o *studium*. (...) Dessa vez, não sou eu que vou buscá-lo (...), é ele que parte da cena, como uma flecha, e vem me trespassar. Em latim existe uma palavra para designar essa ferida, essa picada, essa marca feita por um instrumento pontudo; (...) A esse segundo elemento que vem desordenar o *studium*, então, chamarei *punctum*, já que *punctum* é também furo, pequeno orifício, pequena mancha, pequeno corte – e, ainda, lance de dados" (p. 46). N. do T.: Tradução de J. Guimarães. As referências a números de páginas correspondem a Barthes, R. (1984). *A câmara clara: Nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Tenho a sensação de que algo parecido volta a ocorrer com outra série fotográfica realizada vários anos depois, *La felicidad*, onde o acaso ocupou inclusive um papel preponderante.

Tudo tinha começado com a tentativa de realizar cópias das fotografias de minha infância, nas que apareço com minha mãe, com a intenção de restaurá-las.

Mas eis aí que um descuido fez com que o flash disparasse acidentalmente e queimasse boa parte da imagem reproduzida. Não preciso nem dizer que o resto das fotografias foram refotografadas com o flash ativado, pois tinha visto aí algo que necessitava decifrar.

Por outro lado, essas fotografias me apareceram como suspeitas, ou melhor, o que me parecia suspeito era a imagem de felicidade que minha mãe representava nelas. Eram realmente o documento genuíno de um momento de bem-estar? Ou não eram nada mais que sua representação para o olhar de meu pai? Tratava-se, afinal, de “momentos Kodak”, pode-se dizer, de uma felicidade fotográfica ao alcance de um botão?

Por outro lado, há estas luzes que parecem emanar de meu corpo. O flash disparado uma e outra vez sobre a superfície de diferentes tipos de papel fotográfico provocou um efeito de véu em zonas determinadas da imagem. Em alguns momentos estas zonas são maiores que outras, mas, em todo caso, terminam remetendo novamente à mancha, a *punctum*, ao véu/corte. Deflagrações de luz que representariam uma felicidade de dois gumes, pois terminaria queimando a própria imagem.

Epílogo

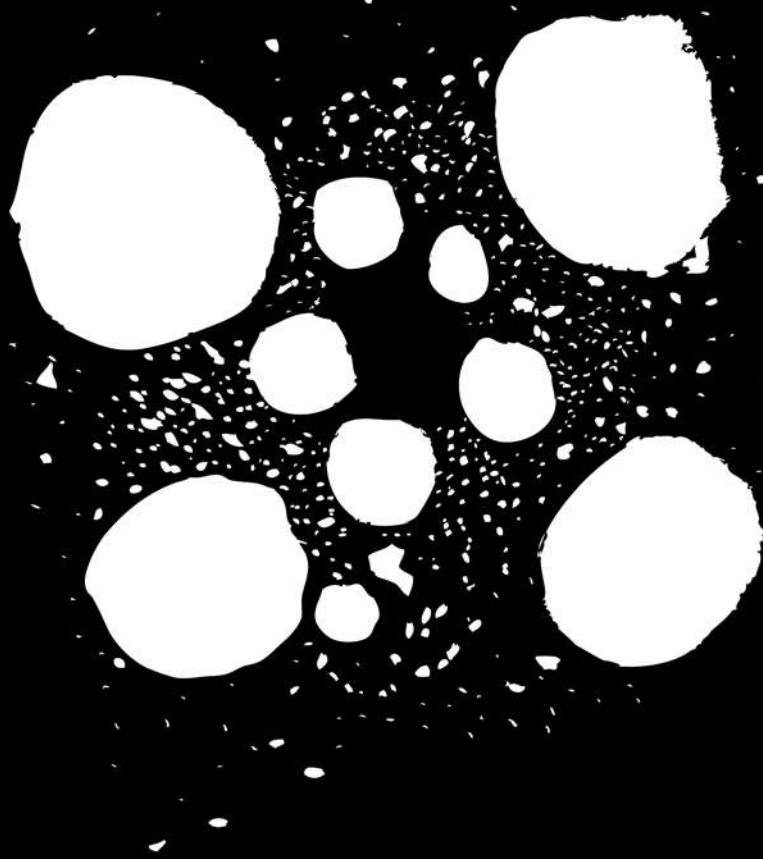
Fitas de vídeo exibidas como vísceras (*in*)humanas, fotografias fora de foco ou queimadas. Operações que venho realizando dentro e fora dos marcos da arte e que não seriam mais que prospectos de uma realidade sempre em ruínas. Receitas farmacêuticas nas que não seriam indicados nada além de seus efeitos colaterais; contraindicações em si mesmas.

Mas em certas raras ocasiões – e aqui apenas posso falar pelo que me toca –, atuariam como narrativas em abismo da cotidianidade rasa; pequenos umbrais que me enfrentam em incessantes *loops* àquilo que já estava ali desde antes do princípio, mas sempre “tão longe, tão perto”, que seu acesso pleno está fechado. Pois, justamente “aquilo” que agita e retumba nas comissuras da tela do mundo, só acontece em vislumbres.

“Oh, o que será, que será...”

Referências

- Barthes, R. (1990). *La cámara lúcida. Nota sobre la fotografía*. Barcelona: Paidós Ibérica.
- Casco, F. (2001). *Ego caos*. Assunção: De la Ura.
- Foster, H. (2001). *El retorno de lo Real: La vanguardia a finales de siglo*. Madri: Akal.
- Perniola, M. (2002). *El arte y su sombra*. Madri: Caitedra.



Vórtice:
Desconstruções e
transformações
da sexualidade

Jorge Kantor*

A sexualidade curva

Vórtice indaga neste número, através das perspectivas clínicas de oito psicanalistas latino-americanos, a sexualidade e o gênero, em um tempo de expansão da consciência com respeito à diversidade da “identidade nuclear de gênero” (Stoller, 1968).

Sem dúvidas, a sexualidade é a característica principal, primordial, da psicanálise, e ainda que se possa argumentar que a teorização atual se afasta em direção à dimensão vincular (pré-edípica), a inquietante vigência do tema sexual no plano social (cultural e jurídico) renovou a consciência da precedência da dimensão sexual. Naturalmente, toda ampliação da consciência gera, ao mesmo tempo, polêmica e resistência.

Do ponto de vista cultural e jurídico há um processo em andamento que se expressa, por exemplo, na premiação com o *Oscar* do filme *Uma mulher fantástica* (Dios Larraín, Larraín, Lelio, Maza e Lelio, 2017), película que trata da problemática de pessoas transgênero. Em geral, pode-se afirmar que a comunidade LGBTQIA (lésbica, gay, bissexual, transexual, intersexual, queer e assexual) está conseguindo uma maior representação no imaginário coletivo contemporâneo, por meio de um número de importantes transformações no plano social.

Nesta ocasião, **Vórtice** se pergunta se tem havido processos observáveis clinicamente, paralelos a essas transformações sociais, nas pessoas que nos procuram. Questionamentos coisas como: a oposição binária feminino/masculino perdeu a vigência? Há uma tolerância cada vez maior com atitudes e comportamentos “masculinos” em mulheres e “femini-



nos” em homens? Estará mudando a dinâmica da bissexualidade nestes tempos?

O conceito da “bissexualidade constitucional” (Freud, 1905/1993) é importante no estado atual da discussão, porque abre a perspectiva da diversidade do sexo e do gênero, evitando reduzir a discussão à oposição binária do “masculino” e do “feminino”. O conceito de bissexualidade também serve para separar “o joio do trigo” entre as grandes teorias sexuais freudianas.

Freud, sobre a natureza sexual (que depois foi chamada de “identidade nuclear de gênero”), tocou no âmago da questão.

Para Freud essa “identidade nuclear” não é de todo homem, nem de todo mulher:

no caso do ser humano nem no sentido psicológico nem no biológico se acha uma pura masculinidade ou feminidade. ...tanto na medida em que esses traços de caráter psíquicos dependam dos biológicos como em que são independentes [deles] (p. 139)¹.

A sexualidade é “curva”, na medida em que para compreender o sentido da linha que vai do masculino ao feminino, não se pode traçar uma reta entre ambos. Ou melhor, a transformação que se opera no trajeto entre os dois polos se relaciona a outros fatores: a genética, ao meio ambiente e ao acaso, ou dito em uma linguagem freudiana, às “séries complementárias” (Laplanche e Pontalis, 1967/1977, p. 420). Esses fatores influenciam *curvando* o plano gravitacional da “identidade nuclear de gênero” de cada um de nós.

Precisamente, Leticia Glocer em “A sexualidade em cena” examina a extensão progressiva de adaptações não convencionais da sexualidade e as expressões migrantes dos gêneros, que superaram a polaridade binária masculino-feminino.

Marco Posadas em “Como se escuta o gênero na clínica psicanalítica: Um olhar antiopressivo” se pergunta como os psicanalistas pensam e discutem a diversidade de gênero. Posadas adverte que os temas de sexualidade e de gênero produzem um nível de mal-estar e perturbação na psicanálise atual.

Cecilia Rodríguez nos mostra algo dessa perturbação do campo psicanalítico no texto “Problemáticas atuais: A infância transgênero”. Rodríguez questiona o que se constrói em meninos e meninas como uma espécie de dismorfia do feminino e do masculino, que põe em risco o processo da sexuação da configuração psíquica ao adiantar-se à pergunta neurótica “sou homem ou sou mulher?”.

Aida Ungier em “O corpo como palco e cenário” nos recorda, entre outras questões, que a sexualidade antecede ao gênero, no sentido em que a sexualidade mesma não tem sexo, senão que é uma força vital pulsional que precede a definição binária da identidade sexual da personalidade.

Igualmente, Patricia Alkolombre em “Desconstruções e transformações da sexualidade:

‘Ela não é uma mulher de verdade’” observa uma realidade presente na sociedade que se reflete na clínica, chega aos consultórios e nos leva a pensar nos novos paradigmas a partir de um olhar psicanalítico mais livre. Traz como exemplo a consulta de um casal sobre Marcelo/a, namorado/a transexual do filho.

María Pía Costa, em “Novos paradigmas, novos desafios”, busca um equilíbrio entre os novos paradigmas que se acrescentam a uma perspectiva já alcançada pela psicanálise sobre a natureza da inserção dos novos membros da espécie ao mundo, ao discutir as posições em debate sobre a procriação, independentemente da identidade sexual ou de gênero.

Sandra Schaffa, em “Intimidade e diferença sexual”, considera que a indeterminação de ser homem e mulher, nem um nem outro ou ambos, é própria das neuroses estudadas por Freud. A autora, a partir de uma perspectiva lacaniana, reflete sobre o caso de intersexualidade de Alex, personagem do filme *XXY* (L. Puenzo, Morales e A. Puenzo, 2008).

Por último, Margarita Cerejido entrevistou um grupo de 30 mulheres solteiras grávidas em Nova York nos anos 80, que haviam decidido ter filhos sem um parceiro. Trinta anos depois, voltou a entrevistá-las. Cerejido ficou surpresa com o desenlace. Aparentemente, as famílias monoparentais funcionavam.

É assim que, nesta oportunidade, **Vórtice** explora as transformações e expansões contemporâneas na dimensão da sexualidade e do gênero, a partir de oito perspectivas vividas no exercício da psicanálise.

Referências

Dios Larraín de, J., Larraín, P., Lelio, S., Maza, G. (produtores) e Lelio, S. (diretor). (2017). *Una mujer fantástica* [longa-metragem]. Chile, Alemanha, Espanha, Estados Unidos: Fábula, Komplizen Film, Setembro Cine.

Freud, S. (1993). Tres ensayos de teoría sexual. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 7, pp. 109-224). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905).

Laplanche, J. e Pontalis, J.-B. (1977). *Diccionario de psicoanálisis*. Buenos Aires: Labor. (Trabalho original publicado em 1967).

Puenzo, L., Morales, J. M. (produtores) e Puenzo, A. (diretora). (2007). *XXY* [longa-metragem]. Argentina, França, Espanha: Historias Cinematográficas Cinemania, Wanda Visión S. A., Pyramide Films.

Stoller, R. (1968). *Sex and gender: On the development of masculinity and femininity*. Nova York: Science House.

* Sociedad Peruana de Psicoanálisis.

1. Freud, S. (1905/2017). *Obras completas, volume 6* (Paulo Cesar de Souza, Trad). São Paulo: Companhia das Letras.



This sign
has a particular value
because it permits
the precise

Leticia Glocer Fiorini*

A sexualidade em cena

Nas culturas contemporâneas há uma expansão crescente de formas não convencionais do exercício da sexualidade e expressões migrantes dos gêneros, que excedem a polaridade clássica masculino-feminino. Esses “noma-

dismos” sempre existiram, mas na atualidade, principalmente no ocidente, adquirem uma visibilidade e uma legalidade que induzem a pensar em seu impacto na construção da subjetividade. Neste sentido, constituem um de-

safo para o campo psicanalítico uma vez que põem em jogo o trabalho clínico e, certamente, as ferramentas teóricas com que se “escuta” e se interpreta no curso de uma análise.

A isso agrega-se a formação de novas maneiras de organização familiar que resulta na necessidade de repensar as funções materna e paterna tal como estão estabelecidas classicamente, assim como o desejo de filhos por parte de casais não convencionais (Glocer Fiorini, 2001, 2013). Estão implicados a estruturação do laço social e seus efeitos na subjetividade.

Estamos frente a questionamentos que exigem uma revisão de muitas suposições consideradas inabaláveis. Procuram-nos homossexuais cujas problemáticas são da ordem dos conflitos neuróticos; casais do mesmo sexo com filhos, biológicos ou não, com conflitos familiares que não se diferenciam daqueles da família clássica, nuclear, com base na heterossexualidade. Também nos procuram os filhos de casais homossexuais cuja sexualidade, identidade sexual, capacidades sublimatórias e de inserção social não se diferenciam, significativamente, dos filhos de casais heterossexuais, com seus conflitos e problemáticas.

Organizações clínicas neuróticas, perversas ou psicóticas podem ser vistas tanto na heterossexualidade quanto na homossexualidade. A escolha de objeto de um casal do mesmo sexo não deveria ser homologada automaticamente como perversão. Na singularidade de cada paciente será possível analisar as suas determinações.

Com respeito à sexualidade, recordamos que Freud já havia observado que a sexualidade sempre funciona, por definição, no excesso. Esta tendência a “transbordar” com respeito às normas e convenções, é uma marca de origem. Da mesma maneira, a noção de transgênero transborda os gêneros clássicos, masculino e feminino.

Freud havia explicitado que o complexo de Édipo-castração era um organizador para derivar o “caos pulsional” a uma ordem de sexualidade e identidade sexual. Atualmente, essa proposta parece ser insuficiente para explicar o acesso a um universo simbólico em cada sujeito, ainda que seja útil como ferramenta de análise quando se apresenta eventualmente como um fato clínico.

Então, em que sentido a psicanálise está envolvida?

Por um lado, se dirá que nada disso afeta o campo psicanalítico que já teria estabelecida a sua teoria a este respeito. Para Freud (1923, 1924), o complexo de Édipo-castração organiza o campo da sexualidade e do desejo; para Klein (1945), o acesso à posição depressiva; para Lacan (1972-73, 1973), o atravessamento do fantasma com diminuição do gozo em favor do campo desejante, em um sentido simbólico. Nesse contexto, a psicanálise responde a uma narrativa sobre os gêneros masculino e feminino e constrói uma teoria sobre a diferença sexual que desemboca na escolha heterossexual do objeto e em identificações com o progenitor ou substitutos do mesmo sexo/gênero.

Por outro lado, é indispensável rever se a determinação heterossexual é suficientemente explicativa para o desenvolvimento dos processos de sexuação e se deveria ser considerada como um ideal normativo que marcaria o acesso a um universo simbólico. Isso conduz a repensar o complexo de Édipo-castração, sua travessia e determinações, e analisar se corresponde às problemáticas que atualmente muitos pacientes, homens e mulheres, tem apresentado.

A heterossexualidade é apenas uma definição se não forem analisados os fantasmas inconscientes. Às vezes coexiste também com fenômenos de *cross dressing* ou travestismo ocasional. Por isso, a questão é se a categoria “diferença” está incorporada seja qual for a orientação sexual e a escolha do objeto (hétero ou homossexual). A nosso ver, não se trata apenas da diferença sexual e de gêneros, mas também da diferença no campo linguístico e discursivo (Glocer Fiorini, 2015). A isto é necessário acrescentar a diferença como movimento (Deleuze, 1968) e a diferença como distinção (Heidegger, 1988). Fundamentalmente, trata-se do reconhecimento da alteridade como forma *princeps de acesso* à categoria diferença (Fraisse, 1996). Em outras palavras, a heterossexualidade por si só não define o acesso a um universo simbólico de laços sociais.

Nesse contexto, não é possível excluir a posição do analista, as teorias de que dispõe, suas crenças, ideologia, preconceitos, sobre a

* Asociación Psicoanalítica Argentina.

polaridade masculino-feminino. Isso tem um impacto na contratransferência e nas expectativas de “cura” para os seus pacientes.

Estas questões nos remetem às teorias implícitas e metateorias que sustentam nossas teorias sobre a diferença sexual. O pensamento binário está em jogo. A polaridade dual masculino-feminino é insuficiente para compreender os itinerários da sexualidade e as mudanças que nos são apresentadas. Masculino-feminino são categorias de conteúdo incerto, demonstra Freud (1933 [1932]). Laplanche (1980) defendia que a polaridade masculino-feminino se aplicava ao gênero, mas não à sexualidade. Esta distinção entre gênero e sexualidade é importante porque o gênero alude à convicção de ser homem ou mulher, ou as dúvidas que se podem apresentar a respeito; em outra vertente, a sexualidade é parte do campo pulsional e do desejo e inclui a escolha do objeto hétero ou homossexual, assim como outras possibilidades. *As relações entre gênero e sexualidade são bidirecionais, recursivas: o gênero sugere caminhos para a sexualidade, e a sexualidade, para o gênero, incluídas suas incertezas.*

Por isso, minha proposta é ir além dos binarismos, buscar linhas de fuga entre as duas polaridades clássicas (Deleuze, 1995), trabalhar no limite, nas margens (Trías, 1991), para tentar encontrar outras formas de pensar as sexualidades e os gêneros não convencionais. O paradigma da complexidade (Morin, 1990) oferece a possibilidade de incluir outro tipo de pensamento, não binário, que sustenta variáveis heterogêneas, em tensão.

Nessa linha, percebo a necessidade de abordar uma forma de pensamento triádico que abarque três ou mais variáveis para pensar os processos de subjetivação sexuada (Glocer Fiorini, 2001, 2015). Não se trata de ignorar os binarismos que certamente são parte da linguagem e da cultura, mas sim de incluí-los em complexidades maiores.

É indispensável uma tarefa de desconstrução de verdades consideradas inabaláveis, que conduzam a novas construções, em um porvir teórico e experiencial. Vivemos uma época de mudanças e transições. Isso não significa necessariamente enfocá-las com uma visão apocalíptica. O apocalíptico são as guer-

ras, violências, discriminações. As buscas no campo libidinal respondem em sua maioria, a Eros. Trata-se, então, de uma oportunidade para abordar os processos de subjetivação, em movimento, como “acontecimento” (Badiou, 1999). O final é aberto...

Referências

- Badiou, A. (1999). *El ser y el acontecimiento*. Buenos Aires: Manantial.
- Deleuze, G. (1995). *Conversaciones*. Valencia: Pre-Textos.
- Deleuze, G. (2000). *Diferencia y repetición*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1968).
- Fraisse, G. (1996). *La diferencia de los sexos*. Buenos Aires: Manantial.
- Freud, S. (1976a). *El sepultamiento del complejo de Edipo*. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 19, pp. 177-188). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1976b). *El yo y el ello*. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 19, pp. 1-66). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1976c). *La femineidad*. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 22, pp. 104-125). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1933 [1932]).
- Glocer Fiorini, L. (2001). *Lo femenino y el pensamiento complejo*. Buenos Aires: Lugar.
- Glocer Fiorini, L. (2013). Deconstruyendo el concepto de función paterna: Un paradigma interpelado. *Revista de Psicoanálisis*, 70(4), 671-681.
- Glocer Fiorini, L. (2015). *La diferencia sexual en debate: Cuerpos, deseos y ficciones*. Buenos Aires: Lugar.
- Heidegger, M. (1988). *Identidad y diferencia*. Barcelona: Anthropos. (Trabalho original publicado em 1955-1957).
- Klein, M. (1964). *El complejo de Edipo a la luz de las ansiedades tempranas*. Em M. Klein, *Contribuciones al psicoanálisis*. Buenos Aires: Hormé. (Trabalho original publicado em 1945).
- Lacan, J. (1974). *Los cuatro conceptos fundamentales*. Barcelona: Barral. (Trabalho original publicado em 1973).
- Lacan, J. (1981). *El seminario de Jacques Lacan, libro 20: Aún*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1972-1973).
- Laplanche, J. (1988). *Problemáticas 2: Castración. Simbolizaciones*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1980).
- Morin, E. (1995). *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Gedisa. (Trabalho original publicado em 1990).
- Trías, E. (1991). *Lógica del límite*. Barcelona: D



Marco Posadas*

Como se escuta o gênero na clínica psicanalítica: um olhar antiopressivo

Como pensamos e discutimos sobre gênero e diversidade de gênero os psicanalistas? Em minha experiência, pensar (mas, sobretudo, discutir) o gênero na psicanálise produz angústia, desarticula e desajusta o psicanalista. É algo que nos incomoda. Isto acontece particularmente se queremos incluir em nosso entendimento de gênero experiências que estão fora da hegemonia binária masculino-feminino. Eu chamo esta forma de escuta de *antiopressiva*, termo que tomei de minha experiência como assistente social. Se a psicanálise, a partir de minha experiência clínica com grupos de gênero diverso, é a proposta terapêutica mais antiopressiva, por que ficamos tão travados com o gênero?

Como tudo, na psicanálise as respostas a estas questões de gênero podem ser diferentes, contraditórias, mas, sobretudo podem produzir angústia.

Como categoria profissional, dentro da clínica, ainda não pudemos contribuir no mesmo nível que outras áreas (Chodorow, 1994; Drescher, 2008; Young-Bruehl, 1991).

A nível institucional começamos a estabe-

lecer um diálogo para podermos contribuir com o debate de gênero e oferecer propostas que respondam às necessidades psíquicas do sujeito, considerando sua expressão ou identidade de gênero. Um exemplo disto é a criação em 2017 do primeiro Comitê de Estudos em Diversidade Sexual e de Gênero da Associação Psicanalítica Internacional (IPA, segundo suas siglas em inglês) somente 107 anos depois que Freud fundou a IPA (Loewenberg e Thompson, 2011).

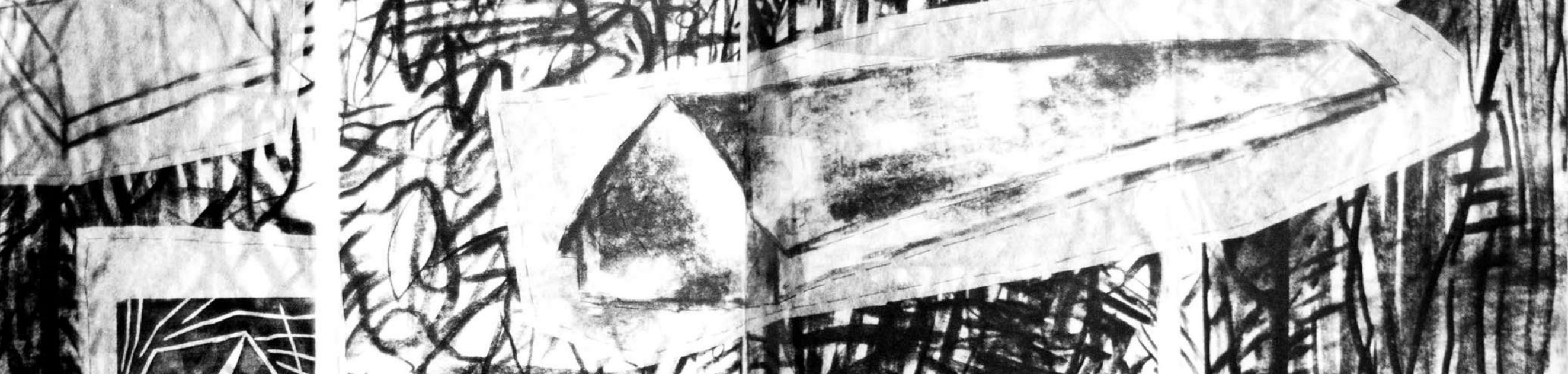
Seria possível afirmar que na psicanálise latino-americana, especialmente nos institutos de formação, não temos modelos que permitam uma escuta analítica da diversidade de gênero, e isso inevitavelmente nos impacta na clínica.

Como escutamos os pacientes que estão fora do binário masculino-feminino? Quais problemas enfrentamos quando as ideias do analista viram preconceitos?

Hoje em dia vemos que existem pacientes trans¹ como consequência do aumento da visibilidade de pessoas transgênero na mídia e no cotidiano. O incremento nas leis que

* Instituto e Sociedade Psicanalítica de Toronto; Asociación Psicoanalítica Mexicana.

1. Usarei a palavra *trans* para referir-me às identidades que estão fora do binário de expressão de gênero feminino-masculino. Esta ferramenta pedagógica traz problemas, visto que privilegia o termo trans, que tem sido criticado por acadêmicos em estudos transgênero (Stryker, 2008).



protegem as minorias de gênero da violência e das expressões de ódio facilitaram que a psicanálise gerasse propostas que não patologizem os pacientes trans. Quer dizer, uma pessoa trans não é um “transtorno” mental (Robles et al, 2016). Este posicionamento de afirmação da possibilidade de existir fora do binário hegemônico masculino-feminino é indispensável para o estabelecimento de uma aliança terapêutica sólida que suporte as tensões nas dinâmicas transferenciais e contratransferenciais. Esta postura na escuta da pessoa cisgênero pode assegurar-nos como psicanalistas e fortalece o modo em que praticamos a neutralidade psicanalítica, condição *sine qua non* para a escuta analítica.

Quando falamos do paciente trans, falamos de seu sofrimento, e na clínica psicanalítica devemos definir como escutamos esse sofrimento. Precisamos de uma escuta que facilite a ação terapêutica no tratamento. Na mesma linha em que a psicanalista argentina Patricia Gherovici (2017) recomenda uma mudança de sexo dentro da psicanálise, devemos reencantar o preconceito em nossas teorias sobre a expressão criativa de gênero e sexual. Algumas de nossas teorias que se tornaram rígidas pelos preconceitos limitam nossas formulações clínicas e nos predis põem a participar em repetições traumáticas para o paciente dentro do *setting* analítico.

Historicamente ficamos na escuta de estereótipos de heterossexualidade hegemônica

construídos dentro de um sistema de gênero binário que fragmenta e polariza posicionamentos subjetivos de expressão e identidade de gênero: *o masculino e o feminino*. Levou décadas para reconhecermos que não entendíamos a sexualidade feminina; quanto tempo imaginamos que precisaremos, como psicanalistas, para podermos entender a complexidade de pensar o gênero além do binário masculino-feminino?

Para podermos articular uma escuta analítica do que hoje se apresenta em nossos consultórios como diversidade de gênero, temos que poder articular o como pensamos sobre esta questão. Na América Latina, como no mundo inteiro, estamos tomados por preconceitos, e os psicanalistas não são uma exceção. É por isso que gostaria de citar algumas psicanalistas latino-americanas como Patricia Gherovici e Leticia Glocer Fiorini, entre outros, que apresentam propostas interessantes para pensar e poder escutar o diferente dentro da expressão de gênero e sexualidade humana.

As recomendações clínicas que ambas fazem em seus livros permitem um novo conceito da expressão de gênero além da causalidade e da patologia. Patricia Gherovici (2010, 2017) propõe alternativas teóricas sustentadas em seu trabalho clínico com pacientes transgênero sem patologizar a identidade do paciente. Leticia Glocer Fiorini, em seu livro *A diferença sexual em debate: Corpos, desejos e ficção* (2015), propõe um modelo teórico

para pensar o não binário, acrescentando uma terceira função. Essa terceira função, como Glocer Fiorini a denomina, é uma função de simbolização que permite um maior movimento nas formulações de gênero diversas ou não-conformistas.

Este movimento – embora aparentemente sutil em nossa escuta – nos leva de um modo inevitável a identificarmos preconceitos internalizados nas duas partes da díade analítica. Estes preconceitos internalizados inconscientemente – e outras vezes nem tão inconscientemente – se expressam normalmente nas dinâmicas transferenciais e contratransferenciais. Os preconceitos internalizados podem identificar-se nas experiências contratransferenciais no analista em forma de suposições errôneas sobre o paciente. Estas suposições errôneas estão presentes na mente do analista como se fossem fissuras que facilitam a internalização de preconceitos específicos dirigidos a pacientes marginalizados. No caso de pessoas trans, um preconceito que temos internalizado como psicanalistas é a crença de que a pessoa trans é psicótica (Millot, 1989; Gherovici 2017). Essa ideia, a ideia de que a pessoa trans tem uma organização psicótica, é basicamente uma metáfora psicanalítica de como a sociedade hétero e cisnormativa responde à natureza dinâmica da expressão de gênero: apagando-a do imaginário social e renunciando-a como psicótica. Esta é uma das características que, desde Freud, a expressão

de gênero compartilha com o inconsciente: o inconsciente e a expressão de gênero são dinâmicos, fluidos e não estáticos.

Referências

- Chodorow, N. (1994). *Femininities, masculinities, sexualities. Freud and beyond*. Londres: Free Association Books.
- Drescher, J. (2008). A history of homosexuality and organized psychoanalysis. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis and Dynamic Psychiatry*, 36(3), 443-460.
- Freud, S. (1961a). Female sexuality. Em S. Freud, *Standard edition* (vol. 21, pp. 225-243). Londres: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1931).
- Freud, S. (1961b). Femininity: New introductory lectures on psychoanalysis. Em S. Freud, *Standard edition* (vol. 22, pp. 112-135). Londres: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (1961c). Some psychical consequences of the anatomical differences between the sexes. Em S. Freud, *Standard edition* (vol. 19, pp. 248-258). Londres: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1925).
- Gherovici, P. (2010). *Please select your gender: From the invention of hysteria to the democratizing of transgenderism*. Londres: Routledge.
- Gherovici, P. (2017). *Transgender psychoanalysis: A Lacanian perspective on sexual difference*. Londres: Routledge.
- Glocer Fiorini, L. (2015). *La diferencia sexual en debate: Cuerpos, deseos y ficciones*. Buenos Aires: Lugar.
- Loewenberg, P. y Thompson, N. L. (ed.). (2011). *100 years of the IPA: The centenary history of the International Psychoanalytical Association*. Londres: Karnac.
- Millot, C. (1989). *Horsexe: Essay on transsexuality*. Nova York: Autonomia.
- Robles, R., et al. (2016). Removing transgender identity from the classification of mental disorders: A Mexican field study for ICD-11. *The Lancet*, 3, 850-859.
- Stryker, S. (2008). *Transgender history*. Berkeley: Seal.
- Young-Bruehl, E. (1991). Rereading Freud on female development. *Psychoanalytic Inquiry*, 11, 427-440.



Cecilia T. Rodríguez*

Problemáticas atuais: a infância transgênero

Há alguns meses, chocou-me profundamente a capa de um exemplar da revista *National Geographic* (National Geographic Society, 2017). Nela aparece um grupo de pessoas – crianças e adolescentes – no qual unicamente um deles conserva a identidade de acordo com o corpo com o qual nasceu. Os argumentos dessa revista tão popular, que se acrescentaram ao que se começou a chamar de a “revolução do gênero”, sustentam explicações biológicas nas que se propõem supostos erros na natureza.

Minha inquietação em relação ao assunto acentuou-se quando, em uma escola de minha vizinhança, ao se reiniciar o ciclo escolar, um casal solicitou o apoio dos professores para poder matricular seu filho de sete anos como filha. É necessário considerar o efeito desse tipo de solicitação na comunidade a que pertencem, nesse caso, professores, colegas e pais de família, motivo pelo qual considero que o assunto convoca, não só a partir da intimidade de nossos consultórios, mas também como parte de uma cultura na qual os movimentos sociais vão esgrimindo novas legalidades. Situações como essas nos colocam diante de problemáticas – nesse caso, infantis e adolescentes – frente às quais, indubitavelmente, se requer da perspectiva psicanalítica que amplie a visão sobre o que, em forma dialética, parece estar surgindo tanto como efeito da cultura contemporânea, quanto como produzindo, ao mesmo tempo, as particularidades dos discursos atuais, dignos de um novo capítulo que poderia continuar a *História da sexualidade*, escrita por Foucault (1976/2008).

Sem dúvida, esses casos de mudança de identidade e intervenções no corpo em idade precoce abrem novas vias ao pensarmos em

Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (Freud, 1925/1976b), *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/1976a) e outros textos de Freud escritos em uma época em que a simples ideia de “construir” o corpo na medida do desejo, ou da realidade psíquica de quem “o habita”, era difícil de conceber. Não cabe aqui mencionar a diversidade de trabalhos psicanalíticos que foram escritos sobre o tema desde então, estendendo a compreensão do *polimorfo*, entendido aqui como as múltiplas formas no leque de possibilidades que estão em termos de identidade de gênero e encruzilhadas do desejo. Leque que, a partir do movimento *queer*¹, foi conseguindo, não só a legitimação, mas também um questionamento importante em relação à ordem binária e falocêntrica de nossa cultura, e que, sem dúvida, antecede o que hoje em dia dá espaço à multiplicação de casos nos quais são crianças e adolescentes os que estão sendo *apoiados* em transformações derivadas de sua convicção de estar em um corpo que não corresponde à identidade na que eles se reconhecem.

Então, como repensar hoje tudo o que se sustenta a partir da diferença sexual anatômica como base de mecanismos de negação (*Verleugnung*), rejeição (*Verwerfung*) e repressão (*Verdrängung*), sem engessar nossa escuta a essas demandas *trans* em modelos de estrutura psicopatológica que obstruem a experiência do encontro do que configura a trama (ou o drama) sobre o qual cada ser humano tece sua existência? A perspectiva atual que nos impulsiona a, incessantemente, seguir reformulando nossos paradigmas, inseridos em contextos de época de revoluções de todo tipo, (sociais, políticas, científicas, sexuais)

* Asociación Psicoanalítica de Guadalajara.

1. Judith Butler é importante representante desse movimento que nos 80 começou a questionar a hereticonormatividade.

nos convocam também a uma *re-evolução* teórica que nos permita uma maior compreensão frente às problemáticas de nosso mundo atual, devido a que estas tramas infantis, familiares, transgeracionais e transculturais requerem que sigamos fieis ao movimento subversivo da psicanálise que se afasta de qualquer forma de “ortopedia”, aliás permanece aberto a uma pesquisa constante, que nesses casos faz pensar nos avatares dos processos de subjetivação.

Eu me pergunto o que realmente pede uma criança que diz querer mudar de sexo. Com as crianças não há algo que poderia ser atribuído à “confusão de línguas” de Ferenczi (1932/1984), quanto à diferenciação entre criança e o adulto? Se a lógica da sexuação faz da ordem das identificações e do desejo a ponta do iceberg da configuração psíquica, aquela que para a histérica deixava aberta a pergunta – “sou homem ou sou mulher?” –, não posso deixar de questionar o que nessas crianças se constrói como *certeza* do feminino ou masculino a ponto de viver o que aparece como disformia. Parece-me interessante pensar o trajeto proposto por Aulagnier (1975/2007), do que acontece entre o pictograma e o enunciado e também não posso deixar de pensar em todas as linhas teóricas que abordam os processos de simbolização na subjetivação, e a incidência de suas falhas no que dá suporte à existência de cada um de nós.

O transexual que finalmente faz a mudança de corpo, já adulto, sem dúvida poderá dar conta de sua história infantil e adolescente, mas a incidência desses processos em menores de idade leva a pensar na situação a partir de outras perspectivas, e, sem dúvida a escuta analítica só poderá dar conta de caso por caso frente às angústias, às dúvidas e aos conflitos das meninas e meninos e suas famílias implicadas. Mas devem saber que existe esta possibilidade.

Não posso em poucas páginas me aprofundar em um tema que tem múltiplas variáveis. Por enquanto penso nos efeitos da angústia e sua incidência, no que pode tomar o corpo da criança como um terreno onde se configuram desejos, projetos de identificação, possibilidades ou déficits de simbolizações, medos e os fantasmas derivados do insolúvel da sexualidade. Nada novo para um psicanalista. Isso sabemos, mas o que tento apontar é a grande tarefa

para todas as iniciativas da psicanálise implicadas na comunidade e na cultura, de abrir espaços para a compreensão do que ultrapassa em muito, o que em um grande setor da população parece estar ficando apenas como um assunto da ciência, da biologia e do direito. Já na intimidade de nossos consultórios, poderemos escutar, caso por caso, o que sustenta a vida de quem fala *de e a partir de* seu corpo.

Referências

- Aulagnier, P. (2007) *La violencia de la interpretación*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1975).
- Foucault, M. (2008). *Historia de la sexualidad*. Buenos Aires: Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1976).
- Ferenczi, S. (1984). Confusión de lenguas entre los adultos y el niño. El lenguaje de la ternura y de la pasión. Em: F. Aguirre (trad.), *Obras completas* (vol. 2). Madri: Espasa- Calpe. (Trabalho original publicado em 1932).
- Freud, S. (1976a). Tres ensayos de teoría sexual. Em: J. Etcheverry, *Obras completas* (vol.7). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1976b). Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos. Em: J. Etcheverry, *Obras completas* (vol.19). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1925).
- National Geographic Society*. (2017). Género, la revolución. Vol. 40, Número 1.

Aida Ungier*

O corpo como palco e cenário**

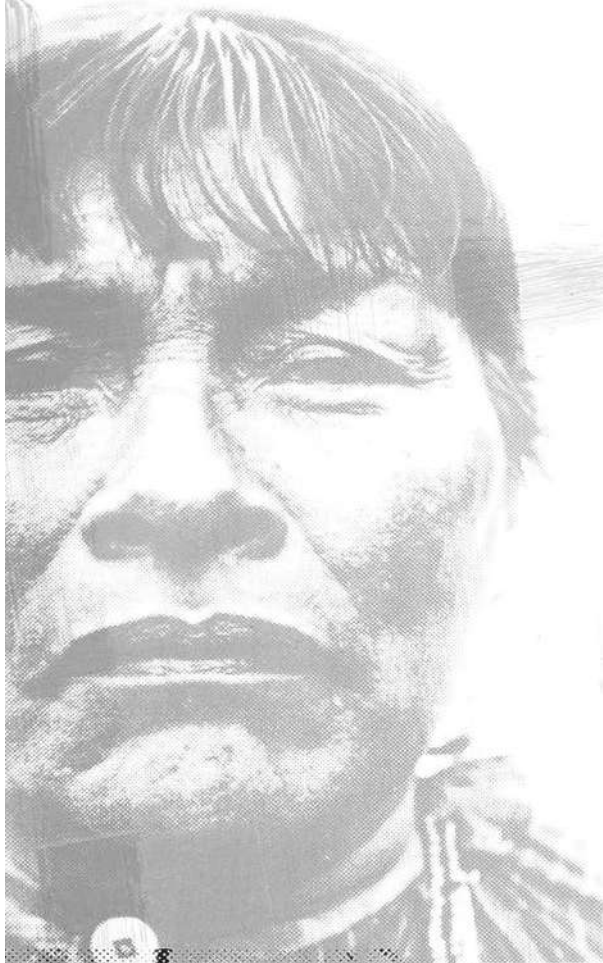
Os desafios da clínica nos obrigam a pensar a sociedade e suas transformações na tentativa de encontrar recursos para contemplar o sofrimento humano. Dentre tantos desafios, um deles prende a atenção em virtude da sua crescente presença em nosso universo: as transgerinidades. O fenômeno nos estimula a refletir sobre os paradigmas da sexualidade surgidos na esteira das novas lógicas sociais e dos avanços da tecnologia médica. Deparamo-nos com sujeitos que se sentem enganados pela natureza, pois o sexo que a anatomia lhes atribuiu não coincide com aquele que reconhecem como próprio.

Esse fenômeno não é novo, desde a mitologia grega, por exemplo, os deuses transitam livremente entre o masculino e o feminino. Do mesmo modo, no teatro shakespeariano os papéis femininos eram interpretados por homens jovens, cujas vozes não tinham adquirido o timbre grave dos adultos; o mesmo acontecia no teatro clássico japonês onde, até nossos dias, essa designação se mantém.

Seria exaustivo enumerar o rosário de manifestações socioculturais em que a diversidade de gênero é acolhida, porém no ocidente contemporâneo ela é tomada como perversão, como um desvio de caráter ou doença mental. E, nesse contexto, fora do meio artístico, aqueles que escapam do binarismo sexual radical são excluídos.

* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

** Este texto é fruto das reflexões de um grupo de estudos formado por: Aida Ungier, Anna Maria Bittencourt, Cristina Cunha, Fátima Amin, Marcia Zucchi, Nanci Moura, Ruth Froimitchuk e Tereza Estarque.



SILVA, EMILIA DEL CAR-
N.º 5436, (a) "La Guagua".
iliación: 20 años, 1.67 estatu-
no claro, cabelo castaño obs-
é obscuro.

Observamos que as configurações transgênero, embora integrem a nosologia psiquiátrica desde o século XIX, se tornaram mais frequentes a partir da militância gay que se seguiu ao movimento feminista do início do século XX. Intelectuais ligados a esses movimentos, dentre eles a filósofa Judith Butler (1990/2003), lutaram para promover uma afirmação dessas subjetividades, defendendo o direito que elas possuem de ser consideradas articuláveis à vida cultural. Butler, apoiada em Foucault, defendeu que o gênero não é produzido unicamente pela anatomia, mas também pelo ambiente. Inclusive, vai além dele ao afirmar que sendo o gênero um ato performativo que repete papéis socialmente estabelecidos não é o sexo que produz o gênero, senão, o gênero que define o sexo, sendo impossível separar a noção de gênero das inserções políticas, históricas e culturais que o produzem. Essas afirmações caminham na contramão das assertivas dos biólogos e embriologistas, para os quais a diferenciação de gênero é fruto da maturação biológica.

Trata-se de um tempo de reflexão, não existindo uma teoria globalizante que explique essas configurações. Os vieses a seguir são plurais e prenes de seduções. Da biologia às ciências sociais encontramos argumentos valiosos, ainda que não concludentes por si só. No entanto, o texto freudiano (Freud, 1905 [1906]/1977a) permite outro olhar para a diversidade sexual ao afirmar que a bissexualidade e a sexualidade infantil polimorfa perversa são próprias do humano e constituinte da subjetividade. Nesse sentido, Freud afirma também que o ego é antes de tudo um ego corporal, e que é a partir das demandas emitidas pelo corpo que o sujeito se constitui e pode expressar aquilo que não foi simbolizado por seu aparelho psíquico. E, mais ainda, com o conceito de pulsão, ele desnatura a sexualidade, desvincula-a da procriação e atrela-a ao prazer, ou seja, para um psicanalista não é de admirar que um sujeito possa entrar em desacordo com o seu sexo biológico. Resta, entretanto, pesquisar o caprichoso caminho tomado pela pulsão nessas produções singulares.

Não foram poucos aqueles que se debruçaram sobre essa perturbação. Robert Stoller (1975/1982) foi o primeiro psicanalista a estudar exaustivamente a questão de gênero. A

partir dos inúmeros casos atendidos em sua clínica formulou a hipótese de existir neles uma intensa identificação primária do menino com a mãe; favorecendo assim, uma relação fusional e impossibilitando a discriminação necessária para conquistar sua masculinidade. Quanto às meninas, a pesquisa não foi conclusiva.

Uma produção teórica vigorosa tem sido observada nas últimas décadas. Os autores em geral procuram ser cuidadosos para não escorregar na patologização. Afinal, trata-se de um sofrimento em que o sujeito reclama, com absoluta certeza, de que seu corpo é enganador, pois desenha uma cartografia que ele não reconhece. No entanto, esse descompasso entre o que é subjetivamente concebido e objetivamente percebido não configura um delírio, logo, a teoria que herdamos se revela incompetente para descrever tal organização psíquica. Possivelmente, na tentativa de salvar o texto hegemônico, alguns autores sublinharam a característica epidêmica desse fenômeno, aproximando-o das manifestações históricas.

Segundo eles (Coutinho Jorge e Travassos, abril/junho de 2017), a histeria atravessou os séculos transmutando sua aparência, mas sempre confrontando o discurso dominante. Na idade média, as mulheres acometidas de convulsões ou visões eram acusadas de bruxaria e condenadas à morte. A idade das luzes instalou na sociedade a racionalidade científica, de sorte que, frente aos mesmos sintomas, o diagnóstico era imputado não mais pelos religiosos, porém pelos médicos. Do mesmo modo, os sintomas de bruxaria tinham a peculiaridade de ser contagiosos e, por cuidado ou castigo, uma procriação de históricas foi enfiada em manicômios. Na atualidade, homens e mulheres *trans* são condenados à marginalidade.

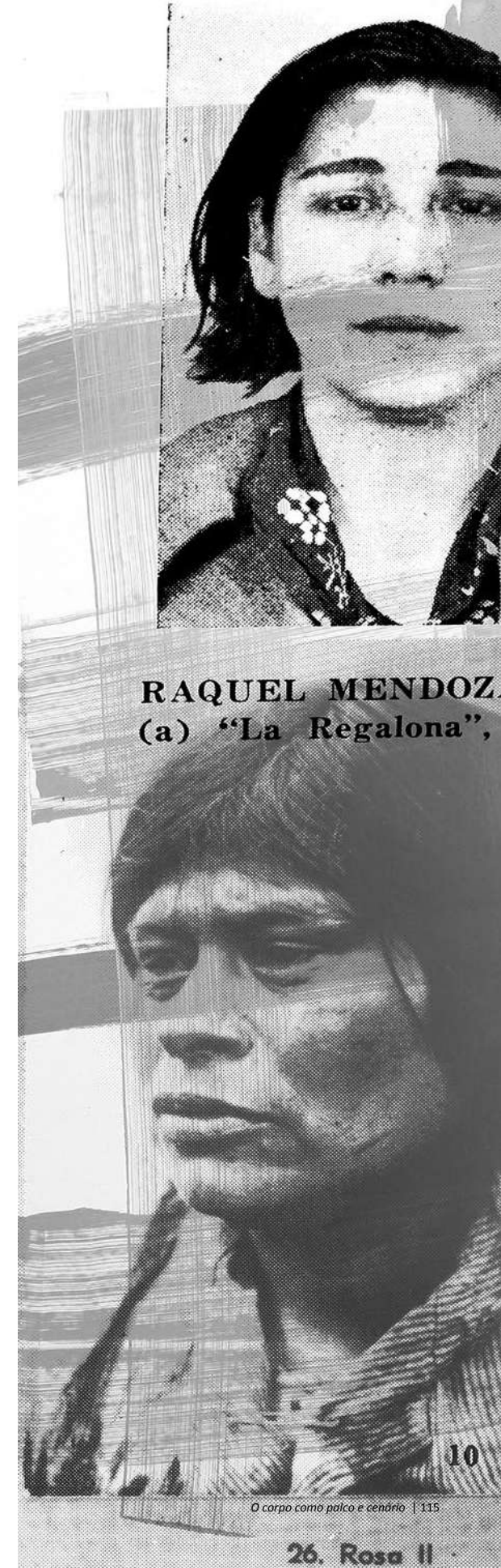
A espetacularização do assunto teve na mídia sua grande responsável. Trata-se de matéria frequente nos meios de comunicação, entretanto, o sofrimento desses sujeitos não é apenas uma questão de posicionamento social e sim de impossibilidade de habitar o próprio corpo. Essa dor me remete ao conceito winnicottiano de personalização (Winnicott, 1945/1978). Ao descrever o processo de subjetivação ele afirma a necessidade de um ambiente suficientemente bom, capaz de propiciar ao bebê a sensação de estar em uni-

dade com ele. Essa unidade permite a integração entre o corpo e a psique; de tal forma que o bebê se reconheça vivendo nesse corpo e possa olhar o outro como diferente dele. Não obstante, a insistência pulsional é fonte de agitação constante, tornando a integração problemática e promovendo as mais variadas vicissitudes na subjetivação. Arrisco supor que, dentre tantas, a impossibilidade de se reconhecer habitando seu corpo, como no fenômeno *trans*.

Finalmente, é importante lembrar que a luta permanente entre o já sabido sobre a dor do viver e as engenhosas produções da subjetividade constitui a base do edifício da psicanálise. Sendo assim, só nos resta ouvir o sofrimento em toda e qualquer experiência clínica, pois o legado de Freud nos demonstra que é o paciente quem nos ensina o idioma de sua dor.

Referências

- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1990).
- Coutinho Jorge, M. A. e Travassos, N. P. (2017, abril/junho). A epidemia transexual: Histeria na era da ciência e da globalização? *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 20(2).
- Freud, S. (1977a). Meus pontos de vista sobre o papel desempenhado pela sexualidade na etiologia das neuroses. Em J. Strachey (ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 7). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1906 [1905]).
- Freud, S. (1977b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em J. Strachey (ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 7). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Stoller, R. (1982). *A experiência transexual*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1975).
- Winnicott, D. W. (1978). Desenvolvimento emocional primitivo. Em D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves (Trabalho original publicado em 1945).



Patricia Alkolombre*

Desconstruções e transformações da sexualidade: “Ela não é uma mulher de verdade”

Os lugares tradicionais de homens e mulheres, atualmente, manifestam-se transformados em cenários heterossexuais, homossexuais e dentro da diversidade sexual. É uma realidade presente na sociedade que nos leva a pensar nos novos paradigmas a partir de um olhar psicanalítico aberto, e ao mesmo tempo, são mundanças que se traduzem em uma clínica que chega a nossos consultórios.

Vou relatar um extrato de uma entrevista. Recebo, em uma ocasião, um casal que me consulta, quando, perplexos os dois, descobrem que Marcela, a namorada do filho, é Marcelo (um travesti).

A diversidade sexual se manifesta na entrevista. O projeto parental pensado como projeto identificatório, na linha de Piera Aulagnier (1975/2001), não coincide com o esperado.

Os pais relatam que Gustavo está há poucos meses com “Marcela, ou Marcelo”, e contam que foi poucas vezes à casa deles, quase não “a ou o” conhecem. O pai “a” descreve como muito magra. Desde o começo achamos uma dificuldade: como chamá-la? Como mulher, como homem?

Eles contam que ficaram chocados quando souberam que Marcela era um travesti. Mario teve discussões muito violentas com Gustavo nas quais denegria sistematicamente Marcela e afirmava duramente: “ela não é uma mulher de verdade”.

Que significado tem neste contexto ser “uma mulher de verdade”? Já não é suficiente o binarismo no qual coincidem o sexo biológico e a identidade de gênero. A ideia de uma sexualidade baseada na diferença sexual se dilui e se abre à diversidade, a pensar em sexualidades em plural.

Para Mario é um enigma como seu filho está nesta situação e procura vários modos para mudar a escolha de Gustavo. Pergunta se é possível trazê-lo para uma consulta, foi ver um advogado para impedir os encontros.

Neste ponto o caso se relaciona a alguns extratos do artigo de Freud (1920/1975) sobre a jovem homossexual, tanto pela reação de ira do pai como pelo desejo de mudar o objeto do desejo da filha, no caso da jovem homossexual, e, no caso de Mario, o desejo de seu filho, Gustavo. Também, quanto à recomendação técnica que Freud faz sobre estes pedidos de análise, quando no paciente não existe um desejo de ser analisado. Nos dois casos se manifestam a pressão social e os preconceitos: a jovem estava com uma *cocota* (o que irritava e envergonhava a família), e Gustavo com um(a) *travesti*.

O desconforto dos pais é muito significativo na entrevista. Relatam que os problemas não são novos. Verônica afirma que Gustavo sempre gostou mais de “falar com ela” do que com o pai “com quem não se dá muito bem”.

A presença do travestismo tem um efeito de sinistro, algo desconhecido dentro do familiar que irrompe, desmontando a divisão feminino-masculino tradicional e a escolha do objeto sexual que esperavam de Gustavo.

Algumas reflexões

Esta consulta permite ampliar nossa visão sobre o tema e nos deixa pensar no impacto disruptivo que produz o travestismo neste grupo familiar. O desmoronamento dos ideais, os preconceitos e o medo do olhar social. Também se manifestaram os efeitos na contra-transferência em relação ao tema de gênero e à perplexidade parental.

Em Marcela a identidade de gênero não coincide com sua anatomia, e a partir desta condição (nem mulher, nem homem, mas travesti) rompe com a divisão binária conhecida: homem-masculino, mulher-feminina.

As teorias de gênero diferenciam o sexo em sentido anatômico do gênero ou da identidade sexual no sentido social ou psíquico (Bleichmar, 1985/1994). Indalecio Fernández Torres (1994) argumenta que o gênero entra na lógica das permutações e diz que “estamos atados a um real que é o sexo, mas o gênero entra na ordem do imaginário e do simbólico, dentro do permutável” (p. 127).

Neste caso, o permutável é a oscilação Marcela-Marcelo, feminino-masculino. Suas roupas identificatórias criam novas redes de sentido que se estendem ao longo da consulta.

A partir da contratransferência, esteve presente a posição de neutralidade e abstinência, quanto à demanda dos pais de “normatizar” a Gustavo e de “colocar ordem” na desordem causada pela irrupção do travestismo em suas vidas.

Outro dos temas visíveis, relacionado com o travestismo, é uma questão que está no pano de fundo da consulta, e tem a ver com os destinos da sexualidade de Gustavo: sua masculinidade “ameaçada” no contexto deste grupo familiar; ameaça que Mario entendeu muito bem e tentou eliminar de várias formas, incluindo a violência.

Podemos mencionar um trabalho de Greenson (1968/1995) no qual argumenta que tanto o fetichismo como o travestismo são problemas que afetam principalmente os homens,

do mesmo modo que a transexualidade. O autor afirma que para os homens sua masculinidade é mais duvidosa que a feminilidade para as mulheres, e que esta insegurança vem da identificação precoce do menino com a mãe; ao mesmo tempo declara que: “a habilidade do menino para se des-identificar [da mãe] vai determinar o sucesso ou fracasso na subsequente identificação com o pai” (p. 221).

Ao longo da entrevista, o cuidado em evitar uma desaprovação ou aprovação implícita ou explícita com respeito às atitudes dos pais de Gustavo sempre esteve presente; temas relacionados com os ideais de gênero (o que se espera de um homem e de uma mulher) que vão além das regras de abstinência e neutralidade, e se manifestam nas ocorrências contratransferenciais, reações e afetos em jogo (Alkolombre, 2003, 2004)

Eva Lester (1990) afirma, seguindo a linha de Deaux, que os preconceitos de gênero (os que estão em primeiro plano nesta consulta) são dominantes, como todos os estereótipos, e podem ser usados com propósitos defensivos e, por conseguinte, introduzem algumas limitações no processo analítico.

Ficam abertas muitas questões que formam a base desta consulta na qual a sexualidade, o gênero e a parentalidade estão em conflito.

Referências

- Alkolombre, P. (2003). Sexualidad y género en el vínculo analítico. *Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados*, 29, 85-113.
- Alkolombre, P. (2004). Reflexiones sobre contratransferencia y género. *Revista de Psicoanálisis*, 61(1), 255-265.
- Aulagnier, P. (2001). *La violencia de la interpretación*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1975).
- Bleichmar, E. (1994). *El feminismo espontáneo de la histeria*. México: Fontamara. (Trabalho original publicado em 1985).
- Fernández Torres, I. (1994). El género del analista y su efecto en el proceso. *Trópicos*, 1-2.
- Freud, S. (1975). Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 18, pp. 137-164). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920).
- Greenson, R. (1995). Desidentificarse de la madre, su especial importancia en el hijo varón. *Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados*, 21, 221-229. (Trabalho original publicado em 1968).
- Lester, E. (1990). *Problemas de género e identidad en el proceso analítico*. Buenos Aires: Livro Anual de Psicanálise.

* Asociación Psicoanalítica Argentina.

María Pía Costa*

Novos paradigmas, novos desafios

Clemencia sobreviveu a um atentado terrorista, apesar de ter sido dada como morta. Tinha no corpo as cicatrizes desse acontecimento e na realidade cotidiana a dor de ter perdido, por causa dessas sequelas, o seu parceiro. Na sua mente, concebia o interior do seu corpo como em decomposição, com mau cheiro, putrefato. Após alguns anos de análise, Clemencia começou a fantasiar a possibilidade de ter um filho e, para isso, “fazendo das tripas coração”, pedir para um amigo passar pelo penoso transe do ato sexual, mas estabelecendo de forma clara que não iria compartilhar com ele a paternidade posterior. Era, sem dúvida, um desejo que surgia além da adversidade, como contraparte ao seu corpo danificado.

Nesse momento, me inquietava o fato dela precisar de uma criança em quem depositar suas necessidades afetivas de intensa fusão e indiferenciação; ignorar intencionalmente um possível parceiro que a acompanhasse no projeto, o que revelava a anulação do pai e, em geral, do masculino. E, com o masculino, a repressão da sua sexualidade, traço muito importante na sua vida psíquica. Certamente também contemplamos aspectos tão positivos quanto fantasiar seu corpo como gerador de vida; o desejo de, finalmente, sair da lógica destrutiva. A minha preocupação era, porém, a de evitar para o possível filho ser o depositário das necessidades afetivas de uma mãe extremamente frágil, funcional, à beira da ruptura.



As minhas teorias implícitas estavam muito marcadas pela distinção que faz Piera Aulagnier (1975) entre *um desejo de maternidade* e *o desejo de uma criança*. O desejo de maternidade encarna o desejo de reviver em posição invertida, isto é, como mãe, a relação primária com a própria mãe. Nesse sentido, o desejo de maternidade seria o oposto do desejo de uma criança, na medida em que a criança ficaria sepultada pelas necessidades da mãe e representaria a negação do bebê como ser singular. A criança não seria para a mãe um ponto de partida na sucessão temporal para o futuro, e sim uma repetição da mesma, fator que induziria à esquizofrenia. Isso implicaria também a negação, não do pai como tal, mas sim do seu desejo; e a dificuldade de gozar do ato sexual como ato de engendramento revelaria uma certa forma de castração: o desejo de se apropriar não do falo do pai, e sim do bebê diretamente.

Atualmente atendo Carmen em psicoterapia. Ela resistiu conscientemente à maternidade de forma violenta: cinco abortos em sua história. Ela chora, aos seus 43 anos, as oportunidades perdidas em nome de uma luta para não depender dos homens, fonte de suas maiores frustrações. Sua feminidade maltratada, em nome de um feminismo mal entendido, busca o luto e tenta a reparação. Em meio ao processo analítico, surge nela o desejo de ter um filho e se submete, já menopausada, a um processo longo e penoso de fecundação assistida. Eu a

acompanho nesse trajeto, no qual ela acolhe a possibilidade de sua maternidade.

Vinte anos depois, continuo mantendo a validade teórica das minhas preocupações clínicas surgidas no tratamento de Clemencia. Mas se acrescentam outras constatações e novas perspectivas sobre a sexualidade que iluminam meu trabalho com novas reflexões que me permitem maior flexibilidade para aceitar o desejo de Carmen. Não sei qual teria sido o desenvolvimento do que eu compreendi como um desejo de maternidade em Clemencia, se tratasse dela na atualidade. Mas posso intuir que hoje eu estaria mais disposta a trabalhar os aspectos criativos e generativos, que poderiam facilitar uma via de expressão através de uma eventual maternidade. Embora as teorias que me acompanham sejam basicamente as mesmas, os novos paradigmas sobre a sexualidade geraram uma escuta diferente e um questionamento a equipará-las com uma certa normatividade. Os cânones esperados sobre o masculino e o feminino sofreram deslocamentos que requerem nossa acomodação. A seguir, alguns exemplos:

Uma jovem, masculina. Deseja intensamente um bebê, mas não tem um parceiro; se importa pouco com os homens, embora seja muito ativa sexualmente.

Uma jovem, masculina, solteira. Deseja adotar um bebê, sonha com ele. O desejo de adoção surge provavelmente da sua grande inibição em tudo que é relacionado com a sua sexualidade e o seu corpo.

Uma mulher, feminina. Não deseja engendrar uma criança. Tem medo de repetir os genes patológicos da sua mãe. Combina com seu parceiro adotar uma criança.

Uma mulher casada. Quarenta anos e ainda não se colocou a ideia da maternidade. Uma circunstância externa a confronto com o assunto e com a sua idade. Tenta fecundação *in vitro*. Após um ano, por não ficar grávida, desiste do projeto. A tristeza e o fracasso são elaborados. Retoma sua intensa vida profissional.

Um homem de 46 anos, sem filhos. Não tem um bom relacionamento com a sua parceira, mas ama intensamente as duas filhas dela. Por essa razão tem dificuldades para aca-

Uma mulher com imaturidade ovariana deseja um filho. Sua mãe oferece os seus óvulos. Ela considera uma muito boa ideia...

Não considero que precise de novas teorias. Porém, sim, de maior abertura mental para aceitar as novas realidades e poder compreendê-las e incorporá-las sem preconceitos. Na medida em que não tenhamos a casuística necessária para estabelecer novos parâmetros teóricos, o melhor será proceder como sempre fizemos: entendendo caso por caso, ressaltando a particularidade de cada um e, ao mesmo tempo, tentando compreender o observado de forma geral.

Dito isso, resisto em transformar a teoria em ideologia, a favor da defesa dos novos paradigmas e do direito de todo ser humano de ser compreendido. Penso que as nossas posições pessoais sobre as novas sexualidades, as novas famílias, a temática da homoparentalidade e da monoparentalidade não podem nos conduzir a fechar os olhos perante as eventuais dificuldades que podem implicar essas novas realidades pessoais e familiares. Não é porque acreditamos que as mulheres e os homens tenham direito à procriação, que devemos negar as dificuldades que representa a procriação em termos das configurações edípicas, das identificações, do desejo e das fantasias. Está tudo por ser visto ainda. Mas resisto a sacrificar a centralidade da sexualidade na teoria psicanalítica para sustentar que o único que importa são as identificações primárias, anteriores à distinção de gênero. Que o importante é a capacidade de amar dos pais e de facilitar, para o seu bebê, o devir sujeito. Parece-me que o desafio para a psicanálise consiste, justamente, em sermos capazes de aceitar as novas parentalidades sem sacrificar sua sexualidade e sua importância nas identificações, no Édipo e em todas as mensagens enigmáticas e inconscientes transmitidas entre pais e filhos.

Referência

Aulagnier, P. (1975). *La violence de l'interprétation. Du pictogramme à l'énoncé*. Paris: PUF.

* Sociedad Peruana de Psicoanálisis.



Sandra Lorenzon Schaffa*

Intimidade e diferença sexual: A propósito de um caso de intersexualidade**

Alex, jovem bonita de 15 anos nascida em Buenos Aires, vive com seus pais no Uruguai numa casa à beira-mar. Seu pai, Kraken, é pesquisador em biologia marinha. Um casal de amigos vem visitá-los acompanhado de seu filho Álvaro. Os dois adolescentes são tomados por uma grande atração que os levará à descoberta angustiada de suas diferenças.

Desde o início, uma atmosfera de indefinição se projeta em torno da sexualidade da protagonista. Em uma das primeiras cenas a vemos deitada lendo: “Em todos os vertebrados o sexo feminino é primário no sentido evolutivo e embriológico”.

No sítio paradisíaco em que se desenvolve a ação, entre hóspedes e família, uma tensão cresce. Compreendemos que a presença do pai de Álvaro, Ramiro, cirurgião plástico, deve-se ao interesse médico que esse representa no momento em que Alex se recusa a continuar tomando corticoides inibidores da masculinização do seu corpo. Alex porta uma mutação genética que a leva a possuir características dos dois sexos. Nesse contexto, a mudança da família para essa vila no litoral visava proteger a filha da indiscrição e do preconceito de seu grupo social de origem. A intenção de preservá-la não a protegeu, contudo, de viver sob a vigilância angustiada dos pais.

Alex: Você pensou no que eu disse?

Álvaro: Não vou fazer sexo com você.

Alex: Por quê?

Álvaro: Porque você é diferente e você sabe disso. Você não é normal.

Por que as pessoas te olham desse jeito? Por que todo o mundo te olha dessa maneira... O que é que você tem?

A relação sexual de Alex e Álvaro vai ser espiada por Kraken. A visão da cena relança o pai num mar de perplexidade: “Em cima”, conta ele à mulher, Suli. “Ela estava em cima... Metendo sua pica no cu do filho dos convidados”.

No filme, a hesitação encarnada pelo personagem de Ricardo Darín sob a direção de Lucía Puenzo (2007), conduz-nos ao coração do tema da diferença sexual. Este tema, que queremos discutir, colocou-se como o enigma fundamental e constitutivo do sujeito freudiano.

Contraopondo-se a Kraken, Ramiro é o homem da certeza. Aborda o real do sexo visando-o a partir da objetividade científica, sua concepção de real é diferente da que sustenta a psicanálise, quer dizer, de real do gozo submetido à linguagem. A essa articulação entre gozo e linguagem está especificamente dirigido o dispositivo analítico da escuta.

Para a psicanálise, a diferença dos sexos não é a diferença anatômica mesmo que, como dizia Freud, ela traga consequências psíquicas. A importância da anatomia na psicanálise é subvertida pela relação do sujeito com a linguagem.

A ambiguidade vivida por Alex, mesmo sendo complicada pela sua compleição anatômica, não se esgota no campo da ação médica. A incer-

teza de ser homem ou mulher, nenhum dos dois, ou ambos, é próprio das neuroses estudadas por Freud; histeria ou neurose obsessiva. Em termos lacanianos, poderíamos ainda acrescentar que a ambiguidade sexual pode ser Imaginária (tal como a moda atual põe em cena), Simbólica (como acontece na identificação de Dora ao significante da impotência de seu pai), Real (como no caso da convicção delirante de Schreber).

Geneviève Morel (2004), investigando clinicamente a ambiguidade sexual a partir de uma perspectiva laciana, atribui-lhe um estatuto fundamental na constituição do sujeito. Seus estudos levam-na a contestar o que poderia ser um “núcleo de identidade de gênero”, e em relação a esse as ambiguidades seriam secundárias, como postula a *gender theory*.

Ao contrário, assim como fez Lacan na sequência de Freud, somos guiados na clínica psicanalítica pelos avatares da pulsão mais do que pelas identificações para referenciar nossa escuta.

Freud postula não um núcleo identitário, mas um vazio no centro da constituição psicosexual do sujeito. Dessa maneira, não existe uma libido feminina, mas uma só libido masculina que instaura uma função fálica e um complexo de castração correspondendo a um vazio inevitável no centro da vida sexual dos dois sexos. Lacan o traduz em aforismas: “A mulher não existe”. “Não há relação sexual”.

Voltemos a Alex.

Seu jeito pouco feminino não impede que exerça ao máximo sua ação sedutora com Álvaro, de quem - de início - exige um presente, uma bijuteria. Alex dança para ele, oferece-lhe de presente um pingente com um chip que é colocado nas tartarugas marinhas para que possam ser rastreadas em alto mar. Finalmente, leva-o para o sótão da casa para concretar o ato sexual que lhe tinha proposto logo de início.

De que lado se colocará Alex? Lado homem, lado mulher?

Alex: O que é que você está fazendo?

Pai: Tomo conta de você.

Alex: Você não pode me cuidar sempre.

Pai: Só até que você possa escolher.

Alex: Escolher o quê?

Pai: O que você quiser.

Alex: E no caso de que não tenha nada para escolher?

Na revolta de Alex reconhecemos sua demanda de análise: “Não quero pílulas, nem cirurgias, nem troca de escola! Quero que tudo continue do mesmo jeito!”.

Alex se recusa a agir sobre seu corpo. Sua fala se coloca num campo de questionamento que só é possível elucidar através de uma escuta analítica.

Segundo Geneviève Morel (2004), a especificidade da abordagem analítica da sexuação compreende três tempos lógicos:

1. o tempo da diferença anatômica: real mítico: Alex, hermafrodita.
2. o tempo da interpretação pelo discurso social: Alex, “ela”, “minha filha”.
3. o tempo da sexuação, da escolha sexual: Alex, indecisa.

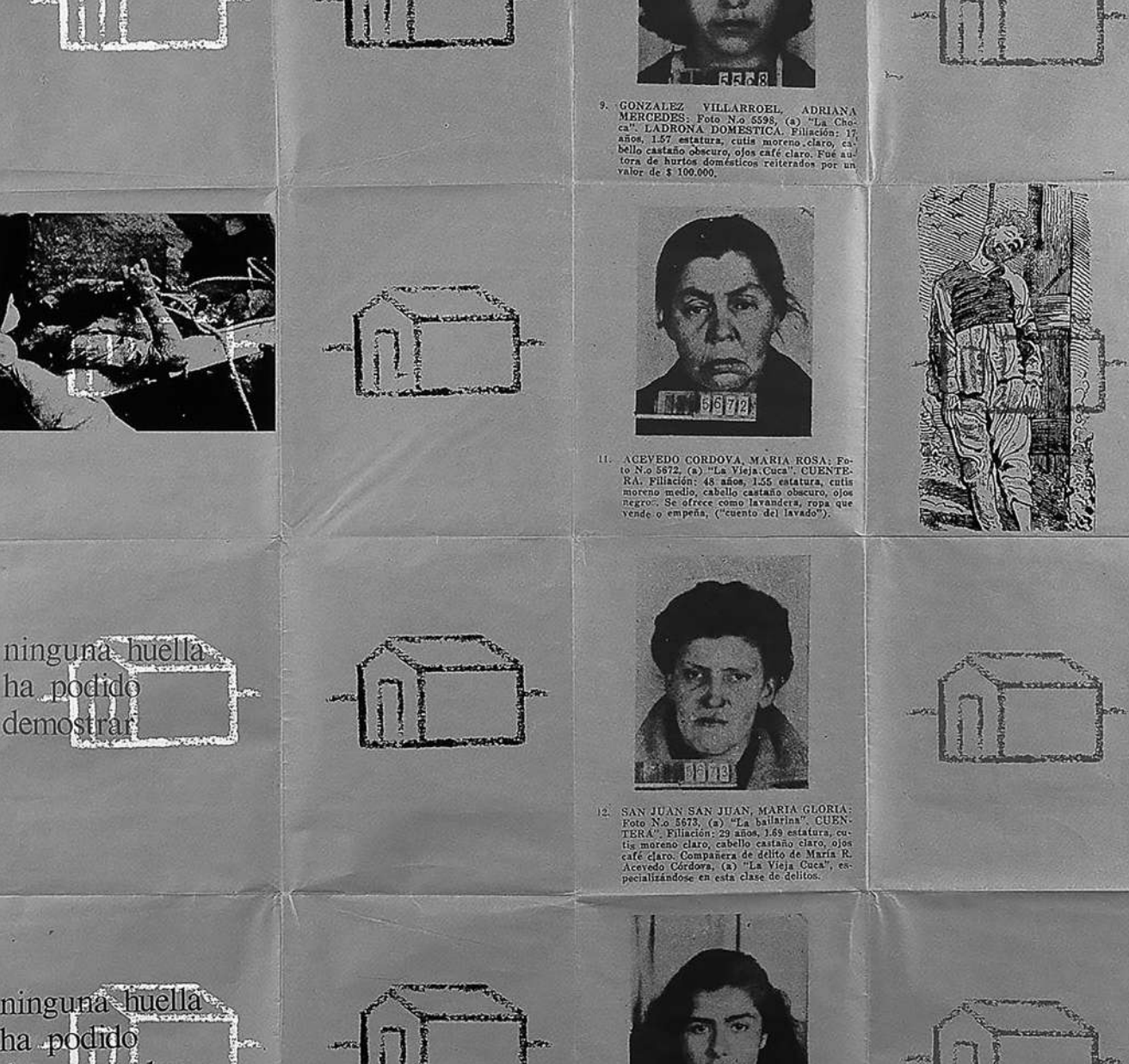
O termo freudiano *escolha* - escolha da neurose (*Neurosenwahl*), escolha de objeto (*Objektwahl*) - não deve ser concebido em sentido intelectual, supondo que entre as diferenças possíveis uma delas seria eleita; trata-se de uma expressão substitutiva de uma fantasia inconsciente na qual busca inscrição no que há de excessivo na organização pulsional do sujeito. No entanto, o termo *escolha* quer sublinhar “que um ato do sujeito é necessário para que os diferentes fatores históricos e constitucionais postos em evidência pela psicanálise ganhem sentido e valor motivacional” (Laplanche e Pontalis, 1967/1997, p. 63). O tempo da escolha sexual (não sem ambiguidade) supõe um trabalho de decantação que demanda tempo e participação do sujeito antes que possa afirmar sua posição sexual. Não se pode elucidar fora da prática psicanalítica. Fora dela, as intervenções no corpo baseadas na consideração de identificações de ordem imaginária expostas pelo discurso do sujeito, por vezes eloquentemente, poderiam desencadear consequências catastróficas.

Referências

- Laplanche, J. e Pontalis J.-B. (1997). *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France. (Trabalho original publicado em 1967).
- Morel, G. (2004). *Ambigüités sexuelles: Sexuation et psychose*. Paris: Anthropos.
- Puenzo, L., Morales, J. M. (produtores) e Puenzo, A. (diretora). (2007). *XXY* [produção cinematográfica]. Argentina, França, Espanha: Historias Cinematográficas Cinemania, Wanda Visión S. A., Pyramide Films.

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

** Este trabalho foi apresentado no Congresso da IPA de 2017 (Espaço Lacan na IPA).



Margarita Cerejido*

Mães solteiras por eleição e seus filhos: O evolover de sua subjetividade

Atualmente vemos um número crescente de pessoas que fazem parte de estruturas familiares monoparentais. Para abordar esse novo material é necessário repensar as teorias

de como esses filhos constituem sua própria identidade e subjetividade.

Nos anos 80, em Nova York, entrevistei um grupo de 30 mulheres grávidas, solteiras, que

* Instituto Psicanalítico de Washington.

decidiram ter filhos sem um parceiro. Explorei suas fantasias sobre como seriam os seus filhos e as relações que teriam com eles. Trinta anos depois, voltei a entrevistar essas mulheres e seus filhos.

A contribuição especial deste trabalho é ter explorado as fantasias dessas mães grávidas e depois a apreciação da experiência vital de mães e filhos.

Abordei o material usando como quadro referencial a teoria de Leticia Glocer Fiorini (2015) de que uma mãe, que às vezes está absorta em seu filho mas tem outros desejos além dele, pode exercer a função de terceiro e promover sua entrada no universo simbólico.

Apresentarei material fragmentário de três mulheres e suas filhas. As diferenças de cada caso põem ênfase na singularidade de cada problemática. As três mulheres eram, nos anos 80, profissionais com idades em torno de 40 anos.

Paula e sua filha Susan

Paula era homossexual. Ficou grávida com o sêmen de um amigo. Sua parceira homossexual não desejava ter um filho.

Monólogo 1988

“Você não deve criar expectativas porque deve deixar que a criança seja ela mesma. A minha parceira tem lembranças maravilhosas de construir castelos de areia e quer fazer um para ela. Preocupa-me abater-me; carregarei a criança nas costas e seguirei a minha vida normal. Sou uma apaixonada pelo meu trabalho. Gostaria que a minha parceira tivesse um laço com a criança, mas ela não tem interesse.”

Monólogo 2016

“Susan consegue o que quer. Tem bons amigos e um bom companheiro. Tinha birras e sérios problemas de aprendizagem. Mas, com a ajuda de uma professora firme e dedicada, descolou-se e aprendeu muitíssimo.”

Paula relata que não sentiu falta de ter um parceiro. Quando Susan era pequena, a carregava permanentemente em uma mochila. Como consequência disso teve sérios problemas médicos. Expressou satisfação de que Susan não tivesse relação com o seu pai.

Susan: “A minha infância foi feliz porque passava muitíssimo tempo sincronizada com a minha mãe, e assim ela podia trabalhar. Temos uma ótima relação. A minha mãe se surpreendeu de que eu não aprendesse a ler rápido, porque ela tinha sido uma excelente aluna. Também se surpreendeu de que eu tivesse amigos, porque ela tinha sofrido problemas sociais. Mas eu ia ser eu mesma”.

Ana e sua filha Lucy

Ana ficou grávida com um parceiro casual. Continuou com a gravidez, e ele a deixou.

Monólogo 1988

“Os meus relacionamentos fracassaram. Espero ajudar a menina a conseguir o que eu não consegui. Imagino que será alegre e calma, não como eu. E teremos uma relação excelente. Tenho terror de ter um filho sem um pai.”

Monólogo 2016

“Lucy é fantástica e ambiciosa, e sempre tem namorado. Somos muito unidas. Tende a se deprimir, eu era assim. Decidi ser professora para ter o mesmo calendário que ela.”

Ana relata que Sandy, uma amiga da sua mãe, e depois o seu pai, a apoiaram nesse projeto. Ela era apaixonada por música, pelo seu namorado e por sexo. Estava preocupada com a falta do pai. “Foi difícil, mas funcionou.”

Lucy: “Trabalho cuidando de gente. A minha mãe esforçou-se para me apoiar. É boa, mas ansiosa, e sua ansiedade me contagia. A nossa relação é bem próxima, porém difícil. Tenho um namorado carinhoso. Às vezes, me sinto deprimida. Cresci triste sem pai. Quando tinha cinco anos estava obcecada. Quando o conheci, não gostei. A minha mãe está sempre disponível. O meu avô é fantástico. E Sandy como avó, apoiando a minha mãe”.

Marta e Jane

Marta ficou grávida com doador anônimo. Nunca tinha tido um relacionamento romântico.

Monólogo 1988

“Não tenho fantasias. Espero que a criança seja extrovertida, não como eu. Não vem mais nada na minha mente. Sinto muito, María.”

Monólogo 2016

“Somos incrivelmente unidas. É maravilhosa. É artista e tem muito sucesso. É muito ansiosa e tem dificuldades nos relacionamentos. Quando pequena, inventava que o seu pai estava em viagem. Um dia perguntou: ‘Fiz algo de errado para que o papai fosse embora?’. Encontramos o doador há dez anos. Mas Jane não quis conhecê-lo, ele não se encaixava com a sua definição de si mesma.”

Marta relata que contratou uma babá e depois a acompanhou à sua cidade, “porque Jane precisava de mais alguém”. Nada a apaixonava.

“Senti falta de ter outra pessoa que se preocupasse tanto com Jane quanto eu. Foi difícil, mas foi o melhor que fiz na minha vida.”

Jane: “A minha vida é boa, sou artista, estou falida. Soube cedo o que queria ser. Sou ansiosa. Não tenho sucesso, como diz a minha mãe. Tenho sorte de ter o seu apoio incondicional, minha vida é difícil. Não tive relacionamentos estáveis. Sou afortunada de ter uma relação extraordinária e extremamente próxima com a minha mãe. Quando era adolescente, costumávamos brigar frequentemente. Durante o ensino médio decidi ir para um internato para ter um espaço para crescer. Sou tão próxima de minha mãe que foi difícil. Agora somos nós duas contra o mundo”.

Discussão

Algumas filhas são mais felizes do que outras; porém todas, de diferente modo, são indivíduos capazes de amar e de trabalhar. Isso sugere que uma mãe que tem outros interesses, além de sua filha, pode exercer a função “do terceiro” e promover sua autonomia. Também vemos que, se a mãe tem dificuldade em ver a sua filha com desejos e necessidades próprias, dificultará a separação.

Mães e filhas são conscientes da necessidade de se separar.

Paula deseja outras coisas: seu trabalho, sua parceira. Mas é difícil para ela dar a Susan um espaço próprio, a “sincroniza”. Susan se “descola” apoiando-se em sua professora. Tem um rico mundo afetivo e profissional.

Ana deseja outras coisas, mas de forma ambivalente. Queria que Lucy tivesse um pai. Lucy fantasiava que um pai ideal a tinha aban-

donado, e não quis o real. Sente que sua mãe fez muito por ela e a deixa ansiosa. Mas também tem seu mundo de afetos e interesses próprios.

Marta é solitária e construiu um mundo reduzido. Não pode fantasiar e me chama de María. Ser mãe foi a sua única paixão. Fez uma identificação projetiva com Jane. Quer que Jane seja o que ela não é, extrovertida e vital.

Adquire sêmen e babá. Mas é consciente de que a filha precisa se separar, e por isso a deixa ir embora para um internato.

Quando adolescente, Jane faz uma ruptura violenta, quer crescer e vai embora. Tem uma vida interessante e amigos, mas sente angústia por não ter o sucesso que a mãe deseja. Diz que não tem tempo para um namorado. A mãe é tudo?

Os pais estão ausentes, e as filhas os concebem através da palavra da mãe: Susan não tinha interesse. Lucy e Jane fantasiavam um ideal e o verdadeiro não gerou interesse nelas.

Algo inesperado foi que todas essas mães precisaram de outra pessoa real que sentisse interesse pelas suas filhas: Paula teria precisado do desejo de sua parceira de ser mãe de Susan, para poder construir um castelo, um espaço que sozinha não pôde dar para ela. Mais tarde Susan se apoia na sua professora. Ana se sustenta na amiga da sua mãe. Marta contrata uma babá e depois a segue. Em todos os casos aparece um objeto que ajuda a romper a diáde e facilita a individuação. Algo para pensar.

Aparentemente, se a mãe tem desejos além da criança, e pode ver a criança com necessidades e desejos próprios, poderá exercer a função do terceiro e apoiar sua entrada no universo simbólico. A implicação é que as famílias monoparentais podem funcionar. Talvez procurando apoio em algum objeto exogâmico. Claramente, cada caso é singular.

Referência

Glócer Fiorini, L. (2015). *La diferencia sexual en debate*. Buenos Aires: Lugar.



Dossiê: Artistas em Calibán



Regina Weinfeld Reiss*
Gabriela Levy**

Enigmas da arte

As obras de arte exercem sobre mim um poderoso efeito [...]. Isso já me levou a passar longo tempo contemplando-as, tentando apreendê-las à minha maneira, isto é, explicar a mim mesmo a que se deve seu efeito.
Sigmund Freud***

O **Dossiê** do primeiro número de *Calibán – Tradição e invenção* foi dedicado à arte contemporânea. Marca o espírito da publicação em sua relação profícua entre texto e imagem, pensamento e arte, na melhor tradição do campo psicanalítico inaugurado por Freud.

Neste **Dossiê**, apresentamos aos nossos leitores uma galeria retrospectiva de artistas que colaboraram com *Calibán*, esperando despertar a curiosidade e interesse que nós experimentamos a cada composição.

Desejamos assim, prestar uma homenagem e expressar um profundo agradecimento aos artistas que tão generosamente nos brindaram com suas criações em constante diálogo com os textos publicados.

Fascinado pelos enigmas da arte, Freud não somente dedicou muitos de seus textos a interpretações de obras e à análise de algumas personalidades que considerava particularmente instigantes, mas enfatizou também o impacto da criação artística sobre si mesmo e sobre sua reflexão.

A literatura vive nas linhas e entrelinhas de seus textos. Dotando, dessa maneira, sua escrita de profundo senso estético; marca que se impôs aos múltiplos desenvolvimentos da teoria e da prática psicanalítica ao longo do tempo.

Do mesmo modo, sabemos quanto Freud prezava sua coleção de objetos e obras de arte; aquela mesma que levou consigo em seu exílio na Inglaterra em 1938, e que, até hoje, continua sendo bem preservada no Museu Freud de Londres.

Tanto esses objetos quanto suas obras nos transmitem a intensa sensação de pertencer ao mundo físico e psíquico de Freud.

Joanne Morra, professora de história e teoria da arte na Universidade de Artes de Londres, com várias publicações sobre o tema da arte contemporânea e psicanálise, em seu texto “Quando arte e psicanálise se encontram”, apresenta com clareza o desafio de tornar vivo um espaço museológico da categoria do Museu Freud, ou dos chamados museus de personalidades. Destaca que o Museu Freud de Londres realizou 90 exposições em 30 anos, e ressalta a natureza de reciprocidade dessas intervenções, que “altera nossa compreensão do museu e, ao mesmo tempo, o local tem impacto sobre a nossa interpretação do trabalho artístico”. É uma dinâmica que a autora nomeia como “local de arte responsivo”.

Monika Pessler, curadora, historiadora da arte e atual diretora do Museu Freud de Viena, concedeu uma entrevista, em dezembro de 2016, via e-mail, a Mariano Horenstein, primeiro editor-chefe de *Calibán*, após um encontro em Viena no mesmo ano. Nessa entrevista, Monika Pessler elabora suas reflexões sobre a relação entre arte contemporânea e psicanálise no eixo da história dos movimentos artísticos, e também da natureza do inconsciente no processo criativo. Junto à entrevista, publicamos um breve texto de Pessler apresentando a exposição: *Pensamentos ocultos de natureza visual* (2017), constituída de uma seleção de trabalhos da coleção de arte contemporânea do Museu Freud no contexto da *Viena Art Week*.

Assim como Joanne Morra, Monika Pessler valoriza a intensidade do desafio que se cria ao introduzir manifestações de arte contemporânea no espaço dos Museus Freud. Dos textos dessas duas autoras emerge, portanto, a forte imagem de um diálogo entre psicanálise e arte contemporânea nos lugares onde Freud trabalhava atendendo seus pacientes e elaborando seus escritos. Nesse processo, os Museus Freud mantêm fielmente seu papel de espaços de fértil e subversiva produção de pensamentos-imagens, e não apenas como locais de memória.

Referência

Freud, S. (1914/1980). O Moisés de Michelangelo, *ESB*, vol. XIII, RJ, Imago, p. 253.

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

** Asociacion Psicoanalitica del Uruguay.

*** Freud, S. (1914/1980). O Moisés de Michelangelo, *ESB*, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, p. 253.

Artistas em *Calibán*

Galeria de artistas compilada por Gabriela Levy
(Asociación Psicoanalítica del Uruguay)



Retrato de Vincent
Óleo sobre tela, 100 x 75 cm
Coleção particular, Buenos Aires, 1989

Carlos Alonso

Nasceu em 1929 em Tunuyán, Mendoza, Argentina.
Mora e trabalha em Unquillo, Córdoba, Argentina.

Carlos Alonso é pintor, desenhista e gravador. Seu início de carreira se localizou no realismo social militante, e mais tarde caminhou para o expressionismo e a liberdade de formas. Sua obra é testemunho poderoso – às vezes violento – das circunstâncias do ser humano; de seus conflitos e de sua complexidade. Sua prolífica produção inclui retratos, naturezas, paisagens, nus, todos evocando fortes mensagens. Nada é ascético em Carlos Alonso, tudo tem o acréscimo de sua memória (na verdade, é fruto dela), e é também mediado e premeditado por sua lógica crítica e comprometida. A partir do cotidiano e das coisas simples da vida projeta

uma linha reflexiva e comovedora. As contradições e paradoxos da Argentina são encontrados de forma intensa em seus trabalhos. As paixões habitam sua paleta: a tragédia, a dor consequente, o amor (às vezes trágico) e seu anverso, o ódio, perambulam pelo limite impreciso de suas telas e papéis. Em 1977, durante a ditadura militar, uma filha de Carlos Alonso foi sequestrada e desapareceu. O artista esquivou, de certa forma, a dor paralisante refugiando-se e denunciando essa tragédia pessoal e coletiva por meio de suas obras.

Alguns de seus trabalhos foram publicados na revista *Calibán* – Margens.

Francis Alÿs

Nasceu em 1959 em Antuérpia, Bélgica.

Mora e trabalha na Cidade do México, México.



Quando a fé move montanhas

Em colaboração com Cuauhtémoc Medina e Rafael Ortega
Documentação fotográfica de uma ação. 2012

Artista multidisciplinar, Francis Alÿs é conhecido principalmente por suas *performances*. Estudou arquitetura na Bélgica e na Itália. Em 1986 mudou-se para o México, onde começou a desenvolver seu trabalho como artista ao caminhar pelas ruas do centro da Cidade do México e documentar seu cotidiano através de *slides*, vídeos, postais e intervenções performáticas.

Ao abordar as políticas de desenvolvimento da América Latina, a obra de Alÿs pode ser entendida por meio de diferentes episódios de uma longa narrativa que, às vezes, toma dimensões épicas, como a icônica peça *Cuando la fe mueve montañas* (2002), na qual convocou 500 voluntários para formar uma fila para deslocar, com a ajuda de pás, uma duna de 500

metros de diâmetro situada na periferia de Lima. Porém, mais amiúde, suas intervenções têm uma escala modesta: como é o caso de *The green line* (Jerusalém, 2004), para a qual pingou uma linha de tinta verde ao caminhar por dois dias ao longo da linha de cessar fogo definida em 1948 entre Israel e Jordânia. Em sua aparente “inutilidade”, estes projetos apontam persistentemente para o potencial criativo, transgressor e político de ações simbólicas inusitadas que irrompem e fazem questionar a ordem pré-estabelecida.

Algumas obras do artista foram publicadas na revista *Calibán* – O que não se sabe. www.francisalys.com



Historias clínicas
Colonia Santa María, 2007

Hugo Aveta

Nasceu em 1965 em Córdoba, Argentina.

Mora e trabalha em Córdoba, Argentina.

Hugo Aveta estudou cinema e arquitetura, mas depois dedicou-se completamente à fotografia. No entanto, sua relação com este meio foi se tornando mais complexa e se modificando para um olhar que supera a linguagem fotográfica *stricto sensu*. Os arquivos digitais, o som e o vídeo, assim como a construção de maquetes, propõem a fotografia como um passo intermediário entre o registro e a construção de uma obra. Os principais assuntos de interesse e investigação do artista são o tempo, a história e a memória. O olhar de Aveta, muitas vezes, detém-se em espaços ou lugares que estão morrendo.

Descobre ali um tempo passado, que é o que resgatam suas imagens. É o caso, por

exemplo, de seu trabalho *Historias clínicas*, no qual retrata o quarto de um dos pavilhões do hospital Colônia de Santa Maria (Córdoba). Impacta nessa imagem a profusão de velhos e amarelados papéis com registros de histórias clínicas que são vistos esparramados pelo chão de um cômodo do antigo hospital. São restos carregados de memória, espaços que ficaram às margens das mudanças e que devolvem, como postais do abandono, um sentimento de dor frente a isso que a memória tenta recuperar.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán* – Tempo.

www.hugoaveta.com

Ernesto Ballesteros

Nasceu em 1963 em Buenos Aires, Argentina.

Mora e trabalha em Buenos Aires.

Viagem ao observatório de Córdoba
Fotografia processada, 2007



O gosto pela arte se apresentou muito precocemente em Ernesto Ballesteros que, desde cedo em sua infância, manifestou facilidade e interesse pelo desenho. Em 1972, com 9 anos, começou a frequentar a oficina de desenho de Ernesto Murillo, que o ensinou a desenhar “de dentro para fora”. Posteriormente estudou na Escola Superior de Publicidade e na Escola de Belas Artes Prilidiano Pueyrredón. A natureza de seu trabalho o levou a se envolver em campos extra-artísticos como *comics*, astrofotografia e aeromodelismo de interior. Atualmente,

suas produções se centram no terreno do desenho, da *performance*, da gravação e, recentemente, da coreografia.

Ballesteros participou de numerosas mostras coletivas e individuais na Argentina e em outros países. Destacou-se como convidado na Bienal de Lyon, França, em 2011, e como representante argentino na 56ª Bienal de Veneza, em 2015, com a *performance Indoor flights*.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán – Realidades & Ficções II*.
www.ernestoballesteros.com

Vinte e um veleiros
Madeira, PVA, metal, plástico, tecido e linha.
Coleção Museu Bispo do Rosário Arte
Contemporânea / Prefeitura RJ



Arthur Bispo do Rosário

1911, Japarutuba, Sergipe, Brasil – 1989, Rio de Janeiro, Brasil

Arthur Bispo do Rosário perambulou por uma delicada zona entre a realidade e o delírio, a vida e a arte. Foi marinheiro, boxeador, trabalhador doméstico e muitas outras coisas antes de se dedicar totalmente a sua “missão”, como chamava sua produção artística. Diagnosticado, em 1938, como esquizofrênico paranoide, criou a maior parte de sua obra durante os 50 anos que seguiu sua internação no hospital psiquiátrico Colônia Juliano Moreira, perto do Rio de Janeiro. Ali, apesar dos costumes psiquiátricos da época ligados a eletrochoques, lobotomias e outros tratamentos violentos aplicados no controle de crises, Bispo do Rosário conseguiu realizar um caminho artístico de enorme

intensidade e liberdade que o levou a criar uma das obras mais impactantes da arte contemporânea brasileira. Em sua cosmovisão delirante, acreditava ter sido chamado por Deus para reproduzir o universo em miniatura, para inventariá-lo no que chamava suas “representações”. Para produzi-las usava os materiais que tinha à mão: resíduos, trastes velhos, restos de madeira, utensílios fora de uso, plásticos, fios de lã tirados de roupas que transformava em bordados, *assemblages*, estandartes e outros diversos objetos extraordinários.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán – Margens*.
www.museubispodorosario.com



Imagens do projeto *Instruções para destruir dinheiro*, 2009
<http://issuu.com/boneu/docs/instruccionbook>

Pablo Boneu

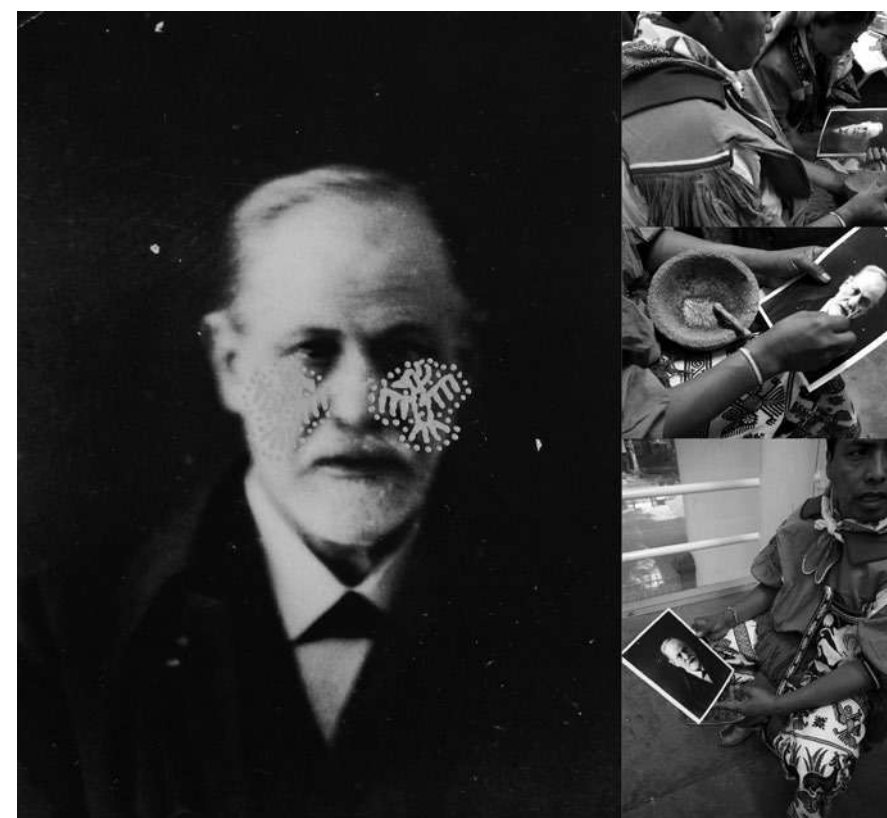
Nasceu em 1969 em Córdoba, Argentina.
 Mora e trabalha entre a Cidade do México e a Argentina.

A atividade artística de Pablo Boneu é heterogênea e, ainda que sua formação seja autodidata, durante algum tempo cursou estudos de astronomia e de cinema na Universidade Nacional de Córdoba, Argentina. Realizou numerosas produções não convencionais ligadas à fotografia, ao desenho e ao vídeo, também gerou textos de ficção e numerosas ações de arte pública. É um artista que utiliza diferentes suportes e meios expressivos, não se limita a expor sua obra acabada, mas ele mesmo se dedica a questioná-la constantemente. Em sua obra se conjugam dois impulsos críticos: por um lado o da produção como repetição serial

de um mesmo objeto e por outro a ideia de obra de arte como fetiche artesanal. A tensão assim originada por essa dupla crítica é visível em todas as suas produções.

Mais que filmar, fotografar, desenhar ou escrever, Boneu inventa estruturas; um tipo muito particular de estruturas que são, ao mesmo tempo, fechadas e abertas. Fechadas porque têm uma coerência interna rigorosa e abertas porque podem se proliferar indefinidamente.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán – Realidades & Ficções I*.
www.artsy.net/artist/pablo-boneu
www.terrenobaldio.com/artista/pablo-boneu/



Obra da Série *Antes/Depois*
 Galeria Caja Blanca, Cidade do México, 2011

Santiago Borja

Nasceu em 1970 na Cidade do México, México.
 Mora e trabalha na Cidade do México, México.

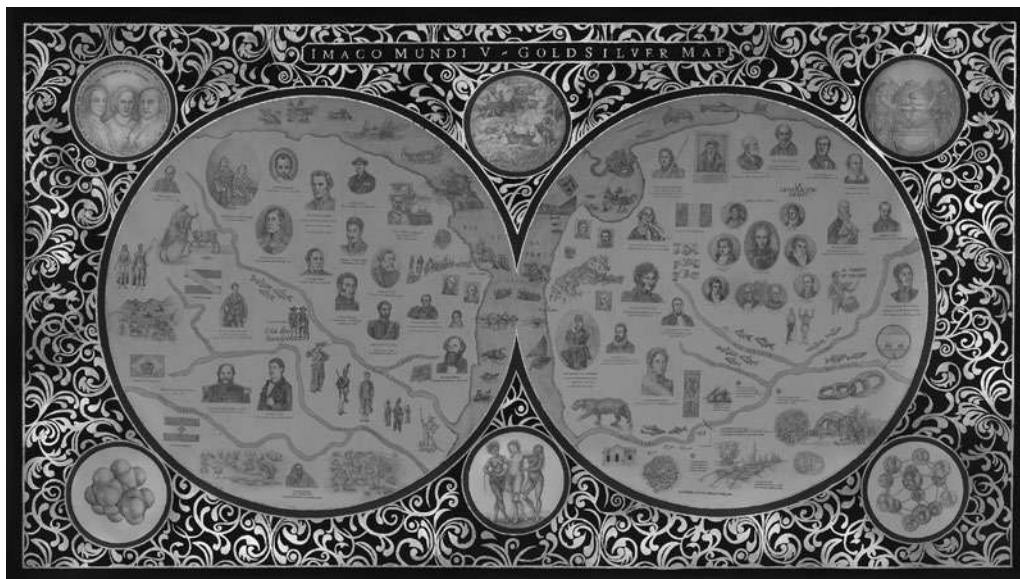
Santiago Borja é arquiteto, formado na Universidade Ibero-americana da Cidade do México, com mestrado em teoria e prática da arte contemporânea e novos meios realizado na Universidade de Paris 8, França. Participou também de diversos programas acadêmicos na Central St. Martins, em Londres, e também no Centro Nacional de Artes no México. Seu trabalho se desenvolve a partir da intersecção entre arte, arquitetura e antropologia. O artista enfatiza e desestabiliza assim certas estruturas do pensamento ocidental através do efeito da sobreposição e da confrontação cultural com ofícios artesanais de outras sociedades. Dessa forma, as intervenções artísticas de Santiago

Borja determinam novas leituras dos espaços históricos em que se realizam. Um exemplo representativo é a intervenção que realizou no Freud Museum London, onde revestiu o divã de Freud com manta e almofadas elaborados por indígenas wixárikas, também conhecidos como huicholes, do México Central. O artista buscou assim devolver ao divã o “ar exótico” que lhe foi dado em seus inícios pelos tapetes persas que o revestiam e que, com o tempo, terminaram naturalizados e perderam seu caráter de estrangeirice.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán – Tempo*.
www.s-borja.com

Adriana Bustos

Nasceu em 1965 em Bahía Blanca, província de Buenos Aires, Argentina.
Mora e trabalha em Córdoba, Argentina.



Imago Mundi V
Goldsilver Map, 2014
Acrílico, grafite e prata sobre tecido 166 x 286 cm.

Artista multidisciplinar, formada em belas artes e em psicologia, Adriana Bustos emprega a instalação, o vídeo, a fotografia e o desenho como meios para desenvolver um discurso crítico no qual tematicamente predominam as reflexões sobre as opressões sociais, políticas ou religiosas. A artista considera seu trabalho como um espaço de conhecimento, no qual a construção de sentido a partir de instrumentos visuais e técnicas de investigação, podem proporcionar elementos para a produção de um saber que quebre a linearidade da narrativa histórica.

Ao pensar sobre o trabalho artístico, Adriana Bustos proporciona uma reflexão original

sobre arte, sintoma e temporariedade que permite entrever as fortes ressonâncias entre arte e psicanálise. Sustenta assim que a arte “trata de um tempo diacrônico e diferente ao acontecimento histórico. Um evento que ocorre no espaço do discurso e irrompe na linha do tempo como em um presente perfeito. Por isso mesmo a arte vem para romper a linearidade da narrativa histórica e resulta sempre impertinente”.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán* – Ferramentas do analista.
www.artsy.net/artist/adriana-bustos



Mosaico Lunar, 2013
Astrofotografia

Carlos Di Nallo

Nasceu em 1962 em Buenos Aires, Argentina.
Mora e trabalha em Buenos Aires, Argentina.

Carlos Di Nallo é astrofotógrafo. Em 2009, ao se mudar para uma casa com terraço em Avellaneda, Di Nallo pôde realizar o desejo de comprar um telescópio. Pouco tempo depois, maravilhado com o que observava, teve a ideia de ficar com essas “lembranças”, então uma noite em que perscrutava a Lua pôs uma câmara web frente à ocular do aparelho e fez alguns disparos. Conserva ainda aquela primeira captura que foi o pontapé inicial de seu novo ofício, que levou a Nasa a expor uma de suas fotografias na qual pode-se ver, claramente, Saturno escondendo-se atrás da Lua.

A astrofotografia inclui imagens do espaço profundo ou de campo amplo, pode ser praticada com telescópio ou somente com tripé e é

uma arte que, combinada com o conhecimento científico da astronomia, consegue resultados espetaculares. Para obter uma astrofotografia investe-se trabalho e tempo. Não são imagens de tomadas únicas. Quando localizamos o objeto a fotografar, o ideal é lhe dedicar a maior quantidade de tempo possível. Por exemplo, pode-se permanecer três horas com um objeto celeste para obter tomadas individuais de cinco minutos cada uma. Posteriormente esses arquivos são “empilhados” com programas específicos; depois desse processo se obtém a imagem final.

Algumas destas fotografias foram publicadas na revista *Calibán* – O que não se sabe.

<http://carlosdn-alfacentauri.blogspot.com.ar/>



Flores brancas, 2010
Fotografia digital, cópia com tintas de conservação
sobre papel de algodão, 60x 90 cm

Julieta Escardó

Nasceu em 1970 em Buenos Aires, Argentina.
Mora e trabalha em Buenos Aires, Argentina.

Fotógrafa, editora, gestora cultural e professora de fotografia contemporânea, Julieta Escardó estudou fotografia e depois cinema na Universidade de Nova York. Entre 1993 e 1999 trabalhou como fotógrafa da revista *Viva*, do jornal *Clarín* e como editora das revistas *Latido* e *Llegás a Buenos Aires*. Trabalhou também como docente na equipe Arte Rodante do Ministério de Educação da Nação – onde realizou oficinas de fotografia por toda a Argentina – como editora de livros infantis e juvenis e como fotógrafa no Arquivo Biográfico Familiar das Avós da Praça de Maio. Desde 2002 dirige Felifa — a Feira de Livros de Fotos de Autor— e a editora La Luminosa, na qual publicou fotolivros de autores latinoamericanos, e faz parte da equipe de editores de *Sueños de La Razón*. Atualmente integra também TURMA, uma plataforma de difusão da cultura

visual latino-americana através da fotografia e dos livros.

Julieta Escardó trabalhou durante vários anos em projetos documentais, mas ultimamente tem se dedicado às fotografias construídas e colocadas em cena. Seus ensaios fotográficos mostram mergulhos interiores que vão de imagens de flores estouradas até cenas da vida cotidiana própria e alheia (como pode ser visto em seu livro *Perras Lunas*, 2012). Escardó sustenta que a câmara lhe permite ver o que não pode ver apenas com os olhos e que lhe atrai “a potência da imagem; essa linguagem atravessada por milhares de camadas, desde as mais essenciais até outras da ordem do social”.

Algumas de suas fotos foram publicadas na revista *Calibán* – Intimidade.

www.julietaescardo.com

Regina José Galindo

Nasceu em 1974 na Cidade da Guatemala, Guatemala.
Mora e trabalha na Cidade da Guatemala, Guatemala.



Alud, performance
Thessaloniki Performance Festival, programa paralelo da
terceira Thessaloniki Biennale of Contemporary Art, Grecia,
2011. © State Museum of Contemporary Art e a artista.

Artista visual, *performer* e poeta, Regina José Galindo desenvolve um trabalho que se caracteriza por seu conteúdo político, que resgata elementos próprios tanto do contexto latino-americano como de sua condição de mulher. Com suas *performances*, a artista perturba e comove ao submeter seu corpo a situações extremas como reflexo de uma realidade social dominada pelo abuso e pela injustiça. Explora assim as implicações éticas universais das injustiças sociais relacionadas com discriminações raciais, de gênero e outros abusos implicados nas desiguais relações de poder que funcionam em nossas sociedades contempo-

râneas. Regina José Galindo recebeu o Leão de Ouro na Bienal de Veneza (2005) por seu vídeo *Himenoplastia*, no qual a artista é submetida a uma intervenção ilegal de reconstrução de hímen.

Participou de diversas exposições internacionais como as bienais de Veneza, de Cuenca, de Sharjah, de Pontevedra 2010, de Sydney, de Moscou, de Praga, de Albana, de Lima e a biennial Graphic Arts of Ljubljana.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán* – Excesso.

www.reginajosegalindo.com



Como um segredo se seduz a si mesmo. 2005
Fotografia em película ortocromática, lâminas de ouro, 120 x 100 / 60 x 50 cm.

Luis González Palma

Nasceu em 1957 na Guatemala.
Mora e trabalha em Córdoba, Argentina.

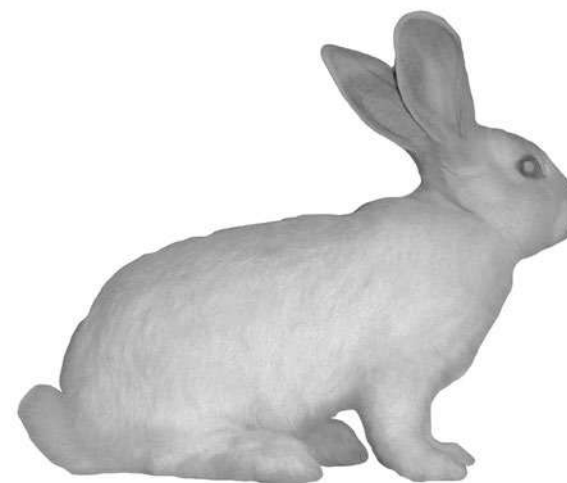
González Palma é reconhecido como um dos mais importantes fotógrafos da América Latina. Sua obra reflete sobre temas como a identidade e a memória, a introspecção e a intimidade ou a representação do não visível, e, paralelamente, desenvolve uma experiência formal que abandona progressivamente a tradição bidimensional para adentrar em uma experiência mais escultórica da fotografia. Em suas palavras, trata-se de “uma tentativa de dar corpo aos fantasmas que governam as relações pessoais, as hierarquias religiosas, a política e a vida”.

Nesta indagação conceitual e abstrata através de seu olhar fotográfico e artístico, González Palma questiona também quem olha e

como o fotógrafo se comunica olhando – e vice-versa, como o espectador olha o fotógrafo através de sua obra. Assim, segundo o artista, a fotografia passa a ser “um artifício para ver-se a si mesmo através do outro, do olhar do espectador”, argumento com o qual destaca que sua motivação está na busca constante de experimentar suas carências emocionais e transformá-las em imagens.

Luis González Palma esteve presente na revista *Calibán – Realidades & Ficções I*, com a publicação de algumas de suas obras e em *Calibán – Intimidade através da entrevista “Ninguém sai ileso da infância”*, na seção **Textual**.

www.gonzalezpalma.com



Alba, the fluorescent bunny
1999

Eduardo Kac

Nasceu em 1962 no Rio de Janeiro, Brasil.
Mora e trabalha em Chicago, Estados Unidos.

Reconhecido internacionalmente por suas instalações interativas e por seus trabalhos de bioarte, Eduardo Kac explora a fluidez da posição do sujeito no mundo pós-digital, ao questionar a evolução, a memória e até a condição da criação. Suas inquietantes obras de arte biológica fazem questão de enfatizar a natureza dialógica da arte. Artista contemporâneo com uma visão poética e filosófica da vida, Kac é sem dúvida um dos maiores e mais significativos representantes da arte dos novos meios. Devido à prioridade que outorga ao processo comunicativo sobre o resultado final, sua arte recorre à utilização de uma incrível variedade de materiais.

Uma de suas obras mais destacadas é uma intervenção em Alba (em 2000), uma coelha

transgênica. Utilizando os genes que tornam fluorescentes certas medusas (GFP), Kac interveio no DNA da coelha, com o que estabeleceu as bases da arte transgênica. Para outra de suas obras, chamada *Génesis* (1998/1999), desenhou uma bactéria e a mandou por e-mail a um laboratório que a sintetizou e a devolveu em estado físico. Kac fundamenta seus trabalhos sustentando que “se os avanços da genética vão mudar completamente nossa sociedade, a única maneira de refletir sobre essas mudanças através da arte é utilizando as mesmas ferramentas e técnicas que os cientistas”.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán – Ferramentas do analista*.
www.ekac.org



50 metros de distância ou mais
Da série *Desenhos desde o rio*.
Óleo sobre tela, 2010

Irene Kopelman

Nasceu em 1974 em Córdoba, Argentina.
Mora e trabalha em Amsterdã, Holanda.

Doutora em belas artes pela Academia Finlandesa de Belas Artes de Helsinque, Irene Kopelman busca explorar a relação entre arte e ciência.

A artista se interessa pela noção de modelo, conceito usado em muitas disciplinas científicas com a finalidade de tornar acessível o conhecimento e, conseqüentemente, organizar o que se conhece do mundo. Historicamente esta organização conceitual necessitou de simplificações e categorias, contornando o particular. Para Kopelman, o modelo é a materialização deste processo de pensamento redutor.

A partir do desejo de tornar evidente a impossibilidade de dividir a totalidade e fechá-la em categorias estreitas, a artista retoma a força

do singular e tenta, por meio de representações, tornar evidente a complexidade subjacente ao aparentemente categórico. Durante seus processos de investigação e criação, Kopelman explora o vínculo entre duas fontes: uma de contato “direto” com a natureza e outra de contato “mediado” – a natureza convertida em objeto ou paisagem – exposto em um museu. Da convergência destes elementos emerge uma narrativa baseada na dinâmica da diferença e a repetição, da complexidade e a modelização.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán* – Excesso.

www.irenekopelman.com

Runo Lagomarsino

Nasceu em 1977 em Lund, Suécia.
Mora e trabalha entre Malmö, Suécia, e São Paulo, Brasil.

Filho de pais argentinos exiliados e neto de italianos que fugiram da Europa depois da Primeira Guerra Mundial, Runo Lagomarsino coloca em jogo sua própria herança multicultural para examinar, a partir de múltiplas perspectivas, aspectos da vida contemporânea que têm uma forte carga histórica, tais como os problemas sociais e políticos da migração e das fronteiras. Nessa perspectiva, usando diferentes meios como vídeo, desenho, objetos

escultóricos e fotografia, sua prática artística explora as condições através das quais construímos o mundo no qual vivemos (e também as palavras). O trabalho de Lagomarsino analisa assim as tensões entre o universalismo como noção de inclusão e as realidades do colonialismo e o pós-colonialismo.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán* – Tradição/Invenção.

www.runolagomarsino.com



Contratempos, 2010
Projeção de slides de dimensões variáveis. Percurso performático no Parque do Ibirapuera (São Paulo) registrando fissuras que mantêm semelhança com a ideia da forma que o artista tem da América do Sul, e que foram desenhadas por acaso no desgastado concreto das suas caminhadas

Suíte bolivariana, Buenos Aires, 2009
Fotografia em cores, 110x275 cm



Marcos López

Nasceu em 1958 em Santa Fé, Argentina.
Mora e trabalha em Buenos Aires, Argentina.

Marcos López é considerado um dos fotógrafos mais destacados da América Latina. Estudou inicialmente engenharia, mas aos 20 anos começou a se dedicar à fotografia. Em 1982 ganhou uma bolsa do Fundo Nacional das Artes e se mudou para Buenos Aires, onde assistiu a uma série de oficinas de conceituados fotógrafos argentinos e estrangeiros, e desenvolveu sua carreira na docência, na gestão de projetos e na curadoria de exposições. Sua obra fotográfica se consolidou na década de 90, a partir da série *Pop Latino*, que passou a integrar os acervos de coleções e museus nacionais e internacionais.

López começa tirando fotos em preto e branco para depois passar para as cores satu-

radas, que tanto caracterizam sua obra mais recente. Cada fotografia de Marcos López é uma construção “estruturadamente desestruturada”, com influências marcantes de artistas como Andy Warhol, Marcelo Pombo ou Gustavo Di Mario, entre outros. Em seu trabalho, os elementos pictóricos se misturam com a linguagem própria da fotografia, com elementos teatrais e códigos da publicidade. O artesanal, o analógico e o digital estão juntos em sua obra, em uma posta em cena que ao mesmo tempo conserva uma dimensão documental.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán – Realidades & Ficções II*.

www.marcoslopez.com



Zero dollar, 1978/84
Lito offset sobre papel, edição limitada, 6,5x15,5 cm cada bilhete

Cildo Meireles

Nasceu em 1948 no Rio de Janeiro, Brasil.
Mora e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil.

Cildo Meireles é reconhecido como um dos nomes mais importantes da arte brasileira do último meio século. Falar de seu trabalho é pensar em arte conceitual, política, poética e uma arte próxima e emocional. Cildo começou a estudar arte em 1963 com Barreneche, a quem considera o mestre que lhe ensinou a olhar, a ir mais além, a extrair a energia de uma imagem para revelar o poder da observação.

Em 1970 participou da exposição coletiva *Information*, no Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA). Essa mostra reúne grande parte da produção de matriz conceitual da década de 60. Cildo Meireles apresentou *Inserções em circuitos ideológicos* (1970), série de trabalhos que vão caracterizar sua produção, nos quais imprime frases subversivas em cédulas de dinheiro e em garrafas retornáveis

de *Coca-Cola*. O artista desloca assim a ideia de recepção de sua obra da dimensão pública para a de circuito. “*Inserções* fixa a base de muitos de meus temas recorrentes, como a ideia de circuitos, o espaço, o tempo, as escalas, a autoria... Gosto de trabalhar com coisas que o público reconheça como suas, que sejam ao mesmo tempo matéria e símbolo, como o dinheiro. O que há neles de valor de câmbio e de uso. Eu me interesso pela ideia de deslocamento, as fronteiras como espaços de tensão. Poderia dizer que meu trabalho é uma reflexão sobre a realidade humana, sobre a concepção eurocêntrica da história. São obras que sempre brincam de burlar a percepção”, sustenta Cildo Meireles.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán – Realidades & Ficções I*.



Notícias da América
Residência em trânsito (performance), 2011-2012

Paulo Nazareth

Nasceu em 1977 em Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil.
Mora e trabalha ao redor do mundo.

Artista visual e *performer*, Paulo Nazareth é conhecido por suas caminhadas ao redor do mundo através das quais coloca em dúvida os limites da *performance* como linguagem artística. Essas caminhadas abrem um questionamento em tempo real a sua própria experiência e a dos indivíduos que encontra em seu caminho, com o que articula uma fina matriz que vincula pessoas, comunidades e histórias compartilhadas. Assim, ultrapassando as obras que produz, o trabalho de Nazareth se constitui pelo comportamento do artista, que sustenta que sua produção deve ser denominada como “arte conduta”.

Um exemplo de seu trabalho é *Notícias da América*, caminhada-*performance* que realizou en-

tre 2011 e 2012, partindo de Minas Gerais, Brasil, indo até Miami, onde apresentou sua instalação *Banana Market/Art Market* (Art Basel Miami Beach). A partir da documentação em foto e vídeo de suas *performances*, esculturas sociais, desenhos e retratos biográficos, Nazareth apresenta um olhar inédito das Américas, que revela a pluralidade e a profusão de diferentes modos de ser e viver.

No primeiro número da revista *Calibán* *Tradição / Invenção* foram publicadas algumas de suas fotos desta viagem-*performance*.

www.artsy.net/artist/paulo-nazareth

www.mendeswooddm.com/en/artist/paulo+nazareth

Tatiana Parcerero

Nasceu em 1967 na Cidade do México, México.
Mora e trabalha em Buenos Aires, Argentina.



Cartografia interior #7
Acetato e fotografia tipo C, 70x100 cm, 1995

Tatiana Parcerero é formada em psicologia pela Universidade Nacional Autónoma do México e em 1995 terminou o mestrado em artes com especialização em fotografia na Universidade de Nova York e no International Center of Photography (NYU/ICP), nos Estados Unidos. Começou a fotografar em 1985, mas desde o início dos anos 90 se concentrou no corpo e no autorretrato, e criou a técnica de justaposição de fotos em preto e branco impressas em acetatos sobre fotos coloridas. As imagens de Tatiana Parcerero são expostas como fusões de diferentes partes de seu corpo com desenhos, diagramas

anatômicos e inclusive códices antigos, que buscam representar uma pequena biografia. Sua obra, que abrange fotografia e vídeo, explora conceitos como os de identidade, memória, território, tempo; e busca também refletir e fazer sentido sobre as problemáticas ecológicas presentes na sociedade contemporânea, como os movimentos migratórios, aquecimento global e a extinção de espécies no planeta.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán – Corpo*.

www.tatianaparcerero.com



The intruder, 2011

Liliana Porter

Nasceu em 1941 em Buenos Aires, Argentina.
Mora e trabalha em Nova York, Estados Unidos.

Liliana Porter estudou na Escola Nacional de Belas Artes Manuel Belgrano e na Escola de Arte Prilidiano Pueyrredón, ambas de Buenos Aires. De 1958 a 1961 morou na Cidade do México. Lá estudou com o colombiano Guillermo Silva Santamaría e com o artista alemão Mathias Goeritz na Universidade Ibero-Americana e na Oficina de La Ciudadela. Foi também no México que apresentou suas primeiras exposições. Em 1964, em virtude de uma viagem, decidiu se estabelecer em Nova York, onde reside desde então.

Liliana Porter é considerada uma das artistas contemporâneas mais proeminentes de seu país. A partir de uma variada e ampla coleção de *souvenirs*, bonecos e figurinhas decorati-

vas, a artista constrói cenários entre o lúdico e o trágico utilizando diferentes meios: instalação, fotografia, desenho, gravado, *assemblage* ou vídeo. Indagando os limites entre a realidade e a representação, Porter cria – a partir dos anos 80 – imagens inspiradas em objetos de nosso mundo infantil. Sob seu olhar, estas fotografias e instalações nos falam da memória e da percepção de nossa subjetividade, ao mesmo tempo em que reflete sobre a fratura de conteúdos que se estabelece entre o referente e seu rastro.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán* – Intimidade.

www.lilianaporter.com



SI TUVIERA
GANAS DE
BAILAR TE
LO DIRÍA

Lucas Di Pascuale

Nasceu em 1968 em Córdoba, Argentina.
Mora e trabalha em Córdoba, Argentina.

Artista plástico e designer gráfico, estudou na Faculdade de Artes da Universidade Nacional de Córdoba (onde atualmente exerce a docência) e continuou sua formação em diversas residências em arte. Em seus trabalhos, o desenho, a prática editorial e o espaço público tiveram grande protagonismo.

Entre suas produções se destacam *2222* (Museu Bonfiglioli e Galeria El Gran Vidrio, Córdoba, 2016-2017), *López* (diversas cidades, 2007-2017), *Lindes para el viento* (em conjunto com Soledad Sánchez Goldar; Espacio Rojo, Córdoba, 2015), *Yerba Mala* (Museu Genaro Pérez, Córdoba, 2013), *Hola tengo miedo* (Cultura Pasajera, Rosário, 2012), *Ciudadano* (Córdoba, 2010), *Coleções* (Galeria da Escola Guignard, Belo Horizonte, 2010), *Turista Artista* (Museu Emilio Caraffa, Córdoba, 2009), *Colección Jorge Villacorta* (Galeria 80M2, Lima, 2009) e *PTV* (Espaço OSDE, Buenos Aires, 2009).

Publicou os livros *Ijota* (2017), *Ali/Lai, Lau/Zip* (2014), *Distante* (2014), *Hola tengo miedo* (2011), *Taurrtiisstaa* (2009) e —em conjunto com Gabriela Halac— *H31* (2001).

Entre outras distinções obteve a Bolsa Plataforma Futuro (2017), o Primeiro Prêmio Castagnino Macro, em Rosário (2013), o Segundo Prêmio Klemm, em Buenos Aires (2013), o Prêmio Igualdade Cultural em Artes Visuais (2013) e o segundo prêmio no Salão e Prêmio Cidade de Córdoba (categoria Desenho, 2009).

Lucas Di Pascuale é responsável pelo desenho gráfico da revista *Calibán*.

www.lucasdi Pascuale.com.ar

Referências

- Pascuale Di, L. (2011). *Hola tengo miedo*. Córdoba: Autor.
Pascuale Di, L. (2014a) *Ali/Lai, Lau/Zip*. Córdoba: DocumentA/ Escénicas.
Pascuale Di, L. (2014b) *Distante*. Córdoba: Borde Perdido.
Pascuale Di, L. (2017). *Ijota*. Córdoba: Autor.
Pascuale Di, L. & Halac, G. (2001). *H31*. Córdoba: Autor.



Paisaje XIV
Grafite, lápis, carvão e
pastel sobre papel montado
180 x 140 cm, 2008

Eduardo Stupía

Nasceu em 1951 em Vicente López, província de Buenos Aires, Argentina. Mora e trabalha em Buenos Aires, Argentina.

Eduardo Stupía, que se define como artista visual, estudou na Escola Nacional de Belas Artes Manuel Belgrano de Buenos Aires, e desde 1984 exerce também a docência em artes plásticas.

Stupía trabalha em diversos materiais; carvão, lápis, grafite, pastel, óleo e acrílico, e realiza traços sempre muito particulares. Caracteriza-se por inconfundíveis tramas de linhas negras sobre fundo branco. Notável desenhista, utilizou também textos no começo de sua carreira, quando traçava *comics* com caráter de pesadelo, talvez refletindo então a turbulência do contexto político e uma rebelião quase adolescente. Depois comprimiu até a miniatura paisagens e protagonistas, povoando seus papéis com micronarrati-

vas. Nas obras dessa etapa, é possível distinguir de perto figuras e cenas representadas, mas de longe as imagens aparecem como paisagens alucinatórias. De repente, o mistério se adornou de suas espessas caligrafias com traços orientais, estranhas grafias e linhas, borrões e acumulações de manchas e velaturas, com vazios inesperados, fragmentos e rupturas. Assim as imagens de Stupía passaram a se parecer cada vez mais com restos de sonhos, rastros sem destino final, mas de inegável vivacidade.

Algumas de suas obras foram publicadas na revista *Calibán – Corpo*.

www.artsy.net/artist/eduardo-stupia

www.jorgemalaruche.com.ar/eduardo-stupia/



Today we reboot the planet, 2013

Adrián Villar Rojas

Nasceu em 1980 em Rosário, Argentina.

Mora e trabalha entre Rosário, Argentina, e Nova York, Estados Unidos.

Considerado um dos artistas contemporâneos argentinos mais promissores da atualidade, Adrián Villar Rojas se especializa na escultura em grande escala, desenho, artesanato, música, ficção científica e instalação, e cria realidades alternativas que fazem alusão a um apocalíptico ou mitológico fim do mundo. As instalações colossais, pelas quais é mais conhecido, são feitas normalmente de argila, e conseguem submergir o espectador em uma imensidão tanto temporal como física. Suas criações parecem atemporais e antigas ao mesmo tempo, relíquias de um passado ou pré-figurações de um futuro ambíguo que questionam a noção que temos do tempo, da história e da moder-

nidade. Ele e sua equipe de trabalho combinam elementos orgânicos e artificiais em suas experiências – terra, pigmentos, vegetais, cimento, fósseis, plástico, roupa, aparelhos tecnológicos e joalheria – para criar obras de uma enorme estranheza. Esse processo criativo, equiparável ao de um diretor comandando uma companhia de teatro, se vê refletido na própria obra e resulta em objetos e amálgamas inéditos, que parecem conter o realizado e o impossível, o criado e o que apenas foi imaginado.

Algumas de suas obras e uma entrevista foram publicadas na revista *Calibán – Mal*.

www.kurimanzutto.com/artists/adrian-villar-rojas

Entrevista com Monika Pessler*

Arte contemporânea em Berggasse 19, Viena

Por que expor uma coleção de arte contemporânea em um museu que não é um museu de arte?

Pode-se dizer que o Museu Sigmund Freud em Berggasse 19, onde Freud explorou o inconsciente por quase 50 anos, constitui um *crédito cultural* que precisa ser preservado e ativado. Como uma plataforma interdisciplinar de comunicação, o museu nos permite revelar o potencial de ativos históricos e culturais. Essa realização se dá, principalmente, através do exame científico interdisciplinar que vem definindo nosso programa de eventos ao longo dos últimos anos. Além da preservação e pesquisa, há uma terceira dimensão que me parece crucial: *experimentando e projetando para poder ver*. A fim de manter a herança cultural e histórica disponível, e comunicá-la a um público amplo, é necessário tornar o ativo cultural o mais visível possível. Nesse sentido, a arte contemporânea pode servir como um tipo de *complemento sensorial* para enriquecer o discurso atual e/ou aproveitar o potencial de se adquirir conhecimento histórico. Em seus textos, o próprio Sigmund Freud refere-se ao efeito da experiência sensorial na arte, como sendo útil no caminho para a descoberta do inconsciente. A arte, segundo Freud, usa mé-

* Entrevista realizada para *Calibán - Revista Latino-Americana de Psicanálise*, por Mariano Horenstein, em dezembro de 2016.



Les funérailles de Malevitch.

celui qui le traverse sur sa soif. On en qui ferait retour sans trouver d'o

PRE-HISTORIA AMERICANA

ac- kuda
lan puat
ada la je
for enro
don cla
on otro
or ella
ate con
ra la
a la pa
por gen
te a p
men cion
avar
du Euro
ton prin
ivas del
o la se l
ima, tant
da, mas
avor res
ma. E
a la guri
su ver
oña las
que
ada mitad del siglo XIX, encontraron en el nuevo
chos sabios han dedicado do de adelanto muy notat
terzos para anotar con al Lo único que se sabe



8. grano de trigo

MANUALIDADES ESCOLARES 127

OTRAS CREACIONES CON ALAMBRE



Cranio

El término cráneo se emplea comunemente para designar el conjunto de huesos de

desarrollan a expensas de cartilagos. Solo dos forman articulaciones móviles con otros partes de la cabeza. La escafidista

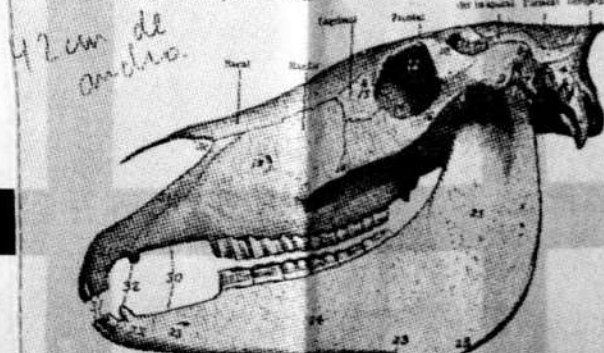


Fig. 18. Cráneo del caballo visto por el lado izquierdo.

todos similares aos da análise e, como essa, frequentemente atribui importância a questões desprezadas ou não percebidas.

Em sua opinião, que artistas contemporâneos foram mais influenciados pela psicanálise e de que forma?

Não é fácil escolher ou nomear um ou outro, porque os *insights* de Freud sobre as funções da psique humana tiveram uma enorme influência em várias direções e movimentos artísticos. Desde o começo do século passado, o movimento surrealista; expressionismo abstrato; gestualismo; o movimento acionista vienense; a arte conceitual e performática nos anos 1970, todos estão relacionados a *insights* e reflexões de Freud.

Sexualidade, subjetividade e identidade ainda são parâmetros decisivos para as atuais posições na teoria e prática artísticas. Nossa coleção de arte conceitual oferece evidências documentais suficientes para demonstrar a correlação entre arte e psicanálise. Em 1989, Georg Herold produziu uma escultura feita de objetos do dia-a-dia. A materialidade idiossincrática desse trabalho retrata ironicamente os princípios de feminilidade e masculinidade, e enfatiza a relação entre a mitologia dos sexos e a teoria das Pulsões de Freud. Há mais de 20 anos, Pier Paolo Calzolari criou uma composição de couro (um cinto) e sal e pendurou na parede com o sinal luminoso "Avido" (ávido). De maneira impressionante, o artista do movimento *arte povera* aponta tanto para as dimensões físicas quanto psicológicas da possessividade. Os sapatos infantis autografados de Sherrie Levine podem ser vistos como ferramentas para recordação. *Um par de sapatos* (1974) representa o protótipo de um representante com uma referência passada, não apenas provocando nossas próprias associações e memórias de infância. No desenvolvimento da história da arte no século passado, tanto o caráter fetichista dos *ready-made* de Duchamp como o trabalho de Sherrie Levine, evocam igualmente a perda coletiva e as experiências de identificação problemáticas.

Assim, nossa coleção – que inclui trabalhos de Joseph Kosuth, John Baldessari, Clegg & Guttmann, Jessica Diamond, Marc Goethals, Jenny Holzer, Ilya Kabakov, Haim

Steinbach, Franz West, Heimo Zobernig e novas doações de Susan Hiller, Wolfgang Berkowski e Victoria Browne – constitui um espaço de reflexão para um discurso crítico a respeito das atuais questões socioculturais ligadas à relatividade social da psicanálise.

Em sua opinião, como podemos pensar a relação entre psicanálise e arte contemporânea?

Sempre me encanta perceber que algumas das técnicas psicanalíticas de Sigmund Freud são muito próximas à prática artística, quer dizer, co-naturais, no sentido pleno da palavra. Por exemplo, o diálogo entre o artista e seu trabalho pode ser visto como um ato de constituição mútua, similar à cura pela palavra. Este processo baseia-se, principalmente, na construção de memória que o analista realiza junto com o paciente. Freud, em 1937, descreveu-o dizendo que o analista comunica ao paciente um fragmento da construção e permite que este possa agir sobre ele; constrói, depois, um outro fragmento a partir do novo material que surge, age com este da mesma maneira e assim prossegue, sucessivamente.

Da mesma forma, o artista cria também situações de lembrança ao dialogar com seu próprio esboço artístico que, no momento em que aparece, ganha vida própria como projeção de si no mundo exterior. Torna-se material de uma realidade (artística). Nesse sentido, a ação artística, ou seja, o próprio processo de criação, encontra correspondência nos métodos de trabalho psicanalítico.

Há muitos outros aspectos-chave da arte e da história cultural que se referem a questões psicanalíticas, por exemplo, a negociação e a busca de mecanismos que governam certos estados e condições do indivíduo e/ou o coletivo social.

O que você considera como os principais traços da coleção de arte contemporânea do museu? Que critérios você utiliza para escolhê-las?

Além da preparação e representação de circunstâncias históricas para uso do museu, o tratamento artístico contemporâneo de questões urgentes é uma espécie de complemento que estimula, e até cria, o exame puramente intelectual como uma forma de intervenção sensorial. Mesmo para o filósofo Alexandre Gottlieb Baumgarten (1714-1762), era claro que o efeito da arte é percebido como um

modo singular de experiência, parte genuína do humano, e não pode ser substituída por uma clara percepção, enquanto para Ernst Cassirer (1874-1945) uma verdadeira educação humana não passa pelo campo da lógica, mas sim, acontece no campo da estética.

Assim, se um museu se considera tanto uma instituição educacional quanto um ponto de encontro e troca interdisciplinar, torna-se evidente a necessidade de trabalhar com os campos da estética e neles mesmos. Também porque a língua da arte é uma ferramenta de comunicação que transpõe barreiras nacionais. Assim, para lidar adequadamente com os desafios da atualidade, é importante usar os meios de expressão certos. A principal atração da nossa coleção é o fato de que as obras de arte conceituais são representações de ideias. Todos os artistas que fazem parte da nossa coleção de arte contemporânea focam, principalmente, na questão de como certos conceitos/ideias se estruturam e como sua função pode ser visualizada. Através dessas obras de arte, podemos proporcionar, portanto, novos *insights* a respeito das complexas relações entre o mundo externo e interno, o mundo material e a mente. Essa atitude não é nada mais do que a continuação das descobertas e proposições freudianas. Desde 1914, na quarta edição expandida de sua *Interpretação dos sonhos*, Freud observa que uma compreensão mais profunda do mecanismo, do significado e do conteúdo da formação dos sonhos permite que se tenha uma melhor compreensão do processo artístico de criação – e, pode-se dizer, vice-versa, creio eu.

Monika Pessler*

Pensamentos ocultos de natureza visual: A coleção de arte contemporânea do Museu Sigmund Freud**

No trabalho do sonho trata-se, evidentemente, de converter em imagens sensoriais, a maioria delas de natureza visual, os pensamentos latentes vertidos em palavras.
Sigmund Freud, 1916

Hoje, no museu Sigmund Freud, na rua Berggasse 19 em Viena¹, é possível caminhar nos mesmos espaços onde entre os anos 1896 e 1908 Freud atendeu seus pacientes e trabalhou em sua Interpretação dos sonhos; nesses ambientes, atualmente abertos pela primeira vez ao público, podemos ver como as fantasias de vários artistas conceituais contemporâneos criam raízes na exposição: *Pensamentos ocultos de natureza visual* (2017). Trata-se de uma mostra especial de obras selecionadas da Coleção de Arte Contemporânea do Museu Sigmund Freud.

O artista conceitual Joseph Kosuth, em uma obra de 1989, *Zero & Not*, entende e usa os insights teóricos freudianos, como um ready-made: ou seja, como uma “arquitetura

conceitual” disponível capaz de oferecer não somente estrutura e condições gerais compatíveis à arte, mas também de explicá-la. A releitura do monumento de Freud localizado em Viena, realizado por Heimo Zobernig, tem como resultado uma “transcrição” concreta (termo usado por Freud em sua teoria da memória). A inscrição da placa foi transferida a um pedaço de tecido que, em forma de tapeçaria, rememora um acontecimento chave, a revelação do segredo do sonho: os sonhos são realizações de desejos!

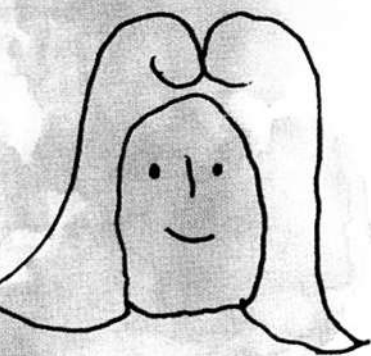
Em *Pinturas diárias*, de Wolfgang Berkowski “obra iniciada em 1987 em contínua feitura até os dias atuais”, combinam-se textos encontrados em diferentes mídias com diagramas em formato de pinturas. Os comentários sobre arte, produzidos em série, podem ser vistos como análises desenhadas das estratégias de comunicação diária da atualidade.

Freud faz referência explícita à infância como um fator da memória em sua análise dos

* Curadora, historiadora de arte e atual diretora do Museu Freud de Viena.

** Texto de apresentação da exposição *Pensamentos ocultos de natureza visual* (2017), realizada no Museu Sigmund Freud de Viena.

¹ Freud teve seus consultórios em três lugares da Berggasse 19. Em 1891, assim que para lá se mudou, trabalhou no mezanino de seu apartamento; em 1896 mudou-se para o andar superior, e de 1908 a 1938 teve seu consultório nos quartos do número 6, exatamente em frente ao seu apartamento.



25. Julia



sonhos. De modo análogo, Sherrie Levine leva o espectador de sua obra *Um par de sapatos* (1974) a estabelecer associações com seus primeiros anos de vida.

A obra *AHA!*, de Haim Steinach (1997), faz referência a um elemento chave da prática psicanalítica imanente à *talking cure*: a língua falada. Os objetos cotidianos cuidadosamente selecionados por Georg Herold e amontoados numa caixa óptica de madeira (*peep box*) encarnam o princípio do masculino e do feminino e ecoam, mais uma vez, com a frase freudiana de que “os sonhos são realização de desejos”. Ilya Kabakov descreve as tentativas de se liberar através da arte das restrições impostas de dentro e de fora. De modo impactante, a obra *Avido*, de Pier Paolo Calzolari (1968), faz uma alusão literal às dimensões físicas e psicológicas do processo de apropriação e de ser apropriado. Tanto o olhar voyeurístico como o olhar constrangido permitem, assim, focar nos desejos e anseios sexuais, bem como em suas exacerbadas manifestações como a fixação e a perversão.

Igualmente, assim como pensamentos ocultos, desejos e medos podem se manifestar

em nossos sonhos, as obras de arte apresentadas na Coleção de Arte Contemporânea revelam as dinâmicas e as forças que dão forma ao inconsciente individual e coletivo. Como instrumento de criação de sentido e, na mesma medida, como vetor de reflexão, explora as profundezas de nosso autoconhecimento: o objetivo é pôr à prova os efeitos das construções linguísticas. Portanto, as propostas do material simbólico, buscam mostrar seus efeitos em esculturas e instalações possibilitando visualizar dimensões psicológicas de anseios e desejo, autonomia e heteronomia. Formuladas artisticamente as emoções, experiências e memórias se apresentam como transcrições sensoriais de mundos ocultos do pensamento. Por conseguinte, não é uma surpresa que Freud se refira amiúde à arte em seus escritos, uma vez que esta, em sua busca pelo conhecimento, usa métodos similares aos da psicanálise, prestando atenção frequentemente aos “traços desprezados ou imperceptíveis”.

Joanne Morra*

Quando a arte e a psicanálise se encontram: Aventuras críticas no Museu Freud de Londres

Quais são os efeitos de expor arte contemporânea dentro de vários espaços museológicos cujo principal objetivo não é nem abrigá-la nem exibi-la? Por que colocar arte contemporânea no Museu Freud em Londres? Por que se envolver com a psicanálise? O que ganham os museus e a história, a prática e a teoria da psicanálise? O que acontece com as obras de arte e nossa compreensão sobre elas? Essas são algumas das questões com as quais me envolvo neste artigo.

Nos últimos 50 anos, vimos a arte contemporânea entrar em espaços institucionais além da galeria de arte convencional (*white cube gallery*). Esses espaços incluíram museus históricos de grande escala, museus de personalidades e pequenos museus independentes. A exposição temporária de arte contemporânea nesses espaços começou nas décadas de 1960 e 1970 com várias formas de crítica institucional, arte conceitual, arte performática e arte *in situ*, e proliferou nas últimas duas décadas.

Houve alguma discussão a respeito de várias intervenções artísticas individuais ou de alguns tipos de práticas dentro desses espaços museológicos, mas, apenas recentemente, alguns estudiosos forneceram uma visão mais geral destes acontecimentos, oferecendo um questionamento crítico sobre esse fenômeno complexo. Do meu ponto de vista, existe algo singular sobre a forma como a arte contemporânea atua uma vez que entra nesses lugares, e por isso a chamo de “responsiva ao lugar” (Morra, 2012). A intenção do termo é oferecer-nos uma compreensão da natureza generativa, às vezes crítica, e definitivamente recíproca, dessa forma de intervenção artística. Por isso, quero dizer que ter arte contemporânea dentro de um museu altera nossa compreensão do museu e, ao mesmo tempo, o lugar impacta a nossa interpretação da obra de arte.

Com mais de 90 exposições ao longo de 30 anos, o Museu Freud de Londres, localizado na

* Professora adjunta de história e teoria da arte na Central Saint Martin, Universidade das Artes, Londres.



Exterior do Museu Freud de Londres
Cortesia do Museu Freud de Londres



Escritório de Freud no Museu Freud de Londres
Fotógrafo: Ardon Bar Hama. Cortesia do Museu Freud de Londres

rua Maresfield Gardens, nº 20, é proeminente no reconhecimento, promoção e exibição de arte contemporânea. O Museu Freud hospedou exposições de Santiago Borga, Louise Bourgeois, Sophie Calle, Mat Collishaw, Valie Export, Ellen Gallagher, Susan Hiller e Sarah Lucas, para citar apenas alguns. Neste artigo, estou interessada em considerar várias exposições relacionadas especificamente à prática psicanalítica – ao que acontece no consultório. O consultório constitui o centro da psicanálise

e da Maresfield Gardens, nº 20, já que ali podemos entrar no último consultório e escritório de Freud. Ao mesmo tempo, considerarei exposições que tenham afetado, estendido ou revelado algo sobre o Museu Freud de Londres, a história, teoria ou prática da psicanálise, e como o lugar respondeu à obra de arte de forma produtiva. Ao interpretar essas exposições, espero abrir as questões mais gerais com as quais comecei este artigo, referentes ao papel da arte contemporânea dentro do museu.

O museu de personalidade

Para entender a relação entre a arte contemporânea e um museu como o Freud Museum de Londres, é útil considerar algumas condições gerais que constituem o museu de personalidade. O museu de personalidade é dedicado à vida e ao trabalho de um indivíduo. Estes espaços foram muito populares no final do século XIX e experimentaram dois ressurgimentos, um na década de 1940, e outro a partir da década de 1970. O Museu Freud de Londres é parte deste ressurgimento contemporâneo que abriu suas portas ao público em 1986.

Assim como o Museu Freud, todos os museus de personalidade são lugares complexos, compostos de espaços, objetos e práticas. As práticas que constituem um museu de personalidade vão desde a conservação e curadoria dos objetos que antes eram de propriedade e uso do indivíduo que ali residia e trabalhava, a uma dedicação à produção cultural deste indivíduo e a sua disseminação; e ainda a dar corpo às várias experiências, histórias e memórias associadas ao lugar e seus habitantes.

Considerando que o objetivo principal de um museu de personalidade é a conservação e curadoria dos objetos em seu interior, a autenticidade é fundamental. Uma das provocações mais urgentes do Museu Freud de Londres é incentivar seus visitantes a entrar no palco psicanalítico, a caminhar no Museu e, simultaneamente, de alguma forma, adentrar nos consultórios de Sigmund e Anna Freud. Como sabemos, o mito em torno do Museu Freud é que o consultório e escritório de Sigmund Freud não foi tocado desde a sua morte, em 1939. Esta é certamente uma parte do poder hagiográfico do Museu. Sua capacidade de nos fazer acreditar que estamos em uma sala de consultório ativa e viva, da qual o psicanalista saiu momentaneamente, e onde, enquanto caminhamos, esperamos pelo seu retorno. Isso faz da psicanálise uma experiência muito presente na Maresfield Gardens, nº 20.

Sigmund Freud fez uma breve observação enigmática sobre o espaço, que é útil para pensar sobre as condições psíquicas do museu

de personalidade e os papéis desempenhados pela pessoa que uma vez habitou o espaço, e pelo visitante. Em 1938, ano anterior à morte de Freud, exilado da Viena nazista e vivendo em Maresfield Gardens, Freud observou que “o espaço pode ser a projeção da extensão do aparelho psíquico. Nenhuma outra derivação é provável. (...) A psique é estendida; nada sabe a respeito” (Freud, 1938/1996, p. 336)¹. Para Freud, o espaço é constituído e imbuído do sujeito que reside dentro dele. Mais precisamente, o aparelho psíquico do sujeito é projetado no espaço de maneira consciente e inconsciente. Constituímos nosso espaço com nossa vida psíquica, assim, como ele nos constitui.

Muitos autores já comentaram sobre a quietude do museu e a morte dos seus objetos. Ao pensar nisso, poderíamos recorrer à crítica de Theodor Adorno (1983) sobre os museus, na qual os chamou de “sepulcros familiares das obras de arte” (p.173). Aqui, Adorno estava debatendo a forma como o museu preserva as obras de arte como objetos históricos em vez de obras que vivem no presente, na medida em que são despojadas de seu contexto inicial, e, conseqüentemente, os objetos entram no “processo de morrer”. No entanto, essa condição não é irrevogável. Adorno também argumentou que o museu é essencial, pois é o lugar em que os objetos moribundos devem ser encontrados por um espectador e, através desse encontro, tornam-se vitais novamente. Junto com o espectador, gostaria de sugerir que a arte contemporânea também anima, ao mesmo tempo em que perturba, os objetos e os espaços do museu. Ao introduzir arte responsiva ao lugar no museu de personalidade, as narrativas fixas, ideológicas do museu podem ser interrompidas e estendidas.

A mise-en-scène psicanalítica

Até hoje, a prática psicanalítica ocorre no mesmo *setting* distintivo que Freud inventou há mais de 125 anos. Nesta medida, a *mise-en-scène* que encontramos na Maresfield Gardens, nº

1 N.T.: Tradução de Jayme Salomão. A tradução, assim como a referência ao número da página, corresponde a Freud, S. (1996). Achados, idéias, problemas. In J. Salomão (trad) *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (vol. XXIII). (Trabalho original publicado em 1938).



O consultório de Freud na Berggasse, nº 19, 1938
Fotógrafo: Edmund Engelman. Cortesia do Museu
Freud de Londres



Mieke Bal & Michelle Williams Gamaker, Sissi em
Análise (2012), Dizendo-o, Museu Freud de Londres,
2012 Fotógrafo Paul Kubalek, photo.kubalek.at

20, é o modelo para a psicanálise hoje. As exposições *A mágica do divã*, de Claudia Guderian, e *Espaços na cabeça: Fotografias de ambientes psicoterapêuticos*, de Nick Cunard, ambas realizados no Museu Freud Londres em 2004, confirmaram, para nós, a continuidade histórica do consultório através de uma série de fotografias de ambientes psicanalíticos em todo o mundo. Não há como negar que a mise-en-scène que Freud concebeu em 1886 constitui a base para contextos psicanalíticos e psicoterapêuticos internacionalmente. Existe uma semelhança impressionante entre todos esses *settings*: especificamente, o posicionamento do divã do paciente e a poltrona do terapeuta.

Como observa Guderian (2004), entrevistando os analistas cujos consultórios ela fotografou, ficou claro que “os modelos – conscientes ou inconscientes – eram o *setting* de Sigmund Freud”. Talvez seja esta a disposição que melhor conhecemos, por causa da sua encenação no Museu Freud de Londres, mas pode ser que a nossa imagem do consultório de Freud seja realmente o resultado da visão das fotografias famosas, detalhadas, em preto e branco, tiradas por Edmund Engelman na Berggasse, nº 19, em maio de 1938, apenas alguns meses antes da família Freud deixar Viena.

Com as fotografias de Guderian e Cunard dos consultórios contemporâneos no Museu

Freud de Londres, o impacto das exposições responsivas ao lugar foi uma forma de reedição crítica da Rua Berggasse. Isso demonstrou a universalidade da mise-en-scène do consultório, e como o arranjo na Maresfield Gardens, nº 20, sempre ecoa o arranjo da Berggasse.

Assim, as fotografias interrompem a originalidade da Maresfield Gardens, apontando-nos para a Berggasse, lugar onde Freud trabalhou por quase 50 anos, e, ao mesmo tempo, demonstram que a Maresfield Gardens está constituída por acréscimos históricos importantes, que são vitais para sua história e poder.

Dizendo-o

Ainda sobre o consultório e as práticas que se dão ali, gostaria de me concentrar nas recomendações de Freud para melhores práticas no tratamento psicanalítico e, em seguida, passar a considerar a intervenção de Mieke Bal e Michelle Williams Gamakers, *Sissi em análise*, que considera uma violação produtiva nos parâmetros estabelecidos por Freud. Ao longo de seus escritos, Freud nos forneceu suas recomendações para estabelecer e manter a mise-en-scène e os processos que ocorrem no consultório. Agora chamamos isso de *setting* ou enquadre psicanalítico. O primeiro uso do termo “*setting* psicanalítico” foi pelo pediatra e psicanalista in-

fantil D.W. Winnicott, em 1964, quando o descreveu como “a soma dos detalhes do manejo”, que são vitais para o progresso da psicanálise, porque “revelase, ao final, ou mesmo no começo, que o *setting* e a manutenção dele são tão importantes quanto a maneira pela qual se lida com o material” (Winnicott, 1964/1994, p.77)². Aqui, Winnicott estava estendendo o trabalho de Freud sobre a técnica psicanalítica. Freud começou a juntar suas idéias sobre a técnica psicanalítica em 1908 na tentativa de escrever um livro sobre o assunto, mas em 1910 ele o abandonou. Apesar de repetidas vezes ter se referido à ideia de escrever uma obra sobre técnica, ele nunca o fez. Talvez isso tenha ocorrido porque as opiniões de Freud sobre a técnica psicanalítica mudaram e se desenvolveram ao longo do tempo. De fato, muitas vezes ele não cumpriu seus próprios conselhos aos psicanalistas, e alterou aspectos do *setting* analítico para se adequar aos seus pacientes e suas necessidades³. Dito isto, Freud publicou um conjunto de seis ensaios entre 1911 e 1915, nos quais discute alguns dos principais aspectos técnicos de sua prática: os protocolos para iniciar um tratamento; as responsabilidades do analisando e do analista; elaboração; sonho e interpretação; e transferência. Como parte dessas recomendações, Freud aclarou que a psicanálise não era apropriada para pacientes psicóticos. Ele acreditava que um paciente com psicose não seria capaz de estabelecer uma transferência – o redirecionamento inconsciente pelo paciente dos sentimentos de figuras importantes da infância para o analista – porque eles não podiam manter uma sensação de continuidade entre as sessões o que seria a base para elaborar a transferência (Freud, 1913/2001a, p. 139). O pensamento psicanalítico pós-freudiano e sua prática desafiaram as idéias de Freud sobre os resultados produtivos de ter pacientes psicóticos em análise. A instalação filmica intitulada *Sissi em análise*, de Bal e Williams Gamaker, que foi incluída na exposição que organizei no Museu Freud em Londres, intitulada *Dizendo-o* (2012), constitui uma crítica importante ao pensamento de Freud sobre

a suposta falta de benefício da psicanálise para pacientes psicóticos.

Sissi em análise é uma obra de 10 canais que apresentou a história do caso de Sissi, uma mulher supostamente esquizofrênica na faixa dos trinta anos, institucionalizada desde os 18 anos. Baseada em um caso real de 1988 de “ficção teórica” intitulado *Mère Folle*, da psicanalista Françoise Davoine, (1998), Sissi relutou em começar a contar sua história. Tendo sido vítima de abuso sexual por parte de seu pai, negligenciada e traída por sua mãe, e forçada a fazer um aborto e uma histerectomia pelo sistema de saúde vigente, em *Sissi em análise*, a paciente (encenada pela atriz Marja Skaffari), descontente com seu tratamento com Davoine, tenta novamente com outra psicanalista. Esse segundo tratamento é uma ficção, mas se baseia no diálogo entre Sissi e Davoine que é narrado no livro, e em suas notas do caso.

As 10 sessões que constituem a análise de Sissi foram exibidas em diferentes lugares do Museu Freud, e não seguiram uma narrativa linear. Em vez disso, as sessões responderam, evidenciando o modo de como uma análise não é linear: as memórias são recordadas fora da ordem cronológica e misturadas com eventos e emoções atuais; e a instalação convidou cada espectador a criar suas próprias viagens através dela. Ao ver as sessões de Sissi, lentamente ganhamos acesso ao processo gradual de descobrir a causa de seu estado traumatizado. Falando cara a cara com seu analista, em vez de se deitar no divã, como recomendava Freud, Sissi conta sobre o desejo de viver “a vida de uma artista... de uma grande rainha”. Em outra sessão, lembra-se de sua tristeza e confusão: “um dia eu fui a Paris e me fizeram um aborto. Eles disseram que eu estava grávida, eles não me disseram que eu estava esperando um bebê. Ele foi tirado do meu corpo, quem tinha o direito de decidir?” Mostrando carinho e ódio em relação a sua analista, ela admite, em uma outra sessão que sua analista a entende muito bem, e depois a ataca com raiva. Abandonada por sua mãe, que não reconheceu o abuso, Sissi não conseguiu reconciliar seu

2 N. T. : Tradução de J. O. A. Abreu. A tradução, assim como a referência ao número da página, corresponde a Winnicott (1994). A importância do *setting* no encontro com a regressão na psicanálise. In: J. O. A. Abreu (trad). *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott*. (pp.77-81). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1964).

3 Sobre o cumprimento ou não por Freud de seus próprios conselhos aos psicanalistas, ver Luciana Nissim Momigliano (1992) e Lohser e Newton (1996).



Escritório de Freud no Museu Freud de Londres. Fotografia: Ardon Bar Hama. Cortesia do Museu Freud de Londres

amor contínuo por sua mãe, e essa divisão entre amá-la e odiá-la começou uma “guerra” dentro de Sissi. Sissi finalmente em um momento acabou “dizendo-o”. Ela fala sobre suas lembranças traumáticas. A sessão foi apropriadamente colocada ao lado do divã de Freud.

Como mencionei, Freud tinha sérias preocupações sobre se os pacientes psicóticos se beneficiariam com a análise, devido à sua incapacidade de estabelecer uma transferência efetiva com o analista. A analista da vida real de Sissi – Davoine – é uma dessas psicanalistas contemporâneas que trabalham com esses pacientes. Na visão de Davoine, a psicanálise pode ser usada para tratar formas psicóticas⁴. Para Davoine, o processo de transferência e contra-transferência são encontros éticos com o “outro”: tanto o outro que reside dentro de cada um de nós (nosso inconsciente) e o outro a quem falamos – paciente ou analista. E, como qualquer análise, a narrativa que surge durante esse processo é sempre parcial, fragmentária e incompleta, porque o funcionamento do inconsciente

também é parcial e fragmentado. Ao exibir essa obra de arte – Sissi em Análise – dentro do Museu Freud, essa história e a prática terapêutica pós-freudiana são trazidas ao primeiro plano, e recebem o seu lugar legítimo na história da psicanálise. Ao mesmo tempo, deixa-se claro que a psicanálise se desenvolveu e mudou, de maneiras que têm sido extremamente benéficas para aqueles com doenças mentais como a psicose, e para a nossa sociedade.

A voz da vergonha

A exposição multimídia da artista sul-africana Penny Siopis (2005), *Três ensaios sobre a vergonha*, com curadoria de Lei Jennifer, considerou o vínculo ético que existe entre o indivíduo e o social, concentrando-se na vergonha e suas diversas configurações, tanto no apartheid da África do Sul (1948-1994) quanto na Comissão da Verdade e Reconciliação (CVR) que o seguiu. A exposição foi composta por uma série de intervenções, uma das quais in-

titulada *Voz. Voz* foi encenada no consultório e escritório de Sigmund Freud na Maresfield Gardens, nº 20. Incluía sete gravações de áudio marcando o perímetro de acesso público ao escritório e consultório de Freud. Ouviam-se as experiências pessoais de vergonha contadas por sete sul-africanos proeminentes. O foco dessas gravações era duplo. Primeiro, os indivíduos falavam sobre como a vergonha é tão central para o gênero e a sexualidade, e as delícias e o descontentamento do corpo. Em segundo lugar, as vozes discutiam o entrelaçamento da vergonha com o contexto político, social e cultural do apartheid e da CVR.

A CVR foi criada em 1996, dois anos após a primeira eleição democrata na África do Sul, e chegou ao fim em 2003. Um compromisso político, a CVR foi formada e entendida como diferente, não só da natureza punitiva dos julgamentos de Nuremberg depois da Segunda Guerra Mundial, mas também da anistia geral para todos aqueles que cometeram crimes durante as últimas três décadas do regime do apartheid. Liderada pelo arcebispo Desmond Tutu, presidente da CVR, ela se converteu no fórum de uma forma cristianizada de arrependimento e perdão. Durante dois anos, a CVR foi um *setting* dentro do qual as vítimas de crimes de lesa humanidade, e seus perpetradores que pediam anistia, puderam expressar suas histórias individuais e coletivas. Nos encontros presenciais entre ambos, as vozes falaram a respeito do trauma sob a rubrica de perdão, reconciliação e transformação. Considerou-se que essa forma de perdão “empírico” compartilhava atributos com a cura e os aspectos terapêuticos da psicanálise⁵.

Na instalação *Voz*, de Siopis, escutamos que, na CVR, a poeta, escritora e repórter Antjie Krog sentiu que a vergonha, naquele espaço, era visceral; *de fato ela nunca saiu da sala*, que *a vergonha precisa de uma audiência*, e que testemunhando isso, ela foi *arrastada para dentro do poço da vergonha*. Nós também ouvimos o juiz e ativista pelos direitos dos homossexuais e contra a propagação do HIV/Aids, Edwin Cameron, falar sobre como a vergonha associada a uma doença sexualmente transmissível não é relegada à comunidade gay, mas também inclui

a vergonha social do sexo interracial. Já Fatima Meer, professora de sociologia e prisioneira política do regime do apartheid, descreveu a tortura que sofreu durante sua detenção política: uma tortura que foi organizada para instaurar uma vergonha brutal com base na violação de seus genitais.

O conteúdo e a forma dessas gravações operaram juntos para construir um sentido do potencial radical da voz – o que é fundamental para a psicanálise – na articulação e materialização da vergonha dentro do corpo, suas paixões e os crimes cometidos contra ele. Na noite de abertura da exposição, todas as sete histórias eram audíveis para todos: “altas, públicas e intensas”. Como nota Siopis (2008):

O espectador/público não podia olhar para a mesa de Freud, seu divã e outras coisas, sem o acompanhamento de vozes refletindo audivelmente sobre atitudes a respeito da vergonha pessoal e da vergonha alheia. [...] Esse cenário complexo compartilhava algo com o que realmente aconteceu nas próprias audiências da CVR. A vergonha foi organizada de forma muito pública, emotiva, quase teatral, durante o testemunho oral (pp. 148-149).

Depois dessa noite, as vozes eram ouvidas através de fones de ouvido individuais, transformando a experiência em uma forma de audição secreta, emocionalmente intensa e visceral. Nessa forma íntima de escuta, simultânea à visita ao consultório e escritório de Freud, é como se estivéssemos compartilhando e testemunhando uma forma de escuta psicanalítica: escutar o que é falado e vocalizado para nós, ao mesmo tempo em que se escuta o que dizemos para nós mesmos⁶. Nas vozes que falam alto, a vergonha é sentida de forma visceral – não há como silenciá-la.

Acting out

Em 2004 e 2010, o assistente de Bourgeois, Jerry Gorovoy, descobriu mais de 1.000 folhas soltas de escrita na casa da artista em Chelsea, na cidade de Nova Iorque. Essas anotações,

4 Sobre Françoise Davoine, ver Davoine (2007) e Davoine e Jean-Max Gaudillière (2004).

5 Ver Dawson (2005), Derrida (2001), Krog (1999) e Rose (2003).

6. Ver Akhtar (2013) e Pereg (1999), “The Scene of a Stratagem”.

que incluíam tanto textos como imagens, e são conhecidas como os escritos psicanalíticos da artista, estão relacionadas com os mais de 30 anos de tratamento psicanalítico de Bourgeois entre 1951 e 1985. Essa é uma descoberta dramática, dada à crítica pública de longa data de Bourgeois à psicanálise, como teoria e prática terapêutica. Para começar a dar sentido a esse arquivo, e sua posição dentro da obra de Bourgeois, o historiador de arte e curador Philip Larratt-Smith reuniu muitos desses papéis, junto com uma ampla variedade de obras de arte de Bourgeois para a exposição *O retorno do reprimido*. Uma seleção desses escritos psicanalíticos e obras de arte foi exibida no Museu Freud em 2012. Essa intervenção incluiu 79 itens, o que é uma grande quantidade de objetos a serem expostos no espaço bastante pequeno e já completo da Maresfield Gardens, nº 20. O afeto responsivo ao local dessa intervenção cheia de objetos constituiu algo bastante extraordinário.

Em um desses documentos, de 1958, após seis anos de análise com o freudiano Dr. Henry Lowenfeld, Bourgeois escreveu a seguinte avaliação, espirituosa, fluente e poderosa, de sua análise, a lápis em uma folha em branco de máquina de escrever:

A análise é um roubo
 é uma armadilha
 é um trabalho
 é um privilégio
 é um luxo
 é um dever
 é um dever para comigo
 meu marido meus pais
 meus filhos meus
 é uma vergonha
 é uma farsa
 é um caso de amor
 é um encontro
 é um jogo de gato + rato
 é um barco para navegar

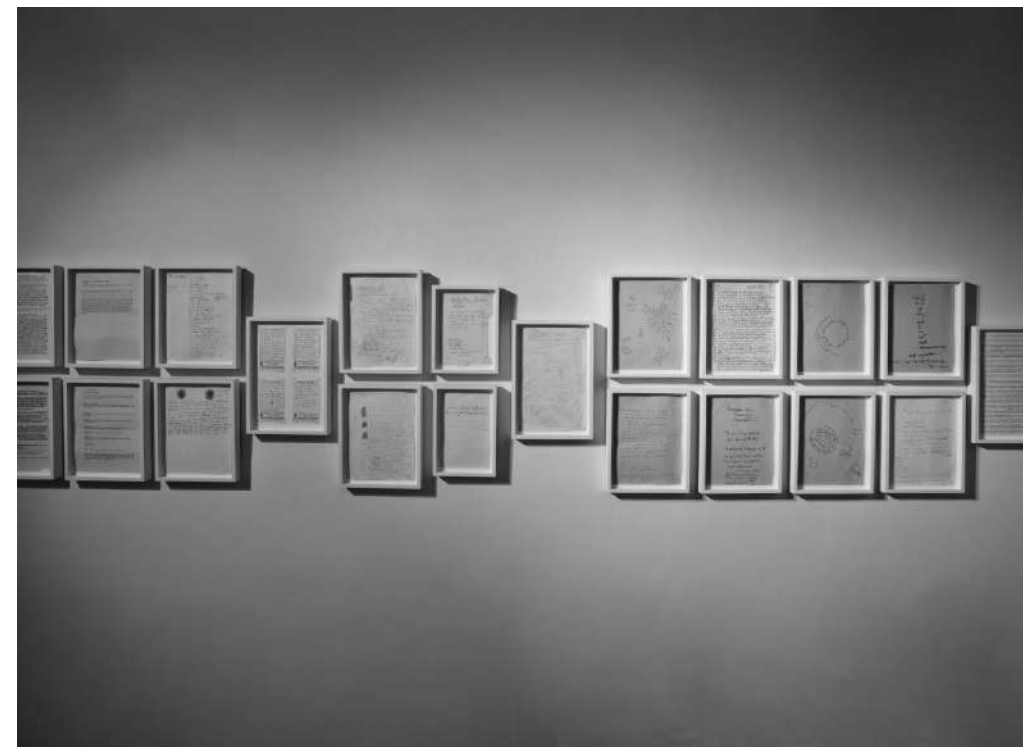
é um confinamento
 é uma piada
 me deixa impotente
 me torna uma policial
 é um sonho ruim
 é meu interesse
 é meu campo de estudo –
 é mais do que posso aguentar
 me deixa furiosa
 é um tédio
 é um incômodo
 é um pé no saco –

Eu quero ter
 Eu quero manter
 Eu quero dizer.
 Eu quero contar
 Eu quero ver
 Eu quero aprender
 Eu quero saber
 Eu quero saber
 Eu quero controlar
 Eu quero segurar
 Eu quero sentir
 Eu quero lembrar
 Eu quero ir
 Eu quero querer
 Eu quero encontrar
 Eu quero terminar
 Eu quero me livrar
 Eu quero limpar
 Eu quero ser boa
 Eu quero ser melhor
 Eu quero fazer isso
 Eu quero mostrar

Em outra parte de seus escritos psicanalíticos, de por volta de 1962, escrito com tinta vermelha com adições de tinta preta e azul em papel de máquina de escrever, encontramos uma Bourgeois lutando com as exigências de seus desejos pessoais e sua supressão por uma grande quantidade de proibições sociais e políticas:



Louise Bourgeois, *Sem Título* (2010), com pequenas obras e escritos nas vitrines
 Louise Bourgeois: *O retorno do reprimido* no Museu Freud de Londres, 2012
 Foto: Ollie Harrop, © The Easton Foundation/Com licença de DACS, UK 2017



Documentos de arquivo emoldurados por Louise Bourgeois, do Arquivo Louise Bourgeois
 Louise Bourgeois: *O retorno do reprimido* no Museu Freud de Londres em 2012.
 Foto: Ollie Harrop, ©The Easton Foundation/Com licença de DACS, UK 2017

Eu quero ultrapassar
Eu quero exceder
Eu quero chegar
ao domínio

como irmã
Eu não falhei como
buscadora da verdade
o declínio mais baixo

Uma página e meia depois, as coisas to-
mam um giro dramático, como se lê:

mas eu sei que
Eu não consigo ver
Eu não consigo aprender
Eu nunca posso saber
Eu não posso controlar
Eu não posso segurar
Eu posso não sentir
Eu sou incapaz de lembrar
Eu não devo ir
É ruim querer
Eu nunca encontro
Eu não vou terminar
Eu não consigo esquecer

E ainda depois:

Você não alcança nada
Então, é claro, você se desespera
e você tem motivos para isso. *A voz da ra-
zão e da experiência* o real
sempre
diria não

No final da lista de cinco páginas, Bour-
geois encontra uma forma de equilíbrio. A
artista parafraseia Diógenes e Anatole France:
“Ser rico é querer menos do que se tem”. Po-
rém, isso não duraria muito tempo. Ali perto,
encontramos outro texto curto, de por volta
de 1957, escrito a lápis em papel branco de
máquina de escrever, que revela os múltiplos
sentidos do fracasso para Bourgeois:

passo nº 4 -
Eu falhei como esposa
como mulher
como mãe
como anfitriã
como artista
como mulher de negócios
e como qualquer pessoa de 47 -
como amiga
como filha

Em seguida lemos uma curta e pene-
trante nota de Bourgeois de cerca de 1965,
escrita com lápis em papel pautado: “Quan-
do não ataco, não me sinto viva”. Esta forma
de escritura continua de maneira incessante
por toda a exposição.

Sabemos que Bourgeois era extremamen-
te culta em psicanálise. Ela tem referências
em seus escritos a Sigmund Freud, Marie Bo-
naparte, Anna Freud, Melanie Klein, Jacques
Lacan, para citar apenas alguns. Também sa-
bemos que Bourgeois viu seu psicanalista Dr.
Henry Lowenfeld pela primeira vez após a
morte de seu pai, em 1951. Essa perda resul-
tou em uma profunda depressão, que durou
mais de uma década, durante a qual Bour-
geois ficou incapaz de produzir qualquer
obra de arte. Os primeiros dez anos do trata-
mento psicanalítico da artista lhe permitiram
sair de sua depressão e fazer arte novamente
(Larratt Smith, 2012, p. 8).

A psicanalista e feminista Juliet Mitchell
argumenta, em sua análise dos escritos psi-
canalíticos de Bourgeois, que a artista, um
sujeito psicanalítico, mais especificamente
um sujeito kleiniano⁷, foi capaz de “usar”
seus sintomas, no sentido psicanalítico, para
continuar a fazer o seu trabalho. Mitchell
(2012) percebe que os escritos estão repletos
da articulação, por parte de Bourgeois, de
“violenta inveja” (p. 47), e a analista conclui
que, se a psicanálise é um processo através do
qual o paciente é aliviado de seus sintomas
como meio de cura, então, o tratamento de
Bourgeois não a “curou” de nada, nem de-
veria ter feito isso; ela o usou para se tornar
uma importante artista. Devido a essa tensão,
Mitchell está em sintonia com as referências
frequentes nos textos de Bourgeois ao *acting
out*. Ao passar ao ato, Bourgeois experimen-
tou sentimentos de agressão e violência, se-
guidos de ansiedade, culpa e medo, além da
necessidade de reparação. Dentro do consul-

tório kleiniano, essa dinâmica é uma forma
de transferência negativa.

Passar longos períodos de tempo nessa
exposição, e com essa escrita e obra, signi-
ficou passar o tempo com, por um lado, ob-
jetos e textos francos, agressivos, exigentes,
claustrofóbicos e extenuantes, e, por outro
lado, ser consumida, surpreendida, encan-
tada e estimulada pela verdade provocadora
que estava sendo apresentada. Experimentar
isto em Maresfield Gardens, nº 20, (em um
pequeno quarto) deixa o espectador psico-
lógica, emocional e, literalmente, com pou-
co espaço para escapar e respirar ar fresco.
Isso torna a experiência de estar nessa in-
tervenção dramaticamente conflituosa. Es-
tamos submetidos ao mundo de Bourgeois:
o mundo dramático de um sujeito kleiniano.
A intensidade de encontrar esse espetáculo
dentro do Museu Freud resulta em um en-
contro de amor e ódio com a arte e com as
escrituras de Bourgeois. Na escrita, estamos
testemunhando uma forma de transferência
negativa, uma forma de *acting out*. Será en-
tão o caso de que o relacionamento de amor
e ódio que experimentamos ao encontrar
este espetáculo no Museu Freud seja uma
repetição do *acting out* da transferência ne-
gativa? Ao estar familiarizada com a singu-
laridade do *acting out* dentro do consultório,
eu também me senti encorajada a fazer algo
semelhante: eu estava dando o que recebia:
amando-a e odiando-a, ambas as coisas ao
mesmo tempo.

Arte responsiva ao local

Essas notáveis exposições e obras de arte res-
ponsivas ao local nos provocaram a conside-
rar algumas das maneiras pelas quais a arte
contemporânea transforma, expande e mina
o que um museu significa e representa. Nos-
sa compreensão e interpretação dos objetos
dentro dele – nesse caso, a poltrona e o divã
– recebem uma história mais profunda, uma
história que pode comprometer a autenticidade
ou originalidade da própria mitologia
do museu. Além disso, a arte contemporâ-
nea pode intervir de modos que estendem
os parâmetros do que o museu exemplifica.
Indo além dos discursos iniciais oferecidos

pelo museu, neste caso, em direção ao pen-
samento pós-freudiano, tal como a obra de
Klein e Davoine, e histórias geo-políticas al-
ternativas, como a história do apartheid da
África do Sul e da CVR, a arte contemporâ-
nea abre diversas possibilidades.

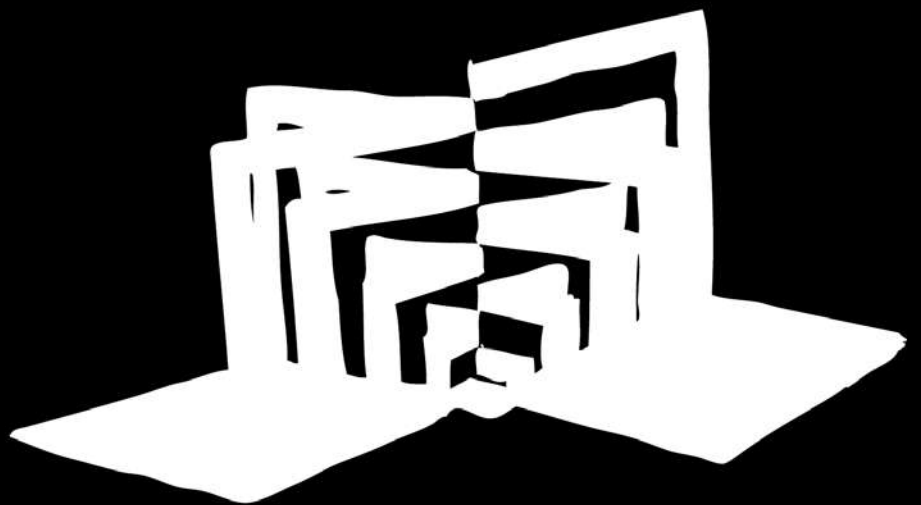
Em conjunto, seria preciso dizer que,
sim, a arte contemporânea responsiva ao lo-
cal realiza uma incursão duradoura em um
museu. Essas exposições alteram a história
do museu e o trabalho que ele faz de ma-
neiras bastante notáveis. O significado do
museu certamente é alterado, e é claro que
também há mudanças práticas que podem
acompanhar essas exposições. O número de
visitantes pode aumentar e se diversificar; o
programa educativo pode se alinhar com as
exposições. Sim, às vezes, os espectadores
que visitam e querem ver o consultório sem
qualquer perturbação se desapontam com a
arte contemporânea dentro do espaço, mas a
questão que qualquer museu deve conside-
rar é, em última instância, vale a pena?

Referências

- Adorno, T. W. (1983). Valéry, Proust Museum. In S. Weber e S. Weber (trad.), *Prisms*. Cambridge: The MIT Press.
- Akhtar, S. (2013). *Psychoanalytic listening: Methods, limits and innovations*. Londres: Karnac.
- Davoine, F. (1998). La boîte à transfert. In F. Davoine, *Mère folle: Récit*. Estrasburgo: Arcanes.
- Davoine, F. (2007). *Psychoanalytic dialogues: The international journal of relational perspectives*, 17(5), 621-682.
- Davoine, F. y Gaudillière, J.-M. (2004). *History beyond trauma*. Nova York: Other Press.
- Dawson, A. (2005). Documenting the trauma of Apartheid: Long night's journey into day and South Africa's truth and reconciliation commission. *Screen*, 46(4), 473-486.
- Derrida, J. (2001). *On cosmopolitanism and forgiveness*. Londres: Routledge.
- Freud, S. (2001a). On beginning the treatment. In J. Strachey (ed.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (vol. 12). Londres: Vintage. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (2001b). Shorter writings. In J. Strachey (ed.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (vol. 23). Londres: Vintage. (Trabalho original publicado em 1941 [1938]).
- Guderian, C. (2004). *La magia del diván*. Material de divulgação do Museu Freud de Londres para a exposição.
- Klein, M. (1986). *The selected Melanie Klein*. Nova York: The Free Press.
- Klein, M. (2003a). Amor, culpa y reparación y otros trabajos, 1921-1945. In M. Klein, *Obras completas de Melanie Klein* (vol. 3). Buenos Aires: Paidós.

⁷ Os textos mais relevantes de Klein são: *Melanie Klein, amor, ódio, reparação e outros trabalhos 1921-1945* (1995); *Inveja e gratidão e outros trabalhos 1946-1963* (1997); e *Obras selecionadas de Melanie Klein*, (1986).

- Klein, M. (2003b). Envidia, gratitud y otros trabajos 1946-1963. In M. Klein, *Obras completas de Melanie Klein* (vol. 3). Buenos Aires: Paidós.
- Krog, A. (1999). *Country of my skull: Long night's journey into day*. Londres e Nova York: Vintage.
- Larratt-Smith, P. (2012). Introduction: Sculpture as symptom. In P. Larratt-Smith (ed.), *The return of the repressed*. Londres: Violette.
- Lohser, B. e Newton, P. M. (1996). *Unorthodox Freud: The view from the couch*. Nova York: The Guildford Press.
- Mitchell, J. (2012). The sublime jealousy of Louise Bourgeois. In P. Larratt-Smith (ed.), *The return of the repressed*. Londres: Violette.
- Morra, J. (2012). Site-responsivity, or listening, placing, and saying it. In *Saying it: Mieke Bal & Michelle Williams Gamaker, Renate Ferro*. Londres: Occasional Papers.
- Morra, J. (2018). *Inside the Freud Museums: History, memory and site-responsive art*. Londres: IB Tauris.
- Nissim Momigliano, L. (1992). A spell in Vienna – but was Freud a freudian? In L. Nissim Momigliano, *Continuity and change in psychoanalysis: Letters from Milan*. Londres: Karnac.
- Perec, G. (1999). The scene of a stratagem. In J. Sturrock (ed. e trad.), *Species of spaces and other pieces*. Londres: Penguin. (Trabalho original publicado em 1977).
- Rose, J. (2003). *On not being able to sleep: Psychoanalysis and the modern world*. Londres: Chatto Windus.
- Siopis, P. (2008). Shame in three parts at the Freud Museum. In C. Pajaczkowska e I. Ward (ed.), *Shame and sexuality: Psychoanalysis and visual culture*.
- Winnicott, D. W. (1989). The importance of the setting in meeting regression in psycho-analysis. In C. Winnicott, R. Shepherd e M. Davis (ed.), *D. W. Winnicott: Psycho-analytic explorations*. Londres: Karnac. (Trabalho original publicado em 1964).



Textual



Georges Didi-Huberman (1953), ensaísta, filósofo e historiador da arte, dirige seminários na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris. Grande estudioso das imagens -em intenso diálogo com a psicanálise-, suas ideias o converteram em referência contemporânea no campo da estética e da filosofia. Foi curador das exposições *Atlas: ¿Cómo llevar el mundo a cuestras?*, no Museu Reina Sofía (Madri), e *Soulèvements* (Levantes), no Jeu de Paume (Paris).

Publicou cerca de 40 livros. Alguns deles, editados no Brasil, são:

O que vemos, o que nos olha (1998)

Imagens apesar de tudo (2012)

A imagem sobrevivente. História da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg (2013)

Atlas ou A Gaia Ciência inquieta (2013)

Que emoção! Que emoção? (2015)

Fotografias tiradas por Georges Didi-Huberman em Buenos Aires, no momento da montagem da mostra *Soulèvements*, em itinerância vinda de Paris.

Ninguém pode olhar pelos outros

Uma conversa com Georges Didi-Huberman, operário do pensamento*

A seguinte entrevista se inicia com uma viagem em um metrô de Paris e acaba no Hotel Clube Francês, em Buenos Aires, ao compasso de *Soulèvements*, a grande mostra com curadoria do historiador de arte francês, Didi-Huberman, que, nesse período, viajou de uma cidade para a outra.

A conversa, em um entendimento tácito, prescinde do inglês como *língua franca*. Então, as perguntas se formulam em espanhol, e as respostas, em francês. Dessa forma, o espaço do *malentendido* se potencializa, e o diálogo se aproxima de uma conversação analítica, dando lugar a achados que somente são possíveis entrever a partir do erro, de “escutar mal”.

No metrô em Paris lhe perguntava se você era judeu e de onde vinha sua afeição pelas imagens, sendo que no judaísmo as imagens estão proscritas. Você me respondeu, localizando-se na genealogia de W. Benjamin, Panofsky e Aby Warburg: “É que eu amo o sacrilégio!”. Querida te perguntar por essa linha sacrílega...

Vamos ver, essa ideia de que o judaísmo é completamente anicônico, contra as imagens, é falsa. Não é verdade, há sinagogas muito antigas com afrescos, em Dura Europos, por exemplo, na Síria. Há muitos manuscritos da Hagadá que estão iluminados com ilustrações... Além disso, as imagens são para mim um fato

* Entrevista realizada por Mariano Horenstein, entre Paris (2016) e Buenos Aires (2017). Tanto a versão oral do texto como a tradução do francês foram feitas por Laura Verissimo de Posadas e Gabriela Levy.

antropológico, não uma coleção de objetos. Você as têm quando sonha de noite, quando faz uma imagem literária... O termo imagem é muito amplo e operatório em um plano antropológico, e não no plano de se há ou não que representá-lo. Esse não é o problema. Por exemplo, a nuvem que acompanha Moisés no Sinai, quando ele vê a nuvem no céu, o que é? Não é uma imagem isso?

Por um lado, diria que a equivalência “judeu=contra as imagens” é um erro histórico. Mas ao mesmo tempo é verdade que ali há uma certa eficácia. Porque nos debates contemporâneos, por exemplo, no que tive com Claude Lanzmann, você sente claramente que há um iconismo cristão e, por outra parte, um aniconismo judeu e também protestante.

E islâmico...

E islâmico, evidentemente. Lidamos com isso. Veja o aniconismo islâmico na atualidade. É qualquer coisa essa ideia... os talibãs fazem explodir os Budas em Bamiyan, mas a produção de imagens promocionais, as fotos dos dignatários políticos são muitas, monstruosas, há uma produção de imagens gigante. O aniconismo é, frequentemente, uma desculpa para dizer: “Vou destruir as *suas* imagens”, **o aniconismo é a destruição das imagens do outro**. Na história cristã existe essa oposição ídolo-ícone. Ídolos são as imagens do outro e é preciso destruí-las, e ícone é o ícone de Cristo, e isso não se destrói. Essa reivindicação das imagens próprias para destruir as imagens dos outros –algo político, na realidade– é evidente no cristianismo, mas existe também nas outras religiões. Todas as religiões fazem suas imagens, todos fazemos imagens.

Bem, esta é uma primeira resposta.

A segunda resposta, já que você evoca o que eu te disse no metrô: é verdade que há uma geração de pensadores judeus que foram excluídos da religião, eu penso em Benjamin, em Panofski, Bloch, Karl Stein etc... Todos eram judeus e se distanciaram da religião estrita –penso também em Kafka– e fizeram imagens, submergiram em imagens por espírito de sacrilégio, de profanação, sem dúvidas... Warburg cometeu um sacrilégio na sua família tornando-se historiador da arte. Aí está, eu faço parte disso, são os meus avós ideológicos se você quiser, me sinto parte disso. Por outro lado, já que você é psicanalista, vou te contar tudo [risadas]. O meu pai era pintor, então **toda a minha vida, toda a minha infância, eu vivi uma espécie de polaridade** entre o meu pai sefardi, que passava o dia todo na oficina fazendo imagens, cores, formas, coisas às vezes eróticas, e, do lado materno, asquenez, a Shoah, os livros...

As imagens e as palavras... linda tradição... e dessa mistura sai você...

Sim. Penso de qualquer modo que, se você deixar de considerar as imagens como produção sacriléga, se as considerar unicamente como produção antropológicamente evidente, necessária para todo homem, toda mulher, toda sociedade, você irá perceber que **o mundo das imagens e o mundo das palavras não estão separados**.

Daí o interesse, já que falamos de psicanálise, desse conceito freudiano, “olhar pela figurabilidade”. Você conhece esse jogo de palavras, em francês: se você tem medo de ser enganado (*trompé*) pela sua mulher, vai sonhar com um elefante, porque tem trompa (*trompe*), é a potência de conversão das imagens e das palavras. As imagens, as palavras e os corpos. Os corpos que fazem imagem, por isso comecei pela histeria.

A histeria é essa operação misteriosa de transformação plástica, de conversão plástica de algo que é da ordem da memória.

A lição do método

Você responde às minhas perguntas antes mesmo de que eu as faça...

Sinto muito! [risadas]

O livro sobre a histeria foi o seu primeiro livro... Charcot montava aquele grande teatro da histeria... você sabe que Freud esteve ali, fazia falar o que Charcot lia especialmente do campo do olhar, como gestos. Como se houvesse uma clivagem epistêmica entre o campo do olhar e o da escuta. Talvez seja algo maniqueísta a divisão, considerando o que você dizia...

De certa forma, você está refazendo a mesma pergunta: isto é, Charcot, cristão, que se interessa pelas imagens; Freud, judeu, que se interessa pela escuta. Essa divisão existe, podemos dizer que Charcot queria inicialmente ver, e Freud, escutar. Porém, profundamente, antropológicamente, essa divisão não existe.

Se eu me lembro bem, teoricamente o momento mais fecundo para mim, mais importante desse livro sobre a histeria, não é uma fotografia nem uma frase de Charcot, e sim uma frase de Freud absolutamente extraordinária, todo o meu trabalho tenta desenvolver o que essa frase pede. É no artigo de Freud (1908/1992) *As fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade*.



Você o toma nesse duplo gesto masculino e feminino ao mesmo tempo...

Ai está! Charcot, no momento mais desorganizado da crise, não via mais do que uma espécie de caos, algo impossível de ser fixado em uma representação clara: isso é algo do olhar, de forma alguma da escuta. Freud via nesse caos da histérica em crise e muito provavelmente pensava no que tinha visto na Salpêtrière, e não no que acontecia no seu consultório em Viena, porque imagino que não havia muitas crises desse tipo no seu consultório; porém, em Paris havia muitas dessas crises violentas. Freud relembra uma dessas crises que viu na Salpêtrière e diz que nessa espécie de caos há uma função de dissimulação, esse caos dissimula o fato desse corpo estar dividido em dois: uma parte masculina, a do estuprador, e uma feminina, a mulher estuprada. Então, uma parte do corpo está em conflito, luta, se debate com a outra. O que de início Freud percebe é essa polaridade no interior do mesmo gesto. É preciso estar muito aguçado para ver em meio a esse turbilhão, e reparar nessa linha de simetria! Em seguida diz que essa linha de simetria tem uma função de dissimulação do fantasma inconsciente, ao tempo em que está extremamente, plasticamente, figurado, de forma teatral. É espetacular, fantástico! Você está diante de uma imagem, você não a entende, descobre ali polaridades e vê que essas polaridades têm uma função de dissimulação, e vê subjacente o fantasma inconsciente. **É uma lição do método do olhar.** Então: Charcot olhando, Freud escutando é a vulgata, mas penso que **Freud contribui aí com uma lição sobre o olhar melhor do que ninguém.** E é muito melhor do que quando olha um Leonardo da Vinci, muito melhor, ali olha uma histérica.

Mas também escutava, porque uma das coisas que toma Freud nessa época é uma frase de Charcot, dita por ele de passagem, sem dar importância, de que na histeria sempre está em jogo a coisa sexual...

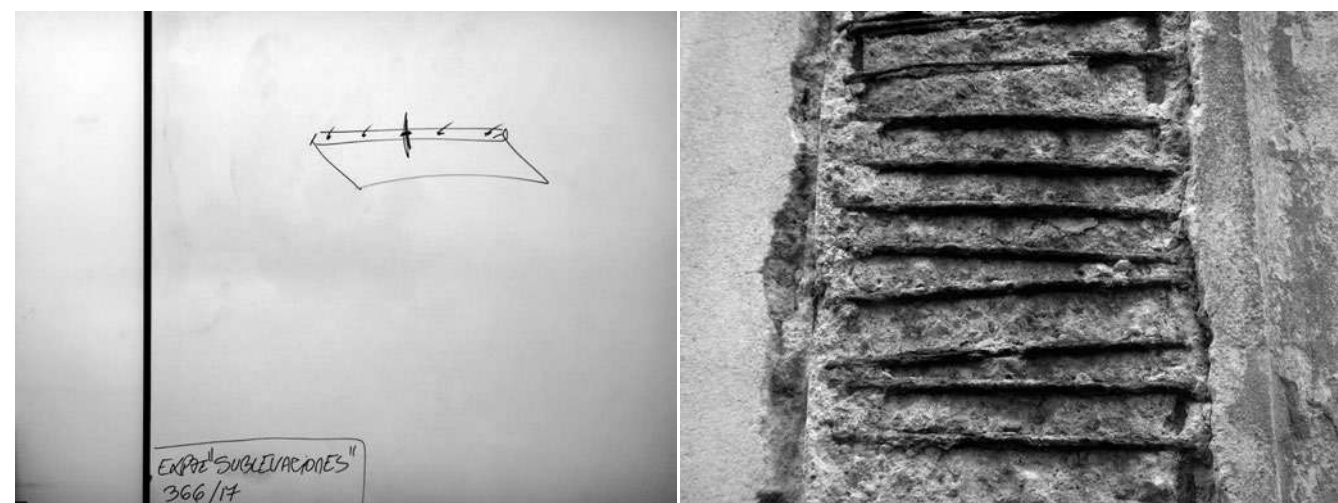
Mas você chama isso de escutar? Isso é também olhar: as histéricas se apresentavam sempre em evidentes posturas sexuais, era preciso saber olhar. **Acredito que a oposição entre imagem e palavra, olhar e escuta, é uma oposição conformista e limitada.** De fato, já que falamos de psicanálise, vou falar de Pierre Fédida...

Era seu amigo, certo? Você escreveu *Gestes d'air et de pierre*¹. É uma homenagem, verdade?

Sim, a transformação em livro das honras fúnebres que pronunciei quando faleceu. Foi um grande amigo, muito importante para mim. Eu o conheci no momento em que fazia a minha tese sobre a histeria, eu mostrei a tese para ele. Ele teve grande importância na minha vida, como amigo, não como analista: eu nunca fui analisando nem psicanalista, nunca fiz análise.

Nunca?

Não [risadas]. Um dia perguntei para Pierre Fédida: “É grave? Nunca tive vontade de fazer psicanálise”, disse. Ele riu muito e me disse: “Não, está muito bem, deixe assim” [risadas]. Mas também porque **a escrita é para mim uma constante auto-análise, tenho a impressão quando escrevo, embora escreva sobre outras coisas, de que escrevo uma perpétua auto-análise,** é um sentimento muito forte



que não é necessário que seja visível, mas é muito importante para mim e... O que é que eu queria te dizer?... Ah, sim!: volto ao assunto do olhar e da escuta... Fédida era um psicanalista excepcional, pois não era corporativista, era muito aberto principalmente à filosofia e tudo isso. Escreveu um texto belíssimo sobre a experiência do analista quando abre a porta e vê pela primeira vez o paciente. Não se trata ali somente da escuta: você abre a porta e está diante de alguém que vai, talvez, ser o seu analisando. É muito interessante...

É possível olhar o que se escuta e escutar o que se olha, de alguma forma?

Sim, de certa forma sim, acho. As duas formas se intercambiam. Olhamos muito com frases, as frases são miradores, há frases que olham, o que tento fazer porque o que amo é escrever, não pintar: fazer frases que olhem.

Entendo que você trabalha com o tempo e as imagens no tempo, mas há algo de instantâneo, sincrônico, no olhar, enquanto na escuta se requer certa diacronia. Não haveria, nesse sentido, dois registros que se diferenciam?

Estamos ainda frente ao mesmo problema: você faz uma distinção que me parece conformista. Quando você diz que a escuta está na diacronia, tem razão, mas tudo está na diacronia, no tempo. Não é verdade que o olhar não esteja no tempo. No olhar há momentos, instantes, e há também duração. Agora eu olho para você e isso dura.

A fotografia se diz “instantânea”...

Não é verdade, toda fotografia tem uma duração, um tempo de exposição. O que chamamos “instantânea” é a invenção em fotografia de um tempo de exposição muito curto, mas, ainda assim, é um tempo. Por exemplo, na exposição há fotos de uma histérica que dá um chute no aparelho fotográfico, o pé está borrado, já que o tempo de exposição é bastante longo, meio segundo já é longo. Há tempos cada

¹ Didi-Huberman, G. (2005). *Gestes d'air et de pierre: corps, parole, souffle, image*. Paris: Les Editions de Minuit.

vez mais curtos, mas a **noção de instante absoluto é uma abstração, o tempo zero. E essa ideia de que olhamos tudo de golpe, em um só instante, que o olhar é puramente sincrônico, como você diz, é uma ideia tipicamente modernista, é uma ideia falsa: o olhar é tempo.** Diante da imagem estamos diante do tempo, uma imagem é tempo, sempre, sempre. Tudo é tempo.

Nesse sentido, ler imagens está de acordo com esse seu modo de concebê-las: ler imagens, pensar em imagens...

Sim, porque ler... tudo depende do que você entende pela palavra “ler”... Quando era jovem fazia a crítica da iconologia de Panofsky à legibilidade, criticava o fato de considerar as imagens como texto a ser decifrado. Uma vez que você conseguia traduzi-lo ou encontrar a chave do enigma, estava feito. Você resolveu! *You solved the riddle*. Então, eu não gostava da palavra “legibilidade”. Depois, quando comecei a ler precisamente Walter Benjamin, vi nele uma noção tão genial de legibilidade –extremamente ancorada na tradição judaica–, e nesse momento mudei de ideia em relação a essa palavra. Então estou de acordo com que seja possível ler imagens, mas ler as imagens no sentido de Benjamin. Ele dizia: “Ler o que jamais foi escrito”. Com isso estou totalmente de acordo.

Há uma concepção sua das imagens que se distancia da vulgata, principalmente da vulgata psicanalítica que pensa nas imagens como algo pleno, completo, ao que não faltaria nada... Há uma época em Lacan na qual o registro do imaginário pareceria ser de menor categoria do que o do simbólico. Parece-me que isso muda bastante no último tempo de sua produção, mas há uma vulgata onde o imaginário sempre vale menos do que o simbólico ou inclusive do que o real, como se o imaginário fosse o ilusório, e ao mesmo tempo o completo, oregnante onde não falta nada. Não é o modo como você aborda as imagens...

De acordo, mas, quando você diz isso, está de acordo com esse modo de pensar o imaginário?

Não, não...

Porque isso é um conformismo também. Em termos exclusivamente lacanianos, se os três registros estão em relação de nó borromeano, quer dizer que nenhum dos três é mais importante do que o outro. Isso se vê claramente nos primeiros seminários de Lacan: 1954, 55, 56. Há análises do imaginário fenomenais, magníficas! De fato, digo “fenomenais” porque nesse momento ele ainda está muito próximo da fenomenologia, portanto não tem problema com o imaginário. Depois vem a importância da palavra, do significante... É complicado um significante em uma imagem... você não sabe o que é. Então, um significante em um texto funciona, a gente tem certeza, abre a página de um livro e diz: tenho certeza de que é um significante; porém, em uma imagem, como pode se determinar? Um significante por definição é velado, é isolado, como você separa algo de um quadro?, muito difícil, é a mesma matéria...

De qualquer forma, é verdade que há uma vulgata lacaniana que desvalorizou o imaginário como ilusório, que é uma espécie de ressurgimento do platonismo. Isso estava no debate que tive sobre as imagens de Auschwitz, com Gérard Wajcman, analista lacaniano, mas que tem essa posição conformista e falsa de desvalorização do imaginário. Interessa-se muito pela arte, considera-a muito bem, mas a imagem é maldita. Não estou de acordo com isso.

Agora, por que para mim a base é a psicanálise?

É a base porque são as minhas primeiras leituras teóricas: Freud. Desde criança estive muito interessado pela história da arte, da pintura. Acredito que um dos livros mais importantes da minha vida, de adolescente, de criança, foi um livro de Freud sobre Leonardo da Vinci. Foi também uma forma de descobrir, de ver o que se confrontava à pintura, à história da arte e, isso –me lembro muito bem– para mim estava ligado à descoberta da sexualidade. Por exemplo, essa passagem de Freud –nesse livro sobre Leonardo da Vinci– sobre a *fellatio*... Foi a primeira vez na minha vida que escutei falar de feação, através de um livro teórico [risadas].

Há não muito tempo escrevi um livro sobre Eisenstein, e ele disse que o livro mais importante da sua vida é o livro de Freud sobre Leonardo. Conta que o leu no bonde e que levava consigo uma garrafa de leite, e, enquanto lia no bonde, se esqueceu completamente de descer no seu ponto e depois deixou derramar toda a sua garrafa de leite [risadas].

Bom, então, essa foi uma base. Quando fiz os meus estudos de filosofia, fiz a minha tese de mestrado sobre Lacan. Comecei a ler Lacan aos 18 anos, graças a um professor de filosofia do ensino médio que nos mergulhou em Lacan: muito forte! Sim, Descartes, Hegel, Freud e Lacan. Um professor genial, fantástico! Eu era lacaniano, demais, talvez; **o problema com Lacan é que é muito difícil para se libertar, ter um ponto de vista: quando se torna dogmático, é insuportável.** Quando é uma caixa de ferramentas, principalmente que serve para ler outras coisas... Lacan me fez sentir vontade de ler um monte de coisas. Leu muitos livros, isso é formidável. Bom, o meu primeiro livro foi sobre a histeria e é muito freudiano, e também lacaniano. Depois trabalhei com psicanalistas, com J-B Pontalis, em dois números especiais sobre a imagem da *Nouvelle Revue de Psychanalyse*. Pontalis me convidou um dia para integrar o comitê permanente dessa revista, e eu não aceitei. Depois houve outra revista, muito importante, da qual fiz parte do comitê permanente, *L'Inactuel*. O comitê era formado por Marie Moscovici, psicanalista que escreveu coisas belíssimas sobre o objeto; Pierre Fédida, outro psicanalista brilhante; Patrick Lacoste; Charles Malamoud, o melhor antropólogo indianista; e Nicole Loraux. **A produção intelectual dos psicanalistas na França é hoje em dia muito menos fecunda**, há ainda alguns grandes autores, mas não muitos... então me distanciei um pouco..., mas trabalhei durante muito tempo com psicanalistas.

Um mestre desclassificado

Freud poderia fazer parte então dessa genealogia de sacrílegos, junto a Benjamin e Warburg...

Claro, o livro sobre Moisés, escrito e publicado quando o povo judeu estava em um momento de maior perigo, é de uma coragem extraordinária e uma loucura total! Publicar essa espécie de crítica sobre a identidade judia, em uma época em que os judeus estavam em grande perigo na Europa, é incrível como coragem intelectual. Hannah Arendt teve essa mesma coragem. Você o chama sacrilégio, sim, é sacrilégio de certa forma.



No Moisés, Freud apela a uma teoria que parece que não seria muito sustentável: que Moisés era um egípcio, você lembra? Era um estrangeiro. Há algo em Freud, e me interessa em relação ao seu lugar –que também é um local que ocupou Hannah Arendt de alguma forma–, que é esse lugar de estrangeiro, inclusive de judeu um tanto estrangeiro. O lugar que a judaicidade na diáspora encarnou muito e me interessa em relação à psicanálise também. Um olhar de estrangeiro em direção à psicanálise...

Sim, é central à psicanálise.

Mas não sempre se aplica, porque às vezes no mundo psicanalítico prevalece a autoctonia, não a estrangeira.

Um dos livros mais importantes de Pierre Fédida (2009) se chama *Le site de l'étranger*. O lugar do estrangeiro é a própria situação psicanalítica. É um grande autor, mas tem um estilo muito difícil.

Sua própria escrita também é difícil, de um estilo hermético...

Eu evolui no meu estilo. Desde que comecei a ensinar, o meu estilo se tornou mais legível. Mas vem também dos tradutores, porque na tradução o mais difícil é traduzir um estilo. Sofro muito isso, mas faço um grande esforço literário.

Ao estilo de Barthes, esse tipo de escrita?

Sim, Barthes foi um grande mestre. E Foucault está escrito de forma sublime, é da grande literatura francesa! Quando era estudante, fiz anotações sobre *A arqueologia do saber* (Foucault, 1969/2008) e, de fato, copiei quase todo o livro, não podia cortar nada. E copiei também à mão a *Traumdeutung* [risadas].

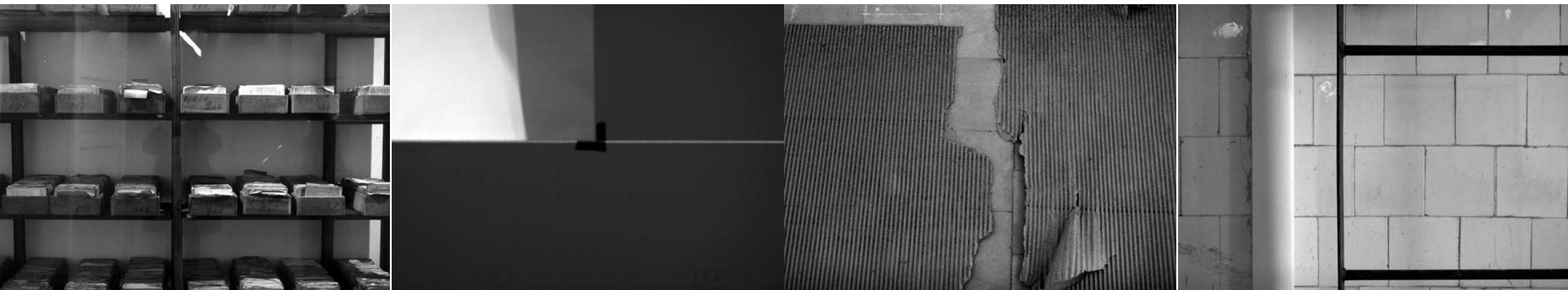
Essa é uma história para Borges, você como Pierre Menard, autor do Quixote... [risadas]. Mas hoje você é desses *maître à penser*² como era Foucault ou Barthes...

Não, não.

Parece-me que sim... Você já viu a agitação que gerou a sua presença aqui na Argentina, certo? [Xícaras e colheres caem]. Como você vive isso? Porque eu ouvi você assumir a herança intelectual de Benjamin, que, apesar de provir de uma família abastada, era um desclassificado, um marginal...

Sim, totalmente de acordo! E Bataille também. Para mim, Bataille é muito importante. Escrevi um livro sobre Bataille... Bom, qual era a sua pergunta?

² Nota do entrevistador: Literalmente, “mestre do pensamento”. Tentei preservar algumas características do diálogo como as digressões, os esquecimentos, o humor e os mal-entendidos que aproximam esta conversa de uma conversa na qual a coisa psicanalítica não esteja ausente. E aqui há um efeito da má escuta da minha parte que, no entanto, propicia um desdobramento luminoso em GD-H. Pois o sentido que eu dei à pergunta sobre se ele se considerava um *maître à penser* não incluía a conotação que essa frase tem em francês, onde acarreta certo modo de submissão por parte dos discípulos a um mestre que não tolera a divergência do seu próprio pensamento.



Hoje em dia, o seu lugar é como uma espécie de *rock star* intelectual, de muito prestígio e que atrai muita gente. Você deve ter percebido isso em Buenos Aires estes dias...

Percebi isso especialmente aqui, porque há um estilo de audiência, de público: todos querem que eu assine, todos querem tirar uma foto comigo, há um lado assim que... é muito complexo para mim.

Desconfortável?

Bom... é preciso se ajeitar com isso. Mas a lembrança de Benjamin não me abandona, no sentido que você disse: como um homem desclassificado. Ele é o verdadeiro mestre... Você sabe, por 35 anos, eu fui um desclassificado..., fracassei três vezes na minha habilitação.

Por quê?

Porque fazia um trabalho que não agradava aos meus colegas da academia, foi muito complicado. Adquiri o meu reconhecimento no exterior, principalmente na Alemanha, onde me honraram muito. No entanto, a ideia de ser um *mestre do pensamento* me horroriza. Não existem mestres do pensamento. **Ninguém pode olhar pelos outros.** Muitos artistas me dizem: “Você, que sabe olhar... diga-me: o que vale isso que eu faço? Diga-me o que você pensa”. Eu acho isso horrível!

No seu caso há algo que eu percebo como uma virada de época: antes um historiador de arte via, analisava obras de arte... hoje, há artistas contemporâneos que fazem obras inspiradas no seu trabalho, você sabe isso?

Sim, e me comove muito. Se eu posso inspirar os artistas, isso é para mim uma grande honra, mas mestre não! É por isso também que me distanciei do lacanismo. Porque o lacanismo funciona como um discurso do amo (*maître*).

Em espanhol temos duas palavras diferentes para o que o francês tem apenas uma. *Maître* em francês é o que em espanhol equivale a *mestre* e também a *amo*, este último no sentido daquele que escraviza outro...

Quando você diz “mestre” não tem esse sentido de dominação?

Não, “mestre” é totalmente o contrário, é aquele que faz o outro pensar, é uma palavra maravilhosa, enquanto “amo” tem o sentido de dominação...

“Amo”, então, quando você diz “eu amo você?” [Ri às gargalhadas] Terrível!!! De acordo: “amo” [risadas].

Esse efeito é o que introduz a estrangeira, certo? A estrangeira faz ver o que não pode ser visto da própria língua.

Sim, muito interessante! Então, em francês, em qualquer caso, *maître* tem quase sempre a ideia de dominação. Lacan, quando introduz Hegel, fala da dialética do *maître*, amo, e do escravo.

Eu, quando dizia *maître à penser*, pensava na ideia de mestre...

Sim, mas veja o que fazem os *maître à penser* hoje em dia: comportam-se como dominadores. Por exemplo, Badiou diz o que deve ser o amor, a dança, ele se comporta como amo, e não como mestre. Se existe essa diferença, eu gostaria muito de ser um mestre, não tenho certeza de ser um, mas gostaria de ser um mestre virtuoso.

Mestre como aquele que introduziu você a Lacan no ensino médio...

De acordo, nesse sentido eu gostaria. Mas considerando que as pessoas, os leitores, o público, **a audiência que vem a mim e me considera um mestre têm atitude de escravo, isto é: buscam um amo. Dizem “mestre”, mas desejam um “amo”.** Quando Lacan dizia aos estudantes de 68 “vocês procuram um amo, e vão ter um”,

ele pensava em termos de dominação. **A ambiguidade de Lacan é que ele teorizou sobre esses quatro discursos, onde o discurso do analista não deve ser o discurso do amo, mas seu discurso era um discurso de amo. Eu penso assim.**

Há dois fenômenos que confluem quando alguém é identificado como mestre no sentido de virtuoso. A alguém que trabalhou muito, demandamos que se transforme em dominante, dominador. Percebo, principalmente nos estudantes, que têm um tipo de necessidade de um *maître à penser* no sentido de se inclinar perante esse pensamento, ou de demandar a esse pensamento uma função profética. Demandamos aos filósofos serem profetas. Costumam me perguntar: “Você, que já fez uma exposição sobre sublevações, quando haverá outra sublevação?” E o que eu posso saber disso?! Você vê?! Rapidamente se transforma uma pessoa que é simplesmente um trabalhador... **eu prefiro que digam que sou um trabalhador, um operário do pensamento.** Porque essa é a minha vida cotidiana, eu trabalho sobre uma mesa, uma mesa grande de costureira, de artesão, e me identifico muito como artesão, trabalho com as minhas mãos: faço as minhas fichas assim, depois as corto, sou um trabalhador. Depois os meus livros, se forem lidos e ajudarem outros a trabalhar, isso é magnífico, me sinto mais do que satisfeito. Mas me sinto, como pessoa, muito descontente, muito desconfortável com o poder, para dizer logo de uma vez. No meio acadêmico, a questão do poder é vital... é o que Foucault demonstrou: o saber é poder. Se quiser saber sem ter um poder, é um problema. É difícil. Há uma tarefa extra a realizar para separar o saber do poder, o que eu gosto disso é o “saber alegre” de Nietzsche, *A gaia ciência*. Mas há uma demanda de poder e às vezes você tem o prazer do poder... porém, para mim, não é nada prazeroso, eu não tenho esse prazer.

Há uma semelhança com o que acontece com um psicanalista. Atribui-se a ele um saber em uma situação clínica, e isso acarreta a atribuição de um poder que não é exercido, do qual não teria que abusar, nem sequer usar. Nem sempre acontece. Quando sigo o seu trabalho de “operário do pensamento” e leio, parece-me que é um lugar bastante isomórfico ao de um analista, como se a sua posição frente às imagens, inclusive frente à cultura, fosse um posicionamento desde essa estranheira bastante próxima à de um analista...

Sim, como eu disse, **o meu modo de trabalhar está ligado à análise.** Por exemplo, um elemento muito importante é a rejeição a interpretar imediatamente, a rejeição a concluir: esperar, isso está muito ligado à regra psicanalítica da interpretação. Aprendi isso lendo Freud. Sinto como muito necessário isso para mim, justamente para não ter o poder sobre os objetos que estudo. Tento, não tenho certeza de consegui-lo, é sempre um ensaio.

Olhar sonhando

Bom, a sua escrita gera essa sensação de que não há obra concluída, como se fosse um grande ensaio por capítulos, uma obra aberta em permanente processo, a *work in progress*...

Sim, é assim. Tenho um amigo muito, muito bom em história da arte e que quer fazer, sobre um assunto específico, “o” livro, o livro absoluto. Ele é capaz, mas não vai fazer isso nunca. Eu digo a ele: “Escreva cinco livros, é mais fácil do que um” [risadas].

Muitos franceses –também Benjamin– trabalharam a ideia de fragmento... Há algo maravilhoso no fragmento e muito mais afim ao humano do que qualquer totalidade...

Sim, está também a ideia, é Lacan, de que a verdade não é toda. Então, não diremos jamais tudo. **Um livro está em uma trajetória, em uma aventura de pensamento.** Por isso eu não mudo, não meloro um texto velho, o que melhoram são os textos sucessivos.

Há uma ideia muito interessante no seu trabalho, que é se distanciar da imagem como véu e tomar a imagem como parte.

É na polêmica com Wajcman: por um lado, há uma concepção da imagem ligada ao véu, à aparência e a que a verdade está por trás; por outro lado, uma concepção de que **a imagem é capaz de desvelar o seu próprio véu. Isso é o que eu acredito realmente.** Deleuze dizia que não vivemos em uma civilização da imagem, e sim em uma civilização de clichês, é diferente. E que fazer uma imagem é descarregar o clichê. Quando você vê uma mulher chorando: o psicanalista lacaniano conformista irá te dizer que é um esquema ideológico, é o imaginário. Os discípulos de Barthes dirão também isso, como os críticos de arte americanos. Quer dizer que de repente veem em uma mulher que chora o estereótipo que é um véu, que é preciso buscar a verdade por trás disso. Mas há certas imagens de mulheres que choram que já são o que desvela, tira o véu, e que tocam o real.

Esse é um ponto importante no seu trabalho: as imagens podem tocar o real, não o velam.

Somente tocar, como a palavra. A palavra “grito” não grita. Isso não quer dizer que não devamos usá-la, que seja nula, às vezes consegue tocar, é modesta. Uma imagem é modesta. Algo na forma que pode tocar o real. Nem sempre acontece.

Fiquei muito impressionado quando vi na mostra do Jeu de Paume o modo com que você expôs as quatro tomadas pelos Sonderkommando em Auschwitz, pequenas, pouco grandiloquentes, como imagens arrancadas do real.

Fiz as reproduções porque não há original dessas fotos, tomadas com um filme, o filme é o negativo. O original que se possui é a prancha de contato, o negativo está perdido. Então, a prancha de contato é o positivo diretamente do negativo, ou seja, na mesma dimensão, é isso o que eu mostrei na exposição, nunca tinha sido mostrado assim. Essas fotos sempre foram ampliadas a quatro metros, foi modificado o quadro... eu não, eu as mostrei exatamente como se parecem.

Tocou-me, senti muitíssimo. É interessante que estejam perdidos os negativos, a perda como algo inscrito desde a origem.

Sim, e o que você vê em Buenos Aires é um fac-símile da prancha de contato, não é o original que está no Museu de Auschwitz, é muito visto, visitado, não é deslocado dali.

No Japão há algumas imagens de Hiroshima; a radiação da explosão funcionou como um grande aparelho fotográfico e deixou em muros a sombra da pessoa que estava ali sentada... Pensava que essa imagem por um lado, e essas pequenas imagens, são como uma clivagem de época. Você acredita que Auschwitz e Hiroshima são como os fatos que definem a contemporaneidade?

Eu parti, como muitos, dessa ideia, mas as ideias evoluem. Há muitas coisas que se esclarecem, por exemplo, bombardeios sobre Dresden... é sempre perigoso fixar as coisas, é evidente que Auschwitz é um caso extremo, mas, ao mesmo tempo, é o nome de um campo e houve centenas de campos. É um nome importante, mas, se serve para ocultar todos os demais, não funciona. Claro, tem Auschwitz e Hiroshima, mas, se dizemos Hiroshima, por que não Nagasaki? Há muitas coisas, é perigoso resumir, **o pior que pode ser feito com um nome ou uma imagem é torná-la um fetiche, fixá-la**, isso é perigoso e vale o mesmo para as palavras.

Sua ideia da imagem como fetiche se opõe à imagem como sintoma. Quando você fala de imagem como sintoma, aproxima-se ao sintoma psicanalítico?

Sim, se aproxima, mas é diferente. Há um texto em *L'inactuel*, acho, onde P. Lacoste e eu dialogamos sobre o sintoma. Ele diz que o que chamo sintoma não é o mesmo que os psicanalistas chamam, pois para o psicanalista o sintoma é o que está colocado adiante pelo paciente, e o psicanalista deve ir atrás. Enquanto para mim –para expressá-lo de modo rápido–, em um quadro, em uma imagem, o que está adiante é a representação, e é preciso ir atrás, porque é ali que se encontra o sintoma.

A situação do psicanalista é especial, pois quem vai ao analista inicialmente mostra o seu sintoma. Mas quando você olha uma obra-prima da pintura antiga não vê o sintoma. O sintoma está dissimulado, como na crise histérica, a bissexualidade está dissimulada, o sintoma, o fantasma inconsciente, está dissimulado.

Usei essa palavra “sintoma” muito tempo. Eu a uso muito menos agora. Quando você usa muito uma palavra, ela se torna mágica. Mas essa noção de sintoma sempre foi muito importante, existe desde o início, vem da diferença entre o que Charcot chamou de sintoma e o que Freud chamou de sintoma. É totalmente diferente. Então, **a base do meu trabalho na história, a partir da histeria, é essa nova semiologia inventada por Freud que não tem nada a ver com a semiologia médica**. E é sobre isso que estive em desacordo com Foucault, tivemos um dia de discussão sobre isso. Para Foucault a psicanálise era unicamente a continuidade de certos conformismos e certas estruturas do discurso médico. Ele não estava completamente errado, há muitos psicanalistas que são como médicos. Mas, de fato, o conceito de sintoma freudiano não é um conceito da semiologia médica, é outro conceito.

Há pensadores, como Foucault ou Deleuze, que parecem contrários à psicanálise, mas ao mesmo tempo são muito estimulantes para que nós, os psicanalistas, pensemos.

Estamos totalmente de acordo.

Essas ideias de montagem e anacronismo, muito presentes no seu trabalho, poderíamos pensar que também estão perto de conceitos psicanalíticos, bem como o de sintoma. Porque a associação livre é uma espécie de montagem que vai se reconfigurando o tempo todo; e a concepção de temporalidade em psicanálise tem muito a ver com o anacrônico, o *Nachträglichkeit* freudiano...

Completamente. **A ideia que tive sobre o anacronismo das imagens também vem diretamente da noção freudiana de temporalidade: entre a memória, o presente e o desejo**. Essa espécie de nó onde você está no presente e de repente tem um fragmento do passado que surge, ou tem um desejo; essa é a análise freudiana da subjetividade que fez com que eu me distanciasse em direção à história das imagens.



O dispositivo analítico é um dispositivo anacrônico em si mesmo...

Por quê?

Se você parar para ver a contemporaneidade com as tecnologias, a hiperconectividade... A psicanálise é apenas um cômodo com um divã e uma cadeira, alguém que fala e alguém que escuta, e isso não mudou muito em cem anos... há algo de anacronismo aí. Há alguns psicanalistas que tentam modernizar isso e conciliar com as neurociências. Parece-me que há algo que encontra justamente a sua potência no anacrônico...

Conheço alguém que faz análise por Skype [risadas].

Sim, há muitos..., mas em psicanálise há algo que vai contra o tempo, você não acha?

Sim. De qualquer forma, não foi a psicanálise que inventou o anacronismo. Já está na sua biblioteca: se você coloca um livro de Platão ao lado de um de Deleuze, está em pleno anacronismo, mas assim funciona o pensamento. **Tudo funciona assim: colisões e conjunções de tempos heterogêneos. Uma imagem é isso: uma colisão, uma confrontação, uma conjunção de tempos heterogêneos.** Nunca há um tempo, sempre há vários tempos, como na música. O tempo não é um dado unitário nem homogêneo, o tempo é um dado plural e heterogêneo.

Para que precisamos das imagens? Você dizia no começo que há algo que transcende todas as civilizações e todos os tempos na produção de imagens... Por que você acredita que a espécie humana produz imagens?

Você está me propondo uma pergunta como se fosse para alguém mais sábio do que eu, ou para alguém... não sei..., você está me propondo uma pergunta como a um “amô”... sua pergunta é muito radical!

Eu me conformo com fragmentos...

Antropologicamente constato, simplesmente. Não posso dizer o porquê, não sei. Sou um empírico, não faço ontologia, eu descrevo do modo mais delicado possível, sou o que Deleuze denominava um “empírico outro”, não um empírico raso, mas a dimensão empírica é muito importante para mim, o eminente, e não o transcendente. Não posso dizer o porquê do fato de que os humanos façam imagens, os humanos fazemos imagens, fazemos gestos. Por que fazemos gestos? Já é imenso observar como os humanos fazem gestos, isso me interessa. Como fazemos gestos e imagens, mas o porquê de fazermos gestos é ao mesmo tempo como abrir uma porta já aberta, é a evidência, todos os humanos fazem gestos. E, ao mesmo tempo, uma pergunta extremamente complexa sobre por que, quando falo para você, preciso fazer gestos, falamos todos com os nossos corpos. Por que os homens falam? Você acha que Freud em algum trecho nos explica por que os homens falam? Não! É com o que nós fazemos da palavra que Freud ou Lacan trabalham. Mas o porquê é uma pergunta grande demais para mim, não posso responder isso e até diria que não me interessa, a pergunta do por que é quase teológica.

E você é um homem de sacrilégio...

[Risadas] Eu sou um homem de sacrilégio.

E que impressão você tem frente a sua própria imagem? Quando você se olha em um espelho ou em uma fotografia...

Mmm... não gosto em absoluto. Posso eventualmente escutar um programa de rádio onde escuto a minha voz, eventualmente. Posso ver um filme onde estou, não gosto em absoluto. Mas isso é muito banal, vejo coisas das que não gosto... e, na minha idade, o assunto do envelhecimento, da morte. A imagem que vejo de mim me coloca frente a esse assunto. Então, melhor ver imagens mais belas de outras pessoas.

Vou dizer algo para você, perguntou-me: qual é a sua relação no que diz respeito à sua imagem, em especial, frente ao espelho? Então, eu respondo um pouco como posso, é uma pergunta na realidade muito complexa, muito extensa e respondo com o envelhecimento, com a morte, o assunto do narcisismo... Mas uma resposta mais interessante seria dizer: olha, cada vez que eu vou a um local novo, por exemplo, este hotel, evidentemente no banheiro há espelhos. Cada vez que eu vou a um novo local, o espelho me devolve uma imagem completamente diferente de mim, é muito interessante. Vem do fato de que nenhum espelho se parece, nenhum espelho é igual, não são o mesmo. A luz dirigida ao espelho não é a mesma que no meu próprio banheiro. O que é interessante, se eu me olhar no espelho deste hotel, é ver em que ponto a minha imagem é diferente aqui em Buenos Aires do que na minha casa em Paris. E é sempre uma experiência desagradável. Mas o que é interessante nessa experiência desagradável é que eu percebo que nenhum espelho é igual a outro. Apesar de que nós imaginemos que um espelho é neutro, isso é absolutamente falso, isso diz algo sobre a imagem.

A próxima vez que você for a Paris, a um hotel ou à casa de um amigo, vá ao banheiro e vai ver que não tem o mesmo rosto [risadas], você é um pouco mais gordo, um pouco mais... não é igual... sua pele não é igual, isso vem da qualidade do espelho e principalmente da iluminação. Você está acostumado não unicamente com a imagem do seu espelho, e sim com esse espelho e com a iluminação do seu banheiro cotidiano.

Luis González Palma tem uma série de fotos de cegos. Na literatura está Saramago (1995/2010) e o seu *Ensaio sobre a cegueira*, Sábato (1968) e o *Informe sobre cegos*, de Borges nem falar... Também a figura de Tirésias, que era vidente e cego... como você vê isso que se vê quando fechamos os olhos?

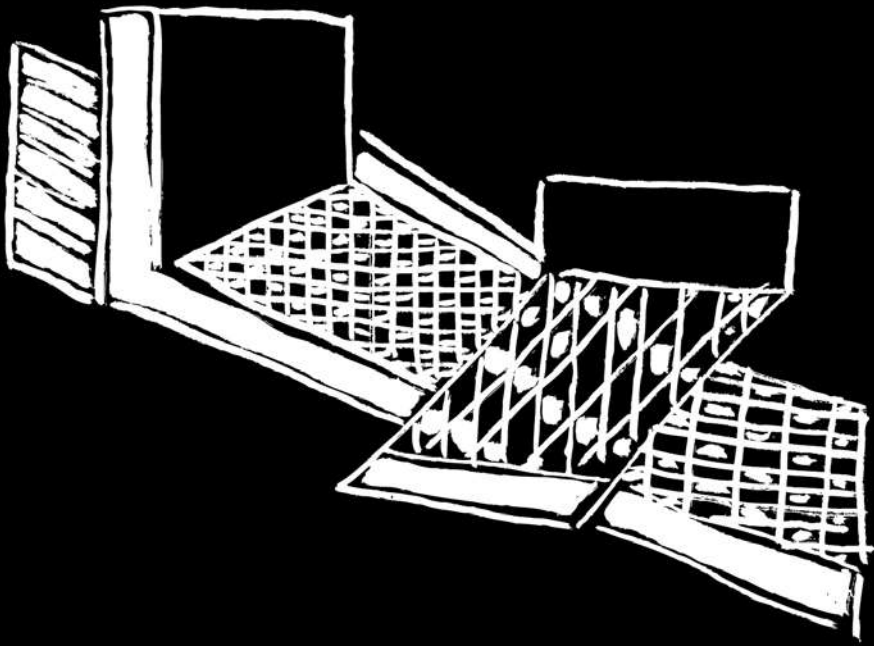
A palavra “imagem” atravessa todos os estados possíveis até quando dormimos, quando temos os olhos fechados. Os sonhos são lembranças de imagens, são imagens. Então, essa palavra atravessa diferentes estados, incluído esse de ter os olhos fechados. Quando nós fechamos os olhos, vemos coisas. Não sei o que acontece com um cego, que não vê a realidade externa, não sei qual será a sua experiência visual, incluída a dos olhos fechados, porque há passagens de cores, quando nós fechamos os olhos vemos coisas: agora, por exemplo, fecho os olhos e vejo o que chamamos fosfeno. Ou quando você recebe um golpe na cabeça e vê estrelas, isso são fosfenos. Para mim, as imagens começam ali, começam com os olhos fechados, **o reinado da imagem começa quando você tem os olhos fechados**, depois continua além disso. Mais uma vez estamos frente à diferença entre olhar e ver: eu vejo o meu computador, ele está na minha frente, mas olhar é completamente outra coisa. Nós nos olhamos, o olhar é também o resultado do que estamos nos dizendo, da situação, e o olhar está em obra inclusive quando você fecha os olhos, isso o diz Lacan. Quando diz que no sonho a função do olhar está ao extremo da sua potência, é magnífico. Quer dizer que para olhar bem um quadro é preciso vê-lo sonhando.

Há diferença entre ver e olhar, como a existente entre ouvir e escutar... Há algo para você que permita o olhar, e não a escuta? E, ao mesmo tempo, há algo que possibilite a escuta, e não o olhar?

Sim, eu diria que não devem ser separadas, mas ao mesmo tempo na experiência que frequentemente temos, por exemplo, tenho uma experiência muito banal: com frequência quando me apresentam alguém, eu o olho e de golpe não escuto o seu nome, não escuto nada. Então, escutar e olhar pertencem à mesma antropologia, mas **quando você escuta mais, olha menos, e ao revés**. Com frequência, **quando eu olho para uma obra que me comove, diante de uma pintura, por exemplo, não tenho nenhuma palavra, não me surge nenhuma palavra. Isso não quer dizer que esteja longe da palavra, isso quer dizer que é preciso encontrar novas palavras para poder expressar essa experiência.**

Referências

- Didi-Huberman, G. (2005). *Gestes d'air et de pierre: corps, parole, souffle, image*. Paris: Les Editions de Minuit.
- Fédida, P. (2009). *Le site de l'étranger*. Paris: PUF.
- Foucault, M. (2008). *La arqueología del saber*. Buenos Aires: Siglo XXI. (Trabalho originalmente publicado em 1969).
- Freud, S. (1992). Las fantasías históricas y su relación con la bisexualidad. Em: J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 9). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho originalmente publicado em 1908).
- Sábato, E. (1968). *Informe sobre ciegos*. Buenos Aires: Sudamericana.
- Saramago, J. (2010) *Ensayo sobre la ceguera*. Madri: Alfaguara. (Trabalho originalmente publicado em 1995).



Clásica & Moderna



Paolo Polito*

Aray: Simplesmente Julio

Minhas lembranças de Julio Aray vêm dos anos 70, quando estava fazendo meu curso de pós-graduação em psiquiatria na Universidade Central da Venezuela e ele vinha, às vezes, como professor conferencista convidado às reuniões clínicas das sextas-feiras. Esses eram dias especiais, dado que Julio Aray foi sempre generoso com seu conhecimento e sua experiência psicanalítica. Depois, nos anos 80, reencontrei-o na Asovep (Asociación Venezolana de Psicoanálisis) como didata e, nos últimos dois anos de minha formação, como diretor do Instituto. Anos difíceis pela divisão de nossa Associação, quando prestigiados professores, colegas e amigos fundaram a SPC (Sociedad Psicoanalítica de Caracas). Suprindo a ausência de professores, Julio Aray compartilhava com os candidatos seus conhecimentos psicanalíticos e sua biblioteca pessoal.

Julio Aray insistia em ser tratado pelo primeiro nome, em ser chamado de Julio, simplesmente Julio. Seguindo as ideias do seu livro *Sadismo en la enseñanza* (1979), ele respeitava a comunicação horizontal e sempre esteve contra a infantilização dos candidatos.

Julio foi um trabalhador incansável, sua extensa casuística era surpreendente em nosso ambiente. Acho que sua obra mais importante, por ser única em seu

* Asociación Venezolana de Psicoanálisis.

estilo, além de ser muito completa, foi *Aborto: estudio psicoanalítico*, de 1968; sua *opera prima*, reeditada, revisada e ampliada em 1988. Seus livros são coletâneas de trabalhos apresentados na Asovep e em jornadas latino-americanas de nossa área. É importante destacar, por serem temas pouco tratados, seus trabalhos sobre o filho natural e sobre o guerrilheiro.

Julio afirmava que na primeira frase que o paciente diz, ao começar a sessão analítica, está contida toda a sessão e até toda sua história, em forma de uma representação fractal. Eu acrescentaria: na primeira frase e em suas associações, que são, de fato, infinitas. Esta é uma ideia na linha do que George Devereux – que também estudou especialmente o aborto em 1955 – aborda, quando explicita alguns dos seus princípios metodológicos, ou seja: em primeiro lugar, aquele que afirma que, se fizermos um inventário das diferentes manifestações culturais possíveis em um grupo amplo e variado de culturas, sobre um tema específico, por exemplo, o citado aborto, encontraremos todas essas condutas culturais, pensamentos, mitos etc., em uma só cultura; em segundo lugar, afirma que as descobertas dos estudos psicológicos superficiais e extensos, se encontram também nos estudos limitados em número, mas estudados em profundidade. Quer dizer, todas as variações em condutas, pensamentos e fantasias encontradas em estudos estatísticos extensos, estão contidas no estudo de um só indivíduo feito em profundidade, com metodologia psicanalítica.

Uma pesquisa psicanalítica como a de Julio Aray sobre o aborto tem então validade universal se aceitamos os princípios metodológicos expostos anteriormente. Eu concordo com essa ideia, e é por isso que afirmo que as descobertas psicanalíticas de Sigmund Freud na Viena do século XIX são válidas hoje em dia seja nas ilhas Trobriand, na ilha Normandy, em Caracas ou em Buenos Aires.

Em sua pesquisa sobre o aborto, Julio vai desde os aspectos gerais relacionados com a análise do luto e suas defesas, até outros aspectos mais pontuais: o estudo do suicídio, a sublimação, os efeitos do aborto no parceiro masculino do casal, as vicissitudes do casal que aborta e os efeitos desse aborto nas crianças jovens do casal.

Os exemplos clínicos apresentados ao longo do livro mostram a fé de Julio Aray – no sentido bioniano da palavra – na psicanálise e no método psicanalítico. Julio se engaja com seus pacientes, acompanhando-os em sua busca pela verdade, por mais difícil e dolorosa que esta possa ser. Não teme a análise da transferência e da contra-transferência, nem sair do consultório, caso a análise assim o necessite, com pacientes hospitalizados, para os quais o enquadre é a do psicanalista com função analítica.

Julio Aray introduz o tema corajosamente, chamando as coisas por seu nome. Honrando Arnaldo Rascovsky, seu mentor e mestre, ele escreve: o aborto é um filicídio, que neste caso não tem nada de simbólico. É real. É um fato concreto e consumado. Parafraseando Freud: *matam uma criança*. Esta situação tem conotações sinistras e isso explica a razão pela qual não se tem prestado muita atenção científica ao tema, visto que sua pesquisa necessita de uma análise contínua da transferência, para que a análise não seja abortada e, principalmente, uma análise da contratransferência, para que o psicanalista não aborte o tratamento por uma contraidentificação.

Julio expõe características semelhantes no luto por um aborto, seja espontâneo ou induzido¹. No aborto induzido se ativam defesas primitivas, primeiramente a negação, junto a outras defesas maníacas que, ao serem interpretadas, se tornam

¹ É interessante que em espanhol se use a mesma palavra tanto para o aborto espontâneo como para o aborto induzido. Na Venezuela, por exemplo, para diferenciá-los, as mulheres usam para o aborto espontâneo a palavra espanhola *pérdida*. Em inglês e em francês, se usam termos diferentes: *miscarriage* e *abortion* em inglês e *fausse couche* e *avortement* em francês.

culpa persecutória e logo elaboração depressiva e reparação. No aborto espontâneo, o luto é uma possibilidade que depende da segunda série complementar: os fatores predisponentes. Julio aponta que a experiência do aborto retoma lutos anteriores não elaborados, ou insuficientemente elaborados, razão pela qual as defesas primitivas estarão presentes, enquanto nos casos de pessoas com um Eu melhor estruturado e fatores predisponentes relativamente elaborados, o luto continuará o percurso definido pela culpa depressiva.

Há características específicas do luto na mulher que aborta que o diferenciam de outras condições associadas à perda gestacional. Primeiro, o dano causado não acontece exclusivamente na fantasia, mata-se na realidade; logo, há uma perda real de partes do Eu corporal que podem implicar a perda do útero e da capacidade reprodutiva da mulher. E finalmente, há perda de partes do Eu psicológico por identificação com o feto. Nesse luto encontramos circunstâncias que favorecem a negação, a estagnação do luto e das defesas maníacas, como a anestesia ou o não ver o objeto danificado ou perdido. Outros fatores aumentam as angústias persecutórias, como a vulnerabilidade do objeto, a culpa pelo dano ao objeto e ao Eu, ou a perda da própria vida por identificação com o feto perdido, relacionada com atuações masoquistas e com o suicídio. Os filhos de pais que já abortaram têm maior tendência a abortarem por identificação com o *casal parental filicida*.

Quando Julio Aray refletia sobre esses temas, incluía a mulher que aborta, seu parceiro masculino e as crianças. Atualmente incluímos os casais homossexuais femininos e masculinos que recorrem a uma inseminação artificial ou fertilização *in vitro* e a uma mãe substituta que poderia abortar. Aqui pode se ver a atualidade do pensamento psicanalítico de Julio, uma obra aberta ao diálogo com as transformações e mutações do social. No caso de casais homossexuais femininos o mais comum é que recorram à inseminação de uma delas. Nesse caso, as vicissitudes emocionais conscientes podem variar, mas as inconscientes seriam semelhantes às de um casal heterossexual, já que a mulher grávida seria uma integrante do casal parental. Isso quer dizer que todas as ambivalências quanto à gravidez estariam presentes em conformidade com as séries complementares. No casal homossexual masculino aparecem outras variáveis por terem que recorrer a uma mãe substituta, uma barriga de aluguel que é estranha para eles. Ela engravida e recebe um pagamento acordado por seu trabalho, devendo entregar o produto de sua gravidez. Aparecem então fantasias de roubo da criança, tanto na mãe substituta que deseja roubar o produto de sua gravidez, como a experiência dos pais que contratam o serviço roubando o bebê dela. No casal homossexual (e também nos casais heterossexuais que recorrem a esse método para terem um filho) aparece a fantasia de roubar os bebês da mãe. O contrato legal que se assina entre as partes não protege nem evita as vicissitudes emocionais inconscientes que seguramente se manifestam. O aborto da mãe substituta pode se relacionar com fantasias paranoides de roubo do bebê que impliquem a trágica solução de “prefiro que esteja morto do que nos braços de outros pais”. É um pré requisito *sine qua non* que a mãe substituta tenha tido um ou mais filhos antes de exercer esta função para assim aliviar seus sentimentos de perda, pois esta mãe poderia viver esta experiência como a de ter tido um aborto de um feto vivo a termo!

Embora Julio não fosse psicanalista de crianças, ele transmitia uma preocupação pelo bem-estar dos filhos dos seus analisados. Ele afirmava que a comunicação de inconsciente a inconsciente era muito mais eficiente e verdadeira que a comunicação verbal consciente e racional e é por isso que ante um aborto materno o filho reage de uma forma muito emocional ao percebê-lo inconscientemente. A criança sente angústia ante o *casal parental filicida* que também pode eliminá-lo;

também pode se sentir culpado pela perda devido a sua rivalidade assassina; ou pode querer salvar os pais como bons objetos preferindo ser ele o culpado; além disso, pode querer reparar seu irmão perdido recuperando-o simbolicamente, dramatizando uma gravidez e um parto de um objeto substitutivo bom. Recordo-me especialmente de uma criança de cinco anos logo depois do aborto espontâneo da mãe; ele engoliu sua bola de gude preferida e depois evacuou em um penico até que, cheio de alegria, a recuperou, lavou-a e continuou brincando com ela. Este é um exemplo semelhante ao que narra detalhadamente Sara G. de Jarast no capítulo VIII do livro de Aray.²

O inédito, e ainda mais negligenciado tema dos efeitos do aborto no parceiro masculino é abordado duplamente tanto por Matilde e Arnaldo Rascovsky, como também por Julio Aray em três capítulos e ao longo de toda a obra. Vemos assim que o caso relatado em um capítulo dedicado ao suicídio é o de um homem. Nos homens analisados, Julio encontrou, em casos de abortos induzidos, as angústias paranoides, confusionais e depressivas devido ao filicídio. Além disso, em todos os casos analisados, há tanto uma vivência de castração pela equação pênis = feto como também fenômenos regressivos derivados da identificação com o feto, entre os quais se destacam as atuações masoquistas e as inibições sublimatórias. Nosso autor descreve uma tipologia familiar frequente nos pais do homem que aborta, conformada por um “pai ausente como pai e presente como sedutor, com traços femininos marcados”, submetido à esposa, e com características maníacas. Também assinala a identificação com o *casal parental filicida* e a rivalidade fraterna, onde a parceira representa a mãe grávida, e o feto, o irmão odiado. Quanto maior é a inveja pela capacidade criadora da mãe, maior é a tendência a abortar e, como retaliação superegoica, isso se traduz na perda da própria capacidade criadora.

As inibições sublimatórias descritas por Aray tanto nas mulheres como nos homens e nos filhos de ambos, são produto da culpa persecutória resultante do desejo, nas crianças, e do ato filicida dos pais.

Penso que a lição mais importante que nos transmite Julio Aray através desse texto fundamental, é que o *modelo abortivo* é repetido. Essa é a chave que se deve ter presente no tratamento das pessoas que já tiveram algo a ver com um aborto. Essas pessoas têm a tendência a repetirem esse fato traumático em todas as áreas de vida, incluindo o tratamento psicanalítico e as fontes fundamentais da felicidade, que tal como Freud afirmava, são o amor e o trabalho.

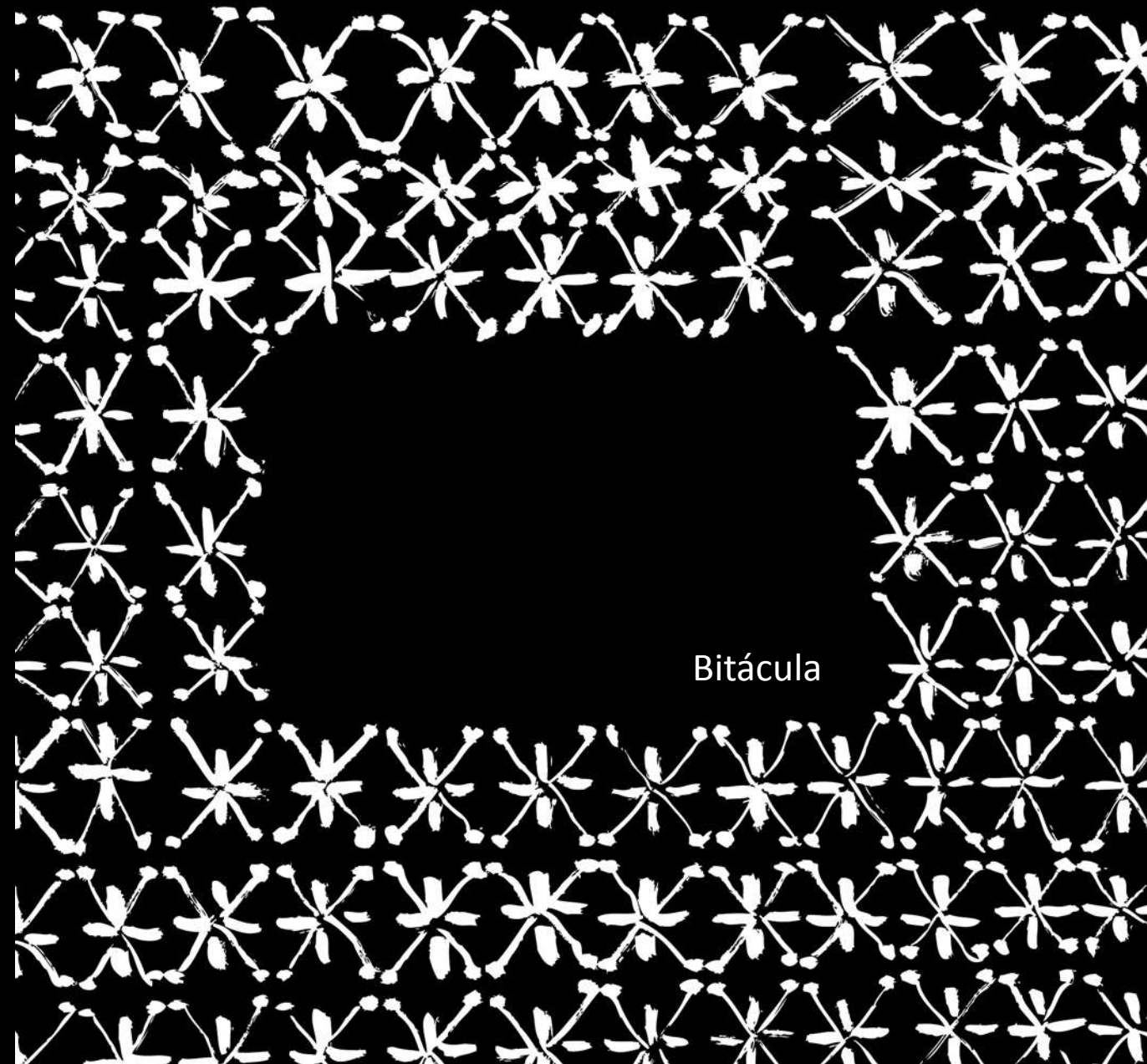
Referências

Aray, J. (1968). *Aborto. Estudio psicoanalítico*. Buenos Aires: Hormé.

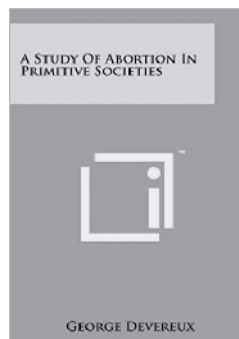
Aray, J. (1979). *Sadismo en la enseñanza*. Caracas: Monte Ávila.

Devereux, G. (1955). *A study of abortion in primitive societies*. Nova York: International Universities Press.

² Julio gostava da companhia de colegas queridos e admirados. Neste livro participaram Arnaldo e Matilde Rascovsky, Sara G. de Jarast e Eduardo Kalina, que trabalhou com dependentes de drogas em Caracas.



Bitácula



A study of abortion in primitive societies George Devereux

Antropólogo e psicanalista, discípulo de Geza Roheim e Alfred Kroeber, Devereux apresenta uma revisão detalhada sobre o aborto em aproximadamente 400 sociedades primitivas. A análise dos dados é dupla: antropológica e psicanalítica, respeitando a metodologia da complementaridade. Coloca em prática sua tese de que uma pesquisa em profundidade de um item cultural em uma determinada cultura, revela as possibilidades em que esse mesmo item possa aparecer em outras culturas. O livro oferece um estudo sobre as motivações, técnicas, circunstâncias e sanções da citada prática, seja a mesma involuntária, voluntária ou compulsória. (Paolo Polito)

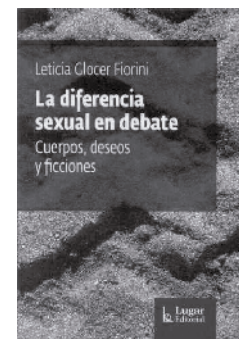
Nova York: International Universities Press, 1955



Casca Georges Didi-Huberman

Historiador de arte, filósofo, autor de numerosos livros, Didi-Huberman relata em *Casca* sua visita ao museu Auschwitz - Birkenau. Com uma máquina fotográfica e um olhar que interroga e transforma, capta imagens do que agora encobre o que seria o “inimaginável” da vida (ou da morte?) no campo. Mas diz o autor ser necessário, apesar de tudo, imaginar para representar e lembrar. Na profusão de flores brancas à beira do lago, na seiva das bétulas vê a transformação do que foram as cinzas ali depositadas. Memória. Birken, bétula em polonês, árvore que domina o campo de cuja casca Didi-Huberman recolhe três pequenos fragmentos. Pergunta-se: “Eu morto, o que pensará meu filho ao topar com estes resíduos?”. Depõe assim memórias em construção neste pequeno livro, liber, palavra que em latim também nomeia a parte interna da casca da bétula. Parte branca, lisa, “propícia para inscrever os farrapos de nossas memórias”. (Raya Angel Zonana)

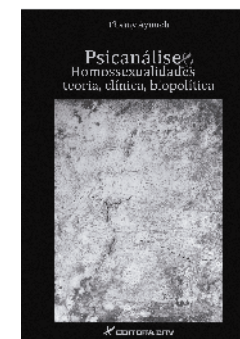
São Paulo: Editora 34, 2017



La diferencia sexual en debate: Cuerpos, deseos y ficciones Leticia Glocer Fiorini

A autora trata das mudanças na apresentação subjetiva e normas que regem os intercâmbios sociais no século XXI. Aponta que as migrações sexuais e de gênero interpelam as teorias dominantes sobre a diferença sexual, e não cabem na polaridade masculino/feminino. Internando-se nos itinerários do desejo, identidades em crise e mudanças nas configurações familiares, a autora assinala limites teórico-clínicos. Analisa pontos cegos do complexo de Édipo/castração em suas resoluções normativas. Questiona as lógicas binárias que sustentam as teorias implícitas e explícitas sobre a diferença sexual. Propõe pensar um sujeito em processo, em construção-desconstrução. Baseada no paradigma da hiper-complexidade e do pensamento nos limites, propõe um conceito ampliado de “diferença” que inclui a diferença sexual, assim como outras operações simbólicas nas quais está implicada a diferença. Afirma que o seu acesso é independente da orientação sexual e inclui o reconhecimento da alteridade. (Abel Fainstein).

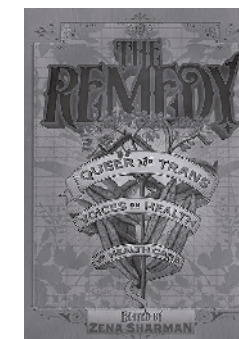
Buenos Aires: Lugar, 2015



Psicanálise & homossexualidades: Teoria, clínica, biopolítica Thamy Ayouch

Adotando uma perspectiva histórica, e ao mesmo tempo rigorosamente crítica, Thamy Ayouch interroga o presente e o passado dos discursos psicanalíticos sobre a homossexualidade operando um deslocamento singular, no qual o foco das investigações passa da consideração psicopatológica para os preconceitos teóricos e morais que tornam necessário suportar tanto o caráter patológico do homoerotismo, quanto a necessidade de estabelecer sua etiologia. Assim, o autor parte do debate moral contemporâneo em torno do estatuto civil das uniões homoparentais, para indicar o tom profundamente homofóbico da fala de psicanalistas e, em seguida, discutir a relação dessas falas normalizadoras com as formulações freudianas sobre o tema. Por fim, o autor nos conduz a uma interlocução com Michel Foucault cujo ponto de chegada é uma interrogação mais ampla de todo discurso universalista e totalizante sobre o sexo, o gênero, e suas formas dissidentes, as quais emergem atualmente em sua radicalidade tanto num campo, quanto no outro. (Eduardo Leal Cunha)

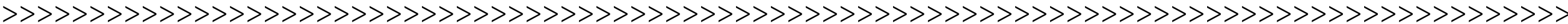
São Paulo: CRV, 2015



The remedy: Queer and trans voices on health and health care Zena Sharman

Uma das estratégias identificadas pelo comitê de estudos em diversidade sexual e de gênero da IPA tem sido criar oportunidades de diálogo com outros campos do saber que se ocupam da saúde mental. O livro de Zena Sharman *The remedy: Queer and trans voices on health and health care* nos brinda uma oportunidade de aceder a uma janela dentro da experiência de viver uma existência transgênero. Ganhadora do Prêmio Literário Lambda, a autora apresenta uma antologia de histórias de vida reais de pessoas trans e queer, no momento em que elas entram em contato com o sistema de saúde e com as barreiras que o rodeiam. Como psicanalistas, esse livro pode nos ajudar a identificar pontos cegos ao se assumir que a patologia se encontra na pessoa trans, em vez de questionar o meio ambiente que apaga a própria existência trans. (Marco Posadas)

Canadá: Arsenal Pulp Press, 2016



Leticia Glocer Fiorini

Ex-presidente da Asociación Psicoanalítica Argentina (APA). Professora do mestrado em Estudos Interdisciplinares da Subjetividade (UBA). Co Chair pela América Latina do Comité de Estudos sobre Diversidade Sexual e Gênero (IPA). Autora do livro *La diferencia sexual en debate: cuerpos, deseos y ficciones* (Lugar, 2015), entre outros. lglocerf@intramed.net

Marco Posadas

Psicanalista, membro da Sociedade Psicanalítica de Toronto e da Asociación Psicoanalítica Mexicana (APM). Chair do Comité de Estudos sobre Diversidade Sexual e Gênero (IPA). Consultoria em desenvolvimento de programas psicanalíticos para organizações com dificuldades de inclusão, diversidade, preconceito de gênero e racismo. marcposadas@yahoo.com

Maria da Penha Zabani Lanzoni

Psicanalista, membro efetivo e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e didata da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro

(SPRJ). Mestre em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC–SP). Membro fundador do Centro de Estudos da Teoria dos Campos (Cetec). mpehlanzoni1@gmail.com

María Pía Costa

Psicanalista. Presidente da Sociedad Peruana de Psicoanálisis (SPP). Mestre pela Pontifícia Universidade Católica de Peru (PUCP–Lima), em Estudos Teóricos de Psicanálise. Estudos de Doutorado de Estado e Estudos Avançados de Psicologia Clínica, Psicopatologia e Psicanálise, ambos na Universidade de Nanterre, Paris. mariapiacosta.s@gmail.com

Mariangela Kamnitzer Bracco

Psicóloga, psicanalista, membro filiado ao Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Estudiosa da cultura e língua alemã, tendo escrito artigos sobre a tradução de Freud para o português. mkb@bracco.com.br

Marilsa Taffarel

Psiquiatra, psicanalista, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Doutora pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC–SP). Mestre em filosofia pela PUC–SP. Coautora do livro *Isaias Melsohn: A psicanálise e a vida – setenta anos de histórias paulistanas* (Escuta, 2008). mtaffare@terra.com.br

Margarita Cerejido

Analista didata do Instituto de Psicanálise de Washington. Ministrou aulas e publicou pesquisas sobre cultura, gênero e preconceito. Organizadora da conferência anual de cultura e psicanálise do Instituto de Psicanálise de Washington. É membro do Comité Mulheres e Psicanálise (Cowap). cerejido.margarita@gmail.com

Miguel Alejo Spivacow

Psiquiatra. Psicanalista. Membro titular da Asociación Psicoanalítica Argentina (APA) e da Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo (AAPPG), entre outras instituições. Autor de: *Clínica psicoanalítica con*

parejas: Entre la teoría y la intervención (Lugar, 2008) e *La pareja en conflicto: Aportes psicoanalíticos* (Paidós, 2014). miguelspi@fibertel.com.ar

Miguel Calmon du Pin e Almeida

Psicanalista, membro efetivo e didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), ex-presidente da SBPRJ (2014/2016) e editor regional da *Revista Brasileira de Psicanálise*. mcalmon.trp@terra.com.br

Monika Pessler

Diretora do Sigmund Freud Museum de Viena desde 2014. Estudou história da arte em Graz e completou sua formação como curadora de museus e exposições no Instituto de Estudos Culturais da Danube University Krems. Mestre pela Alpen Adria University Klagenfurt. m.pessler@freud-museum.at

Paolo Polito

Médico psiquiatra e psicanalista de adultos, crianças e adolescentes. Doutor em antropologia (PhD), menção etnopsicanálise.

Foi professor de psiquiatria infanto-juvenil e de etnopsicanálise na Universidade Central de Venezuela (UCV). Atualmente é diretor do Instituto da Asociación Venezolana de Psicoanálisis (Asovep). paolopolitodisabato@gmail.com

Patricia Alkolombre

Membro titular da Asociación Psicoanalítica Argentina (APA). Co chair pela América Latina da Cowap–IPA. Autora dos livros: *Deseo de hijo: Pasión de hijo* (Letra Viva, 2008) e *Travesías del cuerpo femenino* (Letra Viva, 2011) declarado de Interesse Cultural e da Saúde pela Legislatura da Cidade Autónoma de Buenos Aires (CABA). patricia.alkolombre@gmail.com

Sandra Lorenzon Schaffa

Psicanalista, membro efetivo didata e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Foi editora do *Jornal de Psicanálise*. Publica em diversas revistas de psicanálise brasileiras. sandralorens@gmail.com

Ymara Vitolo

Psicóloga, psicanalista, membro filiado ao Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Psicanalista do Ambulatório de Transtornos Somáticos do Instituto de Psiquiatria (IPq–FMUSP). Mestre pela Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (EPM–Unifesp). ymara.vitolo@gmail.com

Yubiza Zárate Zuvic

Psicanalista de crianças e adolescentes, membro titular em função didática da Asociación Venezolana de Psicoanálisis (AVP) e da Asociación Psicoanalítica Chilena (APCh). Mestre em filosofia. Professora da Universidade Central da Venezuela. Prêmios Fepal: Sigmund Freud, 1998 e Psicanálise de Crianças e Adolescentes, 2004. yubiza@gmail.com

Orientações aos autores

Calibán é a publicação oficial da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal), organização vinculada à Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Vem sendo editada de forma regular desde 1994, antes sob o título *Revista Latino-Americana de Psicanálise*.

Sua proposta editorial tem o objetivo de propiciar a difusão e o desenvolvimento do pensamento psicanalítico latino-americano em sua especificidade, bem como promover o diálogo com a psicanálise de outras latitudes. Procura estimular a reflexão e a discussão através da inserção das questões pertinentes à psicanálise nos contextos científico, cultural, social e político contemporâneos. Sua periodicidade é semestral. Cada número incluirá em seu conteúdo artigos em formato de ensaio, artigo científico, entrevista, resenha ou outros que os editores considerarem pertinentes.

A publicação de artigos em *Calibán* não reflete o pensamento dos editores ou sua concordância com os conceitos emitidos, sendo de exclusiva responsabilidade de cada autor ou entrevistado as opiniões constantes em cada um dos trabalhos ou entrevistas publicados na revista.

1. Os trabalhos a serem publicados em Argumentos deverão ser inéditos. No entanto, se os editores os considerarem de especial interesse, trabalhos que já tenham sido publicados ou apresentados em congressos, mesas redondas etc. poderão ser editados, com a especificação do local e da data originária de exposição.
2. Caso o trabalho inclua material clínico, o autor tomará as mais estritas medidas para preservar a identidade dos pacientes, sendo de sua exclusiva responsabilidade o cumprimento dos procedimentos para alcançar esse fim ou para obter o consentimento correspondente.
3. Os trabalhos apresentados serão objeto de uma avaliação independente com características do método “duplo-cego”, feita por pelo menos dois pareceristas do Comitê de Pareceristas da revista, que poderão fazer recomendações voltadas à eventual publicação do artigo. A avaliação será feita com base em critérios parametrizados, e a resultante aceitação, rejeição ou o pedido de alterações ou ampliações do trabalho constitui a tarefa dos pareceristas da revista, que remeterão suas sugestões ao Comitê Editor. Os editores definirão, em função da pertinência temática e das possibilidades da revista, a oportunidade da publicação.

4. Os trabalhos deverão estar redigidos em espanhol ou em português. Em casos específicos, poderão ser publicados trabalhos originais em outros idiomas.
5. Deverão ser enviados por e-mail aos endereços eletrônicos editorescaliban@gmail.com e revista@fepal.org em duas versões:

A) Artigo original com nome do autor, instituição à qual pertence, endereço eletrônico (no rodapé da primeira página) e breve descrição curricular de 50 palavras.

B) Uma versão anônima com pseudônimo e sem menções bibliográficas que permitam eventualmente identificar o autor. Deverão ser eliminadas as referências nas propriedades do arquivo digital que identifiquem o autor.

Ambas versões deverão ter o seguinte formato: documento Word, folha A4, fonte Times New Roman, tamanho 12, entrelinha dupla. Nenhuma das versões deverá exceder 6.500 palavras. Seções específicas da revista poderão incluir um número menor de palavras.

6. A bibliografia, que não será considerada na extensão máxima de palavras permitida, deverá ser apenas a imprescindível e ajustar-se às referências explicitadas no texto. Todos os dados de referência das publicações citadas serão incluídos, com especial cuidado de esclarecer quando se trata de citações de outros autores e de que sejam fiéis ao texto original. A bibliografia e as citações bibliográficas se ajustarão às normas internacionais da *American Psychological Association*, disponíveis em www.fepal.org.
7. Também se anexará um resumo na língua original do artigo, redigido em terceira pessoa e de aproximadamente 150 palavras, junto à sua tradução para o inglês.
8. Deverão ser acrescentadas, na língua original do artigo e em inglês, palavras-chave do Tesouro de Psicanálise da Associação Psicanalítica de Buenos Aires, disponível para consulta em <http://www.apdeba.org/wp-content/uploads/tesouro.pdf>.
9. Caso o trabalho seja aceito para publicação, o autor deverá assinar um formulário de autorização mediante o qual cede legalmente seus direitos. Pela mencionada cessão, ficará proibida a reprodução escrita, impressa ou eletrônica do trabalho sem autorização expressa e por escrito dos editores.



Calibán

Revista Latino-Americana
de Psicanálise

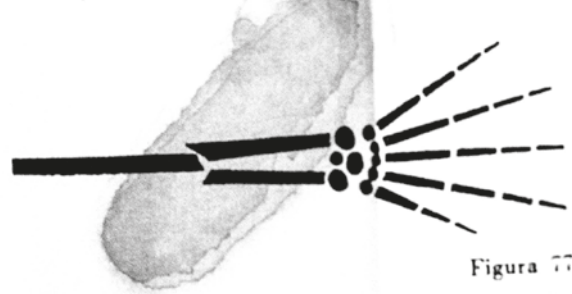
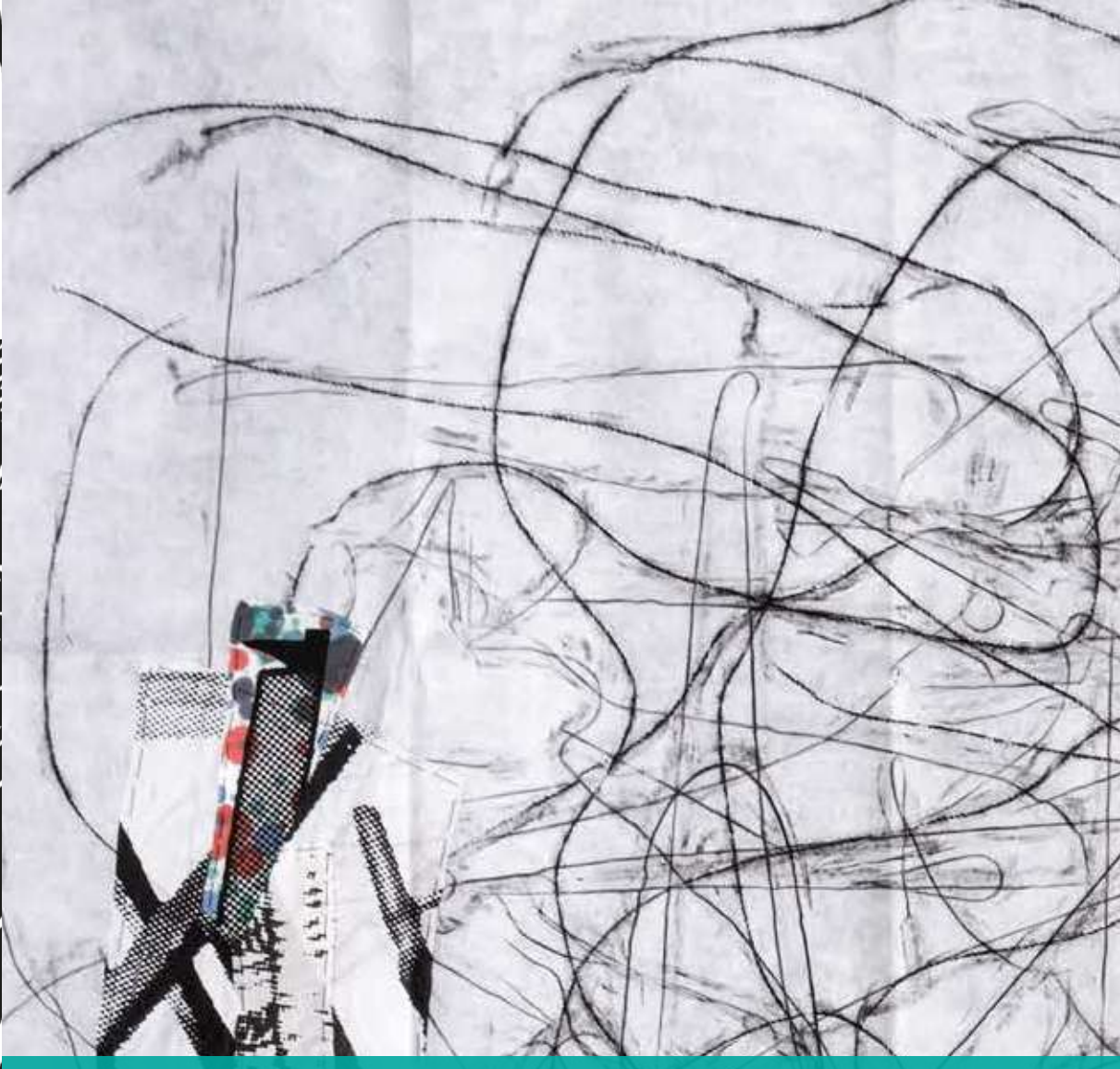


Figura 77
Diagrama de la extremidad de un animal vertebrado.



LARA MARIN, (a) ...
adrona; delinque d'sde ...
... detên'ões por h ...
... abar m' vida ...



19. Julio



• Na capa e contracapa:
Eugenio Dittborn
Amarelo negro, 2017
Pintura aerpostal No. 187,
Foto-serigrafia, corante, linha e carvão
sobre um fragmento de tecido Lonita
Duck e um fragmento de entreteia,
tecido não tecido.

• Nas 2a e 3a capas:
Eugenio Dittborn
Pinturas aerpostais, desenhos,
fotografias e textos (detalhes)



Argumentos: **desconstruir/transformar**
O Estrangeiro

Textual: Uma conversa com Georges Didi-Huberman

Dossiê: Artistas em Calibán

Vórtice: Desconstruções e
transformações da sexualidade

Clássica & Moderna

Bitácula